

PEÇAS TEATRAIS DE RAMON STERGMANN

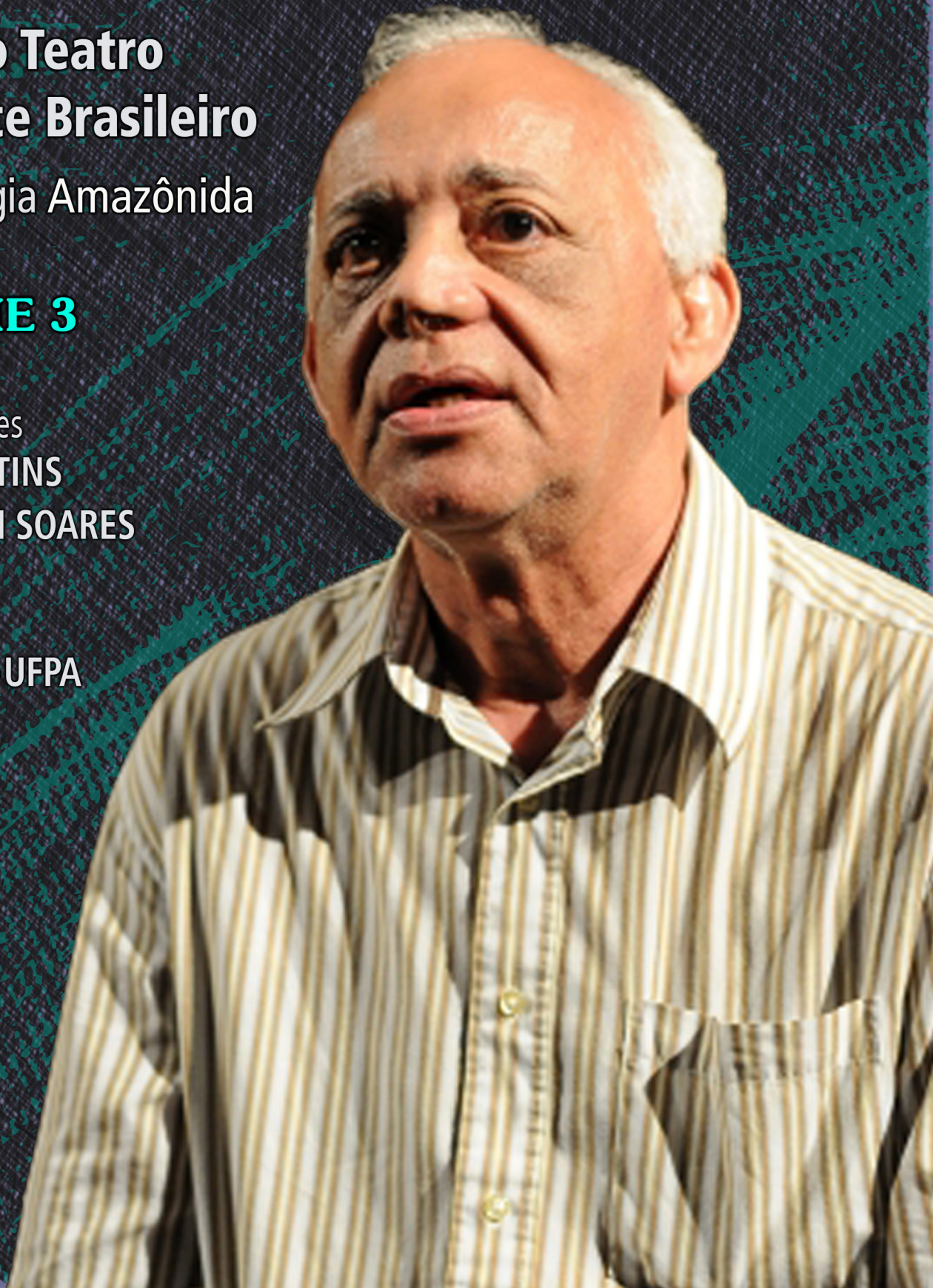
**Coleção Teatro
do Norte Brasileiro**

Dramaturgia Amazônida

VOLUME 3

Organizadores
**BENE MARTINS
& MAILSON SOARES**

Editora
PPGARTES-UFPA



Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Coleção Teatro do Norte Brasileiro
Volume 3

Organizadores
BENE MARTINS & MAILSON SOARES

Programa de Pós-Graduação em Artes
PPGARTES-UFPA



Belém, 2022

Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Coleção Teatro do Norte Brasileiro. Volume 3.

Organizadores Bene Martins & Mailson Soares

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: **Emmanuel Zagury Tourinho** / Vice-Reitor: **Gilmar Pereira da Silva**

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Pró-Reitora: Maria Iracilda da Cunha Sampaio

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Diretora Geral: **Adriana Valente Azulay** / Diretor Adjunto: **Joel Cardoso da Silva**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES):

Coordenador: **José Denis de oliveira Bezerra** / Vice-Coordenador: **Alexandre Romariz Sequeira**

EDITORA PPGARTES:*

Coordenadoras Editoriais: **Maria dos Remédios de Brito** e **Ana Claudia do Amaral Leão**

Assistente Editorial: **Larissa Lima da Silva**

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

COMITÊ CIENTÍFICO DESTA EDIÇÃO:

Presidente da Comissão: **Bene Martins** (UFPA), **Olinda Charone** (UFPA), **Wladilene de Sousa Lima** (UFPA), **Marton Maués** (UFPA), **Lúcia Gouvêa Pimentel** (UFMG), **Fernando Antonio Mencarelli** (UFMG), **Tácito Boralho** (UFMA), **Mirna Spritzer** (URGS), **Ananda Machado** (UFRR), **Maria João Brilhante** (Universidade de Lisboa-PT), **Berta Teixeira** (Universidade de Coimbra)

Revisão textual: **Bene Martins & Mailson Soares**

Projeto Gráfico: Capa, diagramação e editoração eletrônica: **Lúcia Lopes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

S838p Stergmann, Ramon.
Peças Teatrais de Ramon Stergmann [recurso eletrônico] / Ramon Stergmann; Organizadores Bene Martins & Mailson Soares. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2022. — (Coleção Teatro do Norte Brasileiro ; v.3).

Modo de acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-44-9

1. Literatura brasileira - teatro. 2. Teatro brasileiro. 3. Arte e pesquisa. I. Martins, Bene, org. II. Soares, Mailson, org. III. Título.

CDD 23. ed. – 869.92

Elaborado por Larissa Lima da Silva – CRB-2/1585

Agradecimentos

Primeiro, agradecemos e dedicamos mais este volume 3 à memória de Ramon Stergmann, procuramos atender ao pedido do artista “Não deixem minha obra morrer”.

Agradecemos ao Grupo Maromba que, na pessoa do professor Dinelson Serrão da Silva – filho adotivo de Ramon Stergmann – generosamente, cedeu os originais das peças de teatro para o acervo do Projeto de Pesquisa: Memórias da Dramaturgia Amazônica: Construção de acervo dramático, o qual tem o compromisso de trazê-las a público. Parte da obra reunida nesta publicação.

Ao rendermos méritos a quem nos ajuda em nossas caminhadas, declaramos ato amoroso e digno dos que buscam crescimento e bem comum. O agradecimento carrega em si um marco de gratidão e faz tão bem, a quem agradece e a quem recebe o muito obrigado. Assim, nesses anos em que nos iniciamos nos caminhos da pesquisa acadêmica e artística, reconhecemos presenças essenciais neste percurso. E de modo especial, para a feitura deste *e-book*, uma amostra da obra do dramaturgo Ramon Stergmann, precisamos emanar gratidão:

Em primeiro lugar, ao próprio autor, *in memoriam*. Ramon, além de artista plástico, dedicou sua vida à arte teatral, nos legando a riqueza de seus textos. Ainda lembramos a emoção de lê-los nos originais...

À Universidade Federal do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPG ARTES-UFGA) pelo apoio ao projeto de pesquisa que possibilitou a edição deste *e-book*. Esta instituição tem se destacado pelo comprometimento com ações voltadas à valorização do patrimônio artístico-cultural amazônico.

Ao artista de tantas vertentes, jornalista; escritor; dramaturgo; ator; diretor de teatro; músico, cantor, compositor, arranjador; arquiteto; cineasta, Walter Freitas, amigo e parceiro de trabalho de Ramon Stergmann. Walter nos brinda com o posfácio desta obra.

Ao encenador, professor, pesquisador de teatro Paulo Santana, diretor do Grupo Palha. Paulo, gentilmente, disponibilizou textos originais de Ramon Stergmann, que contam em seu acervo particular, visto que o dramaturgo aqui publicado foi seu parceiro de trabalho. Nosso muito obrigado!

À Lúcia Lopes, nossa parceira voluntária, na editoração e design dos *e-books*, desde o volume 1, nossa profunda gratidão!

Por fim, agora Mailson falando, dedico meus agradecimentos à professora Bene Martins, que desde 2009, na coordenação do projeto de pesquisa *Memórias de dramaturgia amazônica: construção de acervo dramático*-UFPA, tem priorizado a recolha, catalogação, digitação e divulgação das obras dramáticas produzidas e agora publicadas na Amazônia. Pesquisadora dedicada, diria até obstinada, Bene Martins, com quem trabalho desde 2007, é mestra, amiga, profissional com quem aprendo continuamente. Obrigado pela alegria de organizarmos juntos esta obra!

Bene falando... Para interromper nossos agradecimentos conjuntos, fizemos questão de particularizar nossas falas para enfatizar a importância da parceria Bene & Mailson. Conforme ele afirma, iniciada em 2007. Trabalhar com Mailson é sinônimo de cumplicidade responsável, é acompanhá-lo em seu aprendizado de artista, escritor, pesquisador incansável. Além de pesquisador de letras e artes, especificamente teatro, ele é dramaturgo dos bons. Nosso aprendizado é mútuo e gratificante. A organização desta obra, veio desde a leitura, digitação, revisão das peças aqui reunidas. Agradeço nossa parceria, Mailson, sabemos que ela será duradoura!

Dedicatória

Dedicamos esta publicação às duas primeiras colaboradoras do projeto de pesquisa
Memória da dramaturgia amazônida: construção de acervo dramático:

Olinda Charone e Zeffa Magalhães!

Sumário



Clique em cada item,
ao lado e abaixo,
e vá para a página
correspondente.

Apresentação por Ramon Stergmann.....	09
Prefácio por Bene Martins & Mailson Soares.....	10
Pós-fácio por Dinelson Serrão	368

PEÇAS

Na toca do malandro (1988).....	15
Os tambores da Lua de barro (1988)	48
Eu preciso fazer alguma coisa por mim (1994).....	75
Em defesa da vovozinha (1997)	114
A mercadora de almas (2004).....	140
Elas por cima, eles por baixo (2004).....	146
Contador de histórias (2004).....	168
Vai pra ponte que caiu! (2005).....	188
Catadores de sonhos (2005).....	207
Há qualquer coisa no ar que não é avião (2005).....	235
Pra galinha só falta o rabo! (2006)	242
O bicho de Sucuba (2007)	272
Quem disse que a vida é uma droga? (2007)	291
A festa dos urubus (sem registro de data)	301
O Arcano do Senhor (sem registro de data)	319
Povo de arribação (sem registro de data).....	327
O sonho de Dalvino (sem registro de data).....	343

Apresentação

Por Ramon Stergmann

Apesar da riqueza da produção cultural, literária e artística da Amazônia, há pouco tempo atrás, o intercâmbio da região e dos artistas locais com o resto do país era esporádico. Já, nos últimos anos, uma série de iniciativas e de eventos dos grupos e companhias de teatro e de dança, através de temporadas ou de mostras e festivais de artes vêm propiciando a todos nós, como autores e atores de teatro, incremento das “trocas artísticas e culturais”, integrando o nosso Pará (dos paraenses de coração) ao circuito nacional, com certeza. Todos, como profissionais ou amadores, que circulam pelo cenário artístico regional e nacional, com as mais diversas formas de expressão da cultura paraense, como a cerâmica, a música, a dança, as artes plásticas, os ritmos, enfim, merecem o nosso reconhecimento.

Antes disso, na década de 1960, até 1980, nascido em Belém e radicado na capital carioca, onde divulgava a cultura do Pará, com o apoio da saudosa Eneida de Moraes e de outros escritores famosos, já de retorno às minhas origens e, no decorrer de minha carreira em Belém, sempre voltado às pesquisas de campo e às linguagens do nosso povo tapuio, sinto-me feliz em montar uma aquarela amazônica retratando a vida, as dificuldades, os causos, os fatos e casos envolvendo o caboclo ribeirinho.

O presente trabalho, reunindo várias peças teatrais, de característica regional, resume-se numa coletânea diferenciada aos grupos e às companhias de teatro e de dança para montagens posteriores. As modalidades cênicas oferecidas nesta coletânea, para adaptação teatral, são pesquisas realizadas junto aos habitantes de vida ribeirinha e aos povos indígenas no Alto Xingu, Xinguara, Altamira, nas ilhas de Breves, Barcarena, Moju, Bujaru, Cotijuba, Ponta de Pedras, Soures, Salvaterra, Marudá, Alter do Chão, São Domingos do Capim, Vigia, enfim, tantas outras localidades onde as lendas, os mitos, as visagens e assombrações habitam as matas e os rios da Amazônia, além das histórias contadas com veemência e com tanta voracidade que as pessoas parecem acreditar nelas. Histórias passadas de pai para filho, depois repassadas para os netos, os mais jovens, que colocam a dúvida em tudo que é fantasmobelo. Procurei, amazonicamente, embelezar e valorizar meu povão, no contexto do Teatro Paraense.

Pará, 10/04/2002.

Prefácio

Por Bene Martins⁽¹⁾ & Mailson Soares⁽²⁾

“São burros que bebem água/ esta lavra deste homem/ São garrafadas de derrota/ este maldizer que o consome/ são pancadas de promessas/ as mágoas dessa mulher/ são carneiros comendo a grama/ a fome de um José qualquer/ são facas cortando as vísceras/ deste filho seu pra morrer... são tapas na cara que derrama/ esta lágrima dentro do poço”

(*Peça: Povo de Arribação*).

Não deixem minha obra morrer. **Ramon Stergmann.**

No prefácio do volume 1 e 2 - Peças teatrais de Ramon Stergmann, afirmamos o quanto foi trabalho condóido, o de selecionarmos as peças que os comporiam, reafirmamos essa angústia neste volume 3. Ao recebermos o montante das inúmeras peças, o primeiro passo foi o minucioso trabalho de digitação, revisão para, em seguida, definir critérios para a seleção de quais peças seriam publicadas em cada volume. Pois bem, reiteramos nossa opção pela ordem mais ou mesmo cronológica, embora existam peças sem registro de data. Não foi proposital, aconteceu, mas tentamos seguir neste v.3, das mais antigas para as mais recentes. Os três volumes têm essa especificidade em comum. No v.1 reunimos 19 peças. No v.2, além da apresentação escrita pelo autor, mais 18 peças. Neste v.3, mais 17 peças, por ora trouxemos a público 54 peças de Ramon! Ainda temos material para, a princípio, para mais um volume.

No volume 1, fomos agraciados com o posfácio, *A poética de Ramon Stergmann*, escrito pelo artista-escritor Walter Freitas. No v.2, a modo de posfácio, *Ramon Stergmann: O fenômeno do teatro paraense e sua produção textual para os grupos da cidade de Belém do Pará*, escrito pelo artista-pesquisador, Paulo Santana. Paulo foi

(1) Doutora em letras, pela UFMG; pós-doutorado em Estudos de Teatro, na Universidade de Lisboa-PT; professora da Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará; coordenadora do projeto de pesquisa: Memória da dramaturgia amazônica: construção de acervo dramático. (behne03@yahoo.com.br).

(2) Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Pará (UEPA); Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Ator e cenógrafo formado pela Escola de Teatro e Dança (UFPA); Diretor de teatro e dramaturgo. Autor de Bem perto do Paraíso/2019, livro com quatro peças. (mailson17ator@gmail.com).

(3) O texto apresentação, escrito pelo Ramon Stergmann, será mantido em todos os volumes. Caso o leitor leia um volume e outro não, ele conhecerá outro texto, que não peça teatral, além de que o texto apresenta parte dos temas que ele trabalhou nas inúmeras peças escritas por ele.

o diretor que mais montou peças do Ramon, e fez neste texto, certo percurso pelo trabalho desenvolvido sobre as peças montadas e mencionadas por ele, de maneira que o leitor ficará mais familiarizado com a obra stergmaniana. Além de conhecer algumas características da escrita de Ramon, Paulo teceu, neste texto, comentários sobre as participações do Grupo Palha, em temporadas e festivais no estado do Pará e outros estados. Neste v.3, o posfácio traz um breve depoimento do professor, mestre Dinelson Serrão da Silva, quem conviveu de modo muito familiar-profissional com o dramaturgo Ramon Stergmann.

Os prefácios e posfácios dos *e-books* 1, 2 e 3 são uma modesta homenagem ao autor e registro do quanto há para se conhecer sobre as atuações dos grupos de teatro de Belém, pelo Brasil afora. Ainda, ao explicar um pouco sobre os processos de criação dos espetáculos, fornecem ao leitor e iniciantes na direção teatral, indicações de por onde começar a desenvolver uma proposta estética de montagem. Aliás, em se tratando de indicações de como montar peças teatrais, Ramon é generoso, de modo que os jovens aspirantes a trabalhadores do teatro, podem seguir as rubricas e iniciar seu aprendizado na árdua e bela profissão de ator-diretor teatral.

De modo que, o autor detalha o material a ser utilizado em cena, explica ainda, como cenas podem ser coreografadas, o modo como a coreografia deve ser elaborada e os elementos necessários. Ramon foi um artista completo, já registramos suas habilidades no prefácio dos volumes 1 e 2, as reiteramos neste.

Pois bem, e como tal, Ramon homem de teatro, sensível, empático, preocupado sempre com as mazelas dos mais desvalidos, os trouxe para as cenas de seu fazer dramático. Não por acaso, a epígrafe retirada da peça ***Povo de Arribação***, chama atenção para a problemática sobre o sofrimento dos mais necessitados. Esta chamada denuncia as desigualdades sociais, infelizmente, ainda tão presentes em nosso país. Assim são todas as peças do Ramon, as personagens são velhas(os) abandonados; outras como vítimas de exploração sexual; pessoas em frangalhos; crianças abusadas; jovens praticando abortos; descrença e desconfiança no ser humano; só para citar algumas temáticas, no que se refere aos desmandos dos que detêm o poder e ignoram o sofrimento dos invisibilizados pelo sistema. Ramon foi um humanista por excelência.

Naturalmente, nosso dramaturgo não escreveu só dramas e personagens tristes. A poética stergmaniana contém leveza, senso de humor, beleza, diálogos ternos, passagens humanizadas. Como no trecho da peça ***Os tambores da lua de barro***:

MENDONÇA: Hein? Maria, a lua tá que é uma belezura! Vem ver!... Larga um pouco esse ferro e vem ver como é que tá bonita!...

MARIA: *(Vai até ao terreiro).* Hein-hein. Tá mesmo! Eu passava a noite to-dinha só contemplando ela, se não tivesse que passar tanta roupa, espia lá... o monte.

MENDONÇA: É noite de lua cheia, minha velha.

MARIA: Olha lá! No céu, uns pingos de luz, parece, lacrimejam as estrelas.

MENDONÇA: É... E esse vento soprando forte parece vir do norte!

MARIA: É, sim, meu velho. Um vento brando que norteia a meia-noite ou noite e meia.

MENDONÇA: Pois é. É nessa horinha, viu Maria, que o pescador tá arisco, tá no mar, jogando a rede no mar. Ah! *(Suspirou fundo).*

Assim, o autor transita pela complexidade do ser humano, este ora, sofre, ora goza. Como nós, em nossas vivências. Mas, o compromisso em denunciar os maus tratos quanto ao zelo humano, é uma constante. Assim, ao retratar nuances do ser humano em seus escritos dramaturgicos, a denúncia social está presente, subtendida ou em cenas explícitas. A exemplo, o trecho de cena da peça ***Na toca do malandro***:

DELEGADO: E qual é o problema? O problema que a senhora veio resolver?

CORINA: A julgar pela sua expressão, o doutor já tá sabendo que eu sou a mesma mulher que vim dar parte ontem.

DELEGADO: Ontem?

CORINA: Não, ontem não, no mês passado. Ontem eu vim pra dizer que esse... indivíduo aí *(aponta para o Raimundão)* tinha aparecido na toca dele, ao lado de casa.

DELEGADO: Mas, então, o que aconteceu no mês passado?

CORINA: Nem queira saber, doutor. Foi uma desgraça. Esse cretino, esse sem vergonha, esse descarado, sabe o que fez? Usou e abusou da minha filha Maroquinhas. *(Enxugou as lágrimas na barra da saia com fãpos).*

Logo, se o leitor quiser saber o que acontece no final da peça, terá que lê-la! Contudo, há que se reiterar outra característica de Ramon Stergmann, pois, se há melancolia, certa desesperança, tristeza e dor, em muitos de seus textos, não há ausência de humor, ironia, sarcasmos e boas gargalhadas. Um humor escrachado, debochado, muitas vezes, reproduzindo o linguajar chulo das ruas.

Talvez, isto, incomode ou desagrade a alguns, e faça rir a outros. Humor que, em algumas obras é corrosivo, ácido, de quem ri da própria desgraça, e assim faz rir o outro consigo. Ou seja, Ramon, possivelmente, ao construir a comicidade em suas peças, arrancará de nós boas gargalhadas, porém, nem todo riso será de alegria. E se hoje algumas das situações descritas em seus textos possam parecer estranhas ou politicamente incorretas, lembremos de contextualizar a obra do autor, para não incorrerem no julgamento sobre a obra de arte, sem considerar mudanças sócio comportamentais dos seres humanos.

Observado a questão acima, não nos espantemos, pois, com falas explícitas, sem censura, que na dramaturgia stergmaniana colocam em cena o vocabulário próprio dos personagens, caso contrário, as falas e comportamento não seriam verossímeis. O autor leva, assim, adiante seus dramas, comédias, sátiras, tragicomédias carrega-nos consigo, para ambientes desafortunados ou paradisíacos; ou nos leva ao interior da Amazônia, onde nos faz rir entre compadres e comadres; ou ainda, nos joga na “selva de pedra”, cidade grande em meio a meninos de rua. A sensibilidade de Ramon desconhece fronteiras, muitas vezes, vai da crueza da violência das ruas para um lirismo contagiante, como, quando nos embala com narrativas sobre mitos da região.

Poeta da cena, assim nos conduz o dramaturgo, em meio a dores, questionamentos, alegrias, dissabores, encantamentos, pondo em vida, o que a vida tem: a realidade que nos cerca; os dilemas que nos compõem; a natureza que nos comporta em fauna e flora. Cena no palco alimentada da matéria humana que somos e da relação com o mundo que nos rodeia. Ao ler Ramon Stergmann, parece que viajamos para dentro de nós mesmos, para histórias conhecidas, situações das quais todos já ouvimos falar, mas não desejamos comentar ou das quais já rimos bastante, ou sonhamos ou desejamos viver. Assim, mergulhamos no corriqueiro cotidiano que, transposto para o palco, parece até mentira.

Desse modo, do trágico ao cômico, da crueza da vida ao onírico, segue o autor, bem ao modo das musas do teatro, Tália, Comédia, ora fazendo rir, Melpômene, Tragédia, ora fazendo chorar, ou misturando no mesmo semblante o riso e a lágrima, simultaneamente, numa demonstração das complexas expressões das similitudes ou estranhezas humanas. Ou ainda, em meio às emoções cênicas, o dramaturgo, nos faz adormecer acordados, como, deitando-nos nos braços de Morpheus ou nos deixando envolver pela sedução da lara. Desse modo, mergulhamos num mundo de sortilégios e sonhos, a ouvir murmurinhos dos silêncios, dos tambores, de quem mais sussurrar em nossos ouvidos!

Há muito ainda a se debulhar dos grãos poéticos dramaturgicos plantados em solo nortista por Ramon Stergmann. Contudo, ficamos por aqui, desejando que a leitura desta obra produzida com tanto carinho, permita aos leitores uma imersão no universo ficcional do autor. E, na busca por palavras para findar este prefácio, logramos do dramaturgo aqui celebrado, mais uma fala da peça ***Os tambores da Lua de barro: Hoje quero que esse tambor acorde o silêncio da noite escura e sossegada onde lacrimem as estrelas!***

Viva Ramon! Viva o teatro! Evoé!

NOTA:

No prefácio do volume 1, destacamos uma das características de Ramon, a de escrever e reescrever a mesma peça, com sutis alterações, às vezes, a pedido de quem as montaria, chamamos atenção para estes “procedimentos stergmanianos”. Ao leitor atento, não passarão despercebidos elementos que se repetirão em diversas peças, algo pertinente ao universo ficcional do autor: os menos favorecidos, por vezes, rindo das próprias pobreza, injustiças e o rico imaginário dos povos amazônidas, naturalmente entrelaçados aos ecos advindos de outros tempos e espaços.

NA TOCA DO
MALANDRO

Na toca do malandro

1988

PERSONAGENS

Corina - 35 anos

Raimundão - Rapaz

Pedro - Adolescente

Delegado - Maduro

Policial 1 - Jovem

Policial 2 - Jovem

CENÁRIO

A princípio um fundo de quintal, depois toda cena passa no interior de uma delegacia qualquer, num bairro qualquer, de uma cidade qualquer. Onde, vemos um bando no corredor, duas cadeiras na sala de atendimento, duas mesas, uma estante, um armário de arquivo, um livro de escrivão, uma máquina de escrever, papelório espalhado pela mesa e outras bugigangas dando a impressão de bagunça. Ao fundo, um pequeno corredor de onde dá pra ver, no fim deste, um gradil de ferro, como se fosse uma porta de quarto carcerário, por onde entra a luz solar etc.

TEXTO

Enfoca a princípio o flagrante de um macaqueiro na sua malandragem no quintal e a ordem de prisão deste por outra razão, em seguida, o interior de uma Delegacia de Polícia onde está sendo apresentada uma denúncia de sedução, porém, ocorre um mal-entendido não só da queixosa, mãe da seduzida, como do suposto sedutor com o delegado e a vítima no final.

Com algumas cenas picantes e com muito humor, a sátira-comédia que apresenta tipos popularescos, baseados no humor-negro e na malícia do povo brasileiro, também traz ao palco um teatro-de-costumes muito gostoso e divertidíssimo, capaz de arrancar, a todo momento, risos da plateia. O resto fica por conta de um bom elenco e de uma boa direção. Segundo o escritor Amir Feijó Pereira, de Porto Alegre, “É uma deliciosa comédia escrita com muita classe e fina maquinaria teatral envolvendo a todos”.



CENA 1

(Dois Policiais e Raimundão no quintal).

RAIMUNDÃO

(Puxando fumo). Não sei, não. Tô achando que essa não vinga... É um ratinho de tão mirrada... É, cara... Tô mesmo é de olho no rabão daquela preta sacana. Mas, porra aquele macho triste não sai de perto dela, fica encarnando, ali ó. Se ele meter a cara pra mim, não vou dar bobeira não, meto a faca logo... Tá pensando que vou marcar touca? Uma porra. Enfio a faca no pescoço e piso em cima da cara, que nem a gente faz com galinha. Aí ela vai se mancar com a minha cara... Aquela filha da puta. Ninguém duvide da cara de macho como eu. Senão, boto quente. Só quero ver aquela velha cantar de galo, entre porcos e galinhas, no meio da mataria, no fundão do quintal. Essa já tá no bico, já no papo...

POLICIAL 1

(Entrando em cena). Você tá preso, Raimundão!

RAIMUNDÃO

(Cai de susto). Porra, meu.

POLICIAL 2

E não tenta fugir porque a gente mete bala. *(Ambos apontavam o revólver para ele).*

RAIMUNDÃO

Peraí, gente boa... Tava apenas dando um traguinho na massa, um trago só não faz mal é só pra fazer a cabeça, pra ficar numa...

POLICIAL 1

Deixa de papo, rapaz. Vamos andar em frente.

POLICIAL 2

Desta vez é uma queixa diferente contra você.

POLICIAL 1

Muito grave. Piorada mesmo.

RAIMUNDÃO

Que queixa é essa? Eu não roubei, não matei ninguém...

POLICIAL 2

Lá na delegacia você vai ficar sabendo.

RAIMUNDÃO

Tá legal. Quem não deve, não teme. Só tô um pouco confuso. Mas antes de ir, deixa ver se a mãe chegou da igreja...

POLICIAL 2

Deixa de papo furado, cara. *(Puxou ele pelo pescoço)*. Vamos em frente é que é, seu macaqueiro nojento.

RAIMUNDÃO

Tá certo, gente boa, vamos lá. Mas sem violência. Detesto violência, né bandidheira. *(Corte / blackout / foco em:)*

CENA 2

(Movimento de delegacia, Delegado, Raimundão e Corina).

DELEGADO

(Que vem do banheiro, abotoando a braguilha e soltando enormes baforadas do cachimbo). Tudo bem, minha senhora... Como é mesmo seu nome?

CORINA

(Nervosa). Corina. Corina da Silva Xavier Costa e Costa, doutor, este é meu verdadeiro nome. Silva Xavier, do meu falecido e amado pai, e Costa e Costa, da minha mãe desaparecida ...

CORINA

Sete frangas pra criar, digo, meninas. A mais velha tem quase....

DELEGADO

(Interrompe). Tudo bem, tudo bem. Não é preciso a identificação das meninas.

CORINA

Desculpe. Eu pensei que fosse... É a primeira vez que venho a uma delegacia dar queixa. Sempre tem a primeira vez, não é doutor?... Mas eu espero que esta seja a primeira e a última vez que...

DELEGADO

E qual é o problema? O problema que a senhora veio resolver?

CORINA

A julgar pela sua expressão, o doutor já tá sabendo que eu sou a mesma mulher que vim dar parte ontem.

DELEGADO

Ontem?

CORINA

Não, ontem não, no mês passado. Ontem eu vim pra dizer que esse... indivíduo aí (*aponta para o Raimundão*) tinha aparecido na toca dele, ao lado de casa.

DELEGADO

Mas, então, o que aconteceu no mês passado?

CORINA

Nem queira saber, doutor. Foi uma desgraça. Esse cretino, esse sem vergonha, esse descarado, sabe o que fez? Usou e abusou da minha filha Maroquinhas. (*Enxugou as lágrimas na barra da saia com fiapos*).

DELEGADO

Que idade tem ela?

CORINA

É de menor, doutor! Ainda franguinha pra vida como se diz.

DELEGADO

Diga exatamente como tudo aconteceu. Como é que foi?

CORINA

Ele cheio do fumo, drogado como tava, seduziu a menina no quintal da casa dele, chegou a estuprar a bichinha. Meu Deus! A menina era só sangue,

muita dor. Como é que pode um malandrão desse querer desencabeçar uma alma pura e inocente a troco de nada, quase à minha ilharga? Ainda por cima, andou espalhando lá na rua, que minha filha é “táxi-mirim”. Oh, meu Deus do céu! *(Chora escandalosamente)*.

RAIMUNDÃO

(Segredando ao público). Essa é boa! Eu nunca tinha visto tanta choradeira por causa de um cabaço tirado.

DELEGADO

Qual é a sua, cara?

RAIMUNDÃO

A de sempre, doutor. Sempre passando um pano por aí mas sem muita novidade nos quintais dos vizinhos. Mas não entro nessa da coroa aí não.

CORINA

Doutor, eu já não sabia mais como sair de casa, envergonhada. Já não suportava ouvir chaveco e mexerico de vizinho. Com que cara, doutor? Tudo por causa dele aí, que não vale o que o gato enterra.

DELEGADO

Muito bem, rapaz. Só quero que me diga como foi que tomou aquela decisão de estuprar a menina no quintal, mesmo sabendo que há tantas piranhas por aí dando sopa?

RAIMUNDÃO

O senhor acha mesmo isso, doutor?

DELEGADO

Rapaz! Eu aqui não estou sendo pago para responder suas perguntas e nem de ninguém.

RAIMUNDÃO

Saquei. Olhe doutor, piranha até que tem nesta cidade e bastante.

RAIMUNDÃO

Começa a procurar gatinha nova, não é mesmo? Só que não tô aqui pra tapar o buraco que não fiz. Sacou?

CORINA

Cafajeste. A menina tá lá pra quem quiser ver, doutor, andando meio jururu pela casa, sentindo enjoo, tonteira pelos cantos, até parece desconsolada com a vida. Antes tão alegre, agora tão tristezinha, já nem canta mais! Nem quer ver mais a cara da Xuxa na televisão, novela nenhuma. Oh, meu Deus do céu! *(Breve pausa. Enquanto o Delegado faz um sinal com a mão para o Policial 2 trazer um copo com água e deu para ela beber a fim de se acalmar).*

CENA 3

(Os mesmos e o Policial 2).

POLICIAL 2

Tome um pouco d'água, senhora. Doutor! O que é que eu faço com a Maria Cacimba...? Solto ela?

DELEGADO

Oh, que pergunta mais cretina! É claro que tem que libertar ela, rapaz. O tempo dela já esgotou. E olha: avisa que dá próxima arruaça que fizer vou mandar ela pra cadeia. *(O Policial sai e volta para apanhar o copo das mãos da Corina).* Pra cadeia. Que é lugar de gente maluca.

RAIMUNDÃO

A Maria Cacimba tá presa?!

DELEGADO

Conhece?

RAIMUNDÃO

Não, só enxergo. É a maior pilantra da paróquia. Pé de cana.

DELEGADO

Vamos lá, rapaz. Continue.

RAIMUNDÃO

Continuar o que, doutor? Tô safo dessa. Essa mulher, depois que o marido se arrancou, ficou assim, pinéo, não bate bem, vive tirando sarro com a minha cara, fica tapeando os cara por aí, doutor. Essa mulher, lá na Rua do

Bom Sossego, já fez inimizade com todo mundo, por causa disso; e tá mais falada que farinha em boca sem paladar. Tá sacando?

DELEGADO

Tudo bem, rapaz. Vamos começar novamente. Diga aí por que você tomou aquela decisão?

RAIMUNDÃO

Que decisão? Vê, doutor, não tenho cara de otário, nem o nariz furado e nem uso brinquinhos na orelha.

DELEGADO

Quer me gozar?

RAIMUNDÃO

Não, longe de mim, doutor. Não é minha intenção, meu. Só tô querendo dá um plá que essa história tá mal contada.

CORINA

É mentira dele, doutor! Ele tá querendo é enrolar o senhor com esse falatório besta. Dê um aperto nele no instante ele conta.

DELEGADO

Vamos lá, rapaz. Dá logo o “serviço”. Já estou perdendo a paciência. Confesse. Como tomou a decisão de fazer aquilo com a menina?

DELEGADO

Então, conta um pouco mais, mais pra frente.
(Pedi, fingindo paciência, coçando os escrotos).

RAIMUNDÃO

Tô chegando lá.

POLICIAL 1

(Quase ameaçador). Então vamos lá, cara.

RAIMUNDÃO

Sabe, doutor, aquela coisa de dizer “Para um bom entendedor meia-palavra basta”, pois é...Foi a gota d’água. Por via das dúvidas, nem eu mesmo esperava que fosse sacar daquela cornada contra o artista aqui.

DELEGADO

Cornada?

RAIMUNDÃO

É, doutor, cornada no duro. Entre dois cara frangote e ela bem no meio dos dois. Como é que eu ia saber? Só um otário não podia sacar o que saquei a tempo. Quase de madrugada, preste atenção, naquele dia, passando um pano no quintal da dona aí, eu vi pintar no pedaço os dois ordinários. Quando o dia tava quase amanhecendo os tais frangotes começaram a sacudir as asas e dar uma cantada de galo pra cima da Maroquinhas, com esporão e tudo. Um deles, que ela chama de Fofinho, do vizinho ao lado, branco-branco, talvez mais branco que farinha de tapioca, saca, era o que mais transava com ela.

CORINA

Não é verdade, doutor! Isto é uma calúnia! *(Ameaçadora)*. Esse descarado tá querendo desmoralizar a minha filha. Foi outra coisa que esse sem-vergonho inventou, é invencionice que ele mais gosta de dizer por aí a respeito da pobrezinha. Esse safadão. Ah, doutor, o senhor me desculpe em falar, mas aqui mesmo nesta honrada delegacia e na presença de sua tão ilustre e pacata figura *(o Delegado simula a vaidade)*, esse cão mais grunhe que o meu cachorro em desrespeito à minha Maroquinhas. *(Aqui gera uma discussão entre os dois; Corina, muito possessa, ameaça espancar Raimundão com o guarda-chuva que trazia debaixo do braço)*.

RAIMUNDÃO

Cachorro é a puta que te pariu, filha da puta!

CORINA

Só se for a tua mãe!

RAIMUNDÃO

A tua, fedorenta!

CORINA

Fedorenta, é? Fedorenta é a minha xereca que tu querias comer também. Só que não te dei essa confiança, safado! Seu pamonha.

RAIMUNDÃO

E nem quero, sua porca! Vê lá se vou esfregar meu pau em coisa sebosa! Cheia de Aids. Tu nem sequer toma banho, sua doida.

DELEGADO

Silêncioooo! *(Faz-se silêncio)*. Vamos parar com essa galinhagem. Eu exijo mais respeito aqui dentro. Nada de insultos. Até porque, isto vem de encontro à moralidade e aos bons costumes desta cidade. Fui claro?

RAIMUNDÃO

Saquei.

DELEGADO

(Com ironia). E depois, cara, o que é do homem nem o bicho come...

RAIMUNDÃO

Eu sei, doutor, eu sei. Mas é que essa mulher fica baixando.

CORINA

Moral... Moral... Qual é a moral que tu tens, ladrão sujo?

RAIMUNDÃO

Tenho. Tenho sim!

DELEGADO

Parem com isso, já disse! Que diabo! *(Indo até ela)*. E a senhora, dona Corina *(dos Anzóis Pereira)*.

CORINA

(Friamente). Não, da Silva Xavier Costa e Costa! Com muita honra até. Filha de paraibanos misturada com a raça negra.

DELEGADO

Muito bem. Seja por que diabo for... acho melhor a senhora calar a boca antes que a senhora morda a própria língua, ouviu bem? *(Aponta para o Raimundão)*. Prossiga!

CENA 4

(Os mesmos e só o Delegado se dirige à garrafa térmica de café).

RAIMUNDÃO

É doutor, como eu dizia, pra um bom entendedor meia-palavra basta, né meu. Mas eu vi, dou tor, eu vi tudo. Também saquei uma coisa. A Maroquinhas pra... pra galinha mesmo só falta é criar penas no rabo, podes crer.

DELEGADO

Pare com isso, rapaz. Eu disse: nada de ofensas.

RAIMUNDÃO

Mas doutor! Essa é a verdade. Essa mulher tá com sacanagem, tá tirando sarro com sua cara, com a cara de todo mundo, tô avisando, né bandalheira. Não tem cabimento esse negócio dessa coroa inventar que me viu lá no fundo do quintal enrabando a filha dela, doutor. Sério. Como é que pode um bobo gostar de uma boboca daquela?

CORINA

Alto lá! Boboca uma pinoia, não chama minha filha de boboca, apesar de tudo, doutor, ela é uma menina ajuizada. E muito bonita! Nela não tem isso de ser avançadinha, de abusos.

DELEGADO

Tudo bem. Só me diga uma coisa. Por que você achou de tomar aquela decisão? *(Insistiu, simulando a paciência)*.

RAIMUNDÃO

O senhor é fogo, hein doutor! Tá querendo mesmo se grampear. Negócio seguinte. Naquele dia, pela parte da tarde, eu tava sentado no batente lá da porta da cozinha, antes de ir para a igreja a minha velha que, além de devota de N. S. de Aparecida e benzedeira, resolveu me chamar para fazer um lanche, para fazer não, minto, para tomar um lanche com ela. Depois

disso, tive horas e horas na porta do quintal, perdido em maus pensamentos, aí pintou sujeira.

DELEGADO

Sujeira, como?

RAIMUNDÃO

Já naquela de quem tá na fossa, por pura boa vontade, ajudei a Maroquinhas passar pelo buraco da cerca que dá pro meu quintal, aí saquei logo que tava sem força, meio débil, mal puxava o fôlego, de tão doente.

DELEGADO

Doente? Mas doente de quê?

RAIMUNDÃO

Doente. Com doença besta que dá em gente do tamanho dela. Catarro no peito, nariz escorrendo

RAIMUNDÃO

mela no canto dos olhos, enfim, um chiado no peito, que dava dó só em ver, mal comparando, doutor, tava escritinho um urubu balado nas noites de São João, pior ainda, com licença da palavra, tava mais pra lá duma galinha goguenta de asas caídas, do que pruma franga arrepiada e cheia de pívide... Pois até água e miolo de pão que lhe ofereci, a pobrezinha rejeitou. Mas confesso pro senhor que fiquei assim como se diz...

DELEGADO

Compungido com a situação da menina.

RAIMUNDÃO

É, é isso aí. Mais ou menos isso.

CORINA

Tá vendo, doutor? Até miolo de pão, miolo, veja bem, ele usou pra seduzir a bichinha!

DELEGADO

Mas você fala tudo, menos o que aconteceu...

RAIMUNDÃO

Ê doutor, como eu disse, foi só a gota d'água. O miolo do pão. A Maroquinhas, naquela ocasião, não tinha condição pra nada, não tava com nada.

DELEGADO

Mas mesmo assim você se aproveitou da fraqueza dela?...

RAIMUNDÃO

Não, negativo, doutor. Sem essa! Ninguém tem condição de fornicar num momento desse. Posso ser ladrão, cretino, safado como for, não nego, mas tenho meu limite de paciência e vergonha. Não ia querer fazer uma sujeira dessa com a menina. Isto não!

DELEGADO

Ora, rapaz! Conheço muito bem a sua laia. Começa sempre assim...com roubo de galinhas. Depois alguns objetos, como joias, relógios, televisão à cores, eletrodomésticos e o escambau a quatro. Daqui a pouco você ladrãozinho sujo estará metido em tráfico de drogas e será mais um colocando em pânico a dignidade humana. O sossego da população brasileira. Você que, além safado, é mentiroso.

RAIMUNDÃO

Pois eu tô falando a verdade, doutor...

DELEGADO

(Gritou). Você está mentindo, cara. Não minta para mim. *(Todos tomaram susto com o seu berro. Nesse instante, um dos policiais vem até ele preocupado com sua saúde).*

POLICIAL 2

Calma, chefe. Cuidado. Olha o coração!

DELEGADO

(Continua). Que coração droga nenhuma! Como é que posso ter calma, rapaz, com um desgraçado desse querendo me passar o calote?... Como assegurar a saúde do meu coração se essa raça devia era ter nascido morto? Eu um brilhante advogado que fui considerado um dos melhores do Brasil, capaz de desvendar qualquer mistério que envolve a vida civil dessa gente, de repente, estou aqui tentando levar uma conversa legal com um macaqueiro

e ele, simplesmente, predisposto a me enganar! Achar que estou errado no meu raciocínio, na minha lógica. Pode?

RAIMUNDÃO

O senhor tem razão, meu.

DELEGADO

Como tenho razão? Você não disse nada ainda...

CORINA

Boca feito churrasquinho de motel. E se o senhor não tomar agora nenhuma providência e deixar as coisas como estão, sei não, não vai demorar muito a menina tomar gosto como as outras por aí e vai dormir na casa dele, qualquer noite dessas, eu aposto.

DELEGADO

Dona Corina! Queira calar a sua matraca, por favor.

CORINA

Doutor! Não fale desse jeito comigo. Me sinto arrasada sabia?

DELEGADO

Pois que se cale pra não ouvir desaforos. Aqui dentro mando eu! E daí? Posso até mandar a senhora ir embora e deixar ele trancafiado até ele resolver falar.

CORINA

(Sem jeito). Magina! Eu sei que pode, doutor Praxedes. Desculpe, eu não queria dizer isso mais...

DELEGADO

Mas pensou. Não é vergonhoso? Pense vem. E ponha na cabeça uma coisa: de pensar tanto, minha senhora, morreu um burro.

CORINA

(Débil). Não diga! Mas de quem? Do pagador de promessas...o Zé do Burro?

DELEGADO

Até a senhora dona Corina! Tirando gracinhas comigo! *(Ela deu uma gargalhada circense)*. O que foi agora? Ô Rafa, essa mulher...

RAIMUNDÃO

Não falei, doutor! Essa mulher não bate bem, tá pinéo, saca.

DELEGADO

É natural. Deve estar um pouco traumatizada com aquilo que houve com a filha dela, coitada, é uma reação normal de qualquer mãe que entra em choque com esse tipo de realidade de que você, seu cara de pau, é culpado disso.

RAIMUNDÃO

Outa vez, doutor! Não dá pro senhor me livrar dessa, não?

DELEGADO

Rapaz! Problema é que existe um crime de estupro em jogo. Se fosse só por causa do seu vício e da sua mania de “limpar” viveiros de galinha... Mas vamos lá. Continue.

RAIMUNDÃO

Tá legal. Naquela tardizinha, quase noite, ela ficou bem perto de mim, assim, bem pertinho, e me olhava dum jeito, como que quisesse colo ou outra coisa, sei lá, como é que eu ia adivinhar que ela tava tão carente? Então, como havia uma certa amizade e uma certa intimidade entre nós, mas tudo sem maldade doutor, a gente não curtia essa...de repente, aquela criaturinha cheia de penas e penura farta, magrinha, quase um fiapo, tava querendo se aninhar nas minhas pernas, aí aconcheguei elas nos meus braços... fiz uns cafunezinhos, cocei a cabeça dela, em seguida – como de costume, sempre faço isso nas boca que pintam por aí na véspera do Círio de Nazaré, e ela gostando, gostando, na medida que eu ia fazendo aquilo ela também ia se arreando no chão, nem dava pra sacar qual era a dela naquela ocasião, veio um fogo entre minhas pernas quando ela deslizou, assim que ela deitou no chão como um paraquedas, aí...

DELEGADO

(Maliciosamente). Aí...?

RAIMUNDÃO

na hora e me deu uma mijada? Rolei o pau com ela, ali mesmo, no fundo do quintal. Nem era besta de levar nos cornos um banho com aquele penico cheio de urina podre. Taquei a mão na cara dela. Coloquei os fundos dela na rua pra todo mundo ver.

DELEGADO

Isto foi vantagem?

RAIMUNDÃO

Não, vantagem não foi, mas lavei a alma. Mulher tem que respeitar cara de macho. É ou não é? Até a minha velha, que é uma santa e nunca foi disso, teve que aguentar a barra, depois de amparar o cabo de vassoura e de guarda-chuva, deu a volta por cima, sacudiu a poeira e jogou uma pedra nela.

DELEGADO

Continue.

RAIMUNDÃO

Qualé, doutor? Não houve nada, não. Eu juro! Tudo não foi além de um cafuné aqui e outro ali nas parte dela. Sério. Depois as rezas e os terços bem rezado por minha velha. Porque roçou aqui no meus "Gaspar" (*esfregou o pênis*) ele não marca touca, não perde tempo em serviço, vai logo encrespan-do, querendo pular fora da braguilha, mas com ela...o sacrista perdeu o apetite, nem levantou... perdeu o tesão, de tão magra que tava a bichinha.

DELEGADO

(*Ríspido*). Vamos para com isso, rapaz. Seu tesão não me interessa. Só quero saber de fatos concretos, de tudo que aconteceu, do diabo que seja. Menos do seu tesão.

CORINA

Doutor Praxedes, prenda o Raimundão, ora essa!

DELEGADO

Como prender ele?

CORINA

Prendendo. Ponha ele na cadeia. O senhor é uma autoridade e possui livre arbítrio para isso.

DELEGADO

Disso eu sei. Já que não disse nada até agora, rapaz, fica aí com palavreado figurativo, tomando as pessoas por bicho e etc., etc., só tenho mesmo uma única solução para este caso.

RAIMUNDÃO

E qual é, doutor? Tô liberado?

DELEGADO

Calma. Isto é o que veremos. Ô Rafa! (*Chamou-o*).

POLICIAL 1

Diga, chefe! Qual é o grilo?

DELEGADO

Grilo nenhum... mas tem um cara querendo ocupar a vaguinha da Maria Cacimba. Mostra pro Raimundão o caminho da carceragem!

POLICIAL 1

É pra já, chefe! Vem, cara.

RAIMUNDÃO

Peraí, doutor...Eu não fiz nada, juro!

DELEGADO

Amanhã recomeçamos a conversa.

RAIMUNDÃO

Que conversa, doutor? Eu já falei tudo que tinha pra falar.

POLICIAL 1

Melhor dormir pra descansar a cabeça que pensar em comida, caldo de galinha, sei lá...(Os outros deram uma risada abafada).

CORINA

(Insultante). Bem feito! Eu acho é pouco! Filhote de urubu. (Nesse exato momento, entra em cena, resfolegando, o sobrinho dela que, tão logo chegue, deposita um panelo no meio da sala que trazia consigo, cheio de bugigangas, sem que ninguém perceba).

CENA FINAL

(Os mesmos e Pedro).

PEDRO

Ô coroa, qual é o grilo? O Raimundão não fez nada, nadinha. Só foi um engano a queixa aí da fubeca velha. *(Todos entreolharam-se sem entender agora o que estava acontecendo).*

DELEGADO

Engano... Vocês podem me dizer quem é esse pivete?

RAIMUNDÃO

É o Pedro, doutor, sobrinho dela aí.

DELEGADO

Tudo bem. E o que veio fazer aqui pivete?

PEDRO

Quero contar a verdade.

DELEGADO

Que verdade?

PEDRO

Que o Raimundão não fez aquilo que vocês tão pensando, né.

RAIMUNDÃO

(Alegre). Ai, que barato! Explica tudo pra ele, amigão! Me tira desse sufoco, cara.

DELEGADO

Pois bem. Agora desembucha pivete. Que tenho pressa.

PEDRO

E não me chame de pivete! Meu nome é Pedro. Fico invocado, pego corda mesmo, fico puto quando esses cara me chamam de “pivete”!...

CORINA

(Puxando ele para um canto). Vem cá, Pedro...Anda, vem cá, capeta!

PEDRO

(Rebela-se contra ela). Pô! Qual é o grilo agora? Sua lesa.

CORINA

(Aos cochichos). Olha! Se disser a verdade, não conte mais comigo.

PEDRO

(Idem). Ih, tia, tá ralado. Isso vai dá um bode! Não foi a senhora que disse que a verdade deve ser dita, doa a quem doer...?

CORINA

Foi!

PEDRO

Então.

CORINA

Mas nem sempre...

PEDRO

Sei não! Os cara tão querendo grampear o meu chapa. Tenho que limpar a barra dele.

CORINA

Sua peste!

PEDRO

Vê se fica fria. Não esquenta. Amigo é pras estas horas, né tia.

DELEGADO

(Curioso). Que mexerico é esse aí? Posso saber?

PEDRO

(Indo até ele). Ô coroa, não é mexerico não... A gente só tava dando um plá com assunto de família. Por que agora quer saber?

DELEGADO

Oh, seu pivete mal educado! Respeita a minha autoridade, a minha idade e meus cabelos brancos.

PEDRO

Tudo isso? Pois o coroa vai chuveirar mais faísca, porque pivete é menino de rua, garoto bundão, abestado, um tremendo bolha, como esses guardi-nhas de merda aí que fica lhe puxando o saco, tô certo?

CORINA

Pedro! Para com isso! Quando chegar em casa vou te dar uma surra.

PEDRO

(Continua). Que surra porra nenhuma. Vê lá se vou apanhar duma lesa que nem a senhora. Olha Raimundão a cara do coroa! O velho tá pensando que a gente é otário. Eu sou, isto sim, um cara muito esperto, vivo, quente, tá legal.

DELEGADO

E qual é problema?

PEDRO

Velho, na hora da birra, fui eu que enrabei ela.

DELEGADO

(Perplexo). Você?

PEDRO

Sim. Fui eu que abri caminho primeiro. É isso aí, o velho tá com a cuca fudida, eu também tô. Agora, tem um porém, se ela continuar se encontrando com outro, criando problema entre a gente, não vai ter casamento, nem fruto dessa união.

DELEGADO

Só quero saber como é que aconteceu essa sua digamos assim, paixão pela Maroquinhas? Por onde tudo começou afinal?

PEDRO

Pelo traseiro dela.

DELEGADO

O quê? Como assim?

PEDRO

Como assim...? Fudendo? Trepando. Curtindo. Transando numa boa. Tudo normal. Ou não é normal a gente fazer sexo? Sentir amor?

DELEGADO

Tudo bem. Já entendi o que você quer dizer. Mas agora só para registrar com eficiência, gostaria de saber aonde, em que lugar aconteceu isso?

PEDRO

No quintal de casa.

CORINA

Pedro! Que diabo mais linguarudo! Eu não aguento mais! *(Chora)*.

PEDRO

Ora! Deixe de xilique besta! *(Voltando-se para o Delegado)*. Foi atrás da privada entre uma moita de capim e outra de bananeiras.

DELEGADO

(Maliciosamente). E qual foi a reação dela?

PEDRO

De quem...? Da lesa da minha tia?

DELEGADO

Não, de Maroquinhas, evidentemente.

PEDRO

(Coçando a cabeça). Foi péssima. Deu a maior bandeira. Deixou todo mundo descobrir tudo entre a gente. Pô! Foi um sarro. Teve gente que disse que eu devia estar internando na Funabem. Um bando de puxa-saco de samanco! Mas só que agora ela tá comigo e já tem outro pintando no espaço da gente, metido a peso pesado. Que é o Fofinho, filho do coroa lá seu Manuel.

CORINA

O Pedro tá mentindo, doutor Praxedes! A Maroquinhas nunca foi de sacudir as asas pro filho do seu Manuel, que é um pequeno cheio de rebolado, com pinta de gay.

PEDRO

Deixe disso. Respeite o cara. Não é de meu costume defender esses cara, mas se ele é bicha, ele dá porque gosta, ninguém tem nada a ver com isso, por sinal, todo mundo dá, todo mundo trepa, quem não trepa? Acho melhor a senhora calar o bico, senão, jogo merda no seu ventilador.

CORINA

Pois experimenta. Anda! Experimenta, seu atrevido!

DELEGADO

Por favor, dona Corina. Fica quieta.

CORINA

Sabe, doutor, por que esse filho da mãe é assim? É o pai que não presta, não vale nada!

DELEGADO

Tudo bem. E quem é esse Manuel?

PEDRO

Um coroa que tem uma biboca na esquina da Rua do Bom Sossego. Um velho lobo. Um tremendo otário.

PEDRO

na paquera da minha tia há muito tempo e quer se casar com ela. O coroa lá acha que ela é assim meio tan-tan por falta de homem, mas ela não quer.

DELEGADO

Não quer?

PEDRO

Neca, neca de pitibiriba. Manja só! Parece que tem raiva de vara curta. Então ela descarrega nas meninas. Nas gatinhas dela. A Maroquinhas foi uma que quase foi assassinada por ela.

POLICIAL 2

Assassinada?

PEDRO

Depois que tirei o cabaço dela.

POLICIAL 1

Cara! Conta pra gente como foi isso?...

PEDRO

Sei que é careta dedurar. Mas vou contar. Primeiro ela queria jogar a Maró debaixo do carro, depois queria afogar ela nas águas da maré lá no cais do Ver-o-Peso, em casa, ela fez várias tentativas com tijolo, cabo de vassoura na cabeça da Maró, deu até milho ou fubá quente prá ela com inseticida, queria-porque-queria acabar com a vida da Maró. E se não fosse o Raimundão socorrer ela, ela tava agora mortinha da silva ó coroa, além dos remédios e benzeduras da dona Cocó, que é a mãe do meu chapa aqui. É por isso que não largo deste bichão.

DELEGADO

Mas a senhora hein dona Corina! Quem diria! Justo a senhora, mãe da seduzida, querendo pôr um fim na vida da menina. O que é pior, cometendo um crime de calúnia contra o Raimundão. Sim! Porque pelo que eu entendi na confissão do Pedro, a senhora anda ou está perturbada, realmente, dando margens à sua fantasia querendo que todo mundo pague pelos pecados que não foram cometidos. A não ser pelo Pedro, que foi um pouquinho longe no seu amor, mas isso é o de menos, porém, quero explicar a senhora o seguinte: A toda calúnia levantada, seja em qualquer circunstância, seja por uma razão ou pelo motivo que for, de qualquer maneira o indivíduo estará sujeito a responder um processo de calúnia sabia? Não. Nem a senhora. Nem ninguém se preocupam com isso. Porque, na verdade, estão sempre predispostos a infernizar a vida de quem quer que seja.

CORINA

(Cinicamente chorosa). Sabe como é, doutor, a gente pensa que vai dar certo o plano da gente, que é fácil engurupir os outros, mas não, a gente acaba mesmo é entrando pelo cano. Eu sou uma otária mesmo!

DELEGADO

Tudo bem. E lhe digo mais, levando em consideração a confissão do seu sobrinho, se é que a senhora anda mesmo perturbada com essa situação, que está mesmo com a consciência pesada, que alguma coisa a atormenta, que o perdão é para quem se arrepende, então procurou o lugar errado. Vá procurar o senhor vigário do seu bairro e conte tudo direitinho o que é que a perturba tanto, que a senhora vai ficar aliviada, lá eles têm água benta e usam do exorcismo. Aqui não. Aqui é na porrada.

RAIMUNDÃO

igreja com minha velha, que é católica fervorosa, prefere frequentar tudo quanto é terreiro de umbanda.

DELEGADO

Não quer?

CORINA

Oh, não, de jeito nenhum!

DELEGADO

Não quer por quê?

CORINA

Ora porque! Porque não posso aceitar, aliás, ninguém lá vai querer me ouvir coisa nenhuma. Vão dizer que sou uma louca. Uma doida varrida. E depois, doutor Praxedes, eu não estou à toa e nem sou beata, como a mãe desse...traste. *(Olhou para o Raimundão).*

DELEGADO

Muito bem. *(Indo até Raimundão e massacrando com as mãos a cara dele).* Ora viva! Quer dizer então que você não é o tarado?

PEDRO

Que pergunta, coroa! O coroa acha que ele ia ficar aqui dando bandeira?

DELEGADO

É, tá certo, sabe que você caiu do céu, Pedro? Eu já estava pensando enquadrar esse safado nas formas da lei. Porém – e como sempre tem um porém

pra tudo – está havendo um grilo. Um problema que está azucrinando a minha cabeça.

PEDRO

Que grilo?

DELEGADO

Como e de que maneira devo dar um castigo a você, Pedro. Não é fácil. Dessa vara de família pouco entendo. Ou melhor, nunca foi o meu forte. Mas só que nesse caso agora, como agora, o casamento de vocês dois seria o ideal, mas, ao mesmo tempo, nem um dos dois tem idade para isso. Se a família esperar, tudo bem, mas se não esperar até lá os acontecimentos, ninguém pode culpar o tempo por isso e muito menos reduzir sua velocidade, não é mesmo?

PEDRO

Ô coroa, não tem grilo nenhum... A tia acaba esquecendo. O casamento é papo furado. A gente vai continuar se curtindo. Sem chifre. Numa boa.

RAIMUNDÃO

O Pedro tem razão, mas foi o que aconteceu. Será que preciso falar mais, doutor? Tou meio confuso. A cuca embaralhada. Não consigo raciocinar direito, não lembro de algumas coisas.

DELEGADO

Tudo bem. E você tome cuidado para não se meter noutra encrenca!

RAIMUNDÃO

Tá certo, doutor...Eu sempre fui amigo da vadiagem, mas nunca tive grilo na cabeça que não fosse a macuqueiragem, pode crer.

CORINA

(À parte). Hum! Agora, um joga confete no outro! É uma cornada só, tá se vendo.

DELEGADO

E a senhora não devia ter escondido a verdade. Daqui em diante tenha mais respeito, mais confiança, mais consideração com seus vizinhos, por favor.

CORINA

Oh, meu Deus! Nunca passei tamanha humilhação!

DELEGADO

É isso aí...A mentira só prevalece enquanto a verdade não vem à tona, minha senhora. Desta vez, está dispensada, mas da próxima a senhora vai entrar bem.

PEDRO

Isso aí? *(Ficou desconsertado, olhando para Raimundão e Corina).*

DELEGADO

Ô rapaz! Qual é o grilo agora?

PEDRO

Grilo? Não tem nenhum...

DELEGADO

Então, qual é o motivo da sua cara amarrada? Ah, já entendi, é claro. Já que você é amigo do Raimundão e pensava que ele ficasse detido aqui, na delegacia, trouxe um “presentinho” para ele no meio dessa bagalhada toda. Pedro, me faz um favor pega essa “erva” que tem aí dentro do panelo e entrega praquela policial ali. Não é bom se arriscar.

RAIMUNDÃO

(Tenta convencê-lo). Doutor... (Ao ver uma arma na cintura dele). Bonita arma, é uma das melhores que já vi. Mas doutor...posso dar uma palavrinha com o senhor em particular? (Levou ele para um canto da sala).

DELEGADO

Que palavrinha é essa?

RAIMUNDÃO

Negócio seguinte. De acordo com o meu paladar...tô aqui pensando naquilo que minha velha disse, que galinha preta só serve pra fazer macumba, que tem perigo comer a carne de galinha preta, é verdade doutor?...

DELEGADO

(Dá um berro). Chega, Raimundão. Por via das dúvidas, não conte mais nada não, o mundo tem paladar de toda espécie e é preciso ser bom de boca: galinha, pato, peru, a gente arranja, e se não arranjar, passa-se sem, não é preciso estar aí preocupado em puxar o meu saco. Ô Jerônimo!

POLICIAL 2

Pronto, chefe.

DELEGADO

Me ajude aqui. Vamos o que diabo é isso aí...

(Agacharam-se para desamarrar o paneiro etc).

PEDRO

“Isso aí”, coroa, se diz pra coisa que não presta, até que “Maroquinhas” serve pruma sopa, uma canja hoje em dia, e dá uma paneladona, a bichinha... mas tão magra, mas tão magra, que dá pra sentir pelos ossinhos pontudos.

CORINA

Pobrezinha!

DELEGADO

O quê? Será que isto é mesmo verdade?

RAIMUNDÃO

É, doutor! Era isso que eu tentava explicar pro senhor naquela hora. Mas saquei logo que o doutor aí também não saca de palavra cruzada. Aí tive que fazer o jogo dela.

POLICIAL 2

Um tempo perdido, chefe. Que puta merda.

DELEGADO

Essa não!

PEDRO

A minha tia que é lesa roubou do cara que ia fazer macumba com ela, eu quis devolver pro cara, mas ele não queria mais ela de volta.

RAIMUNDÃO

Aí foi um pé de briga, doutor. Essa louca queria trocar a galinha preta doente por outra, mas sadia, e não sacava como através do artista aqui.

DELEGADO

Hum! Mas é uma demente mesmo. Acho que nem pai-de-santo dá jeito (*Comentou para com seus botões*).

CORINA

(*Continua*). Magina! Doutor Praxedes... Apesar da magreza dela, não é que teve ladrão esta madrugada lá no quintal da minha casa e quase carregou a galinha e o peru...? (*Olhou de soslaio para o Raimundão*).

RAIMUNDÃO

Não era eu não, doutor...Era outro. Mesmo passando um pano, de madrugada, no terreno da dona aí e sacando a presença desse galináceo no quintal, garanto ao senhor que senti sim uma vontade de afanar a “penosa”, mas ao mesmo tempo, não tive coragem, não tive peito de levar uma galinha preta e goguenta.

CORINA

Pior é que eu nem podia dar parte à polícia! Se até milho e miolo de pão eu vi ele dar pra bichinha...Não sei o que me deu na cabeça. Tem nada não. Fazer o que agora?

RAIMUNDÃO

Pois é, doutor...Foi tempo perdido ela ter vindo fazer queixa dum cara como eu. Sinceramente. Nunca fui cara de roubar nada até a véspera do Círio, porque, pra mim, todo tempo é tempo de safar a boia, e muito menos com a galinha dos meus vizinhos... Olha, doutor! Eu faço isto, mas longe de casa, da redondeza, entende, pra não dar desgosto pra minha velha. Porém como a gente vive em particular sem eira nem beira acabo vendendo as penosas na feira pra garantir o rango. Sério. Foi aí então que fiquei sabendo que essa era a tal de “Maroquinhas”, que tanta prisão tem causado a outros macuqueiros, mas pensando naquilo que minha velha disse...

DELEGADO

Chega! Cambada de malucos! Por hoje já ganhei meu dia. (*Ameaçando-os com o revólver e estes ficam assustados, tentando se protegerem*). Olhem aqui! Seus mise-

rentos. Seus répteis. Se isso fosse história de gente eu os fazia assinar agora mesmo um termo de bom-viver. Só que é de bicho e como bichos vocês tomarão um rumo diferente...

PEDRO

Ô coroa! Se teu grilo é grana, muita grana, a gente não tem morô.

DELEGADO

Ô Rafa! Jerônimo! *(Ambos Policiais se dirigem a ele)*.

POLICIAL 1

Diga, chefe...

POLICIAL 2

Algum problema?...

DELEGADO

Por desaforo e por desrespeito à minha autoridade ponham essa gentinha no olho da rua!

POLICIAL 1

É pra já, chefe. Todos para fora, vamos! Vamos!

RAIMUNDÃO

(Com ironia). Doutor, me absolva de verdade senão ainda vou ficar encucado...

CORINA

(Idem). Doutor Praxedes! Eu tenho muitas aves lá em casa e desejo oferecer esta pro senhor, topa doutor? *(Voz súplica)*. Fica...

CORINA

Não diga não, senhor...

DELEGADO

Não quero. Pode fazer o que quiser com a sua galinha e com o seu peru.

PEDRO

Fora de sacanagem, ela tá lhe oferecendo de bandeja.

DELEGADO

Fora! Fora daqui! Vão pro diabo que os carregue.

PEDRO

Dá na peça, coroa! Vai fundo ô abestado! É o quente!

POLICIAL 1

Para fora! Cai fora daqui pivete pirado!

PEDRO

(Saindo). E tu guardinha de merda! Puxa-saco...Burro...Otário...Ei baitola...
Vão tomar no cu, ó.

POLICIAL 2

Suas pestes! Vão procurar o padre pra exorcizar vocês!

POLICIAL 1

Tomara que a galinha vire rato também! *(E voltaram da porta de saída que fica no fim do corredor, tecendo comentário à contra-luz).*

POLICIAL 2

Impressionante. A gente contando ninguém acredita.

POLICIAL 1

Se a moda pega...Vou te contar.

POLICIAL 2

Isso dá livro ou peça de teatro sabia?

POLICIAL 1

Não brinca!

POLICIAL 2

Sério, cara. Tu que transa esse negócio começa a pensar nisso.

POLICIAL 1

É isso aí. E já vejo a montagem no palco, intitulada: “O auto da galinha preta com caldo e farinha”. Vão rir pacas. *(E riram os dois, tomando um cafezinho etc).*

DELEGADO

Qual é a graça, rapazes? Viram algum passarinho verde?

POLICIAL 2

Não é nada disso, chefe. É o Jerônimo que tá escolhendo um título para sua peça de teatro...

DELEGADO

Peça? O Jerônimo quer virar escritor de teatro sem estudo? Uma boa piada. Assim pensando, você vai estar com a cuca fundida e até lá vai fazer companhia aos outros no hospício.

POLICIAL 2

Por que, chefe?

DELEGADO

Rapaz! Os hospícios estão cheios de gente que diz ser Pedro II, Napoleão, Santos Dumont, Hitler. E o Jerônimo está indo pra lá para ser o Guimarães Rosa, naturalmente. Em todo caso, como diz o velho provérbio “De poeta e louco, todos nós temos um pouco”, então você tenta escrever, rapaz. *(Ambos ficaram em silêncio, ao mesmo tempo entregues à sua tarefa no escritório)*. Parece mentira, mas não é. Ainda a pouco vocês acabaram de assistir um pouco dessa loucura. E já não duvido de mais nada. É por aí o caminho, o caminho da loucura que constantemente nos ameaça a todos, como uma depredação humana, e vem lá de cima. O que é pior, vem cair justamente sobre a cabeça do pobre, do povão. *(Dá um sopro no ar atraindo atenção deles)*. Fuuu...*(A esta altura estará de costa pra eles e maquiado para pregar-lhes um susto depois)*.

POLICIAL 1

Que foi, chefe?

POLICIAL 2

Alguma mosca perturbando?

(Nesse momento, ambos os Policiais, ficam intrigados com o tom da voz do Delegado e este ao voltar-se para eles, girando o corpo na cadeira giratória, exhibe a boca vermelha de baton e os olhos delineados por lápis preto, como numa sacanagem entre si).

POLICIAL 1

Chefe!

POLICIAL 2

O senhor também?

DELEGADO

E por que não? Também sou filho de Deus, benzinho.

POLICIAL 2

Mas com toda essa pinta de machão?

DELEGADO

Azar! Nem te ligo, nem te ligo. Bofe e bofeio! Com mistura de bofe com bofe feio.

POLICIAL 1

Chefe... isso não fica bem pro senhor. Pensa bem.

POLICIAL 2

Pega mal pra gente aqui. Se o povo descobre, então, aí é que pega mal mesmo. A gente vai ficar sem moral.

DELEGADO

Ai, que coisa: que implicância comigo, bofe!

POLICIAL 2

Mas o senhor sabe como é a língua desse povo, depois...

DELEGADO

E daí? Nas horas vagas, eu me assumo e rodo a minha baiana. Não é assim que todo mundo faz?

POLICIAL 1

Égua da sacanagem!

POLICIAL 2

Pare com isso, chefe! De repente pode pintar alguém aí...

POLICIAL 1

Chefe... Chefe, isto não tá certo pelo menos aqui dentro, aqui dentro não cola...

POLICIAL 2

É isso aí. Lá fora, tudo bem, até que a gente topa, mas aqui não aqui é lugar de respeito, de serviço.

DELEGADO

Ai, que coisa mais quadrada! Parem com essa mania de achar o que está certo e o que está errado. Eu hein! Nem sempre o que é bom pra vocês é bom pra mim, bobinho!

POLICIAL 1

Eu sei. A gente sabe, chefe. Mas por favor vá tirar essa máscara...

DELEGADO

Já tirei! De uma forma ou de outra, eu estou na minha, viu benzinho? E desta forma – que é a forma mais simples, fina, finérrima –, uma vez por outra, também dou minhas piscadelas por aí e chocalho meus balangandans, né meu bem. *(Desmonhecou-se no final, deixando os dois, no entanto, apreensivos. Aqui entra como pano de fundo a melô do marinheiro "Entre de gaiato no navio, entrei, entrei, eu entrei pelo cano...", enquanto os atores terminando a cena, ficam estáticos na posição de "estátuas" sem abandonar, evidentemente, as respectivas posturas e expressões de seus personagens. Feito isso, nessa hora, na tela ao fundo, a plateia lê a notícia no vídeo "Aqui começa o drama de um homossexual chamado de Dr. Praxedes, mais conhecido na praça pelo seu nome de "guerra" Berna Berlote; qualquer semelhança com este cara de pau é mera e estranha coincidência).*

(Aqui os tambores vão silenciando o batuque entre o nevoeiro; em meio a fumaça, o elenco sai de cena sem ser visto pela plateia. Quando a fumaça desaparece por completo, não há nada no palco. O palco estará absolutamente vazio. Em seguida, ocorre um fenômeno, a explosão simulada do planeta Terra (lua de barro) cobrindo o palco de uma camada vermelha de luz que, morre, ao nascer ao mesmo tempo, numa fração de segundos, acompanhada de lixo atômico em meio a gargalhadas circunces que ecoam no espaço vazio; empírico de solidão sem nême, consequência dos desmatamentos da Amazônia, num crime coletivo, onde ouvem-se apenas as vozes do além "A Amazônia era nossa!... Ela estava ali e não em São Paulo!")

FIM

OS TAMBORES
DA LUA DE
BARRO

Os tambores da Lua de barro

1988

PERSONAGENS

Mendonça, Maria, Mariazinha,
Chico, Compadre, Político,
Pescador de 1 a 3,
Feirante de 1 a 5,
Povo (coringado),
Coro (de 6 a 8 pessoas),
Mãe Maria.

CENÁRIO

Nada de tão fixo que não seja Slide a palco limpo, se preferir. A iluminação tende a extrair efeitos nas cenas, através do ciclorama e de focos para dar um movimento cinematográfico à peça. O resto fica por conta de uma boa direção e de um bom elenco, podendo coringar alguns personagens.

TEXTO

Baseado em depoimento de peões em Vila do Conde, município de Barcarena, quando da implantação das fábricas de alumínio, causando a devastação e depredação da floresta. Enfim, nada de tão sério e sensato sobre os capitalistas no assassinato coletivo da mata virgem e na exploração da mão-de-obra do caboclo amazônico. Mais um quisto doloroso aguardando o bisturi da justiça e das reformas sociais. Também pode ser um espetáculo sob a ótica satírica do povo ora enganado em sua boa-fé, começando a aludir o fato de que a Lua, em seu trigal de amadora, seja, em parte, a causadora de tanta mudança ética no planeta Terra preste a explodir com tal devastação pelo mundo, em torno de condições empíricas de pobreza atraso, sofrimento e experiências nucleares etc., das quais, a civilização não consegue se libertar; no final, havendo o sincretismo religioso do povo nas crendices populares e a explosão (simulada) do nosso planetinha.

O Autor.



CENA 1

(Mostra, ao fundo, Maria passando roupa no ferro à carvão, cá fora, está Mendonça, seu esposo, sentado num tronco velho de mangueira baforando o cachimbo).

MENDONÇA

Hein? Maria, a lua tá que é uma belezura! Vem ver!... Larga um pouco esse ferro e vem ver como é que tá bonita!...

MARIA

(Vai até ao terreiro). Hem-hem. Tá mesmo! Eu passava a noite todinha só contemplando ela, se não tivesse que passar tanta roupa, espia lá...o monte.

MENDONÇA

É noite de lua cheia, minha velha.

MARIA

Olha lá! No céu, uns pingos de luz, parece, lacrimejam as estrelas.

MENDONÇA

É... E esse vento soprando forte parece vir do norte!

MARIA

É, sim, meu velho. Um vento brando que norteia a meia-noite ou noite e meia.

MENDONÇA

Pois é. E nessa horinha, viu Maria, que o pescador tá arisco, tá no mar, jogando a rede no mar. Ah! *(Suspirou fundo).*

MARIA

Tu parece com saudade do mar... Ainda com saudade do mar, seu velho tihoso?

MENDONÇA

Um pouco. E tu parece preocupada com o Chiquinho, né Maria? Que foi pro mar mais cedo, sem levar jabá assada e farinha!

MARIA

Tô sim! Não era pra tá? Olha só, o que aconteceu contigo! Quase perde um braço e uma perna por teimosia. Agora, fica o Chiquinho assumindo o barco... isso me deixa preocupada.

MENDONÇA

Fica não, Maria... vida de pescador é o mar.

MARIA

Eu sei, meu velho, mas... não queria essa vida pra ele. Não queria não. De jeito nenhum. Queria que ele fosse um doutor!...Um veterinário!... Mas não um pescador! Isso lá é vida...

MENDONÇA

Pare de sonhar pelo menino! Deus é que sabe do destino dele. Daqui com pouco, demanhãzinha, o Chiquinho surge aí na porta trazendo tucunaré, tainha, pra tu fazer a boia.

MARIA

Tomara, meu Deus, que nada de mal lhe aconteça! Tomara. Porque se outro eu tivesse tu não ia acostumar ele no mar...

MENDONÇA

Que outro, Maria? Cruz, credo! Vira essa boca pra lá. Deixa disso, larga de tua marmota. Bom! O Chiquinho tá é no mar... junto com os outros da ida-de dele. Ora essa!

MARIA

Sabe, Mendonça? Eu tenho para mim que...bem, ainda não me acostumei com a ideia de ver esse menino no mar. (*Visivelmente dramática*). Na verdade, meu velho, tô esquisita...não queria lhe dizer... Mas agora eu digo...Tô com um pressentimento besta de que algo vai acontecer.

MENDONÇA

Que nada! Cuida de passar ferro senão a roupa vai amontoar. Não leve o caso a sério, minha velha. De com pouco ele chega do mar.

MARIA

(Retirando-se para o fundo). Que chega coisa nenhuma! O Mendonça tá é com conversa fiada...

MENDONÇA

(Sorri). Velha, o Chiquinho tá acostumado, quando não tá no mar... o que ele faz durante o dia? Me-diz... tá nos cafundó dos Judas escravatando canoa... ou fazendo malha de encomenda o que a freguesia paga.

CENA 2

(Mostrando os pescadores chegando do mar, entre eles, o Chiquinho trazendo enfiada numa vara cumprida, uma rede de varanda, dentro dela havia um cadáver. Maria fica assustada com o que vê de assombroso. Enquanto Mendonça, apoiado numa bengala, procura reconhecer o corpo. É manhã).

PESCADOR 1

Viu só, meu padrinho no que deu?

MENDONÇA

Custo acreditar no que tô vendo!

CHICO

Mais outro que se escafedeu. Dessa vez, foi o Bento!

MARIA

Nem quero espiar o corpo do compadre Bento....

PESCADOR 2

Tava nós pescando, quando o mar de repente, num abrir e fechar do olho, se enfureceu...com ondas gigantes... mal comparando, dona Maria, parecia uma pororoca... não foi, Chico?

CHICO

Foi sim, mãe! Aí todo mundo caiu do barco e saiu nadando até a praia, mas só ele foi que morreu... depois, o Boca de Sapo disse que o Bento não sabia nada conforme a maré. Me admiro era dele se meter no mar sem condições! Agora, taí, defuntão, feito besta!...

MARIA

Não fale assim! Bem que eu não quero você metido no mar, Chiquinho. O mar é traiçoeiro, é misterioso... inda mais, com essa lua cheia que taí rondando no céu... traz consequências, visse.

CHICO

Ora! A gente morre quando a gente tem que morrer, mãe! Não vê o pai? Teve uma bruta sorte!

MENDONÇA

Nem fale! Bota sorte nisso! Foi preciso ter muito peito, muita coragem. E coragem não ficou pra qualquer um, não!

PESCADOR 3

Já agora de manhã, quando arreliamos o corpo por causa do cansaço, dos estragos de ontem... no fundo, tava a cabeça dele prendida num diacho dumma pedra, por isso tá com enorme ferida aí no cocuruto, pode ver... foi difícil tirar o coitado de lá... deu um trabalho danado.

PESCADOR 1

Quase abrimo os peito, de tanta força... eu e Chiquinho... porque os outros ficaro de presepada, com medo diz-que de encontrar lá embaixo a cobra-grande, algum bicho feroz...

CHICO

Um bando de “cabra froucho”! Nunca vi coisa igual na vida! Em vez de ajudar a gente, ficava de caçoadá na beira do rio...

MARIA

E pra onde vão enterrar Bento Virgílio?

CHICO

Pra lá daquelas bandas da roça onde não há passarinhos daniscos pra catar pedrinhas em sua cova! Senão, vão acabar desenterrando o homem, se a gente enterra ele por aqui perto. *(Maria começa a chorar baixinho).*

MENDONÇA

Chora não, minha velha... fim de pescador é assim mesmo, quando não morre, aleja. Sempre é o mar que lhe tira a vida, quando não tem sossego.

No caso do Bento, foi teimosia dele, se não sabia nadar, por que não foi pescar camarão na margem do rio?

CHICO

Ou tirar turu do pau? que é a melhor coisa pra quem não sabe do mar e da pesca!

PESCADOR 2

Vamos indo, gente! Agora sou eu que carrego um pouco, meio do caminho, carrega tu, viu Chiquinho?

CHICO

Combinado. *(Vão saindo)*. Agora, pé na estrada que o defunto é de ferro, é peso-pesado...era um marra doido!

MARIA

Chiquinho! Deixe de gozação com a morte dos outros! E cuidado com a plantação dos outros por aí seu barqueiro de meia-tigela!

CHICO

(Sumindo-se). Se a gente achar milho dando sopa, a gente assa... que a gente não é besta, não?...

MENDONÇA

Esse Chiquinho tem cada uma! Brinca com a sorte.

MARIA

É, eu tô vendo! E com a morte, também! *(Saindo para o interior da casa)*. Vou passar o café, meu velho.

MENDONÇA

(Acompanhando-a). Viu no que deu teu pressentimento besta? O Bento é que pagou o pato!

MARIA

Que Deus o tenha em bom lugar! Caso contrário: eu tava agora feito louca, chorando pelos cantos...

CENA 3

(Aparece Maria e a filha vendendo na feira, enquanto expõe aos fregueses sobre as condições de trabalho na confecção de paneiros, cestos, objeto de cerâmica etc.).

MARIAZINHA

Não freguês, a gente não tá vendendo caro não... Aqui a gente trabalha com dificuldade porque não... não tem outro serviço, o serviço é esse, né?

MARIA

É sim senhor. Porque é...

MARIAZINHA

Nós tece peneira, nós tece paneiro, aricá, paneiro como se diz... de “zollo”, esses paneiro grande de embalagem... até chegar a vender já o dinheiro já não dá pra pagar esse serviço, né? *(À Maria)*. Fala, mãe... agora é tua vez. Parece que o freguês aí não acredita!

MARIA

Olhe! Ela quer dizer... que aí o cara trabalha pra não sofrer necessidade, né?... É, mas não que dê não, que diga que vai dá pra comprar isto e aquilo, não, é que não dá mesmo!... Isso aqui é só mesmo pra não viver tanto apertado. E com essa arrumação de lua cheia só tem gente em atraso!

(Deu uma risada que quase a dentadura froucha caiu da boca, enquanto o freguês desapareceu entre a multidão da feira etc.).

MARIAZINHA

Cruz, credo! Chega espantou o freguês, mãe!

MARIA

Que espantou nada o que! E que esse filho duma miséria não tem nada no bolso e fica aí enchendo o saco... querendo levar tudo na pixinxá.

MARIAZINHA

Olhe, se abrir mais a boca, a dentadura froucha vai cair!

MARIA

(Quase aos cochichos). E é preciso o povo da rua saber, Mariazinha? Que eu tenho uma postiça!

MARIAZINHA

Só quem não viu, é cego. Olha lá, a cara do Ferreirinha... dando risadas!

MARIA

O que foi? Viu algum mosquito entrando no rabo da mãe?

FEIRANTE 1

Não. Mas eu juro que vi uma dentadura froucha querendo falar..."socorro! me tirem daqui! dessa boca suja!". *(Os outros riram da piada).*

MARIA

Palhaços! Um bando de palhaços fora do circo!

FEIRANTE 2

Heim, dona Maria? Cadê o homem da casa? O seu Mendonça?

MARIA

Se quer saber mesmo, seu égua...tá em casa, coçando o saco! Ou tu quer coçar pra ele em meu lugar?

FEIRANTE 2

Eu? Tás é doida! Inda mais com essa história de Aids por aí em gente velha!

MARIA

Ora te enxerga! Que o Mendonça não é da tua laia, cabra safado!

MARIAZINHA

(Saculejando-a). Ei mãe, freia a língua... aí vem um freguês.

MARIA

É pote grande, freguesa!... pote médio pra vender baratinho, potinho, vaso pra botar flor, moringa pra encher d'água!... galo, galinha, aí enfim, tudo que é qualidade de bicho, a gente faz num preço baratinho!... tem até urinó de barro pra gente velha, freguesa!... suporta uma quantidade de mijo, quer ver? repara... espia... tem fundão, é forte... esse aguenta qualquer peso...
(A freguesa leva o urinó sob o sorriso malicioso da filha enquanto Maria aplica-lhe um beslício no braço).

FEIRANTE 3

Ôpa! Mais outro freguês aqui! Atende lá, cabra, essa outra que vai aí pra ti! Ela tá querendo um aguidá. (*Enquanto atende:*). É que aqui nós somos três sócio, que trabalhamos nesse serviço. Antão sai tudo que é sarandaio... eles têm cabeça boa, né? e aprenderam a trabalhar comigo, até as mulheres trabalham. Hem? Quanto é que custa?... Bom, depende daquilo que quiser levar... Nós aqui tamo sujeito a qualquer forma de exploração. Já escolheu o que vai comprar?... Ôpa! mais um galo pintado e uma galinha predes saindo outra vez!... Anota lá, mulher... vai anotando... Cadê o troco da freguesa, sua lesma?... Pois não, olhe aqui o troco, freguesa!...

FEIRANTE 4

Pode escolher, freguesa!...Vá escolhendo o que quer...enquanto bato um papo aqui com o compadre. Pois é, sumano como eu tava dizendo... A mercadoria antão tá assim numa revolução, num tá? De dia pra dia... Não sei, não sei que é isto. Que num era assim, não... não, não era assim isto. É uma transformação, né? Porque, como diz na Bíblia, né? Que não chegaria a 2000; não foi isso? A gente tá notando ... Os homem não dão mais jeito aqui. O que nós faz aqui na feira não dá... (*Voltando-se para a freguesa*). Pode levar este um, freguesa... Faço barato pra senhora, né? Nem que eu deva mais um pouco na taberna que tem ali...

MARIA

É pra acabar!... É pra acabar!... Tou vendendo tudo baratinho... Nem que a gente saia no prejuízo... Vamos, freguesa!... Escolha o seu jarro de flor!... Ou leve pra casa a sua moringa!...

MARIAZINHA

É pra acabar!... É pra acabar!... Só tem hoje, amanhã não!

MARIA

(*Cotovelando-a*). Que história é essa de “amanhã não”, pequena?! Tu vais morrer por acaso?

MARIAZINHA

Não, mãe. É pra eles comprar logo essa pinóia aí. Mas parece um monte de pão-duro! Olha, olha, fica de botuca em cima, mas não compra... esses porra.

MARIA

Fica calma. Agora a gente vai empurrar no rabo deles o queimado. Divide...separa aí...Vamo pessoal!...Tá quase pra terminar... Leve dois, leve três, só paga dois!... *(A banca fica rodeada de gente)*. Trabalha Mariazinha, mete num saco desse, só vai levar, freguês, porque é promoção da barraca da Maria... só este fim de semana... É pra terminar!... É pra vender tudo!...

FEIRANTE 5

Ei Maria, assim não vale!... Esse é jogo sujo! O queimado só vai apurar depois que queimar bem no forno, né? E tás aí passando pra trás o freguês! Assim não dá.

MARIA

Olhaqui, seu boca de trapo...quem manda na minha barraca, sou eu, tás ouvindo! Vendo como quero. Ofereço como posso. E leva quem achar que deve. Ora essa: Vai pentear macaco!

FEIRANTE 1

É pra acabar!... É pra acabar!... Somos nós, os irmãos Barbosa, melhor do ramo... nós não temo trabalhador, é nós mesmo que faz... É pra acabar, freguesa!...

CENA 4

(Ouvem-se o cantar do galo ao longe e dos pássaros aqui perto e zuada de motor de embarcação penetrando entre ilhas do Rio Pará. Em casa, Mariazinha penteia os cabelos de Maria, enquanto Mendonça coloca fumo no cachimbo e Chico vai tecendo uma tarrafa. É fim de tarde.)

MARIA

Hein Mendonça, o doutor falou... todos tão falando aliás... que será em Barcarena a maior indústria do Brasil, a indústria de alumínio...

MARIAZINHA

É pai. O doutor falou também, né mãe? Que tudo vai melhorar... Disse que muita gente vai pra Vila do Conde trabalhar com alumínio...

MENDONÇA

Eu sei, filha, eu sei... Já me disseram que vai ter muito trabalho... trabalho pra todo mundo.

MARIAZINHA

Olhe, o pai da Rosilda, o seu Viana...já foi pra lá, com mala e cuia.

CHICO

Assim? De vez?

MARIAZINHA

Foi. Ah, pai... bem que a gente podia ir pra lá, também.

MARIA

Hum-hum. Hein Mendonça, trabalhador como tu é... vai tirar aquilo de letra. Se tu for, meu velho, eu também vou... e levo Mariazinha comigo... *(virando-se para ela)* ela já moça, né filha? Já pode enfrentar serviço por aí.

MARIAZINHA

Tu vai, pai?

MENDONÇA

Não sei ainda.

MARIA

Por que não tenta?

MENDONÇA

Às vezes penso nisso, noite e dia, mudar de vida... mudar de rumo... noutras vezes, penso que é um negócio arriscado...

MARIA

Ora! Arriscado por que, meu velho?

CHICO

Eu também acho, viu pai. Sei não... acho uma besteira sair daqui.

MENDONÇA

Porque... Porque a gente é caboclo de terra e mar... não se acostuma noutro serviço diferente, acaba perdendo a roça e pesca... aí vai mudando de hábito... vai viver depois de que?... de brisa?

MARIA

Ah! meu velho!... mas o doutor falou que a fábrica vai trazer progresso.

MARIAZINHA

É, pai... O doutor falou que a vida lá vai ser melhor do que esta aqui... que a...

MENDONÇA

Chega! Chega.

MARIAZINHA

Ui! Que susto! Credo, pai...

MENDONÇA

O doutor falou... porque o doutor falou... Chega de falar tanto em doutor!

MARIA

Tá bom. Já não tá mais aqui quem falou, pronto.

MARIAZINHA

Nem eu!

MENDONÇA

E vê se cala esse bico, também! Me deixem pensar um pouco, pelo amor de Deus! Pensa que é fácil tomar uma decisão agora, só porque o doutor falou em fábrica, em progresso?...

MARIAZINHA

Tá bom, pai... Não vou mais abrir o bico não, poxa!

MENDONÇA

E nem deve! Você é uma criança, ainda não entende dessas coisas da vida.

CHICO

O senhor tem toda a razão sobre a Mariazinha, pai. Mas quem manda eles botar essas caramiolas na cabeça do povo?

MENDONÇA

Ora! Ora! O doutor não sabe nada da gente simples do interior. Nada. Absolutamente nada. Nada vezes nada. É o que sempre digo pra essa raça!

CHICO

Por isso mesmo que eles não deviam encher o povo de esperança!

MENDONÇA

Aquilo que é progresso pra eles, não é progresso pra nós, né não Maria?

MARIA

Não sei... Não sei de nada.

MENDONÇA

Ô mulherzinha estúpida! Burra!

MARIA

Já disse! Não tá mais aqui quem falou... Se quiser conversar de hoje em diante, conversa com o Chiquinho, seu mal agradecido...

MENDONÇA

Era só o que me faltava! Pois foi assim que morreu Neves! *(E foi se refugiar perto do filho)*. Essa tua mãe é um caso sério... é uma cabeça oca... osso duro de roer.

MARIA

Ora! Tu não é o dono da casa? Pois então. Tu é que deve pensar nisso, decidir as coisas e não eu! Já me basta o aperreio da feira aos domingos! Pra gente encher o rabo a semana inteira!

CHICO

Oh, mãe! Que negócio é esse? *(Levantando-se um pouco)*. Pois eu acho e concordo com o pai que a gente deve pensar no assunto, sim, senhora. Não é só o pai não, é todo mundo... tô de pleno acordo com ele. Se a gente for para lá, veja bem, nós como operário, peão no duro, mesmo, nós não temos vez, não temos progresso não, mãe... é mentira deles. Mãe... o nosso progresso é pegar o nosso troco, pegando canelada... pegando chute no traseiro e indo embora pra casa, com sua roupinha debaixo do braço, indo embora sem direito algum... aí só a passagem e cai fora. É isto que fizeram com a família do Lourenço...

MENDONÇA

Tá certo, filho. E isto que a gente espera dessa gente...

CHICO

Agora pra eles pode ter o progresso, né? Que eles são podres de rico! Mas pra nós, ó, fiau babau cachimbo de pau... neça de grana, nada de riqueza... nem depois de morto. *(Voltando ao trabalho)*. Prefiro essa vida aqui, tá vendo? Porque essa me garante viver sem me arriscar muito!

MENDONÇA

O Chiquinho tá coberto de razão! Mas a Maria é assim, sonha acordada... sonha alto com que não deve. Nem pode!

MARIA

Bom, tua cabeça é teu guia... se precisar do meu palpite... tô disposta a dar, e tu já sabe qual é. Deus que me perdoe pelo que eu vou dizer... que pode ser uma ignorância minha... mas desde quando os homem foi à Lua ela só tem servido de estrupício na vida da gente!... É morte pra cá, é miséria pra lá... parece não acabar mais. Cruz, credo!

MENDONÇA

(Abraçando-a com afeto). Que nada, minha velha! Aquilo tudo foi uma presepada do homem. A lua, mesmo, coitada, não tem culpa de nossos destinos aqui na Terra.

MARIA

(Duvidosa). Não tem? Tu é quem diz que não tem! Basta ligar rádio pra ver as coisas como estão por aí no mundo!... Parece que o mundo tá virado do avesso!... Do jeito que tá, é só Deus mesmo que pode melhorar... Num tá vendo logo que a mercadoria sobe de hora em hora?... E pra plantar, não tem mais terra pra plantar... Tamo é fuzilado, mesmo!

CHICO

Sabe o que eu acho? A mãe anda ouvindo muito a Nena Martins no rádio... por causa do horóscopo, viu pai. *(Gracejou)*. Aí a mãe fica assim impressionada, cheia de medo... *(Riu)*.

MARIA

E fico mesmo! Não nego.... Qualquer dia a gente vai num terreiro desses pra saber do futuro da gente...

MARIAZINHA

(Ao terminar o penteado). Pronto, mãe. Tá bonitinho.

MARIA

Depois vou ver essa marmota no espelho. *(Ao marido).* Quer um cafezinho, meu velho, enquanto espera a janta aprontar?

MENDONÇA

É bom.

MARIA

Mariazinha, minha filha, traz de lá uma xicrinha de café pro teu pai... *(Ao Chico)* tu quer também, filho?... *(Chico sacode a cabeça confirmando um "sim")* antão, traz duas... O bule tá aquecendo na beira do fogo. *(Pausa. Enquanto Mariazinha vai e volta com o café).* Agora, filha... dá lá um sopro nas cinzas e coloca mais carvão no fogo pra amolecer aquele feijão...

MARIAZINHA

.... Só tá com água e sal.

CHICO

Ih! Então não é pra hoje!

MARIA

Mas menina tu és doida. Quando é que tu vai aprender a cozinhar? Anda, logo, pequena... corta aquela jabá que tá no panelo e põe dentro da panela!

MARIAZINHA

É preciso escaldar?

MARIA

(Fazendo cara feia). Mas Mariazinha!...

MARIAZINHA

Poxa, mãe, custa responder?

MARIA

Claro que tem que escaldar, Mariazinha!... Onde tu já viste o diabo da jabá ir pro fogo sem escaldar?... Vê se aprende, pequena... Toma jeito de gente... Não me atenta, cão... Não atenta!

MARIAZINHA

E eu tou atentando? Credo! *(Sai batendo o pé e coçando os piolhos da cabeça num gesto de aborrecimento e preguiça)*. Nessa casa é assim, todo mundo vira bicho quando pensa em comida.

MENDONÇA

Não tem jeito. Essa menina tá cada vez mais preguiçosa!... Qualquer dia desses dou-lhe uns tabefes.

MARIA

Deixa Mariazinha de mão... com o tempo, ela aprende... inda tá muito cedo pra criar jeito de moça... agora que os peitinhos tão querendo aparecer. Parecem dois limõesinhos, meu velho... *(E riram juntos quase em silêncio)*. Mas ô pequena atentada essa Mariazinha, credo! Sabe o que ela me aprontou hoje na feira? Fez todo mundo descobrir que eu uso dentadura postiça! Vê se pode? O pessoal depois ficou rindo da minha cara.

MENDONÇA

E tu fica aí passando a mão na cabeça dela!

MARIA

Paciência, meu velho. Paciência. Se a gente não fizer por Mariazinha... me diga então, quem é que fará?... Depois não adianta negar que eu tenho uma postiça mesmo! E olhe que eu não sou a única no mundo! Porque o que tem de dentadura falsa por aí vou te contar...

CHICO

Tá bom, mãe. Tá explicado. Agora vá ver aquele feijão senão, não é hoje que a gente janta. *(Maria sai de cena)*.

CENA 5

(Tempo. Mais tarde. Na casa de dona Maria, Mendonça recebe a visita de um compadre que, em benefício do Progresso, perdeu o roçado de cana-de-açúcar, ambos conversam à luz da lua, enquanto o outro vai dando seu dramático depoimento. Chico e Mariazinha estão fora da cena.).

MARIA

E como foi isso?

COMPADRE

Olhe... pra falar a verdade é o seguinte: um roçado desses, a gente roça ele, derruba, planta. Só então depois de plantado, vem a primeira capina. Capina. Com as forças da gente, se não quiser ser aviado do engenheiro. Aí dá a segunda capina. Aí fica pronto o roçado.

MENDONÇA

Aí espera ele um ano, amadurecer.

COMPADRE

É, quando completa um ano, a gente corta ele.

MARIA

Aí passa pro engenheiro.

COMPADRE

Foi o que aconteceu comigo, né?

MENDONÇA

É uma merda!... Tá vendo, Maria?... como é que é feita a coisa?

COMPADRE

Vamo dizer... se der... como esse um aqui deu 47 frasqueira, que corta e vende pra ele, né?

MENDONÇA

Isso é exploração. Exploração de seu trabalho, homem. Apropriação de parte da sua produção pelo proprietário do engenho... ou “patrão engenheiro”.

COMPADRE

Como? Não, o proprietário sou eu... sim senhor... o terreno é meu. Posso vender pra qualquer engenheiro, não tenho compromisso com ninguém... é força, é feito com minhas forças, compadre... Não... Esses cara não vão me tomar assim...

MARIA

Se é que já não tomaram! *(Saindo de cena)*. Tenho dito e torno a dizer... isso é a lua que tá mexendo com a cabeça desse povo... que tá agora querendo se vingar do que fizeram com ela tempos atrás... *(De pé na porta do corredor)*. Ela, através do homem, através de horas, vai acabar com esse mundaréu...

COMPADRE

Será, comadre Maria?

MENDONÇA

Liga não, compadre!... Isso é mais crendice da Maria!...

MARIA

Abra o olho, compadre Tomé... essa gente não mete a mão em cumbuca. Tô avisando... *(Sumiu-se)*.

COMPADRE

Disso eu sei!

MENDONÇA

Pra mim tem jogada suja nisso!

COMPADRE

Não, não porque é o seguinte: dessas 47 frasqueira nós só têm a metade, sabe? e além dessa metade, pra nós, da nossa parte, ainda tem que tirar ainda o corte.

MENDONÇA

Pois então, compadre! É aí que eu quero chegar... como disse a Maria ainda a pouco, abra o olho! Porque tá havendo, compadre, com o senhor, a mesmíssima coisa que aconteceu com o compadre Serafim: apropriação do produto do seu trabalho pelo patrão-proprietário do engenho de cana.

COMPADRE

Ora bolas! Eu queria saber qual é o meio do engenheiro ter esta parte na lavoura da cana que a gente trabalha; de ter uma sociedade com a gente. Se a gente produz 100 frasqueira de cana, por que só é a parte da gente 50... 50 frasqueira?

MENDONÇA

É nessa parte que ninguém tem condições de trabalhar, porque o tal engenheiro fica com essa parte pra ele *(que não é besta)*. Aí não tem como nem meio de trabalhar mais. Perde tudo ou quase tudo. Como foi o caso de uns e de outros que já no fim não tivero casa, nem chão onde cair morto.

COMPADRE

Isto é verdade!

MENDONÇA

Deu pra entender agora, compadre? *(Fez silêncio. Como se não estivesse entendendo nada, passou a mão na testa, num gesto de preocupação)*. No final das contas, quem fica cheirando a vara do Batista? *(Riu levemente)*. É o senhor!... Isto se bobear muito... como vem fazendo. *(Ruídos de pássaros e sons ambiente vão envolvendo Mendonça, abafando sua fala nas finais etc.)*.

CENA 6

(Tempo. Enquanto isso, em outro plano do palco, surge a figura imponente de um dos políticos da comunidade local, em cima dum palanque armado em praça pública e o povo a ouvi-lo contritamente.)

POLÍTICO

Se tem alguém, meus senhores... se tem algum lugar de Barcarena a ter prioridade, terá a Vila do Conde, que foi fundada em 654. Viva a Vila do Conde! Viva portanto o progresso, meu povo! *(Alguém na plateia responde "MORRA")*. E se eu for eleito, prometo, dou minha palavra de honra: farei desta comunidade a mais rica, o povo mais farto da região! Podem escrever o que estou dizendo. *(Em meio a gargalhadas sonoras)*. Será o povo mais farto da região! Tenho dito.

POVO

(Revoltado). Quem tem culpa da falta do verde aqui é o governo, certo?... O Presidente, porque...porra! ele aceita as multinacionais, meu irmão.

- É isso! Então, por que ele não dá um apoio pro que é nosso, certo? E nosso...Eu digo nosso, porque estamos aqui trabalhando com elas.
- Pois é... Então, poxa, a coisa é nossa, né, é Brasil cara, certo?
- O engenheiro não tem culpa... Agora o Presidente tem! Ele devia era esquecer a opinião dele e olhar pro coração dos peões. Até parece que virou moda, porra, qualquer um Presidente que senta lá na cadeira acaba botando quente aqui no cu da gente! *(O povo riu).*
- E mais, quem trabalha, quem sofre numa obra? É o “orelha seca”!... O peão, cara! Que constrói, e não goza daquilo que fez!
- É como vai acontecer aqui... Depois que concluirmos isso tudo, a gente vai ser jogado fora... vai ser barrado na entrada... Vai-te embora pro teu Estado! Porque aqui vai ser região d’eles, só dos barões... com licença da palavra, dos que têm pica grossa... *(Os outros caíram na gargalhada).*
- É isso! Você faz, pô! Ali você dá o sangue, ali morre, pode ver... Já caiu muita gente n’aquela obra, entende? E ali se acaba! Quer voltar ali, no lugar onde o sangue dele tá! Larga-lhe uma porteira como fizeram na SER-MECO... Não, agora você não pode passar aqui... Já fui funcionário, doutor!... Não, não pode mais passar...

POLÍTICO

Apoiado, meus irmãos!

POVO

- Que apoiado coisa nenhuma! Apoiado em quê?
- A gente tá é fudidão nessa terra!
- Cai fora do palanque, seu palhaço!
- Vai procurar voto noutro lugar! Seu filho duma égua!
- Chega de engurupir a gente... O valor da gente não conta pra vocês, cara...

POLÍTICO

Como não conta pra nós? O Governo não tem, em parte, na medida do possível, atendido suas reivindicações? Agora, cá entre nós aqui, vamos e convenhamos: não é interessante o Governo atender uma montanha de pedidos desse negócio de muito peditório em cima dele, gente.

POVO

Mas a gente votou nele. Se ele tá lá sentadinho na cadeira dele, é porque graças ao povo que elegeu ele, cara... Ele tem mais é que atender o povo, de receber o povo no palácio!...

POLÍTICO

Tá certo. Mais do que certo. Também concordo que ele deva recebê-lo, e por que não? Mas observem uma coisa. Tá certo. Todo mundo votou. Tudo bem. Mas o Governo além de suas obrigações oficiais de praxe, não tem, a meu ver, obrigação nenhuma de manter em ordem a nossa casa... ninguém, nenhum de nós, deve achar que ele tenha essa obrigação única de dar tudo... de manter em ordem a casa de todo mundo, já pensou! Afinal, a casa é sua...portanto, é você quem deve dar seu jeitinho pra mantê-la arrumada, né não? Pensem nisso também.

POVO

- Mas tudo tá falhando, cara... Depois das eleições e do fracasso do plano cruzado, tudo mudou na vida do brasileiro... tudo tá falhando bem dizer até nos políticos do País...
- Depois não foi à toa que o povo, os deficientes e os analfabetos de todo o Brasil foram às urnas no dia 16 de novembro de 1986. Agora, se quiser puxar o saco deles, aí tem o troco merecido!

POLÍTICO

O mestre aí há de convir também que foi um grande feito o dia 16 de novembro, foi ou não foi? Foi porque foi o ano em que o povo alcançou sua autonomia popular e foi, sem sombras de dúvida, um momento histórico neste País!...

POVO

- E de decepção também!
- Cara, se o povo soubesse antes, né? das armadilhas que preparam... da sacanagem que tinha por trás dos votos... não tinha ido às urnas nem por decreto! quanto mais pra eleger safado!

POLÍTICO

Calma, gente... Vamos com calma, pessoal... muita calma, manerem um pouco o linguajar de vocês...

POVO

(Aos berros).

- Calma com a politicagem vergonhosa contra a gente?
- Calma com a fome corroendo nossos ossos?
- É isto mesmo! Queremos fartura!
- Queremos o Brasil dos brasileiros!...

CENA 7

(Tempo. A velha macumbeira do lugar vem lá dos fundos da casa, carregando uma bacia cheia de roupa enxaguada e vai estendendo no varal da existência enquanto fala e repara de quando em quando na rede o neto que está dormindo.).

MÃE MARIA

Diacho. Um monte de cueiros enxaguado. E um menino preto mijão! É o tiçãozinho da vovó, dormindo um sono do tamanho do verão!... Espia... como é que esse danisquinho dorme: com a bunda virada pra Lua! Diz que já faz pose de macho que tá montado em riba de fêmea. Hum! Isso, quando crescer, ficar homem, e puxar ao finado pai dele, que era doutor veterinário, chuiii!...vai é meter o dedo em tudo quanto é buraco! *(Soltou um riso abafado)*. Benza-te Deus, meu Benedito! Tu tiveste sorte de ter nascido neste século, senão...em épocas passadas, tava era frito! Era logo criado na senzala ou era chicoteado no tronco de Ipê. Bom, na sua dormida cuida você...eu, na minha ida pro congá... porquanto esse molando velho vai cumprir missão que me dero...vai receber o "santo" na varanda, no piqui. *(Ajeitando o neto na rede)*. Cuida de dormir sossegado, meu Bené... Vê se tu sonha sonhos bonitos! Que tua vó vai sair. Vai atender essa raça... esse povo sofrido e judiado de discriminação até hoje!... Como se as senzalas, os quilombos, troncos de Ipê, as chibatadas fossem agora janelas de vidro.

CENA FINAL

(É noite de lua cheia. No terreiro da Mãe Maria, a corrente de mediuns, a presença da família de Mendonça que vai consultar o "santo" que baixará no piqui).

MÃE MARIA

Vamos cambada!... Mexam-se!... Não quero ninguém com moleza. E nem ninguém com frescura aqui dentro. Hoje quero que esse tambor acorde o silêncio da noite escura e sossegada onde lacrimejam as estrelas!... Que-

ro mostrar presse povo como é que se báia... Quero mostrar no rodado da minha saia aonde se esconde a lua de barro. A Lua de Aruanda. Vamos lá, pessoal!... Faz a chamada pro santo que Mãe Maria já tá prontinha. Vamos lá, abatazeiro, cuida, cuida, saúda o terreiro. E já! *(Aqui rufam os tambores. A cerimônia do candomblé vai começar. A coreografia toma conta do espaço cênico, se preferir, com a participação especial de um "terreiro" autêntico para dar beleza e magia ao espetáculo folclórico, ao mesmo tempo, permitindo e facilitando a participação direta dos atores).*

VOZ MASCULINA

(Puxando o canto). Oi Mãe Maria, cadê Pai José? *(Repete 2 vezes).*

CORO

(Responde, cantando). Cadê Pai José?... *(Repete três vezes).*

MÃE MARIA

Oi ele tá no fundo do mar catando camucitê... *(Repete 2 vezes).*

CORO

(Idem). Camucitê camucitê camucitê!...

Oi diga a ele pra quando vier *(Bis)*

Firmar o "ponto" e bater o ganzé *(Bis).*

MÃE MARIA

(Ensombreada). Eu vou dar uma consulta...

CORO

(Sacudindo os maracás). Ôôôô!

MÃE MARIA

.... Com meu Pai, meu Pai... José.

(Aqui rufam mais forte os tambores esquentando a coreografia etc.).

CORO

(Cantando). Quero saber se é mandinga

Se foi feitiço feito

Dentro do candomblé...

(Repete várias vezes até "baixar o santo" no congá, diante do piqui).

MÃE MARIA

(Queda hirta o corpo, tomando a postura de preto velho).

Na fé de zambi mi zam fio, hê-hê.

TODOS

(Saudando-o). Saravá, meu pai.

MÃE MARIA

(Com voz de preto velho). Êh, êh. Saravá...

MARIA

(Ao referenciá-lo). Meu pai, que devemos fazer, nos ajuda. A gente quer saber quem fez o feitiço pro Sarney não sair *(citar nome local)* e quem está contra nós: se é ele ou é o gringo, enfim...

MENDONÇA

Diga, Pai José... Quem é que tá por detrás dessa cornada toda...

UMA MULHER

Será que a causa de tudo isso que tá acontecendo é a Lua? que mexeu com a cabeça dos nossos políticos!

MÃE MARIA

Chiiii!... Mi zam fio...a mandinga foi feita mermo no candomblé, cum sangri din Crito, cum sete bango na panéra...Chiii! Cum brodim preto, mi zam fi... Óia cafioto, esse púvo, deve de tomá um discarrego todo dia... cum sarsa do mato, sal, pimenta malagueta, mastruse... pega entonse esse negôcê-ro todo e toma banho fio... adispois, o púvo acendi 3 vera na incruzilhada, e mais 3 de sete dia, dentro de casa. Que a sorte vorta já presse púvo.

MENDONÇA

Mas quando? No dia de "São Nunca"?...

MÃE MARIA

Num quero nem sabê. Si num fizé, hum, vai tudo virá de cabeça prá baixo. Vai sê cobra ingolindo cobra. Vai sê inferno e danação daqui por diante. Êh, êh. Mi zam fio, já cumpri missão, já vou subí. O púvo vai ficá bão dessa bichêra toda... tem fé mi zam fio, acima de Deus, ninguém.

MARIA

Mas como, se tem alguém mandingando. Fazendo coisa que não deve. Prejudicando a gente a torto e a direito. Diga, quem é?

CHICO

A mãe também desconfia da Lua, mas eu acho que não, não é ela não. Pra mim, são esses caras safados da política.

MÃE MARIA

Chiiii!... *(Arregalou os olhos de espanto).*

MARIA

Quem foi...?!

OUTRA MULHER

Fala, pai José! Já tô é agoniada com isso!

MÃE MARIA

Mi zam fi... esse negocêro foi aqui na lua de barro... foi lá naquele negocêro da Praia do Lençol... e foi o ôme da Nação, prá mode amolestá as raça... branco e preto.

MENDONÇA

Ah! eu logo vi! Que esse negócio tinha que ser “feito” no Maranhão.

CHICO

Na moita. Às escondidas. Eis porque ele viaja tanto para lá com tanto pretexto de projeto, visitinha etc.

MARIA

Eu sabia! Que entre outros poderes, existe o poder da macumba naquele planalto.

MÃE MARIA

Mi zam fio...

MENDONÇA

Fale, pai José!

MÃE MARIA

Esse cafioto de planarto vai pegá estopim e vai incendiá seus o que... vai virá bicho... vai...

TODOS

(Desmaiando). Ooooooh!

MÃE MARIA

(Ri levemente). Ô puvozinho fio da puta de fraco! Vôte. Púvo esse passado de fômi. Vai é virá cupim. Agora, vou subí. Inté.

CORO

(Cantando a "despedida").

Adeus, adeus,

Adeus Pai José *(Bis)*

Leva a mandinga feita no candomblé! *(Bis).*

FIM

EU PRECISO
FAZER
ALGUMA
COISA POR MIM

Eu preciso fazer alguma coisa por mim

1994

PERSONAGENS

(Pela ordem de entrada)

Chagas, Flor, Alair,
Zuila, Rafael, Alabar,
Barbina, Cláudia, Rapaz,
Moça, Maneco e Júnior

TEXTO

Conta em breve pincelada a história de um triângulo amoroso entre um homossexual, um macho de verdade e uma mulher. Flor (homossexual) personagem polêmico que não consegue levar sua vida até o fim ao lado do homem (Chagas) que ama e tenta a morte. Pergunta-se muito: é possível haver esse tipo de ligação entre dois seres do mesmo sexo, sem que haja a atração para o absolutamente sujo, desumano e cruel? Vale ressaltar que no decorrer dessa história dramática há uma relevante preciosidade a partir do relacionamento de tal homossexual, o Flor, com seu melhor amigo, Chagas, um garoto de aluguel, longe de pintar o quadro com as tintas de apelações fáceis e imorais como querem alguns, a exemplo da bicha (Alabar) que distorce os valores humanos.

CENÁRIO

Um quarto de um apartamento kit-net e uma praça onde percebe-se ao fundo o Bar do Parque e movimento de criaturas da noite etc.



CENA 1

(Chagas desperta com o Flor abrindo a janela do quarto).

CHAGAS

(Espreguiçando-se). Huuuuuuummmmm....

FLOR

(Feliz). Bom dia, meu lindinho... bom dia flor do dia...

CHAGAS

Bom dia, bom dia, minha Greta Garbo tupiniquim da cor do açaí...

FLOR

(Imitando alguém do cinema). Oh! mon'amour my cherry! Patê decy pachully...

CHAGAS

(Ri). Puxa vida. Como dormi esta noite.

FLOR

Feito uma criança que vai pra cama depois de uma traquinagem.

CHAGAS

Por que não me acordou? Não gosto de dormir assim. Preciso fazer meu cooper na praça, coisinha.

FLOR

Acho melhor não. Agora não. Outra hora.

CHAGAS

Tá legal. Por mim, eu passava o dia todo nessa cama.

FLOR

Viu só? Adivinhei. Quer tomar o café aqui no quarto?

CHAGAS

Aqui no quarto?

FLOR

Chic não?...

CHAGAS

(Encabulado). Bom, se fosse minha mãe me daria um puxão de orelha, mas se você quiser me fazer esse favor, até que agradeceria...

FLOR

Gracinha. Claro, né meu lindinho. É pra isso que servem os amantes.

CHAGAS

Deixa de graça. Tá me deixando encabulado.

FLOR

Afinal de contas, quem é que manda aqui? É o meu lindinho. E eu, a mais veterana, a mais, mas o quê? bom, lhe devo obediência.

CHAGAS

Ah, Flor... Não exagera... Só tô passando uma chuva aqui.

FLOR

Eu sei. E que chuva! A mais forte, a mais inundante, a mais tempestuosa, a mais relampejante... Não é exagero nenhum, meu lindinho... Que exagero nada!... Minha criança, a gente tá no mundo pra servir. Servir qualquer coisa, mesmo aquilo que não presta, ainda mais quando a situação é investida, aí que a obrigação se redobra, vira michê.

CHAGAS

(Ri). Mas tu és de morte. Égua meu. Tu és flórida, Flor.

FLOR

Um minutinho, meu lindo amado, vou buscar seu café já-já. *(Sai)*.

CHAGAS

Tá bom, sua matraca. Traz logo que tô sedento de fome.

CENA 2

(Os mesmos e a refeição da manhã).

FLOR

(Volta, cantando).

“Já paguei todos os pecados meus
e meu pranto já caiu demais
Eu lhe peço pelo amor de Deus
deixe-me viver em paz...”

CHAGAS

(Aplaudindo). Bravo! Que belo! Bravo!...

FLOR

Ó, nada de caçoadas. Detesto baixaria.

CHAGAS

Eu gosto quando você canta. Adoro te ouvir. Me faz bem.

FLOR

Mesmo?

CHAGAS

Me faz lembrar minha mãe. Ela adorava cantar essas músicas na beira de tanque, lavando roupas...

FLOR

Ah! Agora quem tá exagerando é você. Esqueça. Tome seu café. Desta vez caprichei pro meu lindinho. Um café como você gosta, acompanhado de bolinhos fritos de fubá.

CHAGAS

Tá legal. Valeu. Coloque a bandeja, aí, em cima da mesa, enquanto escovo os dentes. *(Atravessou nu o palco indo ao banheiro).*

FLOR

Nossa, Chagas! Que coisa mais descomunal! *(Observou no outro).*

CHAGAS

(Ri baixinho). Isso, é tesão de mijo. Não carece ficar com água na boca não, que isso aqui, já tem dona...

FLOR

Quem? Posso saber?

CHAGAS

Esquece. Isso é assunto pessoal meu. Não te diz respeito.

FLOR

Se é assim... *(Toca a campainha e vai atender à porta).* Oi...

RAPAZ

O jornal. *(Adentrando).* Posso entrar?

FLOR

Hoje não. Hoje não dá. Ele tá em casa.

RAPAZ

Quando então?

FLOR

Deixe-me ver...na quarta-feira, quarta não, sexta, tá bom?

RAPAZ

Tá. Mas olha, se tu falhar, vou te dedurar pro cara, aí tu vai ver só o pau que te roça. Discola uma grana pra mim...

FLOR

Toma, toma. Cai fora daqui. Depois a gente se encontra.

CHAGAS

(Reaparece já vestido). Quem era?

FLOR

Ui! Que susto!

CHAGAS

O que houve? Alguém parecia conversar com você. Lá de dentro deu pra ouvir uma voz masculina...

FLOR

Era o jornalista. Trouxe o seu jornal. *(Sentou-se na cama dele).*

CHAGAS

(Desconfiado). Espero que não seja mais uma das suas armações limitadas...

FLOR

O jornalista. Ele falou que você deve a ele 500 paus e eu fiquei estupefata. Que eu saiba você nunca deveu nada a ninguém, quanto mais a um jornalistazinho de meia-tigela. Magina! O meu lindinho “difamado” por aí, por causa de 500 paus.

CHAGAS

(Transmuta). Com licença... *(Fê-lo levantar da cama).*

FLOR

Que foi?

CHAGAS

Faz favor. Senta acolá na cadeira.

FLOR

O que houve? *(Não obteve resposta).* Essa eu não entendi.

CHAGAS

Já te falei, Flor, mais de cem vezes, não senta na minha cama sem antes lavar esse teu rabo. Cama minha não é lugar pra ninguém sentar-se, porra, a não ser eu mesmo.

FLOR

(Murchou). Mal agradecido. Pois devia era lamber meu rabo em lugar de discriminá-lo com etiquetas idiotas e fajutas.

CHAGAS

(Com deboche). E pode?...Ora não força! Tu não tá vendo que é falta de educação...

FLOR

Olhaqui meu lindinho, eu sei disso. Mas eu não ligo pra esse tipo de frescura. Tô sempre me sentando em qualquer lugar: me sento no pau, me sento na vara, enfim, em qualquer espeto, fino, grosso, comprido, estileto de toda espécie... pra mim, tanto faz, como tanto fez.

CHAGAS

Pouca vergonha.

FLOR

Meu lindinho, a gente é o que é. Uma coisa só. Quando morre, vai todo mundo pro mesmo buraco.

CHAGAS

Tudo bem, tudo bem. Por favor, já vi que com você não será preciso falar mais nisso, mas pelo menos, me deixe tomar meu café sossegado... e ler meu jornal também, né Flor.

FLOR

Ora bolas! Vai querer me esculhambar agora por causa de uma tolice que sua finada mãezinha colocou na sua cabeça de vento?

CHAGAS

Ha-ha. Fala, fala, mas não mete a minha mãe no meio de tua sujeira.

FLOR

O quê? Suja, eu? Mas eu não tô dizendo! Só me faltava essa agora! Olhaqui, seu cara de pau, por acaso o senhor tem alguma ferida na bunda, alguma doença contagiosa, que eu não possa sentar-me na porra desta cama?

CHAGAS

Acontece que o problema aqui não sou eu...

FLOR

Não? Quem então?

CHAGAS

Você. Acho que não entendeu o que eu disse. Mas vou te repetir mais uma vez, minha Florzinha do pantanal: NÃO SENTA MAIS NA PORRA DA MINHA CAMA.

FLOR

(Assustado com ele). Ai, credo. Ainda a pouco tive a sensação de que iria me virar do avesso.

CHAGAS

Não brinca, não brinca. Tô falando sério, cara.

FLOR

Ora vá pro inferno você e suas manias! Pouco tô ligando pra isso. A gente não vale nem a metade do que pesa, quanto mais aquilo que o gato enterra.

CHAGAS

Pare com isso, Flor. Não estrague o meu café. Ontem foi legal a nossa curtição, foi tão...não estrague tudo, Flor... *(Pausa)*. Não quer tomar café comigo? Me acompanhe no café!

FLOR

(Fazendo charminho). Esqueça o que eu disse.

CHAGAS

Vem cá, senta aqui do meu lado...Anda, vem cá...

FLOR

(Idem, idem). Isso é uma ordem ou um pedido?

CHAGAS

Uma ordem. Sabe Flor, no fundo, no fundo, você tá coberto de razão. Você sempre tem razão. Eu é que não consigo ficar ligado no que falas com tanta franqueza.

FLOR

Esqueça. Não vamos ficar aqui jogando confetes um no outro. Eu é que não presto, não valgo nada, a minha vida é um palco: tô sempre representando, sempre fingindo, sempre uma máscara.

CHAGAS

(Dá um beijo na testa dele). Não diga isso. Você é um cara cem por cento.

FLOR

E o senhor com essa sua mania de grandeza me deixa meio confusa, esclerosada, sem saber como agir. Fico com a cabeça ó embaralhada. Não consigo me controlar, nem raciocinar. Credo, Chagas, tô ficando caidinha, caidinha.

CHAGAS

(Convincente). Isso é paixão.

FLOR

Por você?

CHAGAS

Sim. A gente vê nos teus olhos, Flor. Todo mundo já sacou.

FLOR

Cruzes. Me valei minha Mariana nas profundezas das águas. Saravá. Axé, minha mãe lindinha.

CHAGAS

(Insiste). Só me diga uma coisa. Como tudo começou e como tomou a decisão de trazer, de arrastar o gostosão aqui, pra cá? e na frente da Mônica!

FLOR

(Afasta-se dele). Pois é, lindinho, agora é que me toquei, a gente vai perdendo a vergonha na cara. Perde o caráter. Começa a perder até o cabelo da venta, não é mesmo? Vê se pode!

CHAGAS

Mas que coragem a tua de mexer logo com a Mônica que é doida por mim... Tiveste um peito, olha, que peitar a Mônica, não ficou pra qualquer bicha...

FLOR

Mas eu não sou uma bicha, lindinho, sou uma lady... chiquerrima, educaderrima... As outras morrem de inveja dessa zinha... Magina! Nunca fui de marcar touca, nem de correr atrás de homem, queridinho, não sou prostituta. E olha que naquela época eu tinha uma vergonha danada de você, uma

certa timidez, quando pintava lá no clube. Aí eu falei pra mim: Flor, será este ou nunca...então desfolhei, mal-me-quer, bem-me-quer... deu em você.

CHAGAS

É, Flor, costume de casa leva à praça. Hoje você tem a petulância de desrespeitar meus sentimentos. Perdi a Mônica, e me tornei um garoto de aluguel.

FLOR

Será que precisa tocar de novo nesse assunto, Chagas?

CHAGAS

Continue. Fique com ele um pouco. Faça-o feliz. Eram as palavras de ordem e eu fui me acostumando com isso... pegando grana dos caras, presentinhos, relógios, sapatos, piscinas, tudo gente granfa... viagens lindas, inescutíveis... Para o garotão pobre do subúrbio, tudo aquilo era novidade, inclusive a grana, o luxo, a orgia... então, eu precisava fazer alguma coisa por mim, foi quando conheci você no Carnaval do Bar do Parque no meio de uma bicharada descarada e sem vergonha, onde você, por sinal, era o único que se destacava da turma. Aí te ofereci um saco de pipocas, lembra?

FLOR

Foi um gesto muito bonito da tua parte. *(Lacrimou emocionado)*. É o tempo... Ou eu tô virando uma manteiga... Ih, xô, xô! Manda a tristeza embora. E vá fazer seu cooper, meu lindinho.

CENA 3

(Toca a campainha da porta e o telefone ao mesmo tempo).

FLOR

(Engraçado). Cruzes. Não sei agora a que atender, se abro a porta vem o sacaneta do jornaleiro, se atendo o telefone o açougueiro me cobra o rosbife que comi anteontem.

CHAGAS

(De calção). Atende a porta, que eu atendo o telefone, desconfio que seja o tal da Caixa Econômica... Alô... Fala mais alto... Quem?

FLOR

(Ao abrir a porta). Nossa! Fiz pacto com Iansã e me aparece demônio na minha frente logo de manhã cedo! Égua meu. Dá um tempo. O cara nem te quer.

ZUILA

(Adentrando, sem ser convidada). Ah, Flor, vai te catar, vai ver se tô lá na esquina.

FLOR

Olhaqui, sua galinha de puleiro velho, tu não vens querer tirar sarro da minha cara dentro da minha própria casa, porque senão eu te mostro como é que a gente cisca um terreiro, sua pilantra. Não mete a cara pra mim que eu te faço já-já um buceta na tua cara.

ZUILA

Experimenta! Vamos, experimenta! Eu já ando cheia da tua cara. Seu viado relé.

FLOR

O que? Pois eu te mostro. Sua vagabunda. Sua safada. *(lam se atracar aos tapas e tabefes quando:).*

CHAGAS

Que que isso aqui? Que galinhagem é essa? Parem as duas com essa frescura aqui dentro.

FLOR

Foi ela aí quem começou.

ZUILA

Mentira. Foi ele. Essa bicha nojenta.

FLOR

Foi ela. Essa piranha foi adentrando a minha casa sem pedir licença, como se isso aqui fosse a casa da mãe Joana, ora não força. E não se atreva mais, porque da próxima vez vou te meter o canivete nessa tua cara deslambida.

CHAGAS

Por favor, Flor...me deixe conversar um pouco com ela.

FLOR

(Saindo). Só vou porque você tá me pedindo. Qualquer coisa pode me chamar... Um dia ainda vou estragar a cara dela....

ZUILA

(Depois da pausa). Eu não sei como você engole isso. Esse cara ainda vai te levar à ruína. Te cuida, cara.

CHAGAS

Ele é o meu melhor amigo. Pelo menos, me defende, me protege de certas coisas. Não quero que você nem ninguém prejudique a ele, caso contrário, vai se haver comigo, tá entendendo? Não quero. Esse negócio de você me procurar aqui na casa dele, não cola, é falta de respeito. Se quer um programa comigo, tudo bem, até entendo, mas vir aqui, não.

ZUILA

Tá certo. Desculpa. Isso não vai mais se repetir. Prometo.

CHAGAS

E o teu marido...?

ZUILA

Deve estar chegando no Ceará. Só vem no final da semana.

CHAGAS

Ó, vou te avisar uma coisa. Como você foi bacana, já fez bacanagem comigo, esta será a última vez que faço o teu programa. Procura outro. Procura outro cara melhor que eu, que te faça baixar esse fogo.

ZUILA

(Abraçando-a sensualmente). Ô Chagas. Meu amorzinho.

CHAGAS

(Afasta-se dela). Espera um instante aqui. Vou trocar de roupa.

ZUILA

Não demora, benzinho. Quero sair o quanto antes desta pelunca.

CENA 4

(Os mesmos e o Flor).

FLOR

(Reaparecendo na sala). Tá satisfeita, bruxa? Enquanto não arrastou o meu, lindinho, não sossegou!... Te desconjuro!! Magalô três vezes, cruz-credo, credo em cruz. Nunca vi na minha vida uma pessoinha tão baixa, mas tão.. baixa, a ponto de se arrastar aos pés de um homem. E a tua pose, mulherzinha, onde é que fica? Onde estão as outras que não te corrigem? Procura te dá valor, te enxxxerga, lagartixa de parede.

ZUILA

Você tá perdendo seu tempo, queridinho, falando bobagens. A mim pouco interessa aquilo que diz ou pensa.

FLOR

Porque você é uma sem-vergonha. Uma despudorada. Uma galinha.

ZUILA

Despeitado.

FLOR

Tá louca? Deus me livre querer ser igual a você, sua piranha de quinta classe, imagina, eu sou melhor que uma mulher. A única diferença entre nós duas é que você usa saia e tem uma vagina da qual não sabe fazer uso, aí, fica com essa frescura estampada na cara, com medo de perder o macho triste pra veterana aqui. E tem mais uma coisa: Chagas só quer teu dinheiro, imbecil, ele nunca te desejou de fato e sabes por quê? Então pergunta pra ele. Pergunta. O trauma infantil e o complexo de Édipo, talvez faça do Chagas um rapaz imprestável no futuro.

ZUILA

Como é que é?

FLOR

Foi o que você ouviu.

ZUILA

Escuta aqui, Flor, tu queres insinuar que o negócio dele não gera filho? Foi isso que quis dizer?

FLOR

(Indo ao armário). Tá aqui no receituário médico... Dê uma olhada.

ZUILA

(Revoltada). Mas isso é o fim dos tempos!

FLOR

E dele também, queridinha, não se esqueça. Até que pinte um bom médico para curá-lo de verdade. Um psiquiatra, um analista...

ZUILA

(Apreensiva). Do que se trata então?

CHAGAS

(Ao vê-los papando, se esconde atrás da porta do corredor).

FLOR

Quando pequeno, Chagas viu a mãe dele transando com outro homem na cama do pai dele, tás entendendo, aí, nunca mais ele se perdoou por isso e danou a pau a enrubar tudo quanto era mulher casada, amigada, mancebada, desquitada... mulher cheia da grana, que dá pra bancar os seus caprichos.

ZUILA

E a mãe dele?

FLOR

Morreu a 25 de maio de 91, afogada na praia de Mosqueiro ou de Salinas, sei lá, não me lembro bem. Foi uma morte sem graça.

ZUILA

Como sem graça?

FLOR

Porque em terra, no seco, dá pra gente ver, acompanhar e até ajudar em alguma coisa, mas assim, a gente não pode fazer nada, não tem graça nenhuma nem mesmo em chorar.

ZUILA

Que horror! Olha, prefiro voltar a pilotar com meu marido.

FLOR

Quer dizer, então, que as filhas de Eva continuam a invadir as profissões consideradas exclusivamente masculinas só pra disputarem o espaço que é dado ao homem?

ZUILA

Por exemplo, a British Airways, que tem uma equipe de 2 mil pilotos, formada somente por homens, agora de cada 10 nos pilotos, que recruta, um deles é mulher.

FLOR

Um absurdo.

ZUILA

(Feliz). Nós mulheres vamos abarcar o mundo!

FLOR

(Sarcástico). Só se for com as pernas escancaradas. Assim, até eu consigo as flores, os frutos, a fama desejada, né. É por isso que digo e repito, não preciso ter um útero pra escancarar minha bunda prum cara qualquer, que saiba dá valor a essas bochechas. *(Zuila faz sinal que vai embora sem a companhia do Chagas).* O que é que vou dizer pro meu lindinho?...

ZUILA

Diga que morri e pronto. Nunca mais quero vê-lo na minha frente e nem no meu apartamento. *(Saiu às pressas).*

CENA 5

(O mesmo e o Chagas sorridente).

CHAGAS

(Graceja). Sua cobra venenosa. É caninana ou cascavel?

FLOR

As duas, num misto de dosagem de humor e crítica, para afugentar essas bruxas da minha porta. Magina! Fazer salas pra elas. Nem morta. Nem que a vaca lambe o rabo.

CHAGAS

Meu anjo de guarda. Ai de mim, se não fosse você, Flor... Já teria morrido de tédio.

FLOR

Te cuida, viu. Da próxima vez, queridinho, vou usar um balde de água quente. Que coisa! Vê se cria vergonha na cara, né bem. Só vejo serpentes andando atrás de você, cada qual, a mais perigosa. Olha Chagas, nem sempre a mamãezinha aqui tá presente pra poder segurar tua barra.

CHAGAS

Sei lá, Flor, sei lá... A gente nunca sabe. Não é minha intenção te aporrinhar ou transar com elas, mas que fazer? Elas me procuram, fazem a proposta delas e eu dou a minha cartada, sabe como é, se eu não for pra cama com elas, aí, vão me tachar de gay.

FLOR

Só tô achando que elas tão querendo demais e que você seu cabeça dura tá querendo passar a carroça adiante dos bois. Só isso. Ah! Bem a propósito, o Biriba te telefonou e deixou um recado: vai te procurar hoje à noite no Bar do Parque.

CHAGAS

O Biriba? Aquele cara que lambeu teu rabo? (Ri).

FLOR

Não vejo graça nenhuma nisso. Meu lindinho, cada qual tem sua maneira de sentir prazer, estranha, mas tem.

CHAGAS

É o fim da picada, égua meu. Mas logo a bunda!

FLOR

E daí? Também não venha me dizer que nunca ninguém te chupou o pau.

CHAGAS

Ah, mas isso é outra coisa, né Flor.

FLOR

Que “outra coisa” nada: Tudo é a mesma coisa. A mesma putaria. Sexo é sexo. No sexo vale tudo e depois eu não esperava por isso. Isto significa que o cara...

CHAGAS

Isto significa a gota d’água, Flor. Pra tudo há um limite. Comigo, não tem essa de abusos sexuais, sem essa de ser avançadinho no tempo. Sou um cara moderno sim, mas não burro, um irracional.

FLOR

(Aplaudindo). Belo discurso “Fernandinho”! Então, conta pra mim, como é que foi com a cara da mota? que ele saiu daqui te gabando! Ele te pagou direitinho?

CHAGAS

Em dólares. E já deposei ontem no banco.

FLOR

Como é que foi o lance dele?

CHAGAS

Ele faz a “linha” de mocinha, gosta de ser cortejado, de ouvir mentirinhas românticas, essas coisas todas. Flor...

FLOR

Sim?

CHAGAS

Escuta Flor... Você já pensou no homem como parturiente? Isto é, se o homem tivesse a chance de engravidar, por onde o cara ia parir?

FLOR

Ô burrice. Com certeza, não tinha pressa de parir pelo cu. Pegava lá no cabo de alguma ferramenta e puxava o bicho pra fora como se fosse uma lombriga: uma solitária. Depois vomitava em cima, olhando aquela mar-mota mais feia do mundo: metade... gente, metade bicho... ou bicha? ah, sei lá... Já pensou no comentário dos vizinhos!... É um ratinho tão mirrado... Aí iam dizer mais... É o pai que não prestava, não funcionava, era bichona, uma maricon. *(Ambos riram até as gargalhadas).*

CHAGAS

Para Flor... Chega me dá cócega na barriga, ai...

FLOR

Ai, minha nossa senhora do bom parto, livrai o homem de uma desgraça dessas. Principalmente o meu lindinho.

CHAGAS

Égua. Vira essa boca pra lá. *(Saindo).* Eu sou é homem. Homem com “H” maiúsculo.

FLOR

Taí uma coisa complicada para minha cabeça.

CHAGAS

(Voltando da porta). Complicada por quê? O que tá querendo insinuar?

FLOR

Meu lindinho, raciocina agora comigo. A maioria dos homens tem essa mania de autoafirmação quando dizem isso, em virtude da rígida educação que receberam, coisinhas do tipo que os levam ao machismo, mas acabam como? – Do jeito que a vida gosta!

CHAGAS

Não entendi. Explica direito.

FLOR

Acabar fazendo “pegação” uns aos outros.

CHAGAS

Pegação, Flor? Você não tá exagerando um pouquinho, não?

FLOR

Apenas pra citar um exemplo, em vez de vários, o pai de família vai ao campo de futebol com quem?

CHAGAS

Com o amigo.

FLOR

E o amigo com outro amigo dele. Aí, o time ganha e ele bebe, faz farra, comemora e se abraça e se apalpa com quem?...

CHAGAS

Com o amigo que foi ao campo com ele.

FLOR

E os jogadores também comemoram e até se beijam e se apalpam em campo, publicamente, fazendo de contas que tudo não passa de uma brincadeira entre si e ninguém fala nada, ninguém censura. Todo mundo naquela hora tapa o sol, com a peneira.

CHAGAS

E daí, não é uma brincadeira?

FLOR

Menino, isso é homossexualismo puro, mesmo quando a coisa é feita inocentemente, por pura sacanagem. Entretanto, nós é que somos tachadas de bichas, pederastas, gays.

CHAGAS

Não sei se você tá certo nessa sua teoria, mas... também não tenho o direito de duvidar ou de colocar em dúvida o caráter de todos os homens desta cidade ou deste planeta.

FLOR

Basta observar o comportamento da maioria nos bares e botequins da vida, meu amorrrr. Agora, quando surge uma bicha no seio da família, por mais

desonrada esta família seja, ninguém aceita a bicha no meio dela. Botam a bicha pra fora de casa. Consideram ela uma mancha negra na família. Aí, a mona, se não tiver a cabeça no lugar ou alguma profissão, cai na vida, toma gosto e vira prostituta. E a família está lá chocando o resto! Eles estão lá, sempre criticando os trejeitos da mona, sempre pensando em maldade, no que pode acontecer de pior com os outros filhos.

CHAGAS

Você tem razão, Flor. É por isso que eu amo você por aquilo que você é: uma criatura humana, acima de tudo, um cara porreta.

FLOR

(Graceja). Obrigadinha, dinha-dinha. Mas não preciso de confetes.

CHAGAS

Né sacanagem não. Olha, há casos que os pais não deixam nem a bicha sair de casa pra não ter que arranjar algum namoradinho no cinema ou nas esquinas por aí.

FLOR

Cada caso é um caso. E cada cabeça uma sentença, meu lindo.

CHAGAS

Ó, eu conheci uma lá na praça, que o pai dela além de ser um cara rude era também um castrador até mesmo com as próprias filhas. A bicha dizia que ele era o pior possível. Dizia: que pra filho macho ele não ligava muito não, nem abria a porta. Falava que filho dele sendo homem não se criava debaixo da saia da mãe. Por isso ele mandou o Rony embora pra Brasília. Rony tinha 14 anos. E lá o Rony ficou morando até hoje, está bem empregado, tem um salão de beleza. Amigou-se um cara da farda. Nunca mais retornou à Belém.

FLOR

E o faz muito bem. Belém é o cu do mundo. Aqui a gente não levanta a cabeça. Só falta alguém limpar o rabo de alguém pra conquistar o seu espaço. Pode? E você, o que era pra ele naquela época, pra essa Roniete?...

CHAGAS

Um amigo apenas.

FLOR

Nunca o enrabou?

CHAGAS

O cara não me aguentava, aí, estuprei ele, a fim de acabar com a cisma dele pra cima de mim.

FLOR

Nossa, lindinho! Que idade você tinha?

CHAGAS

Apenas 15 anos.

FLOR

(Fininho). Cruze! E já tinha todo esse tamanho de rola?! Então, eu é que sou a gloriosa por aguentar tudo isso sem gemer, sem dar um piozinho sequer, um gemidozinho só. *(Encaminha-se até a porta da rua)*. Fique aqui. Vou sair um instante.

CHAGAS

Pra onde? Com quem?

FLOR

Ora te enxerga, Chagas! A essa hora da manhã? Eu vou fazer a... feira. *(Beijando-lhe superficialmente os lábios)*. Depois, nem os olhos da Medusa petrificaria o nosso amor, nem eu trocaria meu lindinho, meu mandacarú por um cacho de banana peroá. Nem morta. *(Vai saindo)*. Vou comprar carne pra fazer bifinho pro meu lindo, lindinho, dinho-dinho.

CHAGAS

Puxa vida! Você vai fazer isso pra mim?

FLOR

O que sua Florzinha não faria? Faço tudo sim, falo tudo, esculhambo tudo, xingo tudo, mas tudo pra defender o meu lindinho.

CHAGAS

Se a dona Carmelita Brasil fosse viva, certamente, iria gostar muito de você Flor.

FLOR

(Da porta). E quem é essa Carmelita Brasil? Alguma heroína brasileira?

CHAGAS

Oh, Flor, você já esqueceu? É a minha mãe.

FLOR

(Com descaso). Ah... *(Saiu).*

CENA 6

(Movimento no Bar do Parque à noite etc.).

RAFAEL

(Fala manso). Não se esqueça que eu fui professor nos maiores colégios de Belém. Não tenho orelha furado, não.

ALAIR

Atualmente, o que tá fazendo?

RAFAEL

Venho escrevendo minhas memórias, alguns contos, algumas poesiazinhas. Enfim, tudo lá um dia tem a sua serventia, isto é, apenas em material e fotografias nos jornais, quando eu morrer.

ALAIR

Que nada! O senhor ainda vai viver por muito tempo. E nunca vai ficar velho, sabia?

RAFAEL

Bondade sua, Alair.

ALAIR

Tô falando de coração, mesmo. Sem puxamento de saco, não. Então, conta um pouco mais, mais pra frente, seu Rafael.

RAFAEL

Tá vendo? Acabou de me chamar de “velho” novamente... com esse negócio de “seu” Rafael, o “senhor”...

ALAIR

Desculpe. Eu fui educado assim.

RAFAEL

Compreendo. Mas continue no que queria saber de mim. Não repare para minhas observações tolas.

ALAIR

Bom, a sua vida devia ter sido uma beleza, não?

RAFAEL

Mais ou menos isso. Mas se eu lhe contar não tem graça. É perda de tempo. Assim você não vai querer comprar meu livro e aí vai criar mofo nas prateleiras das livrarias.

ALAIR

Tudo bem, seu espertinho. *(Tomou um gole de cerveja)*. Agora deixa eu ir cuidar dos meus interesses que a sua vidinha já tá feita e eu preciso batalhar pela minha.

RAFAEL

Fica mais um pouco aqui, conversando comigo, também preciso da sua companhia.

ALAIR

Não posso. Tenho que ir à luta.

RAFAEL

Pois bem. De quanto você precisa? Quanto você cobra apenas pra me fazer companhia?

ALAIR

Olhe professor, acho bom o senhor esquecer. Não se meta nisso. A gente não presta, não vale nada. O senhor é um cara porreta eu não quero sacanear com o senhor. Esqueça o que houve aqui.

RAFAEL

Mas não houve nada.

ALAIR

É por isso mesmo! Outra hora, noutro local, a gente marca outro encontro. Agora não dá.

RAFAEL

Por favor, Alair. Eu gostei tanto de você. *(Alisou a mão dele).*

ALAIR

Eu também do senhor. Ih, pintou sujeira.

RAFAEL

O que significa isso?

ALAIR

Encrenca. A bicha Alabar vem vindo em nossa direção. Qualquer coisa, não vá me dedurar. Alabar é quem toma conta da gente e da metade dessa praça. Tchau professor. O senhor é um cara bacana. *(Sumiu e foi estar noutro plano do palco).*

CENA 7

(Alabar e o Professor aposentado).

ALABAR

(Instigante). Por que diabo essa gente metida a granfa, a bicha encubada, não fica em casa se masturbando com o cabo de vassoura? Principalmente essas zinhas que já estão velhas, caindo aos pedaços! *(Em torno da mesa onde está o professor).* Sempre acham de pintar por aqui na praça, aqui no Bar do Parque, inclusive, tirando onda de gente boa, com pose de macho, pra desarrumar com o michê dos meus rapazes, lindos e maravilhosos. Ah, não, bagunçar com o meu coreto, ninguém vai não. De jeito maneira. Né mariconas?

RAFAEL

Tá falando comigo?

ALABAR

E por acaso além de nós duas aqui, tem mais alguém mais velha que nós duas, queridinhas, safadinhas?

RAFAEL

Modere sua linguagem pra cima de mim. Quero mais respeito comigo. Se você é uma bicha de fato ou uma prostituta tenha postura. Tenha dignidade. Seja mais sociável. Aí, as pessoas passam a te respeitar. Ninguém tem culpa do que você é na verdade.

ALABAR

Escuta aqui sua maricona, não vem com esse papo besta pra cima de mim, não. Qual é o grilo hein pra cima do Alair?

RAFAEL

Grilo? Não vi nenhum por aqui...

ALABAR

Pô! Ainda por cima, é um dos Matusaléns da vida. “Grilo” ó coroa, minha santa, é problema. E é exatamente isso que eu quero saber qual é o motivo da maricona aí tá amarradona no Alair. Tá apaixonada, é queridinha? Gostou da mala dele?

RAFAEL

Eu...?

ALABAR

Já vi que gamou. Tadinha dela. Te manda daqui bicha velha. Dá o fora daqui. Se tu não quer dar o rabo pra ninguém, nem pagar p/ ninguém enrabar, é problema teu; agora, se ficar atrapalhando o michê do meu pessoal aqui na praça, é problema nosso. Aí, vou te tacar o canivete na tua cara ou te acertar uma bala na bunda. Queremos grana, Tamos aqui a fim de grana, sua bicha encubada. Dá o fora daqui.

RAFAEL

(Entregando-lhe dinheiro). Tome... É tudo que tenho. É pra ajudar o Alair. Eu não queria fazer sexo com ele não, só queria conversar um pouco. Tava precisando me desabafar com alguém. Só isso.

ALAIR

Ué. Tu não tem tesão mais no cu? usa a língua, bicha otária!...

RAFAEL

Não me chama de bicha, por favor.

ALABAR

Vou te chamar de que? De Marisa Monte, queridinha? Tenha dó, né. Não venha forte. Pra mim, é maricona mesmo.

RAFAEL

Será possível que não há um meio de conversar com vocês sem utilizar essa gíria cretina, essa linguagem suja?

ALABAR

Quer saber mesmo? Corta essa, saí dessa, senão tu vais conseguir bofe nenhum na vida. A rapaziada nova gosta de sacanagem, adora comer sarapatel de galinha, frango-assado, filha. Vai por mim... Corta, corta, corta esse teu jeitinho afrescalhado. Isso é coisa careta. Caretice. Gente como você já devia estar morta. Não há lugar no mundo pra esse tipo educadinho, todo certinho, que vê as coisas tudo certinha, tudo...

RAFAEL

E estas roupas horríveis que mais parecem fantasias de carnaval.

ALABAR

Não enche, tá. Cai fora daqui. Vai fazer tua "pegação" no cinema Olímpia, vai...

RAFAEL

Malucos. *(Ajeitando os óculos)*. Geração podre. É uma torre de Babel. Ninguém entende ninguém. Ninguém quer mais ouvir ninguém. *(E foi embora sem olhar para trás e ver)*.

ALAIR

(Voltando). Cadê o professor?

ALABAR

A maricona...já foi embora. Botei ela pra correr. E você pare com esse negócio de paparicar essa gentinha que sofre de solidão.

ALAIR

Aí eu pensei, como ainda era cedo, e como eu tinha feito uma bacanagem pra Alabar, ela vai me dá uma folga e eu vou poder jogar conversa fora com quem quisesse.

ALABAR

Pois pensou errado. Vá guarnecer seu palavreado noutra bicha que te paga pra enrabar. Não perca seu tempo com essa raça, viu. A vida tá muito cara para se jogar conversa fora com alguém por aí.

ALAIR

Ôh, Alabar! Quem ouviu você falar pensa que eu sou um desastre. Um irresponsável. Que coisa!

ALABAR

Perdão. Eu não disse isso pra te ofender. A questão é não dar...confiança pra essas bichas solitárias, mão-de-vaca, do contrário, você não terá lombo bastante forte pra quando elas quiserem montar em cima. Você vai ver.

ALAIR

Tá certo. Mas me deu uma peninha do professor.

ALABAR

(Esbofetear). Escuta aqui bofe, esquece isso. Não pensa nisso. Fuja disso.

ALAIR

(Massageando a parte do rosto afetada). Tá certo. Mas o que foi... que ele te entregou naquela hora?

ALABAR

Adivinha?

ALAIR

Um cartão de visita.

ALABAR

Grana. Uma grana legal pra te ajudar. É molhe ou quer mais? Claro que a poderosíssima Alabar vai usá-la para apanhar um táxi...

ALAIR

E a minha parte, Alabar?

ALABAR

Devo, não nego, pago quando quiser, né bebê. Magina! Voltar pra casa a pé. Nem pensar, né Alairzinho.

ALAIR

Égua da sacanagem. Olha quem vem lá, o Chagas!...

CENA 8

(Os mesmos e o Chagas se aproximando).

ALABAR

(Aos cochichos com Alair). Menino, que me perdoe a ausência da amiga Flor, mas quando presencio esse gatão dela por aqui, me dá água na boca. Me dá vontade de negociar e ganhar uma grana preta em cima dele. As más línguas disseram que ele faz “tudo” na cama. Que o problema é dinheiro. Botou dinheirama na mão, ele tá logo arreando a calça, tirando os biquini...

CHAGAS

Alô pessoal.

ALAIR E ALABAR

Oi.

CHAGAS

Como é que tá o movimento na praça?

ALAIR

Meio fraco.

ALABAR

E a cretina da Flor?...

CHAGAS

Ficou em casa costurando uma fantasia pro carnaval.

ALABAR

(Maldosa). “Costurando uma fantasia”, é?... Ou é outro que tá de “olho” e tá querendo ocupar sua vaga na cama?

CHAGAS

(Indignado). Olha aqui Alabar, meta-se com sua vida, procure considerar melhor o Flor. Aliás, vocês aqui não sabem nem que é isso, esqueça. Além do mais, eu não interfiro na vida do Flor, tá legal, nem ele na minha.

ALABAR

Calma, gato. Não precisa tanta agressão. Mas isso é celibato. Me diga uma coisa. Quem de bicha escapa e convive ao lado da própria, principalmente, um tipo que nem você, pedaço de mau caminho, cheio de músculos e vigor por todos os poros, acaba sentindo uma dorzinha de cotovelo, mesmo que não queira.

CHAGAS

(Olvidando). Vai te pra porra. Comigo não, corta essa.

ALABAR

(Debochado). Gente! Devo estar ficando lesa ou surda! O garotão aí nega tudo até a morte. Qual é a fórmula, bofe?

CHAGAS

(Saindo). Vai te fuder, Alabar. Toma cuidado com essa bicha cegueta, Alair. Tchau. *(Breve pausa).*

ALABAR

Sabe duma coisa? Também vou pra casa. Tô morta de cansaço. Vou tomar um táxi.

ALAIR

E eu? Os outros?

ALABAR

Te vira. Bota essa pica pra funcionar hoje. Deem seu jeito. Não cheguem em casa com mixaria.

ALAIR

E se pintar encrenca com a polícia?...

ALABAR

Passa lá em casa. Que eu dou sempre um jeito. Hoje o comando fica por tua conta. Toma, compra um lanche por aí. Às cinco, tá?

ALAIR

(Pesarosamente). Combinado.

ALABAR

Tchau. E muito cuidado. *(Sumiu entre as mangueiras da avenida).*

CENA 9

(Ainda no Bar do Parque e adjacências).

BARBINA

Era a hora esperada pra anarquizar comigo, né Cláudia. Vira e mexe você sempre me coloca lá embaixo, feito lixo humano. Ah! *(Deu de ombro).*

CLÁUDIA

Como boa amiga que você é, merece o meu bom papo, meus elogios. De vez em quando e minhas broncas também.

BARBINA

Não só do bom papo, mas da sua companhia também, eu sei disso, e se sou burra, não tenho sequer o seu nível, é porque não tive chance de estudar melhor, nunca tive uma educação esmerada como você. Mas você, Cláudia, não tem culpa, ninguém tem culpa. É que eu nunca dei pros estudos. Sempre matava as aulas e mentia em casa dizendo que a professora tava doente. Coitada.

CLÁUDIA

(Sorri). Você foi meio safadinha, Barbina...

BARBINA

Só fui! Mas até hoje tô arrependida. Se tivesse estudado, ido em frente co-

mo se diz, hoje não tava nesse morredouro, dando o rabo pra ganhar a vida. Tinha uma vida mais agradável. Feliz. É uma merda mesma.

RAPAZ

(Interrompendo o papo). Barbina, me dá um minutinho da tua atenção!

BARBINA

Oiii. Pois não, gatão. Sou toda ouvida.

RAPAZ

Tô a fim de levar um papo contigo, mas fora daqui.

BARBINA

Tá legal. Vamos nessa. Me espera lá adiante, acolá, que vou avisar minhas amigas do peito.

RAPAZ

(Afastando-se delas). Não demora. Tô com um tesão doido por esse teu rabo.

CLÁUDIA

Toma cuidado com esses caras, Barbina. Tu nem conhece o cara.

BARBINA

Ora viva! Quem diria a Cláudia preocupada comigo!

CLÁUDIA

Ah, eu? Mas eu sempre estive sua tonta. Você é que nunca reparou. Agora vai, sua bobona. Vai ganhar a vida.

BARBINA

Deus te ouça, amiga, e os anjos digam amém. *(Sumiu).*

MOÇA

Até que enfim. Enfim, sós.

CLÁUDIA

Desculpa. Quase não lhe dei atenção. É que a Barbina sempre me tira do sério. Fico, realmente, preocupada com ela. É uma desmiolada. Não pensa nas consequências dos seus atos, tá.

MOÇA

Já entendi tudo. Por isto não... Não carece se desculpar... já tô indo embora.

CLÁUDIA

Espere! Deixe-me explicar.

MOÇA

Quer dizer então que a Barbina é sua amiguinha?

CLÁUDIA

Que pergunta, Ivone! Você acha que eu vou ficar aqui dando bandeira? Achando que você é minha, companheiro? De jeito nenhum!... *(Dando-lhe um beijo na testa)*. Pronto. Tô perdoada. E o meu sentimento também.

MOÇA

Não brinca, Cláudia, que eu tô falando sério!

CLÁUDIA

Eu também. Tô gostando de você. Eu já tava pensando aqui se você ganhasse na quina. Era pé na estrada com você e o resto por conta de Deus.

MOÇA

(Esbofeteando-a). Sua cachorra. Por que não pediu pra morrer...?

POVO

(Gritando ao longe). Dá nela... Bate nela... Tu és mãe dela... Dá porrada nela...

CLÁUDIA

(Ligada na outra). Me larga. Me deixa em paz. Vai te embora.

MOÇA

(Ameaçadora). Eu vou sim. Mas antes vou te dar uma surra, safada. *(E ambas se rolaram pelo chão, atracadas, enquanto o povo fazia uma zorra danada)*.

CLÁUDIA

Sapatão cretina, filha duma puta. Vai procurar macho, sua piva.

MOÇA

Escrota. Vou te fazer engolir isso. Sua piranha relé.

FLOR

(Chegando, interrompe, aos gritos). Gente! Olha a política tá chegando!... Olha o camburão, piva!... *(E elas param de brigar e vão embora dali).* Ei Maneco, meu bem, você viu o Chagas por aí?

MANECO

Uns dez minutos atrás, na verdade, papeando com o Alair e a Alabar.

FLOR

Mas o que é que essa bicha cegueta quer com o meu bofe? *(Saindo em direção do Bar).* Ela que não se atreva a tocar um fio de cabelo do meu lindinho. Mando a alma dela pro inferno. Acabo com a raça dela. Bicha perigosa. Ah, se eu pego ela querendo seduzir o Chagas.... tacho a mão na cara dela. *(Alabar vem ao seu encontro e ouve a palavra final).*

ALABAR

O que foi, bicha? Algum trampo? Que bicho te mordeu?...

FLOR

Escuta aqui, Alabar, no dia em que eu souber que você anda dando em cima do meu homem aqui na praça, sabe o que vai te acontecer? Vou acabar com você. Quero te ver mortinha da silva, aí, atirada na sarjeta e todo mundo pisando em cima, passando por cima como se fosse o cadáver de um cachorro, assim, atirado ao léu.

ALABAR

Ai! Que coisa mais grotesca, Menina, nós somos boas amigas, depois tem aquela coisa: ano novo, homem novo, homem velho nem pensar. O tempo sempre é o mesmo. Mas o macho, queridinha, sempre a gente renova de maneira irreversível, senão vira “irmãozinho”, aí não cola. Ele vai te deixar na mão, minha filha. Homem novo é aquele que muda a rotina da gente, que abandona as paixões e os desencantos de ontem, pelo amor da gente, pra ficar com a gente, numa boa. O Chagas faz isso? Pensa bem. Vai correr atrás dele... e pra que? Agora mesmo, indagorinha, fui chamada pra resolver um caso contra o sujeito que queria-porque-queria enrubar o Márcio. E pode? Um rapaz sem experiência, santa.

FLOR

No passado poucos ligavam pra ele na busca do seu sexo. Hoje não, bonito como está, corpo atlético, formoso, todos cortejam o Chagas com belo preceito. Nem sempre nós temos a coragem de enfrentar a realidade que não gostaríamos de ver. Na tua opinião, Alabar, você que deve enxergar melhor que eu que tá dentro do problema, tu achas que devo continuar ao lado dele ou abandonar de vez o meu lindinho? me fala com franqueza!

ALABAR

Pois é. Homem novo é sempre bom. E o Chagas, santa, não te merece. Mesmo que ainda tu não consiga amar outro homem, descartar alguém muito melhor que ele, você Flor merece de fato coisa melhor e não esse repúdio sexual que é o Chagas. Tá fazendo a “linha” de mocinha imatura que não quer saciar a sede no pinto dele, tá bem?

FLOR

Chega, Alabar! Lá vem você com seus delírios outra vez. Ocorre que os seus venenos não me atingem e quem assim pensa algum despeito me tem ou não se dá conta de que após cada minutinho de vida que passamos juntos até hoje, vocês suas mariconas de pé-rapado, por mais víboras que sejam, não terão influência maligna em nossas vidas e jamais conseguem matar este amor que nos une sem esse preconceito tão tolo.

ALABAR

É mesmo, santa?... Que importância tem ser amante de alguém? Que vantagens e prazeres te fazem permanecer fiel a um cafajeste qualquer, até envelhecer e ser abandonada por ele? Menina, te acorda, procura ter uma nova visão da vida, senão a minha amiga Flor vai se sentir sempre assim, magoada, infeliz. Percebe-se que hoje, então, você tá azeda. Não nos vencerá de nada.

FLOR

Tchau, Alabar. Fica aí com tuas cismas. Amanhã comparece nas minhas bodas de prata. Tudo será por minha conta. Vai ser a farra mais quente. Até vai virar manchete de jornal.

ALABAR

É mesmo? Então a mona vai arrasar!

FLOR

Comparece. Leva a tua turma. Alabar, não deixa de ir, tua figura será um destaque entre nós, tua participação digamos assim será ativa, muito importante para todas nós.

ALABAR

Que chic! Obrigada, bem. Nunca fui homenageada assim.

FLOR

E tem mais: Vais promover falatórios inflamantes. Na festa a Alabar não dispensará os mais puros anjos da sua má língua e reputação.

ALABAR

Mas eu sou puta. Sou cafetina, E ainda sou filha de puta!...

FLOR

(Saindo). A farra será boa como o diabo gosta. Bicha velha, esclerosada, cegueta...

ALABAR

Tá querendo me gozar, santa?

FLOR

Amanhã vocês saberão. *(Sumiu).*

CENA 10

(O mesmo e Chagas em seguida).

CHAGAS

Alabar, você sabe do Flor?

ALABAR

Passou por aqui feito um furacão.

CHAGAS

Disse para onde foi?

ALABAR

A mim não. Não me lembro. Por quê?

CHAGAS

Me diz só uma coisa. Vocês brigaram?

ALABAR

O trivial de sempre, né bem, pra gente não perder a pose.

CHAGAS

Putá merda. Eu sabia! Será possível que não existe um momento de paz e de solidariedade entre as duas?

ALABAR

Meu bem, ela quer guerra, então lá vai guerra, Alabar não refresca a cara de ninguém.

CHAGAS

Assim que o Juninho me deu o papo vim logo correndo pra evitar uma tragédia entre as duas.

ALABAR

Magina! Além de pimbudo é burro. Você acha, bem, que vale a pena quando a alma é pequena?...

CHAGAS

Mas porque que bicha é assim? nunca se unem!

ALABAR

Nem no sindicato. Quer saber mesmo? Inveja. Pura inveja.

CHAGAS

Qualquer dia acabo com a tua frescura pra cima do Flor....

ALABAR

Ué. Até parece que sou a inimiga mortal nº 1... a enfadonha e desconfortável inimiga declarada de que tem que se livrar.

CHAGAS

E não é por acaso? O que foi que o Flor te fez? Me conta.

ALABAR

Nada. Absolutamente nada. E se quer saber, na verdade, eu adoro o Flor. A única coisa que mais detesto nela é aquela pose de franga pedrês.

CHAGAS

E tu não passa de um urubu balado!

ALABAR

Vai. Corre atrás daquela galinha, imbecil. Hoje ela vai te botar chifre com outro na cama, enquanto o otário aí se diverte com a cara dos colegas pela praça. Idiota.

CHAGAS

(Saindo às pressas). Filho duma puta, Viado sacana. Ainda te quebro no pau, tu vais ver só.

ALABAR

Não venha forte. Qual é, cara? Não vem com esse babado pra cima de mim que tu não tá com essa bola toda. Comigo não, santa, a mana aqui destrampa a gilete do céu da boca e te faz uma vagina na cara. Mete a cara pra ver! Pilantra. Besta é ela que fica sustentando esse macho triste. Otária. Se fosse comigo, eu botava pra correr, mas ela não. A bicha adora ser maternal. Enquanto eles sugam a gente. Manda ele pra mim, pra ver só uma coisa, faço gato e sapato desse filho da puta. *(Ao passar por ele).* Ei Júnior, vem cá. O cara te pagou?...

JÚNIOR

Que pagou porra nenhuma. Ainda comeu meu rabo. Gozou em cima. Quase me penetrou.

ALABAR

(Furiosa). Vem comigo. Vamos às forras. Avisa aos outros. Levem paus e pedras. Ra! Vou esfolar esse cara. *(Sumiram na noite).*

CENA FINAL

(Chagas chegando em casa pela manhã).

CHAGAS

(Com pão e frutas no colo). Flor... Flor... Eu trouxe pão e frutas. Tá me ouvindo, Flor?... Não tinha manteiga, nem leite, só pão e as frutas que você gosta. Mais tarde, quando o supermercado abrir, compro o resto. *(Breve pausa. Enquanto troca de roupa e fica de cueca Zorba branca).* Você fez o café? *(Silêncio).* Flor, me responde, você não me criou problemas ontem lá na praça entre os meus amigos, não?.... *(Protesta).* Flor, para com isso, fala comigo, deixa de frescura. Tu sabe, eu nunca te traí, eu nunca... *(Se deparou com ele enforcado no banheiro).* FLOOOORRRR *(Gritou de dor, mas uma dor sufocante).* Meu Deus. Por que fez isso? Oh, Flor!! Que motivo o levou a fazer isso? *(Retirou o cadáver e o embalou no colo).* Agora fiquei órfão de ti... Eu te amo tanto, oh Flor da minha alma... Por que me deixou sozinho? Por que não me contou que tava com problemas, por que não desabafou comigo?... Droga, droga... Eu não deixava você morrer nunca. Nunquinha. Foram eles que fizeram isso com você. Foram eles, eu sei... Oh, meu Deus do céu, por que Flor, por que fez isso comigo, meu amigo?...

(Enquanto cai a luz no cenário ouvem-se o vozerio da multidão que se aproxima e vai tomando conta do palco. Final do espetáculo).

FIM

EM DEFESA
DA
VOVOZINHA

Em defesa da vovozinha

1997

PERSONAGENS

Menina

Homem mau

Vovó

Caçador I

Caçador II

CENÁRIO

Uma área de ação, vendo-se de fundo, um matagal, uma vala enorme e uma ponte/palafita, uma casa.



CENA 1

(A Chapeuzinho entra em cena cantarolando, aqui e ali quase parando nos caminhos, para inventar brincadeiras etc.).

MENINA

Vou cantando assim
pela floresta,
meu coração em festa
é da Vovozinha!...
Tra-lá-lá, tra-lá-lá....

CENA 2

(De repente, a Chapeuzinho, ainda cantarolando, é surpreendida no caminho por um homem feio e ridículo).

HOMEM MAU

(De algum lugar do palco). Olá, minha doce e generosa menina!

MENINA

Ui! Que susto!

HOMEM MAL

Aonde pensa que vai?

MENINA

Vou à casa da minha vovozinha. Vou levar doces e alimentos para ela. Doces de cupuaçu, uxi, mari, bacuri, taperebá, ah: e um prato de pato no tucupi, que mamãe preparou especialmente para ela.

HOMEM MAL

Huuuummm. A julgar pelo cardápio deve estar uma delícia!

MENINA

Sabe senhor... ela mora sozinha, coitadinha, e precisa de ajuda, de vez em quando.

HOMEM MAU

(Matreiramente). Eu já sabia!

MENINA

(Sem entender). Como senhor?...

HOMEM MAU

(Tentando corrigir). Quero dizer: em que posso “servi-la”?

MENINA

Em nada.

HOMEM MAU

Posso... por exemplo, lavar os pratos da boa velhinha... escovar sua dentadura... pentear seu cocó... enfim, posso colocar os doces na sua boquinha, arear até seu penico de mijo. Claro que a velha iria ficar mais satisfeita, mais alegre, mais contente....

MENINA

Nada disso! Isso é invasão à privacidade da minha vó. Deixa... deixa que eu mesma cuido da minha vó. Pois tenho por ela maior respeito, maior carinho, tá legal?

HOMEM MAU

(Disfarçando). Ora viva! Que menina mais esperta! Outra igual nunca vi antes... nem cantando, nem andando por aqui...por essas bandas daqui do.

MENINA

Grande coisa! Até parece que é proibido “andar” por aí. Acontece que esse é o caminho mais curto para chegar até acolá na margem do rio Guamá, onde mora a minha vó. Mas senhor, pode me dizer quem o senhor?

HOMEM MAU

(Ri baixinho). Quem sou eu? Ora quem sou eu! Mas pra quê saber de mim?... Não tem importância. Não sou de família nobre, isto lhe garanto, portanto não tenho sangue azul.

MENINA

(Repetindo). Sangue azul?

HOMEM MAU

(Quase cochichando). É, é... como dizem por aí, “gente fina”.

MENINA

Tem importância, sim, senhor. A mamãe disse que eu não devo falar, nem andar em companhia de gente estranha...de gente que não conheço, assim que nem o senhor. Mas senhor de que? Pode me dizer seu nome?...

HOMEM MAL

Está bem, está bem. A sua mãe deve ter lá suas razões, e dever ser também uma chata. Mas eu só quero ajudar.

MENINA

Ajudar? Mas ajudar como?

HOMEM MAL

Bom, fazendo-lhe uma boa companhia, até chegar à casa da sua vovozinha, queridinha... *(Tentou agarrar a cesta de doces, etc., parecia faminto).*

MENINA

(Afastando-se dele, sem desconfiar de nada). Não! Não será preciso. Eu sei do caminho. Conheço tudo por aqui. De cabo a rabo.

HOMEM MAU

Hummm. *(À plateia).* Essa garota tá sendo radical demais ou eu estou indo com muita sede ao pote! Vou conquistá-la de qualquer maneira!

MENINA

E vaidosa como sou, não vou andar por aí ao lado do senhor que tem uma feia! cara feia!

HOMEM MAU

Você acha?

MENINA

Acho sim! Com essa barba, com esse bigode... *(Simula correr com medo, mas ele não reage contra ela).* Com esses óculos escuros então, tá parecido com algum bandido, talvez um assaltante ou um sequestrador de meninas indefesas que nem eu. *(Fingiu chorar pra ver se ele se aproximava para lhe fazer um denago qualquer, algum chamego).*

HOMEM MAU

Ora, ora. Que ideia absurda!

MENINA

Eu quero a minha mãe! Esse homem tá querendo me agarrar!

HOMEM MAU

Calma, garota, calma. Não vai lhe acontecer nada.

MENINA

(Com interesse). Não vai?!

HOMEM MAU

Eu jamais seria capaz de lhe fazer algum mal, minha “menina boa”, digo, minha boa menina. Não fique assustada com a minha aparência. No fundo do meu coração, eu sou um homem bom, generoso, gentil, cavalheiro...

MENINA

(Decepcionada). Tá bom. Se o senhor não vai me fazer mal, nenhum malzinho sequer, sem me tirar o sossego, sem revirar o meu bofezinho de adolescente, então saia da minha frente, deixe-me passar...seu molongó. O senhor realmente não é de nada, não tá com nada... *(Vai saindo).* Eu preciso chegar a tempo para dar o jantar da minha vovozinha...

HOMEM MAU

(Sem conseguir “roubar” as guloseimas). Está bem. Vá correndo. Vá depressa.

MENINA

(Empurrando-o ao chão). Adeus, homem feio. Homem babaca.

HOMEM MAU

(Do chão). Adeus Chapeuzinho. Até breve.

MENINA

Até nunca. Nunquinha.

HOMEM MAU

Adeus menina dos meus olhos. Vou fazer sarapatel dos seus sonhos...

MENINA

(Cantarolando). Vou pelo caminho
desta floresta
pra ver a Vovozinha
numa hora dessa...
Tra-lá-lá, tra-lá-lá...

CENA 3

(Ao chegar, ávida de emoção, a Chapeuzinho, aflita, bate à porta da casa de sua avó, etc.).

VOVÓ

Quem bate? *(Com voz rouca)*. Quem está aí?

MENINA

Sou eu, vovó.

VOVÓ

“Eu” quem?...

MENINA

A “Chapeuzinho” *(Ri baixinho, encolhendo os ombros com gracejo)*.

VOVÓ

Quem?...

MENINA

A “Chapeuzinho Vermelho”.

VOVÓ

Chapeuzinho Vermelho? A menina boboca daquela fábula onde o Lobo Mau engoliu a sua vovozinha?!

MENINA

(Concordando com tal alusão). Sim, senhora, de carne e osso. Abra a porta. Tenho pressa. Aqui fora faz muito frio.

VOVÓ

Ah, não! Já vem outra vez enganar a todo mundo. Tô cheia de você!

MENINA

Por favor! Abra essa porta!

VOVÓ

Não, não e não. Não quero ser engolida outra vez ou cagada ou cuspidada por um Lobo que fedia a alho e tinha mal hálito sabia? De jeito nenhum!

MENINA

Prometo. Desta vez não vai mais acontecer isso.

VOVÓ

Quem me garante? Você?

MENINA

Eu juro. Desta vez, não existe Lobo Mau, nem caçadores, nem nada.

VOVÓ

Verdade, mesmo?

MENINA

Verdade. Tudo não passará de uma brincadeira com você vovó, só para... para alegrar seu coração. Juro, juro, juro.

VOVÓ

Não pode jurar em falso.

MENINA

Mas eu não tou “jurando falso”, vovó. Abra essa porta, por favor!...

VOVÓ

Não antes de me dizer sinceramente quem é você?

MENINA

Cláudia...a sua neta preferida.

VOVÓ

Ou o Lobo Mau “disfarçado” novamente?...

MENINA

(Chateada). Ora me poupe, né vovó. Já disse! Nessa história não existe nada de Lobo Mau, nem caçadores. Tudo é como um faz-de-conta.

VOVÓ

O que?! Como um “faz-de-conta”? Se fui o primeiro alvo da maledicência do autor! *(Aos berros)*. Vá embora daqui. Deixe-me em paz.

MENINA

Ah, meu Deus. Calma, vovó, calma. Eu explico direitinho. Eu só tô tirando um sarro com a senhora.

VOVÓ

Um sarro?

MENINA

É... uma brincadeirinha. Deixe-me explicar, calma. “Chapeuzinho” também foi o apelido que me lotaram lá no colégio quando representei a menina daquela fábula no Dia das Crianças. Entendeu agora?

CENA 4

(Há uma breve pausa. Enquanto paira um silêncio entre as duas. Ambas visivelmente preocupadas, pensativas, como a analisar a paranoia de uma e a sacanagem da outra).

MENINA

Por que o silêncio, vovó? Fala alguma coisa!

VOVÓ

Pensando bem, você tá mentindo. Tá fingindo. Tá sendo sonsa de novo.

MENINA

Vovó!

VOVÓ

Por que não retorna às páginas amareladas daquele livro enfadonho? Lá, poderá ficar “confinada” junto com o Lobo Mau e os Caçadores!

MENINA

Simplesmente porque não sou a Chapeuzinho de verdade.

VOVÓ

Basta provar.

MENINA

Mas “provar” como? Essas coisas a gente não tem que provar nada. Eu só tô brincando com a senhora, já disse, meu Deus do céu.

VOVÓ

Afinal, o que pretendia ou ainda pretende, uma menina na sua idade correndo beira por aí, andando na companhia de três tarados – três! – metidos

a caçadores de uma determinada floresta? Não estariam eles a espreitá-la ou surpreendê-la no meio do caminho só por que você deu confiança àqueles vagabundos? Ou queriam eles, com isso, provar a mim mesma de que fui a única culpada daquela carnificina por morar longe da cidade?

MENINA

Eu não sei de nada disso não. Essa parte eu não estudei. Só fiz mesmo decorar o texto. Aliás, não compete a mim responder sobre o assunto e sim ao autor daquela fábula. Eu apenas, veja bem, interpretei aquele texto que foi dirigido por alguém que, por sua vez, só queria que eu decorasse o papel da menina.

VOVÓ

Mentirosa. Tá querendo culpar alguém pelos seus erros.

MENINA

Eu juro! Vovozinha...dou a minha palavra.

VOVÓ

Que palavra?...

MENINA

De honra.

VOVÓ

Que honra? Essa você não tem mais, e jamais a terá novamente, já que você perdeu sua honra em companhia daqueles fanfarrões!

MENINA

(Segredando ao público). Gente! Qual teria sido o motivo ou a razão pela qual levou a vovozinha a não acreditar em mim ou nas grandes fábulas que o mundo inteiro conta por aí? *(Voltando-se para sua avó).* Escute aqui vovó, não queira cobrar de mim aquilo que não sou, nem pretendo ser. Pois nem sequer tenho a semelhança com aquela Chapeuzinho! *(Deboche).* Menina le-sa, bobona, idiota demais pro meu gosto. Nem poderia eu chamar de “vó” uma velha também idiota e caduca.

VOVÓ

Ora! Tenha mais respeito comigo sua fedelhazinha, sua ordinariazinha!!

MENINA

Não. Não é nada disso. Não complique mais as coisas. Eu não tô me referindo a senhora e sim a vovozinha daquela fábula. É diferente.

VOVÓ

Ah: então confessa! Eu sabia! Você sempre esteve aliada aquela história mal contada em meio a tanta safadeza.

MENINA

Eu não. Ficou biruta?

VOVÓ

Até a maioria sabia que o frescor da sua juventude tinha despertado neles, nos caçadores, e no Lobo Mau, a paixão, o sexo, a volúpia.

MENINA

Credo, vovó. Que maldade! Que calúnia!

VOVÓ

Eles perderam a cabeça por você sua sonsa. Há quem diga que o seu lento caminhar até a minha casa foi proposital. Queria dar tempo ao tempo para que pudessem seduzir você, desvirginar, estuprar, enquanto o Lobo ganhava tempo e me engolia do avesso, mas com tanta avidez, com tanta avidez, que cheguei a pensar que, de fato, fui cuspida...ou cagada depois!

MENINA

Credo vovó. Coitada da pobrezinha.

VOVÓ

Coitada uma merda. Coitada de mim que fui acreditar na vigarice do Lobo. E coitado do Povo que, durante anos e anos, foi enganado por essa fábula.

MENINA

Vovó! Abra essa porta. Deixe-me entrar. Chega de brincadeira. Tá ficando tarde. Tenho que esquentar sua janta. Daqui a pouco sentirei frio.

VOVÓ

Que frio coisa nenhuma. Sua mentirosa. Sua safadinha. Volte pro lugar de onde veio, de onde nunca devia ter saído. Vá pro mato “chupar” ingá.

CENA 5

(Com efeito, a Chapeuzinho fica tristonha. Sentindo-se cansada dessa brincadeira, ela se senta, ora no batente da porta, depois no tronco seco de árvore).

MENINA

Bem feito pra mim. Que fui tirar sarro da cara dela. A mamãe sempre fala “Claudinha, procure respeitar os mais velhos, brinque com meninas de sua idade”. Poxa vida. Mas eu só queria animar um pouco a minha vó. Ela ultimamente anda muito triste, sei lá. Também é uma manifestação de carinho, de afeto, mas ela não quer. *(Faz-se silêncio)*. Ah: já sei! Sabem o que é? Vai ver que no fundo ela tá fazendo o mesmo jogo comigo, é isso! Tudo é gratificante, vocês não acham? Nossa! Claro que é! *(Mudando de assunto)*. Também descobri uma coisa. É bom brincar de brincar. Porém, a vovó leva tudo a sério, não é mesmo? Repare só. *(Volta a bater na porta com insistência. A velha responde aos cochilos:)*

VOVÓ

Quem bate?

MENINA

Sou eu.

VOVÓ

Eu quem? Por acaso não tem nome?

MENINA

Sou eu, Cláudia.

VOVÓ

Ainda está aí sua mentirosa?!

MENINA

Abra essa porta. Já tô cansada. *(Cantando)*. Acabou a brincadeira ôlê-ôlê-ôlá...

VOVÓ

(*Idem*). Foi uma escolha sua - ôlêêê seus cavalheiros! E as três pedras foram escolha sua pra quebrar sua cabeça. Você agora terá o castigo que merece. Não vou é carregar suas mentiras pro resto da vida.

MENINA

Calúnia. Pura calúnia.

VOVÓ

Entretanto, toda classe teatral coloca em dúvida este assunto. Há várias versões a respeito dessa história, ou melhor, em relação ao seu comportamento. Uma menina que fica andando para cima e para baixo feito um ponteiro de relógio na companhia de três tarados, espera o que desse relacionamento pernicioso? Minha filha, alguém não é de ferro, assim como alguém tinha que pensar “coisas” a seu respeito.

MENINA

São suposições, especulações, vovó.

VOVÓ

Não senhora. Qual teria sido a sua atitude logo na primeira “cantada”?... Era recusar qualquer convite obsceno que eles fizessem, e não fingir, como fingiu, todo esse tempo, principalmente para mim que sou tua vó Chapeuzinho... (*Chorou*).

MENINA

Mas vovó, ainda sou virgem.

VOVÓ

Virgem uma ova!

MENINA

Acredite se quiser. Ora! Dou a minha palavra. Por que passaria a esconder? Eu nunca tive “segredos” para a senhora. Nunca.

VOVÓ

Virgem, mesmo?

MENINA

Sim.

VOVÓ

De cabaco e tudo no lugar?

MENINA

Virgíssima. Como Nossa Senhora.

VOVÓ

(Abrindo a porta). Então entra. Entra, entra. E vá logo tirando a calcinha pra ver se é virgem mesmo, de verdade!

MENINA

O quê?

VOVÓ

Agora!

MENINA

Mas o que é isso? Um exame médico agora? Tá ficando louca!

VOVÓ

Tô, tô, tô louca sim. Vamos! Tire a calcinha. Mostre a sua virginidade agora!

MENINA

Pare com isso, vovó. Que coisa! Que brincadeira de mal gosto. Vá dormir. E acredite se quiser, ora essa! Não sou obrigada a me despir na frente dos outros. Aliás, na outra história original, eu não li essa “deixa” de nu frontal com a Chapeuzinho.

VOVÓ

Está bem. Mas noutra ocasião vou reparar nessa sua “curica” roedora de calcinhas.

MENINA

(Inventa um bailado). Vó, basta olhar para mim e ver o quanto estou falando a verdade. Repare. Olhe no meu rosto. Veja a minha pele tão macia, tão ave-

ludada. As minhas coxas, o meu traseiro, meu umbigo, meus seios. Estão tudo no lugar. Intacto, lacrado, do jeitinho como nasci.

VOVÓ

Suponhamos que sim.

MENINA

Suponhamos que sim! Foi a coisa mais ridícula que já ouvi até hoje. Ou a gente é virgem ou não é. Não existe meio termo. Eu aprendi isso com a minha querida mamãezinha. Agora peguei corda com a senhora. *(Puxando-a pra trás de um bastidor)*. Venha comigo! Venha!

CENA 6

(Após um minuto, ambas resolvem deixar os bastidores e retornam à cena no palco etc.).

MENINA

Então. Sou ou não sou virgem?

VOVÓ

Ainda. Mas até quando?

MENINA

Ora me poupe, né vovó! A senhora parece fazer questão de brincar com as coisas tão sérias. Alguma vez já lhe menti, a não ser por brincadeirinha?

VOVÓ

Não. Sei não. Mas depois que encenou essa peça, essa farsa medieval, olhe, é bem possível que tenha aprendido a mentir também com a Chapeuzinho.

MENINA

Mas vovó, pelo amor de Deus, quem mentiu não foi ela, foi o Lobo Mau que desejava papar a ela.

VOVÓ

E que acabou papando a mim? Que sabor teria a carne de uma pobre velha quase moribunda?

MENINA

Acho que nenhum.

VOVÓ

Pois é. A única coisa que não entendi para ser avaliada no futuro. E eu feito uma tonta, uma lesa, acabei caindo no “conto do vigário”, caindo no papo dele, servindo de isca e de álibi pra aquele famigerado lobo. Sim, porque não era a min que ele desejava, era a você. Cheia de pose de frescura, é claro, que você se fazia passar por amante dos caçadores, fazia o jogo deles num triângulo amoroso. Logo, foi táxi-mirim de um deles e dormiu com todos, aí, a vovozinha aqui cheia de ensinamentos e pudor, entrou pelo cano do lobo.

MENINA

Por Deus, pare com isso, vovó.

VOVÓ

(Aos berros). Quero-porque-quero resgatar a minha moral, a minha vergonha! Afinal de contas, eu é que fiquei com a minha “imagem” desgastada por aí, falada, comentada de boca em boca, ridicularizada pelo povo que não acreditava naquela fábula. Ao passo que você sua safadinha foi gloriosa, ganhou fama, prêmios, troféus e honrarias que nem merecia, até virou filme e lotou cinemas do mundo inteiro.

MENINA

Vovó, será que a senhora pirou de vez? Eu sou Cláudia, repito, a sua netinha querida, a menina dos seus olhos.

VOVÓ

Sim não? Daqui a anos vai dizer também ao mundo que fui “engolida” por avidez sexual.

MENINA

A senhora acha?

VOVÓ

A quem está querendo enganar, hein Chapeuzinho? Já ouviu falar dessas garotas que preferem usar o traseiro para se manterem sempre virgens?

MENINA

Claro que já. A senhora não está pensando que eu...

VOVÓ

Ainda duvida?

MENINA

Vovó! Nem tudo se aprende com as personagens. Teatro é teatro. A vida da gente é outra coisa. Nada tem a ver com. Olhe, peço desculpas por ter lhe aborrecido com o meu teatrinho. Eu só queria lhe distrair pouco. Só isso. *(Afasta-se dela preocupada com o que vê na velha).*

VOVÓ

Tá bom, tá bom. *(Aproxima-se da cesta).* Mas que tem aí na cestinha? Não me venha oferecer comida azeda, pão de ló azedo, biscoitos mofentos e leite fora da validade, e nem pergunte sobre os meus olhos, a minha boca, o meu nariz a farejar a verdade ainda oculta.

MENINA

Que verdade?

VOVÓ

A sua queridinha. Sei que o povo inventa, mas não aumenta. Sei de fonte fidedigna que cada matrona do teatro pensa a mesmíssima coisa sobre essa fabulazinha. Até levam em consideração que a Chapeuzinho escapou na hora H, por causa de um dos caçadores que, naquelas alturas, estaria com ela no mato. Aí vem a pergunta: Fazendo o quê? Croché? Pastel? Ou frango assado?

MENINA

(Boquiaberta). Vovó! Meu Deus, ela pirou de vez!

VOVÓ

Em outras palavras, eles eram amantes sim, durante e depois das encenações, e ninguém sabia, nem desconfiava.

MENINA

Coitada da menina!

VOVÓ

Coitada de mim, que entrei de gaiata nessa história imoral, pois assim quis o autor para dividir a plateia, para que ninguém suspeitasse do ar angelical e da pureza juvenil daquela serigaita, ou da própria malícia pessoal do autor.

MENINA

Nossa! A senhora não estará vendo coisas onde não deve?

VOVÓ

Só se for no buraco da tua venta. E os enigmas dele, hein menina?

MENINA

De quem?

VOVÓ

Do Lobo Mau! Aquele pilantra me vomitou por nojo ou por vergonha. Ah, eu não gostei. Aquele final não convenceu a min, nem a plateia, nem a ninguém. A ficção ou a fantasia sobrepunha o drama obsceno que estava por trás no subtexto. Pior ainda: a sua cara de pau de menina magricela e sem graça nenhuma querendo ensinar a todos nós suas próprias safadezas. E com isso, estava a dizer em atitudes que éramos todos idiotas.

MENINA

(À plateia). Gente, a vovó ficou doida, enlouqueceu. Coitada. Preciso fazê-la voltar a realidade.

VOVÓ

(Desconfiada). Com quem tanto conversa aí na porta? Alguém tá querendo papo com você, é?

MENINA

Não, não. Magina! Vou lhe servir os doces. Ou prefere um chá de canela com leite e torradas?

VOVÓ

Chá? Eu não estou entrevada pra ficar tomando chá. Chá pra que? Pra morrer envenenada desta vez e você ficar com tudo, como legítima herdeira do meu dinheiro? Não, senhora. Aceito não. Dispenso. Não quero nada.

MENINA

Então tá na hora da vovó dormir.

VOVÓ

Vá pros quintos com seu horário! Só me deito na hora que me der na telha, na hora em que o ladrão mais misérito quiser me assaltar, ora-ora! Liga o aparelho de tevê. Hoje tem aquele programa do “cantor das multidões”.

MENINA

“Cantor das multidões”? Quem é esse, já?

VOVÓ

O Orlando Silva. Quem mais poderia ser?

MENINA

Nunca ouvi falar.

VOVÓ

É porque você é burra, imbecil, anticultural. Só ouve música de gente maluca como esse tal de rock n’roll. *(Cochila na cadeira, e se acorda com o barulho de alguém batendo na porta)*. Que foi? Que foi? O que houve? Mataram a Chapeuzinho? Aonde? Na Zona do meretrício?

MENINA

(Disfarça o riso). Não, vó. Alguém tá batendo na porta. Escute, a senhora tá esperando visita?

VOVÓ

Olha o respeito comigo, menina! Quem “recebe visita” ou é o governo ou é prostituta. Sou velha sim, mas não assanhada dessas que andam sassariando por aí.

MENINA

Credo, vovó. Deixe de pensar em maldade. *(Ouvem-se bater na porta várias vezes)*. Alguém tá querendo arrombar a porta, vovó. Tô com medo.

CENA 7

(A velha resolve abrir a porta e tem uma surpresa).

VOVÓ

Diabo. Quem será a esta hora da noite? Quem bate? Quem está aí?

HOMEM MAU

(Do lado de fora, fingindo). Somos nós. Os seus vizinhos.

VOVÓ

Vizinhos? A esta hora? *(Vai abrir a porta, quando:).*

MENINA

Espere! Não abra a porta agora. Raciocine comigo. De repente, pode ser um ladrão, algum bandido, algum tarado, alguém que vem pra sacanear com nós duas aqui dentro.

VOVÓ

Ora. Deixe de xiliques. Deixa de ser fresca, menina.

MENINA

Mas vovó, se são mesmo seus vizinhos, pergunte o nome deles. Rapidinho. Depressa.

VOVÓ

(Reparando nela). Meu Deus, como você tá tremendo! Tá com medo de que ou de quem? De uns pobres diabos que moram por essa periferia e vivem me pirangando comida? *(Ao abrir a porta, um grito:).*

HOMEM MAU

Por que demorou abrir a porta, sua velha rabugenta?

VOVÓ

O Lobo Mau!

MENINA

Também os caçadores! Esses caras de pau!

VOVÓ

Sem vergonhas. Cínicos. Atrevidos. Aproveitadores de menor.

HOMEM MAU

O que deseja de nós, hein vovó?

MENINA

Como isso é possível?

HOMEM MAU

Tudo é possível pela fórmula mágica da palavra. Com a palavra, a gente sente amor, sente saudade, chora, escroteia, faz inimizades, briga, discute, também faz amizades. E a senhora vovozinha, de tanto pensar em nós, de tanto invocar o nosso nome, que resolvemos sair das páginas amareladas de um livro e aparecer em sua defesa.

VOVÓ

Em minha defesa? Que história é essa?

HOMEM MAU

Já pensou se a vovozinha resolvesse não abrir as portas para mim? Como é que nós iríamos esclarecer os fatos?!

VOVÓ

Que fatos?

CAÇADOR II

As coisas camufladas do outro texto. Coisas não reveladas naquela época. As consequências caíram sobre todos nós: a péssima fama do Lobo Mau, a da Chapeuzinho, a sua Vovozinha, e a nossa aqui, a minha e a do parceiro aí.

MENINA

Já vi esse filme. Isso é grupo, vovó. Esses caras estão mentindo, estão querendo se aproveitar desse momento pra estuprar a gente.

VOVÓ

Que é isso, menina! Que modos de falar são esses?

MENINA

Deem o fora daqui! Ou eu chamo a polícia!

HOMEM MAU

Ora viva! Que menina mais esperta! Tão nervosinha, tão bonitinha...

VOVÓ

Ela é minha neta. Vá tirando essas patas sujas de cima dela, seu ordinário.

HOMEM MAU

Calma, vovó. Pronto. A bichinha tá livre.

VOVÓ

Nem tentem aproveitar-se dela outra vez, caso contrário, lhes cortarei o pinto pelo tronco.

HOMEM MAU

Apesar da recepçãozinha nada agradável, quero cumprimentá-la pela sua beleza rara. Prazer senhorita...

VOVÓ

(Interfere). Largue a mão da minha neta, seu tarado. Ninguém aqui sente prazer em vê-lo nesta casa. Digam logo para o que vieram e caiam fora!!! Chega de trapanças. Chega de tramoias.

HOMEM MAU

Cala essa boca velha idiota. Fecha essa matraca enquanto falo. As duas me ouvirão sem reagir, e caladas. *(Fez-se silêncio).* É como o autor pensou. A fantasia e o sonho só fazem sentido nos livros, nos palcos, nos teatros, no cinema quando se tem afinidade com seus personagens.

CAÇADOR I

Tudo aquilo era um faz-de-conta. Mas ficou a consagração, a voz rouca, as palavras impossíveis do subtexto, da Vovozinha.

CAÇADOR II

Também ficou a cobrança da plateia que a tudo assiste e pouco assimila em linguagem, códigos, signos, metáforas, mas que aceita com empatia até os

enlatados estrangeiros. O que significa que da história original sobraram os olhinhos de espertos da Vovozinha.

CAÇADOR I

Aquela capa vermelha simbolizava o sangue ou a menstruação daquela menina adolescente, enfim, o seu despertar para a vida sexual. E o primeiro homem que ela viu a sua frente foi o lobo, que a deixou fascinada, apaixonada.

CAÇADOR II

Naquela época o autor não podia escandalizar a sociedade contando a verdade a respeito dessa adolescente leviana. Entretanto, a Chapeuzinho foi escolhida para ser a “menina dos seus olhos”, e a senhora, Vovozinha, o bode expiatório de sua leviandade por causa dos preconceitos da época.

VOVÓ

Oh! Estou deverasmente pasma! Pasmíssima. Quando os vi adentrando esta casa eu pensei que fossem digamos...um bando de tarados, querendo, no fundo, papar a mim e a minha neta querida ao mesmo tempo.

HOMEM MAU

Impossível. Era uma concorrência fundamental quanto ao questionamento da sexualidade da garota.

VOVÓ

Não, não, não acredito. Nem vejo motivo dessa concorrência nem sempre leal por um lugarzinho ao sol ora ocupado arbitrariamente por Chapeuzinho.

MENINA

Mas eu vejo, vovó.

VOVÓ

Mas o que é que você vê, menina, me diga? Cala essa boca. Entope essa boca com pirão. Fica quieta.

MENINA

Vovó, depois da explicação desses babacas aí, e da razão pela qual vieram em sua defesa, abrindo parênteses e tirando as dúvidas, o que mais poderia agora azucrinar suas ideias, hem vovó?...

VOVÓ

Você. Você. Você.

MENINA

Eu, vovó? Por que eu? Eu não fiz nada! Se bem que eu devia, mas...

VOVÓ

(Insinuante). Menina, não era você que estava com pressa de voltar para casa e tomaria o ônibus das 21 horas?

MENINA

Ah, sim. Sim, senhora. É verdade. Mamãe deve estar furiosa, preocupada mesmo, acho que vou indo vó, tchau.

VOVÓ

Vá correndo. Vá depressa.

MENINA

(Ao passar por eles). E vocês seus caras de pau, não vão embora não? Vão ficar plantados aí, é? Deixem a minha vó em paz ou então avisarei a polícia.

HOMEM MAU

Fica fria, garota. E cai fora. Obedeça a sua vó.

VOVÓ

Não vá parar em lanchonete por aí. Vá diretamente para casa, ouviu?

CAÇADOR I

Parece uma garota esperta.

VOVÓ

Não sei o porquê, mas... essa nova geração não me inspira confiança. É uma raça muito avançadinha no tempo, porém, tola demais. Apressada demais em viver.

HOMEM MAU

Não se preocupe com isso, a gente tá de “olho” nela.

VOVÓ

O que disse?

HOMEM MAL

Nada não.

CAÇADOR I

Nadinha com nadinha. Vamos embora?

CAÇADOR II

Vamos nessa jiboia.

VOVÓ

Já? Tão cedo assim? *(Insinuante)*. Mal chegaram...jogaram conversa fora...e agora vão embora sem “fazer nada” comigo? Não querem tomar um chá? Nem jogar xadrez?

CAÇADOR I

Na próxima. Quem sabe? A gente marca um jantar com filé, ou um recheado de peru, mas agora é impossível.

VOVÓ

Impossível, por quê? Por que faço parte da terceira idade?

CAÇADOR II

Nada disso. É que nossa mãezinha tá nos esperando na parada do ônibus.

VOVÓ

Ah: vocês têm mãe? Que maravilha! Então rezem por ela, seus canalhas, para não envelhecer na solidão!

HOMEM MAU

Vamos nessa. Pode deixar, vovó. Eles rezarão. Sua bênção, minha boa velhinha. *(Beijou-lhe as mãos, lambuzando-as de salivas. Os outros fizeram a mesma coisa e saíram em seguida)*.

VOVÓ

(Recolhendo-se aos seus aposentos). E pensar que teriam nascido de uma choca-deira. Credo, credo. Por que não lavar essa boca suja? Tá cuspiendo demais,

tá babando demais. Não estarão doentes de gastrite? Escovem os dentes. Esses dentes podres na boca dão mau hálito, dá boqueira, enche o corpo de urticárias, seus nojentos. Que transtorno! Ainda me lambuzam as mãos com salivas podres. Oh, que horror!...Bom, agora sim, vou dormir um sono do tamanho do verão. Vou me confinar de vez. *(Chamando por alguém)*. Alcebíades...apareça! *(Na tela branca ao fundo, surge vulto de um homem que atende ao seu chamado e se debruça como quem se deita com alguém na cama ou coisa parecida)*.

VOZ DA VELHA

(Em off no escuro). Agora, podem falar o quiserem de mim. Pouco importa. Azar!

FIM

A
MERCADORA
DE ALMAS

A Mercadora de Almas

Monólogo - 2004

PERSONAGENS

Pedro



CENA 1

(Mostra Pedro Maleiro dormindo na sarjeta num beco de rua. De vez em quando tem pesadelos sobre o passado e fala com alguém "invisível" à sua frente. A cena é patética e engraçada).

PEDRO

Ôpa. Qual foi o cara que me chamou?... *(Deu um salto, ainda zozzo)*. Quem são eles, gente boa?... Pedro Maleiro! Levanta teu corpo deste chão imundo! Êpa, Pedro Maleiro, sou eu, né, ou tem outro no pedaço? Se tiver, é um clone mal feito, sem característica. Até parece, moleque, que tu não me conheces, sempre acha que eu sou a cópia da cópia. Tomara que o cara que é sabido pra burro acabe comendo teu rabo como quem come uma pizza como sobremesa. *(Diante de uma cadeira velha no lixo)*. Bom dia, Pedro Maleiro! Pode me dizer o que é que o senhor tá fazendo aqui? O que tô fazendo aqui?? E o que o "gente boa" aí acha que eu tô fazendo? Entendi. São da polícia sanitária! Por acaso cometi algum delito? Fiz cocô na praça, tomei banho no chafariz, coisa assim? *(Breve pausa)*. Ainda bem que o meu crime não tem ocorrência, pode ser compreendido e até mesmo perdoado porque vivo e morro a cada momento!! Percebe?

CENA 2

(Colocou a cabeça entre as pernas e chorou em silêncio. Manter essa postura derrotista parece o caso de quem prefere morrer e não lutar pela vida).

PEDRO

O que há? Fala sério, ó meu!! Escuta aqui, cara: eu é que não posso me amofinar por tua causa perdida e lhe digo logo uma coisa curta e grossa: nunca falei tão sério na minha vida. Com pureza de alma e sem segundas intenções. Contigo, então, parece perda de tempo, não tem graça nenhuma lutar contra a tua carcaça humana! Um sujeito tão anônimo e que não tem cara de lutador e que amarrota seus trapos de vento. Tu, Pedro Maleiro, tá escritinho aqueles velhinhos abastados, sovinas e derrotistas que, mesmo estando com o pé na cova, preferem morrer do que lutar pela vida. Tá escrito, escarrado e cuspidado com a postura deles. É verdade mesmo? Então por que vocês aí ainda só fazem falar em vez de meterem no xadrez até hoje por causa do excesso de cachaça no fígado? Com um ou dois meses lá no presídio eu já tava curado e já podia voltar ao meu trabalho como maleiro, vendedor de malas grã-finas. Tô exagerando? Táqui, ó seu porra! Isso pode parecer mais uma boca pro governo sustentar diante de tanta crise e do que acontece no ambiente das famílias. Vida tenebrosa e chocante de quem vive nos alagados nada saudáveis. Pior do que a minha.

CENA 3

(Vai até ao fundo da cena e apanha uns jornais velhos amarrotados e os estende no chão como quem estende uma toalha de mesa. Sua postura é ridícula e infeliz).

PEDRO

Estão esculhambados como sofás e poltronas lá de casa. Até o fogão é velho como esse jornal. A Mirica parecia que não cuidava direito dos móveis, aí, tudo ia se acabando... Quem é Mirica? A minha pica é que não é! Claro que é a minha mulher, otário. Tá vendo isso? Um monte de Classificados. Foi na época em que andei correndo atrás de uma vaga de emprego! Antes, muito tempo, muito antes de cair doente do pulmão, andei procurando trabalho, procurei, procurei... nada. Só promessa. Quem vive de promessa é santo de igreja. Até a dona encrenca fez promessa pra santo Teófilo, aí eu falei pra Mirica: tu vais te forrar e sabes por que? Porque não tô mais afim, tô doente... Que atitude tomei? Olha, como todo cidadão brasileiro desempregado que se preza, ainda mais abandonado pela família, jogado na rua da amargura, fiz exatamente o que a maioria faz. Enchi a cara no primeiro botequim que encontro pela frente. Passei a chegar porre em casa. Depois já não era mais isso... era outra coisa. Que coisa? Pô!! Eu passei a ser agressivo com meus filhos e com minha mulher, minha companheira, mãe dos

meus pirralhos. Aí, quando um dia, a coitada não aguentou: se armou do cabo de uma vassoura, fez ameaças e me enxotou para a fora de casa, mesmo doente pra morrer... *(Chorou)*.

CENA 4

(Para o Pedro Maleiro que passa a chorar no meio da rua, entre os transeuntes, a lembrança ou as recordações do passado que vêm à tona na memória o faz sofrer e expor tal sofrimento).

PEDRO

Desse jeito eu me acabo em pizza. Tipo amante fracassado. Maior bafafá dentro da minha alma. Até parece, moleque, que vou me acabar de vez. Isso!!! Chora! Extravasa! Vai! Procura espremer tua alma, Pedro Maleiro, teu coração, teu corpo, se ainda resta, como quem vai fazer uma limonada!... Porra. Fui eu que decidi morar na rua, cara. A coitada da Mirica não tem culpa de nada. Tudo cansa na vida. E ela se cansou, coitada! Aqui, na rua, dormindo nas marquises, nos bancos da praça ou nos mausoléus do cemitério da cidade, a gente não paga aluguel, fica mais à vontade. Come o que?... Ah! A comida o povo dá, oferece. O povo é bom, é generoso. Tem gente também sovina no meio, mão de vaca, mas a gente releva. A moradia? Nunca me acostumo com tal mudança, ora aqui, ora ali, ora acolá, pô!! Dá no saco, ó meu. Até gosto desse negócio de viver como nômade, um judeu errante. Se adoro cemitério?

PEDRO

Mas rapaz! Não é para lá que todos irão?? Do que é que vocês têm medo?!... Coisa que tu adoras, não é Pedro? Ficar pertinho dos anjinhos de pedras. Oh! Pelo menos eles não me aborrecem, não fazem ruídos, nem barulho, não me incomodam, não me torram a paciência e me deixam dormir sossegado!! Égua!! Que programa mais macabro! Não faz sentido. Só faz! O que não faz sentido é esta mala vazia já que os assaltantes me levaram tudo, as roupas novas, o relógio folheado a ouro, as gravatas, os dois paletós, menos isso aqui: os retratos da minha mulher e dos meus três pirralhos... moçada bonita, cafungando no meu cangote, cheirando meu sovaco... Veja... este aqui é o Pirola e este é o Ziza e esta é Valquíria... a minha Valquirinha... *(Chorou)*. Chora!! Chora mais! Chora o quanto poderes, Pedro Maleiro! Tu é quem sabe o quanto teu coração frágil aguenta.

CENA 5

(Há um vento ventando forte varrendo toda cidade e poeira da rua que vai cobrindo o Pedro Maleiro de lixo: sacos plásticos, garrafinhas, chinelos, sapatos velhos, guarda-chuva, penico, panelas, tampas de bacias etc.)

PEDRO

Tá vendo? Falou em desgraça... esse vento forte que vem do Norte varrendo toda cidade, também sopra toda poeira no meu olho e me cobre de lixo na rua! Isto aqui é pior do que praga de mãe. Tenho mais é que morrer enforcado em praça pública como da vez passada que não deu certo. Era um pedaço de corda fuleiro que não dava pra consumir o fato. Que pena, meu caro Pedro Maleiro! Não se lamente. Sou apenas uma carcaça humana. Talvez um trapo, um bebum, um cara entregue às baratas, ao abandono, a todo tipo de sorte. Esse cabra mal e porcamente tem o dia e a noite pra dormir, quando quer!! Enfim, um cara que virou pudim de cachaça, um homem sem futuro, sem destino, e sem endereço. Pode?? Que horror. Que lástima. *(Breve pausa)*. Aiiiii, parece que o ar está me faltando, embora fétido, mas preciso dele para respirar. Acho que tô me acabando de vez... Minhas pernas estão fracas... Será que vou morrer hoje, aqui, agora???... Com todo esse povo passando, sem saber o que tá acontecendo comigo?!... Deixe-me ajudá-lo um pouco. Vem cá, ó, senta aqui!! Tu já tá com o pé na cova. Tenho que correr atrás de um caixão pra ti. Égua porra! Vira essa boca pra lá! Não quer ir pro céu agora prestar contas a Deus, não?? Vixe! Prestar contas a Deus... *(Repetiu)*. Homem-Jesus-Menino!!! Que papo-furado é esse? Que idéia de jerico é essa? Por que tu não abres logo o jogo e diz quem tu és, onde tu moras e pro que veio! Porra, ó meu... tu fica nessa fuleragem, nessa conversa fiada, nessa enrolação toda, cara. Que tá querendo de mim?... Tá querendo comer ou tá querendo ser enrabado?... Pô!

CENA 6

(Cena final: mostrando Pedro Maleiro arquejando em seu íntimo torpor e tão cheio de riso e de pleno choro diante da morte).

PEDRO

Olha! Olha! Olha o respeito comigo, criatura! Se soubesse quem eu sou na verdade você mudaria de assunto e não ficaria nessa zombaria. Aliás, o Pedro Maleiro, sempre falou que a morte pra o levar teria que dançar pri-

meiro um tango, uma salsa ou um merengue, lembra? Eu falei isso?? Falou sim! Agora tem que pagar sua promessa. Você não tem outra escolha. Ou você dança e morre, ou morre dançando, como queira. Ah! (*Caindo em si*). Já saquei! Já matei a charada: isto significa que desgraçadamente este é o mais cruel momento da verdade! Não se trata de nenhum tipo de socorro ou generosidade, antes fosse, mas feliz ou infelizmente estou diante da morte, frente a frente, cara a cara com a minha própria morte, é isso? A tal mercadora de almas? Poxa vida. Até que enfim acabou entendendo e cedendo ao meu chamado através do suicídio fracassado, desta vez, por excesso de álcool prejudicando tua saúde. E aí o que é que eu faço agora? Não há mais nada a fazer. És um caso terminal. Complicadíssimo! Venha comigo! Êpa, êpa, pra onde tá me levando afinal? Não faça perguntas. Tire esse algodão dos ouvidos, criatura. E ouça baixinho! Tá ouvindo? A voz vem de lá... daquele portal... Psssiu. Silêncio! Eles estão falando, sorrindo pra você. Estão lhe desejando boas-vindas. Eles vêm vindo lhe receber... “Eles” quem? Quem são eles? Ah! Você não sabe? Muito menos eu! Talvez sejam teus parentes, teus amigos, teus avós, teus irmãos, sei lá. Vixe! Eu nunca soube deles. Nunca! Tá me ouvindo, Pedro Maleiro?? Fala alguma coisa! Seu linguarudo! Te defende de alguém que dizia que tu andavas sujando a paisagem da cidade. Fala! Nem pensar. O meu epitáfio já diz tudo: aqui jaz nessa quimera / alguém que, em vida, foi e que, retornando assim ao barro, ao pó, à poeira desta terra / agora “já era”!!!... Esta é a prova do meu verdadeiro e derradeiro sorriso sabiam?

(*E emborcou mortalmente no colo da Morte*).

VOZ EM OFF.

(*Infantil, simbolizando a filha menor*).

Ei mamãe, cadê meu pai? Ele não vem pra casa? O papai foi aonde?...

FIM

ELA
POR CIMA.
ELES
POR BAIXO

Ela por cima, eles por baixo

2004

PERSONAGENS

João – Homem rude, vendedor de jornal

Cabritinho – Jovem, suposto homossexual

Maria Filó – Jovem, mulher grávida e solteira

Chibé – Adulto, vendedor de peixe, suposto pai

CENÁRIO

Palco italiano e semiarena. Onde, vê-se ao fundo, a torre de uma igreja ladeada de prédios, uma praça com um poste de luz demarcando as “estações” do meretrício. Ou fica à critério de um bom diretor.

O TEXTO

Narra na trama a história de um adultério à moda brasileira, onde a personagem central da peça, Maria Filó, aparece grávida, sem que se possa definir a paternidade da criança, disputada por quatro “pais adotivos”, um dos quais possivelmente homossexual.

Enfim, aos moldes da infidelidade brasileira, a ficção ganha características próprias de realidade conduzindo especialmente seus personagens ao seu próprio destino e descaminho em situações de disputa em relação a quem mais se gosta ou ama, mesmo magoando sem querer. O resto fica por conta de um bom elenco extraordinário que saberá extrair, da sátira-comédia, o bom senso de humor que está no riso e na palavra em ressonância com a plateia. É disso que todos nós precisamos no momento: rir, relaxar, desopilar o fígado, sem levar muito a sério as coisas rigidamente sérias da vida, senão, pira, vira estresse, neurose, depressão etc.

O Autor



CENA 1

(Mostra João vendendo jornal numa praça. Depois, entra em cena, o Cabritinho com trejeitos afeminados, trajando roupas exuberantes, exóticas).

JOÃO

Extra! Extra! Extra! Era pura cascata a “morte” de Vicentino Souza, vulgo Chibé. Extra! Extra! Outro foi enterrado em seu lugar com documentos e tudo. Leia! Leia! Maria Filomena abandonou seu novo amor Vicentino e foi morar com Miguel Mangabeiras. Extra, extra, extra! Filomena não sabe a origem do filho que vai nascer. Extra! Leia! Leia! Filomena “cansada de guerra” não quer morrer sozinha e monta um...

CABRITINHO

(Interrompe). Oi, compadre João! Como vai essa força, homem?

JOÃO

Mais ou menos!

CABRITINHO

Ainda no “frango assado”?

JOÃO

Qual nada! Tô ruim pra caramba.

CABRITINHO

(Reparando nele). Vendendo jornal como sempre, né compadre João?!

JOÃO

(Encabulado). É, né! É a vida. Existe outro jeito?...

CABRITINHO

Existe sim! É só criar coragem. Acontece que o senhor não aceitou a minha proposta. Esteja certo, se tivesse aceitado há anos atrás, agora não tava aí dando duro! Porque “duro” mesmo, pra mim, só se for aquilo...

JOÃO

Olhe! Esqueça aquele triste episódio. Eu tava porre. Foi empolgação.

CABRITINHO

Uma “santa empolgação”, eu diria! Não dá para esquecer. Não se feche nem bloqueie a livre expressão do seu incrível potencial. Ai, chega me arrepiando todinho! Veja como eu fico.

JOÃO

(Desconversa). E o senhor que tá fazendo por aqui?

CABRITINHO

Eu? Bom, eu... eu tava passando pela praça quando, de repente, avistei a sua simpática pessoa gritando, berrando feito um carneiro na chuva, aí, me deu uma vontade de...

JOÃO

(Ingenuamente) ... de comprar o jornal? Só restam 10 jornal.

CABRITINHO

Claro que não! Magina! Me deu foi uma vontade, mas de lhe dar um abraço, assim, bem apertado.

JOÃO

(Afastando-se dele). Sai fora, bicho de goiaba! Não se iluda comigo! Não comece tudo outra vez, senão, vou lhe meter a porrada!

CABRITINHO

Ai credo! Que estupidez! Não precisa usar da violência. Seja tolerante comigo e aceite as pessoas como elas são. É saudade, compadre João. Somente saudade. Dessas de fazer doer o coraçãozinho da gente.

JOÃO

Ora! Ora! Pra matar a porcaria dessa saudade basta tomar um chá de ortiga misturada com jambu e pimenta e depois tacar o resto no rabo!!!

CABRITINHO

Nossa! Que falta de bom humor é esse, hein? Não reprima quem você gosta. Aja com prudência, com cautela, libere seus sentimentos bons, procure ficar tranquilo, se é que a minha presença tanto lhe incomoda assim.

JOÃO

Vá embora daqui! Será melhor para nós dois. Preciso vender meu jornal. O compadre está sendo feio e ridículo nesta praça. Daqui a pouco a garotada vai lhe jogar pedra.

CABRITINHO

Não acho! Magina! Essas coisas só existem na cabeça de certas pessoas, assim que nem o senhor: preconceituoso, burro e “ingnorante”!

JOÃO

Não me provoque! Não me provoque! Senão, vai ter! Depois que o senhor veio morar aqui em Belém, acho muito estranho o senhor andar vestindo roupas mais esquisitas ainda. Olhe, que mal lhe pergunte, pra andar fantasiado desse jeito afrescalhado, que ideia lhe passou na cabeça??

CABRITINHO

Nenhuma. Essa é a moda da cidade grande. Todo mundo aqui anda assim. Só o senhor que não, porque não quer assumir sua própria identidade.

JOÃO

Peraí. Deixe de ser atrevido. Mais respeito comigo, homem.

CABRITINHO

Homem? Oh! Não me ofenda! Não me humilhe.

JOÃO

Pois eu sou muito macho. Eu não sou nenhum sujeito safado pra andar fantasiado dessa maneira pelas ruas, com todo mundo espiando essa marmota. Homem que é homem, de verdade mesmo, no duro, não anda com tal presepada... com unha pintada, lencinho na cabeça, brinquinho nas “zorelha”.

CABRITINHO

Agora, eu lhe pergunto: o que é que isso tem a ver com os fundos e as calças? Me diga!

JOÃO

Bom! Pode até não ter nada, é verdade, mas é que o compadre vai ficar “falado” na boca dessa raça. O senhor sabe como é, o povo, tem uma língua maior do que a boca, às vezes.

CABRITINHO

Coisa indesejável. Pois pelo mero desejo de lhe informar, já que o senhor tocou neste assunto, fique o senhor sabendo que essa gente de quem o compadre tanto fala, vive hoje em dia na base do troca-troca.

JOÃO

Troca-troca? O que é isso?

CABRITINHO

Isso significa o seguinte: que o outro... *(Cochichou aos ouvidos dele)*. Deu pra entender agora? Quer experimentar?... É danado de bom e gostoso!

JOÃO

Não alimente esperança infundada e nem fique vendo segundas intenções nas minhas conversas ou atitudes. Porque isto é coisa de cabra safado! Coisa que eu não sou nem pretendo ser. Prefiro morrer na clausura, sem contato nenhum com mulher, do que enfiar meu pau no fiofó de veado!

CABRITINHO

Preconceito. Puro preconceito. Discriminação. Despeito.

JOÃO

E não se meta a besta pra cima da rapaziada daqui que eles vão lhe enfiar um cabo de vassoura na bunda. Tô avisando!

CABRITINHO

Dane-se a rapaziada. Dane-se o povo. Dane-se quem quiser. E até quem não quiser! O rabo não tem nada a ver com a rola. Convém o senhor afastar da cabeça esse tipo de preocupação e se manter bem informado a meu respeito. Qualquer dúvida, viu compadre João, é só perguntar pra piva escrota da Maria Filó. *(E vai saindo, quando)*.

CENA 2

(Mostra João correndo atrás do Cabritinho, ao alcançá-lo, ele o puxa pelo colarinho e faz este confessar a verdade sobre a Maria Filó, que é sua amante).

JOÃO

Êpa! Peraí. Vem cá, Cabritinho filho de uma... Mas que Filó é essa?? Tô encucado!

CABRITINHO

E eu também! Fazia tempo que o senhor não me agarrava assim pelo canhoto, especialmente agora. Portanto use de muita habilidade e carinho comigo, viu. Detesto agressividade.

JOÃO

(Empurrando-o para um lado). Desembuche logo! Por mais desafiante e dolorida que a verdade seja, quero saber tudo, tim-tim por tim-tim, não me esconda nada.

CABRITINHO

Pois bem! Comigo, não dou moleza, não fico de bobeira, se mexer com o meu "Gaspar" aqui *(coçou o sexo)* vou fundo, mano véio, não deixo por menos, sou que nem tatu, quanto mais fundo o buraco, mergulho mais a cabeça do bicho. Faço logo um estrago. Arrebento qualquer cabaço.

JOÃO

Mas que Filó é essa? Que o senhor ainda não me falou! Será aquelas do barraco lá da Terra Firme, que disse certa vez que conhecia o senhor só de vista?

CABRITINHO

Homem! Aconselho você a manter o bom humor e eu minha positividade agora mesmo. Então. Não me diga que também conhece aquela piva escrota?

JOÃO

Se conheço...? Claro que conheço sim, compadre Cabritinho! Não é a Filó do finado Pé de Légua, que morreu enforcado por causa da sua chifrudice?

CABRITINHO

Ai credo! É essa zinha mesmo! O senhor ainda não sabe da novidade, não?

JOÃO

Vixe! Que novidade? O que é que o compadre Cabritinho tá sabendo o que eu não sei nem desconfio tampouco?

CABRITINHO

Gente! Não se sabe outra coisa na cidade e que o senhor deveria saber! O caso virou manchete nos jornais. Está na boca do povão. Aconselho o senhor a ser esperto e dar uma lida nesse jornal aí.

JOÃO

Ler? Não leio nada! Vendo jornal, mas não sei ler. Só decoro o refrão da venda porque me ensinaram lá na redenção do jornal. O senhor sabe que eu sou burro de pai e mãe. Sou tapado pra porra.

CABRITINHO

Vai ver que também ignora o verdadeiro nome daquela piva! Tá na cara. A safada tá querendo aplicar em mim. A Maria Filó vai parir mês que vem!

JOÃO

Tá grávida?? De quem? *(Ficou pasmo)*.

CABRITINHO

Adivinha! Ela andou espalhando que o filho é meu. Só meu!

JOÃO

(Pasmíssimo). Seu??? Tá louca! Será que ela ficou doida ou errou nas contas?...

CABRITINHO

Se errou eu não sei. Só sei que aquela vaca disse que o filho é meu.

JOÃO

Mas logo com a minha Filó? O senhor não tá besta, não? A minha Filó...

CABRITINHO

(Interrompe). A “minha Filó” o que? Que história é essa? Desde quando a Maria Filó é de alguém? Filó é de qualquer um, é de todo mundo, aquilo lá é pegar e largar, entendeu?

JOÃO

(Investiu contra ele). Seu cabra safado. Bacu. Baitola. Vou te fazer calar essa boca, seu descarado! Fica tirando “onda de viado” pra depois enrabar a mulher dos outros. Vou te matar seu filho da puta.

CABRITINHO

Calma, compadre João! Calma, homem. Ainda nem acabei de contar tudo.

JOÃO

(Largando-o no chão). Ainda tem mais??

CABRITINHO

Se tem...? Aproveite para relaxar e colocar as ideias em ordem. Se coloque um pouco no meu lugar. Durante uma semana frequentei a casa dela. Aí ela me contou que o compadre não tava mais “funcionando”, pois toda vez que o senhor pintava por lá, o senhor apelava, mas o pinto arreava, ficava mole, murcho, mofino, sem tesão algum.

JOÃO

Diabo! Mulher fogosa!

CABRITINHO

Preste atenção para não dizer que não lhe avisei. Pense bem antes de tomar qualquer atitude drástica. Mas é quase certo que ela esteja falando a verdade.

JOÃO

Essa filha duma puta vai engolir já, já o que disse e até aquilo que não falou. Ela vai ter que respeitar a cara de macho.

CABRITINHO

Não se deixe levar pelo ciúme ou coisa parecida. Não crie atritos por minha causa.

JOÃO

Por sua “causa” uma ova! *(Vai saindo).* E quando eu voltar de lá, não faço vista grossa a tudo que cheira como provocação da sua parte, aí vou lhe encher de porrada!

CABRITINHO

A mim? Mas eu só fiz dar uma escovadela no bicho. Só isso!

CENA 3

(Ambos passam a fazer um escândalo na praça pública. O povo vai se chegando aos poucos e se aglomerando em volta do casal etc.).

JOÃO

Vá pra puta que o pariu o senhor também!! Vou tacar a porrada naquela piva escrota. É quando ela vai parar de botar chifre em mim. Ou ela me leva a sério ou então vai comer lama! *(Sumiu)*.

CABRITINHO

João, volte aqui! A coitada não tem culpa de nada. Volte aqui, homem! Fica frio. Deixe de nervosismo, deixe de covardia! Supere essa tendência para ser um homem chifrudo *(Pausa)*.

MARIA FILÓ

(De fundo, intercalando). Aiii, meu braço, João! Me larga, me solta, me deixa João, que eu não sou de brigar!!

CABRITINHO

(No palco). Tá vendo só, gente? Agora taí o bode que deu! E que bode!!

JOÃO

(De fundo, dando bofetada). Tu não presta mesmo! Sua piva escrota! Sua puta ra-meira!

MARIA FILÓ

(Idem). Aiii, meus cabelos, me larga, João! Me larga!

CABRITINHO

É bem verdade que mulher dos outros é dos outros, mas homem que é homem tem que ser macho numa hora dessas.

MARIA FILÓ

(Em cena). Me larga, porra! Me deixa pelo amor de Deus!

JOÃO

Fala! É esse viadão que tu conhece? É esse fresco que é o pai dessa criança que vai nascer? *(Berrou)*. Fala, ordinária! Sua vagabunda! Sua vadia!

MARIA FILÓ

Mas larga meus cabelos primeiro. Larga, que eu falo!

JOÃO

Pronto. Já larguei. Agora, fala! Desembucha, anda! Olha que eu tô perdendo a paciência contigo!

CABRITINHO

(Tremendo de medo). Por favor, Filó! Fala logo! Assim será melhor pra nós três!

MARIA FILÓ

Eu não queria falar, João. Vai sair besteira da minha boca. Depois não quero caçada comigo. Bom!

JOÃO

Com besteira ou sem besteira, mas fala!

CABRITINHO

Fala, mulher! Acaba com a nossa aflição!

MARIA FILÓ

Tá bom. Se estão insistindo tanto, eu vou falar a verdade, somente a verdade. Em primeiro lugar, ao relacionar-me com tanto homem na vida, o doutor não sei de quê me falou que eu vou ter uma menina.

AMBOS

(Boquiabertos). MENINA???

CABRITINHO

Com essa eu não contava! Gostaria que fosse um “Cabritinho” pra ensinar a ele a dar pinotes na cama. Mas uma pererequinha...? Fica chato!

JOÃO

Pra mim, não importa. E com certeza será uma linda menina! Certamente vai levar o nome do verdadeiro pai. Faça sol, faça chuva, quer queira, quer não, vai se chamar Joana ou Juanita, tanto faz! *(Alegrou-se).*

MARIA FILÓ

Nada disso. Eu já escolhi o nome dela. Vai se chamar Eudóxia Jacobina da Encarnação do Livramento.

JOÃO

Porra. Que nome danado de comprido esse!!!

CABRITINHO

Também acho! Um verdadeiro palavrão. Esse tipo de nome e sobrenome é levado excessivamente às consequências drásticas mais tarde quanto ao futuro dessa criança. Vai criar complexo na criança. Vão debochar dela na escola.

MARIA FILÓ

Não interessa. Ela tem que honrar o nome dos avós maternos “Encarnação” é sobrenome da minha falecida mãe, que morreu numa enchente no Marajó, e... “Livramento” do papai, que morreu enfartado. Que Deus os tenha em bom lugar! *(Benzeu-se)*.

CABRITINHO

Vamos ao assunto quecinteressa. E o pai?

JOÃO

Quem é?

MARIA FILÓ

O pai?...

JOÃO

Sim porra!!!

MARIA FILÓ

Não tenho coragem de revelar. Estou tão acanhada, João!

JOÃO

Acanhada, é? Essa é boa! *(Rir)*. Só me faltava essa agora! Desde quando uma puta tem vergonha na cara?

CABRITINHO

Vai, Filó! Fala, revela logo essa droga! Acaba com essa palhaçada! Eu já estou ficando puto de raiva. Que saco!

MARIA FILÓ

Então lá vai merda no ventilador de vocês dois. O pai não é nenhum de vocês dois, não!

AMBOS

(Estupefatos). NÃO??? (Entreolharam-se com indignação).

JOÃO

Putaquepariu! Pai d'égua essa!

CABRITINHO

E quem é, então?

MARIA FILÓ

O pai é... *(Chorando escandalosamente)* é Orlandino Zacarias da Silveira do Espírito Santo da Silva Neto.

JOÃO

Essa não!

MARIA FILÓ

Essa sim!

CABRITINHO

Mas o Orlandino Zacarias está morto de oito dias! Nem deixou testamento.

MARIA FILÓ

(Finge chorar copiosamente). Pois é! É por isso que eu estou tão desolada. Como vou viver agora, sem eira, nem beira, como? Estou numa pindaíba de Jó! Tô matando cachorro a grito. E barriguda desse jeito não posso cair na viração. Do finado mesmo até que não sinto tanta falta, mas sim, da grana e do conforto que ele me dava toda semana. Com isso, eu enchia as minhas latas de mantimentos, minha geladeira vivia cheia, até me vestia bem melhor, tinha vestido novo, agora... tô que tô... sozinha... na solidão mais cruel da minha vida.

CABRITINHO

E essa menina quando nascer o que tu vais dizer pra ela? Como explicar a vida que tu leva enganando a Deus e a todo mundo por causa de grana?...

MARIA FILÓ

Sei lá! Eu... Eu explico que a mãe dela virou piva porque era burra, desprovida de prendas domésticas e sem nenhum certificado de colégio e que não tive outra alternativa na vida, senão essa, a de piva. Já que trabalhando como doméstica sempre acabava dando o rabo para o patrão, e de graça, então preferi “batalhar” por aí antes que a patroa me mandasse para o olho da rua quando descobrisse a safadeza do marido. Coitada.

JOÃO

(Afastando-se dela para cochichar com o compadre). Venha cá, compadre.... E agora, o que me diz disso?

CABRITINHO

Não digo! Estou com a cara no chão. De queixo caído!

JOÃO

O meu também! *(Coçando a cabeça).* Tô com a cabeça coçando, compadre.

CABRITINHO

A minha também!

JOÃO

Mulherzinha andeira taí botando quente no rabo do mundo. Que safada! Como é que a gente vai fazer um morto falar? Me diga! Assim fica o dito por não dito.

CABRITINHO

E eu com isso? Ela que fique com os seus arreios por aí. Procure sair daqui e eu também, antes que a garotada fique apelidando a gente de corno manso ou língua de veludo.

MARIA FILÓ

(Incomodada com a cena). Vixe! Agora estão os dois aí fazendo croché, trocando figurinha, estão escritinho dois chifrudos numa noite suja! O meu Orlandino era muito mais homem do que vocês!

CABRITINHO

Era? O que era que ele tinha que a gente não tem?! Pode nos dizer.

MARIA FILÓ

(Faz um gesto obsceno). Isto aqui. Vara! Muita vara! Coisa pra nenhuma mulher botar defeito.

JOÃO

Maluca. Vai ver que o coitado virou as botas por sua causa. Conhecendo o Orlandino como a gente conhecia ele não era de se amofinar à toa por alguma fornicãozinha. Afinal, o coroa lá se enchia da catuaba.

CABRITINHO

(Rindo). Pior que o corno velho desaparece deixando uma viúva puta ou uma puta viúva na miséria e mal amada!

MARIA FILÓ

(Fugindo deles). Vão se pra merda! Vou embora de vez, pra bem longe daqui, lá onde os viados tomam no rabo! *(Sumiu).* Seus galinhas!

CABRITINHO

Pilantra! Pilantra safada! Galinha! Quero ver se outro, em meu lugar, vai te presentear com rádio, geladeira, fogão elétrico...

JOÃO

(Continua). E eu? Com ferro elétrico, máquina de lavar roupa, videocassete, DVD, Tv de 14 polegadas, embora de segunda mão, mas eu dei praquela infeliz! Agora taí o troco que ela nos deu. E pensar que eu ia quase matando o compadre por culpa dessa sacanagem dessa piva. Logo o senhor que é o meu melhor amigo e companheiro de farra. E que farra boa!

CABRITINHO

É mesmo? *(Revirou os olhos e saiu rebolando, fugindo dele).* Entre nós não há condições de reatar o passado, algo que já não faz sentido em sua vida. Estou em outra, “meu zamor”. Fui!

JOÃO

O senhor também tá me desfeteando? Logo o senhor compadre que gostava de me espiar urinando e dando sacudidelas no pinto depois!! Que afoito ficava. Alegre. Nervosinho. Esse pimba mole. Fudidão. *(Corte/foco em)*.

CENA 4

(Tempo. Noutro plano de ação, dentro de um barraco, mostra Maria Filó arrumando as coisas, fazendo faxina, depois se ajeitando como quem vai sair).

MARIA FILÓ

(Cantando). Antes eu era prego e você me bateu!
Agora, quem bate no prego, sou eu! *(Bís)*
Tra lá ra lá ra lá.

CHIBÉ

(Lá fora, vindo da rua). Filó... Filó... Ô Filomena!

MARIA FILÓ

Entra, desgraçado! Empurra a porta. A porta só tá encostada.

CHIBÉ

(Em cena). Filó... dá uma olhada nesse jornal, toma!

MARIA FILÓ

Que é que tem no jornal? O teu patrão vai anunciar teu aumento de salário no jornal, é isso?

CHIBÉ

Antes fosse!

MARIA FILÓ

Mas tu não disse de manhã que tu ia pedir aumento na venda de peixe?

CHIBÉ

Pedir, pedi. Mas não adiantou nada. Os colegas de trabalho ficaram tirando sarro da minha cara.

MARIA FILÓ

“Sarro da tua cara”? Que história é essa? Que papo furado é esse, hein? Me diz! Já tô cheia de tuas desculpas, tais ouvindo? Cheia!!

CHIBÉ

Ah, Filó não fala assim, não! Se perdi tudo, emprego, prestígio, a camaradagem dos amigos, a culpa foi sua.

MARIA FILÓ

Minha? Tais é besta! Nem conheço aquela raça de enxeridos!

CHIBÉ

Também nem precisava, né Filó. (*Exibe o jornal*). Está tudo aqui estampado nesse jornal. Tudo! Veja... leia!

MARIA FILÓ

Deixe-me ver. (*Reparou na reportagem*). Nossa! Não é que o desgraçado tá falando a verdade! Meu Deus. Como fiquei famosa. Como fiquei falada. Gente, tô por assim dizer que nem artista de novela. Olha só! Ainda dizem que tô “cansada de guerra” e que não quero morrer sozinha, na solidão. Tô sendo tremendamente elogiada pelo sonho que tenho em construir um motel que vai se chamar “Palácio dos Anjos”, onde vai ter muito shows, muita frescura e tudo.

CHIBÉ

Por Deus não assuma aquilo que a Filó não tem condição de fazer.

MARIA FILÓ

Eu sei disso! Mas sonhar não custa nada. Custa?

CHIBÉ

Já basta o apelido que me deram lá no serviço, me chamando de “cabeça de boi”.

MARIA FILÓ

E por acaso tu não és? Droga de vida é essa! Tão contraditória para mim e para você, que não tem emprego fixo e ganha mixaria. Tu seu Chibé azedo, és uma merda mesmo, uma bosta de cachorro na rua! Não serve pra nada, a não ser pra comer e encher a barriga com pirão escaldado e sardinha.

CHIBÉ

Tudo por sua causa. Todos lá comentam errado o meu caso e ficam caçoando de mim.

MARIA FILÓ

Bem feito pra tua cara! Não sei como tu suporta tudo isso calado. Por que não vai ao jornal? Vai! Vai desmentir essa bandalheira toda que estão fazendo com a gente. Mas, tu não vai. Tem medo de falar na rua, tem medo da própria sombra, não tem jogo de cintura, não reage. Mas aqui dentro de casa não, fica aí falando, falando, jogando conversa fora. Coisa que me dá raiva. Nojo. Enjoo.

CHIBÉ

Para de falar besteira. Tá parecendo uma matraca ferrugenta.

MARIA FILÓ

Tá vendo? Nem a verdade tu consegue assimilar. Tu Chibé és uma mosca morta, não és capaz de matar um mosquito sequer, nem cachorro, nem galinha.

CHIBÉ

Égua porra. Pra que tanta violência? Filó, ô Filó! Pense ainda melhor antes de dizer qualquer coisa que me ofenda e que esteja me magoando. Já não basta à violência que está espalhada pelo mundo inteiro, aí vem a Filó, a minha Filozinha do meu coração, querendo que o teu neguinho fique matando os bichinhos que existem ainda por aqui!

MARIA FILÓ

Tá ficando doido? Ah, meu Deus! Ainda por cima é pateta, pateta. Burro e frouxo (*Gritou aos ouvidos dele*). Vai te envolver com outra, menos comigo! Vai pro inferno!

CHIBÉ

Vixe! Fala baixo. Gritando desse jeito vai estourar meus tímpanos. Olhe só: raciocina comigo, o cachorro corre atrás de ladrão no quintal, cria obstáculos pro safado não roubar nada, e a galinha bota ovos pra gente comer, pra gente tirar a barriga da miséria.

MARIA FILÓ

Arre égua. Com essa, vou esquecer isto aqui. Também esqueça o que eu falei. Juro que ouvi a pouco um jumento qualquer querendo criar asas para poder voar e entrar no reino do céu por descuido.

CHIBÉ

Deixa de heresia, Filó! Deus pode lhe castigar por isso.

MARIA FILÓ

Merda! Será possível que estou lidando com um cabra retardado, sem miolo de boi? Tu Chibé, tá escritinho um jerico no cangaço!

CHIBÉ

E a Filó tá parecendo uma gata velha de bucho!! (*Riu à toa*).

MARIA FILÓ

Ah, é? Pois eu vou te mostrar quem é a gata velha de bucho quando se enfeza e toma a frente da situação! Assim, fico alerta para não cair no conto do vigário.

CENA 4

(Cena final: mostra Maria Filó preparando as malas para ir embora. Enquanto Chibé fica apreensivo, sem entender sua atitude repentina).

CHIBÉ

Não estou entendendo. Fala mais direto, Filó.

MARIA FILÓ

Mais direto do que isso? Só se for um cabo de vassoura enfiado no teu rabo! Talvez seja a coisa que mais gosta. Diabo! Vida desgraçada essa! Quando eu penso que estou casada, amparada, amigada, amancebada, mas não! E com esse troço aí então, com esse molenga, nem mulher quenga dá jeito. Um pimba mole desse! Que não facilita nada. Que não trepa nem sai de cima!!

CHIBÉ

Afinal, Filó: o que foi que eu disse que lhe ofendeu tanto?

MARIA FILÓ

Nada. Não disse nada. Eu é que não presto! Não sirvo pra você.

CHIBÉ

Bom! Se eu nada disse que tanto lhe ofendesse sou capaz de entender. Mas então que bicho lhe mordeu? Algum pium debaixo da sua saia, foi?

MARIA FILÓ

(Indignada). Mas, seu porra cala essa boca! Tu não tá vendo que tô arrumando minhas malas para ir embora daqui?

CHIBÉ

O que? A Filó vai se arribar outra vez? Vai correr mundo feito uma doida?

MARIA FILÓ

Vou pra bem longe da sua babaquice. Chega!

CHIBÉ

Meça bem a consequência de suas palavras e atitudes e esteja de olho aberto para não atrapalhar o futuro dessa criança. *(Chora)*. A Filó não tem sossego nem paradeiro. Fica magoando quem te ama de verdade.

MARIA FILÓ

Que ama merda nenhuma! Só se for da cintura pra baixo, isto sim! Mas não se preocupe comigo. Eu vou me dar bem. Eu vou pra casa do Miguel Mangabeira. Vou me juntar com ele.

CHIBÉ

Mas Filó... aquele velho já dobrou o cabo da boa esperança! Não tem mais tesão nenhum. Tá mais com os pés dentro da cova do que fora dela.

MARIA FILÓ

Eu tô sabendo. Mas é isso que eu quero. Quero ser herdeira do velho, e com ele, na casa dele, vou ter mais conforto, vou ser mais feliz, vou andar bem vestida, vou me dar um trato depois que parir a Eudóxia. Até vou ter empregada pra tudo!

CHIBÉ

Pensa bem, Filó. Não convém assumir a difuntice do velho. Há outros parentes e herdeiros. Fica comigo, Filozinha! Fica! Eu juro, eu prometo ir lá na loja e comprar roupa nova pra você, sapato, dois pares.

MARIA FILÓ

Iguais aqueles da sua finada mãezinha? Não. Dispenso. Esqueça suas promessas cretinas. Além do mais, o pai desta zinha aqui, é o Miguel Mangabeira.

CHIBÉ

Mentira! O pai dela sou eu! Filó, não me abandona assim! Filó, meu bem, meu mal, meu bem querer... *(Arrastou-se aos pés dela, suplicante).*

MARIA FILÓ

Me larga! Me larga! Não vem que não tem, não vem! Vai ser pior pra ti! Vou falar pra todo mundo que tu és um frouxo, corno manso, chifrudo. Vou te armar um escândalo daqueles se tu vim atrás de mim. Experimenta!

CHIBÉ

(Soluçando). Volte aqui, Filozinha! Eu te amo com doçura, com amargura, mas eu te amo! Eu lhe prometo comprar uma casa nova no crediário. Volta, volta pra mim! Não vou mais lhe proibir de nada, você pode sair com quem quiser. Você pode me botar qualquer chifre e do tamanho que quiser, que eu não vou me importar; mas pelo amor de Deus não deixa este homem que te ama morrer na solidão e no vazio da nossa cama. Filó! Minha Filozinha do meu coração partido, sofrido, me atende... oh meu Deus!

MARIA FILÓ

(Debochou). Acabou de apelar? Pois eu te aconselho a tomar um chá de siman-col. Vai atrás de alguma idiota que nem tu. Talvez, ela te encaminhe pro reino do céu com essa sua santa ignorância. Tchau!

(Aqui, ao retirar-se de cena e em outro plano de ação, um foco de luz especial é direcionado apenas ao ventre de Maria Filó, de onde ouviu a voz da criança que vai nascer protestando contra tal situação, criando uma dúvida no final).

VOZ EM OFF.

Mamãe, mamãe! Não abandone papai. Não baixe o seu astral.

(Congela a imagem. A música vai enchendo o palco e a plateia. Final do espetáculo).

FIM

CONTADOR
DE HISTÓRIAS

Contador de histórias

2004

PERSONAGENS

Zé Goela, Matias, Orino, Antonia, Menina, Mundico, Mané Gamela, Mirica, Marisa, José, Rapaz, Bertoldo, Visitante, Boto, Juvenal, Manduca, Benedito, Jacinto, Madrinha, Divina, Adolfo, Januário, Mulher, Velho, Balconista, Ubiratã e Chagas.



CENA 1

(Dois homens e depois uma mulher, sentados no batente da porta, conversando e contando histórias sob a luz do luar. Um deles baforeja porronca espalhando fumaça no ambiente).

ZÉ GOELA

Pois foi, compade Matias.

MATIAS

Mas foi aqui no Curuçamba?

ZÉ GOELA

Diz-que foi.

MATIAS

E também foi, diz-que né, numa noite de luar como essa.

ZÉ GOELA

Foi, ó, chega me arrepia todinho. A alma da finada Maria apareceu no caminho bem no meio da estrada gemendo de dor. Era um gemido longo e triste desses de cortar o coração da gente.

MATIAS

A alma penada então fez o que? Quem foi que viu ela?

ZÉ GOELA

Uma porrada de gente já viu ela. Todo tempo gemendo de dor. Aí, a coitada pegou o saco de pano onde havia guardado suas tralhas e pendurou no ombro esquerdo; depois agasalhou no colo dois bonecos de plástico simbolizando os filhos que abortou anos atrás e foi-se embora no rumo da mata envolvida numa nuvem de fumaça.

MATIAS

E daí? Que rumo a visagem tomou, compade Zé Goela? Me conte, homem!

ZÉ GOELA

Olhe, ao passar perto do boteco Tira-Teima na beira da estrada, não tinha mais de 10 biriteiros e carapirás (*catadores do lixão do Aurá*) enchendo a cara e jogando conversa fora, e muito menos foram homens de verdade para enfrentar a visagem da finada Maria que morreu depois do último aborto. O pessoal que tava no botequim tremia de medo quando viu a visagem passando bastante desfigurada e ouviu seu gemido baixinho: “Aiiii, meu Deus, me perdoa pelo leite derramado e pelos filhos que abortei”.

ZÉ GOELA

Imagine! Se o compade tivesse lá. Os carapirás, acostumados a ver coisa feia os colocando em situação de risco, também pararam o conversê e tremiam de medo ao vê-la um pouco distante dali. Só não buliu com eles porque, de dó, já ia passando amargurada, precisando de reza e de missa pra poder descansar sua alma penada em paz. Como se não bastasse isso, quem tentou desafiar sua visagem, mês passado, um jovem carapirá fez uma armadilha, pegou pedaços de madeira e construiu um jirau (*tipo maromba*) no alto de uma jaqueira quando ela passasse por debaixo da árvore.

MATIAS

E pra que isso, compade??

ZÉ GOELA

Pra mode tirar foto da visagem lá de riba ao passar por debaixo da jaqueira. Nessa hora ele viu a coitada carcomida pela minhoca, parecendo um zumbi, com as vestes sujas de terra.

MATIAS

E ele? Tirou a foto dela?

ZÉ GOELA

Quem disse? Nem deu tempo de preparar a máquina, cá pra nós, parecendo mesmo defunta, ela largou uma cuspidela na cara dele cegando-lhes os olhos e avisou “Nunca mais duvide do meu sofrimento e da minha dor de perda minha!”. E foi andando, atravessando mato adentro.

MATIAS

E o carapirá?

ZÉ GOELA

Só ficou cego, mas não morreu. Foi assim que ele - seu Migué da Idália - me contou do ocorrido na época em que era jovem, depois desse acontecimento, ele nunca mais quis duvidar dessas coisas que envolvem o imaginário.

MATIAS

Sabe compade Zé Goela? Vou lhe revelar um segredo que guardo há anos. Acho que a alma penada da Maria só num buliu comigo porque, cheio de dó, assim que fui à Belém, mandei rezá uma missa pra ela...

ZÉ GOELA

Foi?

MATIAS

Foi sim!

ZÉ GOELA

Então aperte aqui nos meus cotocos de dedo porque, também, fiz o mesmo. Quem quiser que conte outra, porque esta entrou no buraco das zorelha, aí escorregou pela venta e caiu na búca de todo mundo.

CENA 2

(Sequenciando a cena, noutro plano de ação, entra um bebum tentando armar a rede no alto das paredes sendo observado pela sua velha mãe. É de madrugada. Ouvem-se o cantar do galo ao longe).

ORINO

O que este bebum estava fazendo? Tentava, meu caro Celso, armar a rede numa altura de uma parede a outra, com pedaços de corda azul de nylon,

sobre os limites estabelecidos de certos caibros que acompanham a estrutura da casa ou tapera ribeirinha, taipá.

MENINA

Vovô! O senhor podia contar uma história pra me fazer dormir?

ORINO

Não! Quem pode contar é a sua vó que tem mais tempo do que eu pra essas coisas. Vem Antonia, acalantar a nossa neta com suas histórias!

ANTONIA

Orino! Tenha paciência com menina. Isso só podia sobrar pra mim. Nós os avós temos que viver em função deles, dos netos e bisnetos, etc.

MENINA

Conta vó, a história da dona Sabá, conta! Aquela que tinha um filho beerrão.

ANTONIA

Se ficar quietinha, a vovó conta sim, mas se ficar me perguntando coisas, não contarei coisa alguma. Promete?

MENINA

Prometo.

ANTONIA

Jura?

MENINA

Juro! Eu juro pela fé da mucura.

ANTONIA

Mas, antes, deixe-me embalar você na rede enquanto a vovó vai contando a tal história. Tá bom assim?

MENINA

Tá.

ANTONIA

Pois então ouça mais uma vez. Noite dessas, na cidade de Bujarú, município que faz parte da nossa região amazônica, havia uma velha senhora que tinha um apelido de dona Mulata que, por sua vez, tinha um filho bebum; o qual tomava conta da velha e que se chamava Alcindo.

MENINA

Que ele fazia?

ANTONIA

Não comece, Aninha. Deixe-me contar a história, por sinal, muito engraçada. O filho não fazia nada. Só ficava vadiando a noite inteira de bar em bar, enchendo a cara com os amigos ou colegas de farra. A pobre dona Mulata era obrigada a passar horas da madrugada acordada só pra ver o Alcindo chegar alcoolizado, sem conseguir ficar de pé em equilíbrio para atar a rede no alto das paredes ia ali emborcar seu corpo e dormir. Certa vez, não conseguindo seu intento, acabou ficando pendurado na rede, quase pra cair, com a cabeça pro lado de fora da rede avarandada, quando dona Mulata protestou de maneira responsável, usando uma expressão típica da região, mais ou menos assim:

DONA MULATA

Mas Alcindo... tu me chega arta hora da núite artamente alcoolizado, adesso pois arta essa rede nestas artura em risco de tu cair daí e de manhã, como se não bastasse, tu ainda vem querer se arterà comigo? Ora te enxerga, pequeno! Que eu ainda sou tua mãe, tais ouvindo? Tô véia e manca, mas ainda pego deste cabo de vassúra e te faço já-já uma racha na tua cabeça! Ara-ara.
(Pausa. A menina dormiu).

ANTONIA

Aninha... gostou? (*Respirou fundo*). Ah, dormiu! Tadinha. Nem precisava responder. Aquilo que não pode ser dito, pode ser contado realmente. Boa noite.

CENA 3

(Dois compadres conversando e tomando aluá de milho no pátio da casa entre uma tragada e outra do porronca).

MUNDICO

Ah, compade, nem lhe conto da vergonha que passei outro dia por caisa da Mirica, minha mulher.

MANÉ GAMELA

E por causa de que, homem, ela faria isso??

MUNDICO

Doidice dela. Só pode.

MANÉ GAMELA

Quanta vergonha passou?

MUNDICO

Pois bem. O pior é que foi na frente do compade Totonho, amigo fiel de muitos anos e preocupado com a minha saúde devido a queda que levei quando amarrei a montaria numa raiz lá no mangal. Sempre que posso recebo o compade em minha casa para um dedo de prosa comigo, só para matar o tempo e esquecer o marasmo dessa vidinha por aqui do interior.

MANÉ GAMELA

Vixe! Bote marasmo nisso, compade Mundico.

MUNDICO

Mané Gamela, pra coisa de amizade, não tem distância geográfica que separe a gente da pessoa que nós estimamos de verdade, não é mesmo?

MANÉ GAMELA

Isto é verdade! É uma questão de caráter. Mas continue contando!...

MUNDICO

Entonse. Justo nessa noite, tomando aluá de milho, como nós dois agora, tava eu mais o compade Totonho num dedo de prosa, conversa vai, conversa vem, trocando ideias de pescador, relembrando façanhas no mar, quando de repente, de sopetão, lá pra meia-noite, me apareceu a Mirica na sala vestindo aquela marmota.

MANÉ GAMELA

Desculpe, compade, mas eu tenho que perguntar: “Que marmota é essa???”

MUNDICO

Um camisão branco feito uma mortalha de defunto, todo largo, deste tamanho e fez uma perguntinha besta que não devia:

MIRICA

(Surgindo). Boa noite, Mané Gamela.

MUNDICO

De novo???

MANÉ GAMELA

Mas o que é isso, dona Mirica?!! Tenha compostura, pelo amor de Deus!
(E virou os olhos desviando o olhar para não ver tanta transparência desta vez).

MIRICA

Heim Mundico...

MUNDICO

O que é, Mirica?

MIRICA

Só quero te perguntar mais uma cúisa mais audaciosa pouquinha cúisa. Posso?

MUNDICO

Pergunta logo! Que eu to prosando aqui com o compade Mané Gamela.

MIRICA

Então tá. Só me diz uma cúisa: tu vais me usar hoje?

AMBOS

(Boquiabertos). O quê???

MUNDICO

Nem vou lhe dá resposta. Vou é dormir no barco. Tenho pescaria esta noite.

MIRICA

Tá bão. Então, sendo assim, num vú me lavar. *(E foi dormir no quarto).*

MUNDICO

Mas Mirica!!! Essa mulher tá ficando saliente por demais da conta.

MANÉ GAMELA

Teja com vergonha não, compade, eu entendo dessas coisas. Todo homem tem a muié que merece, né não? A sua - compade Mundico - com licença da palavra, já passou das contas; já tá é pitiú. Vixe! Toma cautela. Use camisinha. Use camisinha. Por mais apaixonado que o senhor teje. Tá ouvindo? Olha, com essa já me vú andando pra casa. *(Tirou o cachorro da corrente)*. Borimbora Cazuzá. *(O cachorro respondeu latindo e foram os dois seguindo uma trilha no meio da escuridão da noite)*.

CENA 4

(Pela manhã, na beira do cais, havia um casal se chamegando durante a travessia da balsa. Os demais tripulantes se sentiam incomodados com a cena a céu aberto em pleno sol do meio dia).

MARISA

Ó, Zé! Para com isso. Tem gente olhando.

JOSÉ

E eu com isso? Tô doidão por você. Doido varrido por esse teu rabão. E daí?

MARISA

Que coisa! Que furdunço é esse?

JOSÉ

Quando nós descer da balsa, vamos encarar logo um motel.

MARISA

Que motel coisa nenhuma. Tem termo, Zé.

JOSÉ

Tem termo uma ova! É que eu tô aqui padecendo do tal tesão pra mais de uma hora e tenho precisão de afogar o ganso. Não tenho natureza de ficar nesse espicha, encolhe, pensa nisso, não dói? Vem de lá um beijo arretado!

MARISA

Magina! Aqui, na frente dos úteros?

JOSÉ

O que é que tem? Faz parte do namoro. Ora, se essa balsa já tá aí lotada, vê agora como é que tô, espia só, finge pegar nele... pega, Marisa!

MARISA

Nossa mãe. Parece um cavalo.

JOSÉ

Já tem um tempão que tá assim. Vem daí um beijo, mata meu desejo, sua piva.

MARISA

Para, Zé! Me larga, me sortia, pequeno, me deixa, que eu não sú de beijá!!!!

JOSÉ

Né não, é? Pois sim, então, te mostro! *(Alguém que estava mais próximo do casal vintu, deu uma olhadela para trás e fez uma crítica ao observar a boca desdentada a mulher volúvel).*

RAPAZ

Também pudera: a boca da piva parece o buraco do cu. Não há quem aguente... um buraco fuló! *(Em seguida, a tal Marisa, ao ouvi-lo, respondeu numa boa:).*

MARISA

Olhaqui, moço... não se meta! O rabo é meu e dou pra quem eu quiser, tá bom?

JOSÉ

(Normal). Moral da história: não meta a mão em cumbuca que você pode se ferrar, se dar mal, pensando em proteger alguém que você desconhece ou querer ajudar alguém que não deseja ser ajudado. O resto é que se dane.

CENA 5

(A caminho vai passando um grupo de pescadores em direção ao mar ostentando várias armar para sucumbir a aparição do boto tucuxi na beira da praia onde o bicho mandingueiro surgia sob a luz do luar. Todo vestido de branco como dançarino de carimbó ou lundú).

BERTOLDO

Num fim de tarde, quando amarrei a canoa no tronco do ajuruzeiro e voltei pra casa subindo o barranco de pedregulho fui logo me encontrando com um velho conhecido nosso que chegou de Belém a pouco tempo. Aí me reverenciou:

VISITANTE

Olá compadre Bertoldo!

BERTOLDO

De onde tá chegando?

VISITANTE

De Belém, faz tempo. Vim passar as férias aqui no campo. Mas vim mesmo de Itapoá de Dentro, achampinhar na espuma da maré, correndo assim o rio Açaí, esse riozinho gostoso de se ver. Também estive no Itapoá de Fora, onde fui rever outros bons amigos que deixei por lá.

BERTOLDO

Há! Então o senhor se aventurou a tal sítio??

VISITANTE

Venho de lá sim. Não deixo de reconhecer sua preocupação. Fico agradecido!! Demais a mais, lembranças do velho Bertoldo, que continua de pé.

BERTOLDO

Vaso ruim não se quebra. Mas que préstimo lhe achou desta vez?

VISITANTE

Quase nenhum. Tudo tava no mesmo lugar conforme deixei ano passado. Como sempre: admirei o rio Furo da Laura que separa Vigia do município da ilha de Colares, apreciei os mariscos, os búzios da praia, os ajurús, lindas bagas, ou brancas ou violáceas, e, também, estive saboreando uma gorda piraíba moqueada na casa do Juvenal. Que mais portanto?

BERTOLDO

Não lhe pregaram um susto? Um sustozinho não lhe pregou o boto tucuxi ao vim para cá nesse fim de mundo?

VISITANTE

Não! Pois não topei com ninguém, e o resto ignoro, desconheço.

BERTOLDO

Me admiro do Juvenal que não lhe avisou do perigo por essas bandas daqui. Quer dizer que o Ranulfo não percebeu o tucuxi buiando na maré cheia, fazendo presepada na maresia e rondando o barco, a modo de afundar ele só por malvadeza!

VISITANTE

Juro! Não vi ninguém, muito menos esse tal tucuxi, esse tal de boto.

BERTOLDO

Ranulfo, meu amigo, tu foste cagado de sorte. Pois, por aqui, todos lhe conhece e sabem das proezas do façanhudo que fica bulindo com as moças virgens, ou com as mulheres casadas enquanto os maridos vão pescar no alto mar.

VISITANTE

Nunca vi coisa com coisa. Não estaria o próprio homem virando bicho na sua visão heim Bertoldo?!

BERTOLDO

Homem, não se ponha de caçada. Olhe, que uma porrada de gente vive assombrada e seus aparecimentos aqui na vila tem causado estrago entre as famílias. Bem pior que isso: deixa a moçada defamada, a família desmoralizada. É coisa séria homem.

VISITANTE

Pode ser. Mas não é da minha ossada. Até outro dia. *(E sumiu do caminho).*

BERTOLDO

Já estava escurecendo. Quase ninguém enxergava nada. No caminho me esbarrei com o pessoal carregando rifle, enxada, ancinho, pedaços de madeira e o escambau a quatro pra matar o bicho. Me lembro bem que. De repente, de dentro das sombras do luar, surgiu um camarada todo alinhado, tipo tapuio, todo vestido de branco e foi logo parando no meio do caminho e cumprimentando o grupo de pescadores.

BOTO

Boa noite, amigos.

TODOS

Boa.

BERTOLDO

Todos responderam num tom paternal procurando observar seus traços físicos ou alguma semelhança com algum dito cujo ou com algum morador da vila já que a maioria se conhece por parentesco ou por amizade. Diante do lusco-fusco das lanternas na mão ofuscando-lhe os olhos, o tapuio falou:

BOTO

Desculpe se preguei um susto nos senhores desse jeito no meio da escuridão que me ofusca o olhar. Mas alguém aqui poderá me mostrar o caminho do cemitério para onde tenho uma missão a cumprir? Isto é, se não lhes trago nenhum transtorno, algum contratempo, já que estão a caça de um bicho do fundo!!

JUVENAL

Como sabe disso? *(Perguntou Juvenal curioso).*

BOTO

Ora essa! Vejo as armas que carregam e as lanternas acesas no rumo da praia.

MANDUCA

Olhe moço, o cemitério fica no rumo da venta, bem ali, dobrando a direita do miritizeiro, logo a diante tem um caminho estreitinho onde o moço vai ver uma jaqueira, aí, mais a frente o moço vai se deparar com o dito cujo cercado de mato por tudo quanto é lado.

BERTOLDO

(Como narrador). Respondeu Manduca, o mais jovem pescador, passando-se a informação correta. Enquanto Benedito - o mais adulto - indagava:

BENEDITO

Vigie, não me queira mal, se mal pergunto: com quem tamo falando? Qual é sua graça? Mora aqui mesmo na Vigia?

BOTO

Moro não, moro no Itapoá de Dentro, desde aos 12 anos, quando acompanhei meu pai na pescaria por algum tempo. Depois fui morar no rio Furo da Laura. Meu nome é Francisco da Cunha, mas podem me chamar de Chico, Chiquinho, que não me importo. Se quiserem fazer uma visita aos meus velhos pais, não se acanhem, eles vão adorar! Agora, com licença, tenho pressa, já é tarde, vou chegando! Tenho uma árdua missão a cumprir. Tenho várias casas para ir dar injeção nas partes pudicas do povo daqui.

JACINTO

Tome então cuidado, meu bom rapaz! Bicho do fundo tem andado por aqui colocando as pessoas em risco. Qualquer coisa, fique atento, grite, peça por socorro, ponha o pé na estrada, caso a visagem apareça por aí a dentro. *(Recomendou num tom paternal)*.

BOTO

Agradeço pelo aviso. Mas é provável que tal visagem apareça, porém, não tenho medo de assombração. Nem mesmo a tal visagem e o diabo juntos me assustarão isto, eu provo a vocês, viu cambada de frouxos.

BERTOLDO

E assim sumiu no breu que a noite fazia, sobretudo, largando uma pilheria chamando a todos de frouxos. Os demais parceiros subiam e desciam o caminho íngreme até a praia. Enquanto caminhavam, comentavam a respeito:

JUVENAL

Rapaz! Esse zinho é por demais corajoso mesmo!

MANDUCA

Tem boa pinta. Tem cara de sujeito sortudo.

BENEDITO

Hum! Com aquela presença toda praquela banda do cemitério, eu aposto que num vai sobrar nada do moço!

JUVENAL

Bom, em breve, vamo saber. Se o coitado virou defunto ou se escapou de ser bacu debaixo da viagem. *(Todos riram)*.

BERTOLDO

Até mais ver, pessoal. Vão cumprir a missão de vocês. *(Como narrador)*. Distantemente dali estava o rapaz vestido de branco fazendo amor com as mulheres de tais pescadores. Enquanto na praia um grupo adormecia com a brisa do mar e o outro era atingido pelas ondas causando naufrágio contra o barco em que se debatiam dentro d'água na tentativa de se salvarem. À margem da praia, em pânico e com medo, lá estavam Benedito, Manduca, Jacinto e Juvenal com ferimentos pelo corpo por causa das pedras do fundo das águas. Daí a dias, foram à casa dos pais do jovem Chico *(o rapaz de branco)* aí constatarem que lá não existe nenhum Francisco da Cunha, muito menos o casal que seria seus pais. Tudo era ficção, lenda. A notícia se espalhou por toda a Vigia. Aqui perto, na varanda, numa cadeira de embalo havia uma jovem grávida e a outra adulta costurando bordados numa roupa de criança.

MADRINHA

Hein Divina, quem foi que te engravidu meremo, foi o Juca da Idália, foi?!

DIVINA

Todo mundo sabe. Só a senhora é que num sabe? Madrinha, tô grávida do boto que a beira-mar domina!!... E como pagamento da sua visita, ele me deixou um monte de folhas secas como se fosse dinheiro. Como foi gostoso o beijo salubre da sua boca, o êxtase quente do seu corpo com cheiro de ranso e maresia como todo peixe. *(Esfregando a barriga)*. Ó, meu amado tucuxizeiro!! Por mim, tua lenda continua. Ei de criar nosso filho.

CENA 5

(Era uma vez, dois amigos que não se viam há anos, quando de sopetão um deles passando numa rua central de Belém avistou o outro do outro lado num bar tomando uma gelada e correu para cumprimentá-lo e abraçá-lo como a um irmão).

ADOLFO

Olá Januário! Quanto tempo que a gente não se via?!

JANUÁRIO

Rapaz! És tu mesmo Adolfo? Porra. Eu pensei que tu tivesse morrido! Faz uns vinte anos que a gente não se vê, eu acho.

ADOLFO

Eu também pensei a mesma coisa de ti. Não foi fácil aguentar tamanha saudade e separação. Tu eras o meu único parceiro de festejos em Moju.

JANUÁRIO

Venha de lá um abraço bem apertado pra esse velho amigo de biritagem!!

ADOLFO

Mas Janú tu continua vivinho da silva hein! E continuas tomando uma gelada!

JANUÁRIO

Continuo! Mas, uma coisa te peço: aqui, não me chame de Janú, que não cai no gosto da rapaziada, continue me chamando de Januário. Coisa de macho. Não dá pinta nenhuma.

ADOLFO

Tá certo. Mas confesso que há 20 anos eu andava a tua procura como quem anda procurando uma agulha no palheiro e não acha, ou melhor dizendo, assim como o boi que anda as pressas atrás da vaca.

JANUÁRIO

Epa! Comigo não! Porra ó meu, tá me achando agora com cara de que??

ADOLFO

Com todo respeito, é claro. Não tive intenção de ferir seu caráter de macho.

JANUÁRIO

Claro que não! só faltava agora essa pra mandar a gente de volta pra pastear nos campos de gramineas de Moju!

ADOLFO

(Ajoelhou-se aos seus pés). Desculpa, Janú, desculpa. Agora que lhe vi, vou indo embora pra casa da tia Filó. Tchau!

JANUÁRIO

Não dê vexame, por favor. Mais tarde, a gente se encontra. Vá na frente, flor.

ADOLFO

Não demore. Vou cuspir no chão... Janú. *(E foi embora remexendo os quadris como se estivesse pisando e desfilando numa passarela de modas).*

JANUÁRIO

(Aos olhos dos outros que estão rindo). Aja Deus. Aja Deus!!

MULHER

Quem é ele afinal? Um “caso” seu?

JANUÁRIO

Mais respeito comigo, cara. Ele é meu irmão mais novo.

CENA FINAL

(Lá fora, uma chuva miudinha caindo nos telhados de Belém ainda com raios solares da tarde como se fossem bolinhas de sabão ao contato com os pingos da chuva de verão. Cá dentro, na farmácia, uma fila imensa correndo atrás de remédios pra gripe, etc).

BALCONISTA

(Dando depoimento). Menina! De repente, um velhinho apoiado numa bengala suspeito de dengue empurrou um camarada que tava na frente e foi logo berrando no balcão o medicamento que queria...

VELHO

Minha filha, me desculpe, mas é que eu tô aqui padecendo o diabo com a tal da dengue pra mais de dois dias e tenho que falar com o doutor. E já tem um tempão que tô aí na fila com esse tremor no corpo e ninguém me atende.

BALCONISTA

Pois é, meu amigo, então diga o que deseja. Estou de toda ouvidos. Fale!

VELHO

Posso falar mesmo?

BALCONISTA

Pode sim! por que não? Qual é o remédio?

VELHO

Então vá tampando os ouvidos com as mãos. O nome do remédio, inclusive, faz lembrar uma coisa cabeluda e gostosa.

BALCONISTA

(Animada e feliz). Diga lá!

VELHO

Minha filha, então, me veja uma cartela de bucetamol pra eu tomar.

BALCONISTA

(Boquiaberta, com espanto). O quê??? O que foi que o senhor falou?!!

VELHO

(Irritado, em voz alta). BUCETEMOL. BUCETEMOL!!!

BALCONISTA

(Finalizando o depoimento). Mana, todo mundo riu da cara sínica do velho. Eu, por minha vez, tentei corrigi-lo e orientá-lo como devia, mas o coroa insistiu em pronunciar aquele nome cabeludo. Depois foi embora levando o remédio correto sob as gargalhadas dos outros fregueses da farmácia Zero-Hora, sob o comando dos senhores Ancelmo e Azamor Moraes.

(Sequenciando a cena, depois da chuva miudinha de verão, eis que do outro lado da rua na calçada da Almirante vinha passando a mulher do Chagas com outro cara. Toda flor, toda formosa e tão faceira. Foi quando o seu amigo falou).

UBIRATÃ

Escuta Chagas... aquela ali não é tua mulher passeando de mãos dadas com o tal motoqueiro Cordeiro de Jesus?!

CHAGAS

É! É ela mesma. Espia como ela vai toda prosa, toda faceira, tão dengosa que só ela! *(Sorriu feliz).*

UBIRATÃ

E daí? Tu não vais fazer nada?

CHAGAS

Fazer o que, criatura de Deus?

UBIRATÃ

Ora essa! Chega lá e mete a porrada no cara. Se tu quiser, eu te ajudo a meter o cacete nele, isto se tu quiser...

CHAGAS

Quero não, meu irmão, eu não sou de briga, nem de confusão.

UBIRATÃ

Já vi que tu és um frouxo de cartola, ó meu.

CHAGAS

Frouxo não, não diga uma coisa feia dessas, eu sou é de paz.

UBIRATÃ

Olha lá! Repara a sacanagem deles. Estão correndo puladinho com a mão na cintura dela e ela com a cabeça no cangote dele. Dá uma olhadela!

CHAGAS

Tô vendo sim. Deixe a bichinha fazer esse tal de cooper com ele na calçada. É melhor pra ela e pra mim.

UBIRATÃ

Como assim??

CHAGAS

Com mais de 65 anos, né amigo, não tenho tanto fôlego, viro logo bagaço! Até que a Marilú melhorou de dor do espinhaço depois que conheceu esse menino Cordeiro de Jesus.

UBIRATÃ

Aplica! Tu juras! *(Piscou o olho esquerdo)*. Esse é irmão desse. *(O outro, de sopetão, no meio do viaduto da Almirante Barroso deu uma paradinha, arreou a bermuda, exibiu o bum-bum e falou sorrindo)*.

CHAGAS

Olhaqui, mona. Este daqui também é cego e não sabe porque te quero!! *(Balançou o rabo e foi embora correndo atrás do casal)*.

UBIRATÃ

(Concluindo). Gente! Foi maior auê, tremendo babado forte, um ziriguidum alopchado, um verdadeiro escândalo só porque o cara resolveu um dia mostrar sua bunda cabeluda pra alguém. Grandes merdas. Mostra de bunda é coisa mais do que manjada. Só que esse negócio de bunda seca, bunda magra, bunda gorda ou cheia de celulite é a gota d'água. Pois é, fico sem apetite. Pensa bem.

(E prostou-se debruçado na janela vendo a vida passar rente e ele a toa na vida e na zona).

FIM

VAI PRA
PONTE QUE
CAIU!

Vai pra ponte que caiu!

2005

PERSONAGENS

Dalila, Lucindo, Laurindo, Damieta, Marieta,
Vizinha 1, 2, 3, Vizinho 1, Joana, Dona Eni, Maricota,
Renata, Raimunda, Verônica, Maranhão, Dalila e Garoto.

CENÁRIO

Barracos interligados por pontes de palafitas significando “ruas” travessais.

TEXTO

Narra a vida e o cotidiano de pessoas ou de inúmeras famílias que buscam viver - embora precariamente - em áreas de invasão na zona urbana de Belém, em subúrbios à margem do desenvolvimento. Personagens da ocupação Deus Proverá, que vivem sem água tratada, em palafitas e a rede elétrica é clandestina. O drama da locomoção torna-se um perigo constante as crianças da área. E toma sofrimento nos cornos por manterem a fé e a coragem de lutarem em prol da liberdade humana. A esse povo o meu tributo aqui registrado em forma de dramaturgia.



CENA 1

(Após o lanche, o escrivão escova os dentes da prótese. Uma dentadura velha. Encardida. Depois volta aos seus serviços normais: ora fazendo apontamentos ou datilografando algo ou mexendo no arquivo. Enquanto isso, as pessoas na sala ficam observando seus movimentos exagerados).

DALILA

Ô seu Lucindo! A que horas o Delegado vai retornar?

LUCINDO

Durante uma meia hora mis ou menos ele estará chegando aí.

LAURINDO

Olha que faz uma porrada de tempo que a gente tá esperando aqui por ele e nada do delegado aparecer!

DAMIETA

Até parece que nós não têm o que fazer! Imagine!

LUCINDO

Eu até entendo o sufoco de vocês, mas acontece que o Sr. Delegado saiu com a viatura pra atender um chamado urgente no bairro, urgentíssimo, acredito que daqui a uns... *(consultou no relógio de pulso)* ...minutinhos ele vai chegar aí e vai resolver o assunto de vocês.

DALILA

Engraçado. E ainda tem gente aqui querendo botar banca, querendo dar queixa de mim. Como se tivesse condições e moral pra abrir um inquérito contra mim.

LUCINDO

Escute aqui Dona Dalila, há alguma coisa que eu possa fazer de útil?... Não quer me adiantar do que se trata, não?

DALILA

Ainda não. Só na frente do delegado. Aí sim, vou abrir o bico, vou abrir a boca pra todo mundo ouvir, pra todo povo da rua saber. Quero ver quem vai mandar eu calar a boca nessa pinóia.

LUCINDO

Êpa! Pinóia não, Dona Dalila! Isto aqui ainda é uma Delegacia e respeitada. Nada de querer desfeitear com nossos serviços. Nem tudo que parece, é.

DALILA

Desculpe. Me perdoe. É que estou muito nervosa ainda. Nem dá pra raciocinar.

LUCINDO

E posso saber contra quem a senhora deseja se queixar?...

DALILA

Pode sim! Contra essa zinha aí. Contra esse casal aí de fofoqueiros.

DAMIETA

Foqueira é você, minha filha, que fica invadindo terreno dos outros pra pular a cerca dos vizinhos, a fim de dar em cima do marido das outras!!

DALILA

Axii, porcaria! Nem se houvesse chance eu não queria. Cachorro é que fica roendo osso a vida toda. E pelo que eu sei e até onde sei, sua tonta, seu marido é frutinha.

LAURINDO

Tá vendo, seu escrivão? Tenho que tomar providência imediata contra o caluniamiento dessa... dessa mulhezinha chifrinha.

DAMIETA

É isso mesmo! O marido é meu e só quem sabe se o Laurindo é frutinha sou eu que me deito com ele! Aliás, viu Dalila, tu morres de inveja de mim... por ter marido fogoso, tá ouvindo? Tens mais é que entupir essa tua boca de pirão.

DALILA

Só se for a boca do cu! Sua chifruda.

LUCINDO

(Afastou-se deles). Êpa, êpa, Dona Dalila! Sem essa aqui. Modere a sua linguagem nada recomendável. Não fica bem pruma senhora que é casada...

DALILA

E quem lhe falou um absurdo desses? Sou casada não. Sou amancebada. Amparada. Amigada. Usada e abusada. Mas com esse molenga aí nunca me deitei!!

LUCINDO

Por favor, Dona Dalila, tenha termo. Registre a queixa ao Delegado... mas queixa de que?

DALILA

De calúnia e difamação, ora essa!

LUCINDO

O que? Tenha dó! Com licença, tenho mais o que fazer, vou terminar minhas ocorrências do plantão anterior.

MARIETA

Bem que tentei conversar contigo e com ele lá na rua do Seringal para que deixasse ele em paz e consertasse o buraco da cerca que serve de sacanagem pra você, mas não, preferiu comprar briga comigo e agora vai ter! Vou te puxar daqui da delegacia. Vou te levar lá pra rua, pro meio da rua e vou te encher a cara de porrada, sua piranha!...

CENA 2

(As duas mulheres se atacam no meio da rua enquanto os vizinhos corriam pelas palafitas pra acudir).

DALILA

Mas me larga! Deixa eu explicar direitinho. Me larga, sua doida!

DAMIETA

Largo merda nenhuma! Vou arrancar teus olhos pra não ter que olhar pro marido das outras! Sua vagabunda.

DALILA

Mas ele não mostrou nenhum interesse em querer se encontrar comigo ou com ninguém pra não te causar problema, nem aborrecimento.

DAMIETA

Ele disse isso? Verdade?

DALILA

Disse! E disse mais: que não podia ceder aos meus caprichos, nem de outra mulher porque amava você...

VIZINHOS

Cai fora, Dalila!... Vai pra casa, Damieta!... Deixem de briga!... Que coisa mais feia! Duas mães de família se esmurrando no meio da rua!

DALILA

Até me pediu que eu passasse pelos fundos do quintal da outra casa, que ficasse longe dele, que eu não era mulher pra ele. Aí, fiquei puta de raiva e vim dá parte na Delegacia. *(Os vizinhos saíram de cena)*. Desculpa. Eu não queria que isso acontecesse.

LAURINDO

(À distância). Mas, aconteceu! A senhora se deu mal. Estamos de olho na senhora. Vacilou a gente bota os cachorros em cima. Agora, cai fora!...

MARIETA

Vamos dar um jeito na cerca. Mas nem tente furar a cerca!
(Corte/foco em).

CENA 3

(Enquanto isso, noutro plano de ação, ocorre o afogamento de uma criança que caiu na vala após a enchente da chuva. Todo mundo corre pra ver).

JOANA

Socorro! Socorro! Corre, gente! O meu filho caiu na vala! O menino tá se afogando! Está morrendo! Puxem ele da água! Oh, meu Deus! Que horror!
(Aqui, há um corre-corre no palco dos vizinhos chegando pra ajudar, e na coreografia do corpo e dos gestos a criança é retirada da vala sem vida).

VIZINHA 1

Meu Deus, como foi isso, Joana?

VIZINHO 1

O menino caiu da onde?

JOANA

Lá daquela ponte que caiu e que as autoridade ainda não consertou. Tadinho do meu filho, vizinho. *(Chorou)*.

VIZINHA 2

É no que dá essa falta de respeito com a gente, com o pessoal que mora aqui nas baixadas, nesse cu de mundo desse, mas na hora do voto... Humm! Só faltam lambar o rabo da gente.

VIZINHO 1

Pior que é! Há quase 4 meses quase perdi meu caçula que caiu na água. Isso é um perigo, quando chove então, como ontem, aí fica pior ainda.

JOANA

Oh, meu filho! Tão pixixito ainda pagou com a vida o descaso das autoridades. Esses come e dorme. Politiqueiros fajutas. Miseráveis. Cretinos!! Ainda ontem o pai dele colocou algumas tábuas na ponte, pregou direitinho, pra impedir que o filho caísse nessa água imunda, fedorenta e veja no que deu... justamente o filho dele caiu n'água!

VIZINHA 3

Vamos levar o corpo do menino pra dentro de casa! Vem Joana, ajeitar o bichinho na mesa enquanto a gente providencia um caixão pra ele!

JOANA

Com que dinheiro, gente? O pai dele anda desempregado. Coitado. Todo santo dia sai à procura de emprego e nada. Fica difícil pra gente assumir o enterro do menino.

VIZINHA 3

Não se preocupe com isso, não é mesmo, pessoal? *(Todos respondem sim)*. A gente vai dar um jeito nisso. Vamos recorrer ao vereador desse bairro e tem mais uma coisa, viu gente, nós temos que insistir com ele sobre a tubulação para a rede de distribuição.

VIZINHO 2

Pois é. Caixa d'água nós já temo, só falta agora a água. Vamo nessa. Vamo correr atrás do cabra pra fazer o enterro do menino. *(Saíram de cena)*.

(Neste momento, entra uma outra vizinha retardatária em busca de informação e foi logo "descobrimdo" o cadáver da criança em cima da mesa envolvido no lençol branco).

DONA ENI

(Sem olhar para Joana chorando num canto). Meus pêsames Joana. É lamentável que nossas crianças tenham que pagar o erro e o descaso de muitos. Não é só dos politiqueiros não, Joana, mas de todos nós que moramos na lama e no alagado. A gente tem que fazer alguma coisa.

JOANA

Mas o quê?

DONA ENI

Sei lá. Fazendo estivas novas. Usando madeiras de lei. Material forte para garantir a sustentação daquela ponte que caiu. Tem vez que é preciso usar escadas de madeira, daí a gente sobe no terreno da frente pra poder passar para a rua que dá acesso à Monte Cristo.

JOANA

Que ironia! Ainda leva o nome do Santo mais santo do que os outros. Na verdade, somos todos cristos nessa terra, sacrificados, amarrados numa Cruz de problemas, acredite.

DONA ENI

Eu que o diga! Olha que eu tentei avisar sobre a situação da ponte, com a finalidade de arredar para o outro lado umas toras de madeira pra ajudar a resolver o problema, mas ninguém se manifestou. Ninguém mostrou nenhum interesse em ajudar a resolver o drama dessa bendita ponte. *(Vai até a janela).* Vem cá, Joana... Espia! Dá uma olhada nisso. Esse sobe e desce é o dia inteiro dessa gente carregando água em baldes. Tenha dó. Quando a gente reclama, alguém acha que a gente chora de barriga cheia. Vem morar aqui pra te ver uma coisa. Vem!

JOANA

Ah, dona Eni, a senhora tem toda razão. E com a morte do meu filho fiquei pensando numa coisa...

DONA ENI

Que coisa, mulher de Deus? Não me diga que vai se atirar daquela ponte!!

JOANA

Claro que não. Mas pensei. Se morre tanta criança por aqui sem ninguém a quem recorrer, quando se recorre à associação dos bairros ou dos moradores piorou, aos próprios líderes comunitários, tudo não sai do papel, fica tudo na palavra, então a única alternativa é ir lá na Vara de Pequenas Causas, aí sim, vou poder olhar cara a cara essa gente... que nos faz sofrer.

DONA ENI

E pode contar comigo. Eu lhe dou maior força. Chega de tanta injustiça, de tanta palhaçada. Quando a senhora vai?

JOANA

Amanhã mesmo! Depois do laudo médico.

DONA ENI

E o pai dele, do menino?

JOANA

Ainda não sabe.

DONA ENI

Como ainda não sabe?

JOANA

O Rocha tá na rua à procura de trabalho. Já fazem 2 meses e nada. Não pinta um trabalho de pedreiro.

DONA ENI

Coitado. Mas Deus é bom pai e vai ajudar o seu Rocha a arranjar emprego. A senhora vai ver. Mais dias ou menos dias ele estará trabalhando. Gente!! E por falar nisso, não é que abandonei o feijão no fogo. Haja Deus. Ouvi tanta gritaria na rua, vi tanto corre-corre da janela, que fiquei curiosa e vim correndo também pra cá. Queria saber qual era a novidade. De repente p afogamento, a morte do bichinho... *(Foi até o cadáver da criança e beijou)*. Tem nada, não, meu anjinho. Daqui a gente não se muda, mas também estamos de olho neles. Adeus, minha doçura, lá de cima, vela por nós, cuida de nós.

JOANA

Tão inocente, né não?!

DONA ENI

(Saindo). Até mais tarde. Se houver velório mande-me chamar que eu venho... venho sim. Pode deixar que o café a bolacha fica por minha conta.

JOANA

Tá. Tá certo! De qualquer maneira, fico agradecida... Obrigada, de coração!
(Corte/foco em:).

CENA 4

(Mostrando 4 mulheres em atividades domésticas nas casas e nas palafitas enquanto mantêm uma conversa entre si, cada uma, no seu setor de trabalho onde o "foco de luz" agirá como mediador de uma cena para a outra).

MARICOTA

Vocês viram? Anteontem o filho da Joana quase foi enterrado no peito e na marra naquele cemitério do Tapanã. Coitada da Joana e do seu Rocha que tá desempregado.

RENATA

E não é, menina? Se não fosse o pessoal daqui fazer coleta... o bichinho era enterrado como indigente.

RAIMUNDA

E aquele vereador não ajudou? Nem o centro comunitário?

RENATA

Em geral, foi em pouquíssima coisa, quase nada, alegando que não tinham, como não têm, condições de pagar casa funerária e etc... etc...

VERÔNICA

Ô gentinha miserável! Queria ver, viu Renata, se isso acontecesse com alguém da família deles. Tenho certeza que dariam logo uma solução. Arranjariam logo um caixão grã-fino e tudo. Nem precisava de aporrinhção.

MARICOTA

Que nem o meu filho menor, o Julinho, de 9 anos, que apesar da idade ainda não sabe ler nem escrever. Eu e meu marido não somo também alfabetizados e tenho medo que ele cresça burro. Burro de pai e mãe. *(As outras riram).*

Mas é verdade, gente. Este ano, o meu Julinho não pôde ser matriculado na escola estadual porque não sabe ler.

RAIMUNDA

Mas Maricota, aqui entre nós, tu não tinha sido convidada para participar da alfabetização de adultos?

MARICOTA

Fui. Mas eu disse que ia pensar no assunto.

RAIMUNDA

Ah, minha mana, mas assim! Agora tá explicado porque os outros te passam pra trás nas contas. É que tu tem matrícula de graça e não queres aprender. Prefere morrer burra como nasceu. Tapada...

MARICOTA

E vocês? Já se formaram em que? Em faladeiras da vida dos outros?!

RENATA

A Maricota tá muito enganada. Tanto eu quanto a Raimunda e a Verônica estamos na escola solidária, estudando pra valer, de verdade mesmo!

MARICOTA

Que bom, viu Renata! Que façam um bom proveito. O mesmo não direi eu porque não tive a mesma sorte de vocês. Agora é tarde. Já tô velha pra isso.
(Corte/foco em:).

(Sequenciando a cena, noutro plano de ação, as mesmas vizinhas andando em fila indiana sobre palafita carregando baldes e lata d'água na cabeça enquanto jogam conversa fora).

RENATA

Há anos que faço esse percurso aqui nesse sobe e desce. Já fazem uns oito anos de história, de calamidade pública, ainda ninguém deu conta dessa situação, dessa extrema falta de infraestrutura.

VERÔNICA

Por aqui, quase todo dia é uma criança caindo na água. Quando não chove até que fica raso.

RENATA

É! Mas tem o risco de doenças porque tem esgoto que desce pra cá.

MARICOTA

Ainda bem que só uso água do poço da vizinha que mora no início da rua.

RAIMUNDA

Eu idem! A água dá pra beber, lavar e fazer comida.

MARICOTA

Só que a gente tem que ir buscar bem mais longe daqui, na casa dos meus pais ou de minha sogra, que fica na parte asfaltada. É como eu sempre disse: tá faltando infraestrutura da Deus Proverá. Tá faltando tudo na porra dessa invasão há muitos anos.

VERÔNICA

Só sei dizer que as áreas mais críticas estão no final das ruas Monte Cristo, Sol Nascente e Girassol, onde a gente só pode atravessar pelas pontes.

RAIMUNDA

Mas até quando?

VERÔNICA

Quando Deus quiser! Só Ele determinará o nosso destino, dona Raimunda!!

MARICOTA

Haja Deus. Essa água também é um problema grave. Quem pode, cava poço, mas, e quem não tem condições?

RENATA

É! A Dona Maricota tem razão. Queremos pelo menos que a Prefeitura aterre a área. Nossa. A gente não aguenta mais passar por cima de ponte. Que vá, quem quiser, pra... ponte que caiu!! Mas eu aqui não fico mais. Chega.
(Corte/foco em:).

CENA 5

(Neste instante, o delegado e o escrivão recebem uma visita inesperada na delegacia. Ambos fazem um tipo irreverente, brincalhão e gozador).

MARANHÃO

Parece que foi ontem, hein seu Lucindo, a nossa chegada neste bairro pra colocar em ordem o ambiente e acabar com a malandragem daqui. Falo, seu Lucindo, das roubalheiras e dos trambiqueiros que tocaiam por aqui. Será que valeu a pena?

LUCINDO

A “pena” eu não sei porque não sou pavão e nem uso na cabeça nem no rabo durante o carnaval de Belém, mas posso lhe dizer uma coisa: melhor, muito melhor do que eu, o senhor, delegado Maranhão, conhecedor desse povão enrolador, pra dizer se valeu ou não sua missão por essas bandas daqui.

MARANHÃO

Tá certo, certíssimo. Afinal, meu irmão, esse povo é a maior vítima da enrolação dos magnatas. Só faltam cheirar o fundilho deles pra conseguir uma água encanada, uma rua asfaltada, uma ponte nova, enfim... um sem números de quiproquós que puta merda!

LUCINDO

E vão continuar sempre assim. Vão continuar a debater sempre as suas mazelas e comemorando pouquíssimas vitórias, viu delegado Maranhão.

MARANHÃO

E eu não sei? Bastam ser pobres ou filhos de puta por esses bairros periféricos! Isto posto, é claro, até quando Deus nos permitir sobreviver na Deus Proverá. Até lá, vamos rezar, apelar pra tudo quanto é santo... até pro Diabo que o carregue.

LUCINDO

Ih, delegado! Falou nele, o rabo logo aparece! Olhe quem vem lá... a dona encrenca do bairro! Passe logo um esculacho nela. Nessa fofoqueira.

DALILA

(Adentrando, acompanhada). Bom dia, delegado Maranhão!

MARANHÃO

Bom dia! Do que se trata? Vá direto ao assunto. Tenho que sair daqui a 5 minutinhos. Tenho alguns flagrantes de rua que preciso registrar.

DALILA

Por favor! Seu delegado Maranhão... o senhor vai continuar brincando, tirando sarro com a minha cara como da vez anterior? Que nem sequer compareceu na delegacia o dia inteiro, só retornando na boca da noite, enquanto o paspalho do seu escrivão ficava mastigando sanduiches!! Vai??

MARANHÃO

Vou não! Mas diga do que se trata?

DALILA

O senhor está vendo esse moleque aqui? Ainda a pouco, durante uma confusão de rua, esse jovem enganou uma turista brasileira e mandou a mulher lá pra... ponte que caiu! A mulher passou mal e saiu gritando por socorro. Ela tava toda rasgada, toda escambimbada.

MARANHÃO

Ora, dona Dalila! Vai ver que a turista caiu mesmo na ponte quebrada e gritou por socorro, uma vez que desconhecia o local, o perigo que ocorre ali.

LUCINDO

Foi isso mesmo, garoto?

GAROTO

Foi sim, tio! Eu só queria dar uma informação pra moça que andava procurando a casa do namorado dela.

MARANHÃO

Só isso?

GAROTO

Juro! Foi aí que a dona Dalila pintou na palafita e me puxou pra cá para a delegacia. Disse pra mim que queria ganhar tempo e botar pra chuliar com o namorado da moça...

DALILA

(Partiu pra cima do menino). Eu disse, foi moleque? Vem cá, seu pestinha, eu vou te encher de porrada. Vem cá! *(O menino fugiu, foi embora).*

LUCINDO

Tá vendo, delegado Maranhão? Eu não lhe falei? É perda de tempo registrar qualquer queixa que venha dessa mulher. Acho melhor o senhor fazê-la assinar um termo de bom-viver nesse bairro, senão...

DALILA

(Subindo e sentando-se na escrivaninha). Senão, acabo com a raça de vocês, seu frouxo de merda! Vem comigo, vem! Quem dá mais oferta, quem dá mais? Vai! Dez, vinte, quarenta reais!...

MARANHÃO

(Empurrando-a porta afora). Caia fora daqui! Ninguém tá afim, vá embora, vá embora! Nos deixe em paz, por favor. Vá procurar encrência noutro lugar.

LUCINDO

(Após pausa). Égua xiri. Que mulher mais endemoniada, hein? Ora, se tá tão afim da gente aqui por que não procura outra hora, não adota outro esquema, na saída, no término do trabalho? Já pensou o povão sabendo disso!

MARANHÃO

(Coçando o saco). Bom! Santinho do pau-oco é que não sou. também tenho a carne fraca. Qualquer dia meto o sarrafo nessa doida.

LUCINDO

Aquele bucho? Então, me desculpe, o senhor tem coragem em mamar em onça. viu chefe. *(E foi estar mexendo no arquivo).*
(Corte/foco em: Delegado, mijando no banheiro e falando de costas pro arquivista etc.).

MARANHÃO

Ô seu Lucindo, eu sei que o senhor é competente do seu trabalho, um dos melhores que por aqui já passou nessa delegacia, mas me diga o que é que tanto procura neste arquivo.

LUCINDO

Pois lhe respondo já. Para que serve mesmo esse treco aí? Não é pra registrar processos e arquivá-los de maneira correta, convicta, até que se resolva cada caso, cada reivindicação feita por quem vive nessa área?...

MARANHÃO

(Saindo do banheiro, após das 3 sacudidelas). Claro, claro. É isso aí.

LUCINDO

Como, por exemplo, as queixas feitas contra a iluminação que não existe nas ruas, contra os assaltos constantes, contra os moradores caindo nos buracos e naquela ponte que caiu. A partir das seis horas da tarde começa o tormento deles, segundo a maioria. Tenho tudo registrado aqui. Tudo. Menos o histórico do bairro como foi que surgiu e vai por aí...

MARANHÃO

Ora! Se era isso que estava perturbando o senhor por que não falou comigo?

LUCINDO

Não querendo duvidar de nada, não, mas o doutor sabe mesmo desse levantamento topográfico?

MARANHÃO

Claro que eu sei, meu amigo. Por acaso tá duvidando dos meus estudos?

LUCINDO

Pelo contrário, tô vendo que o doutor é muito do esperto, né? Nunca pude imaginar que soubesse tanto!

MARANHÃO

Pois olhe, quando a gente quer fazer alguma coisa de útil a gente faz e vai seguindo uma forma de fazer. Por onde comecei foi antes de assumir o meu cargo aqui.

LUCINDO

Taí, achei muito interessante.

MARANHÃO

Bom, então anote aí aquilo que vou relatando... *(Durante a falação do delegado vão passando no telão cenas itinerantes do referido loteamento como "pano de fundo", mostrando imagens de famílias que vivem em palafitas etc.).*

LUCINDO

(Sentado a máquina). Pronto. Pode começar, doutor.

MARANHÃO

Trata-se do loteamento “Deus Proverá” onde cerca de 800 famílias vivem sem asfalto, sem água tratada e com energia elétrica de uma rede clandestina.

LUCINDO

(Com gracejo). Ai coitado!

MARANHÃO

Boa parte dessas famílias vivem em “palafitas”, tendo como “ruas” as pontes construídas pelos próprios moradores numa área alagada, proveniente de um olho d’água onde antigamente havia um igarapé que era conhecido como “furo da velha”.

LUCINDO

(Simulou um gemido de dor). Uui! Que dor-dor. *(Gracejou mais uma vez).*

MARANHÃO

Devido a precariedade, o local é atualmente a preocupação central dos líderes comunitários que fazem parte da Associação dos Moradores dos Parques Deus Proverá, Laguna e Tóquio...

LUCINDO

Pule, pule essa parte aí, fale do surgimento desses loteamentos!

MARANHÃO

Deixe-me só completar uma coisa. É que já são oito anos de história e sofrimento desse povo, tempo em que essas famílias estão vivendo aqui em situação de extrema falta de infraestrutura.

LUCINDO

(Com pilhéria). Tadinhos. Dê um chazinho de camomila pra eles!

MARANHÃO

Não brinque com a situação é séria! Bom, a Deus Proverá, bem como as áreas vizinhas, surgiu através do loteamento de terrenos onde existiam hortas mantidas por famílias de japoneses.

LUCINDO

Ô raça esperta! Só assim eles “arregalam os olhos”. Não metem a mão em cumbuca.

MARANHÃO

Ai aos poucos, os japoneses foram loteando a área.

LUCINDO

Não falei? Pra isso eles são espertinhos, vão logo abrindo os olhos, já que o brasileiro é preguiçoso!! E toma japonês nos cornos!

MARANHÃO

Exatamente, meu amigo. Com isso, foram surgindo essas comunidades. Primeiro, é claro, foi a Tóquio, há cerca de 20 anos, depois veio a Laguna, que já fazem 16 anos, e, mais recentemente, a Deus Proverá. Um total de nove ruas fazem parte da comunidade, que se inicia a partir da rua Águas Verdes.

LUCINDO

Por que “Águas Verdes”?

MARANHÃO

É uma referência a coloração das águas do antigo igarapé. *(Suspirou)*. Enfim, em geral, são pessoas que não tem condições de pagar nem escola, seu Lucindo. Nem escola!

LUCINDO

(Gracejou). Ai coitado! Vão morrer burros como nasceram.

MARANHÃO

Ananindeua tem poucas escolas públicas que oferecem o pré-escolar.

(Aqui desaparecem as imagens no telão. Enquanto o escrivão finaliza a matéria de maneira engraçada).

LUCINDO

Pronto. Isto basta. Agora, para quem não teve ainda a coragem nem a oportunidade de brindar a saga heroica desse povo, vamos nós dois, doutor. *(E retirou da pequena geladeira uma garrafa de Sidra Cereser e fez um discurso)*. Alô Edimil-

son Muniz, alô Alessandro Duarte, alô Sancris, alô Esmac, alô meu povo de Ananindeua onde vamos fincar nossa bandeira?! Nosso canto, nosso lírico poema! Na lama e nos buracos?

MARANHÃO

(Contém o choro e disfarça uma lágrima no canto do olho. Aqui o telefone toca. É uma emergência. O escrivão anuncia).

LUCINDO

É pro doutor. É uma emergência.

MARANHÃO

(Ao telefone). Como? Quem tá falando? Calma, já estou indo. (E saiu). Mais uma briga de vizinho.

FIM

CATADORES
DE SONHOS

Catadores de sonhos

2005

PERSONAGENS

Crianças (6), Bengola, Mãe, Dona Moça, Cirino, Pivete (1 e 2),
Vendedor (1,2, e 3), Voz feminina e Voz masculina.

CENOGRAFIA

Boca de lixão no palco italiano.

TEXTO

Narra na trama a história de crianças “brincando de brincar” numa área em que existe um depósito de lixo, vulgos “lixões”, que além de incomodar quem mora próximo devido o odor desagradável, atrai ratos e moscas, propiciando o aparecimento de doenças na população. Para contar tal história optei pela ciranda num tom alegre e de brincadeira para anular seu conteúdo amargo, ao mesmo tempo resgatando o imaginário do mundo infantil. Coisa que já existe mais na era moderna, a não ser nas brenhas do interior onde a lua percurte ainda com o nome de Dindinha.



CENA 1

(Mostra um pequeno grupo de crianças brincando de brincar numa área onde existe um depósito de lixo, vulgos “lixões”, localizado no “covão das águas lindas”).

CRIANÇA 1

Um... Dois... Três e já: **ESTÁTUA!!!**

(Todos ficam estáticos fazendo caras e bocas numa postura ridícula variada).

(Desfeita a “cena das estátuas” as crianças partem para outra brincadeira na boca do lixão).

CRIANÇA 1

Atenção galera! Inventei uma nova brincadeira!

TODOS

E qual é?...

CRIANÇA 1

Boca de Forno.

CRIANÇA 2

Mas isso é do tempo do ronca! Nunca foi “nova” coisa nenhuma.

CRIANÇA 1

Mas pra nós será... a partir de agora! Nunca mais se brincou. Nunca mais a gente brincou de ciranda.

TODOS

Combinado. Pode começar.

CRIANÇA 1

Então lá vai... Boca de Forno!

TODOS

Forno!

CRIANÇA 1

Tirando o bolo...

TODOS

É roubo de nunca pagar!

CRIANÇA 1

E se pagar??...

TODOS

Tem 100 anos de perdão quantas vezes que roubar!!!

CRIANÇA 1

Então, dacarandá...

TODOS

(Dando "banana"). Taqui pra ti Aurá!!!

CRIANÇA 1

Aonde eu mandar...?

TODOS

Vamos lá!!!

CRIANÇA 1

O que buscar?...

TODOS

Vamos catar!!!

CRIANÇA 1

Se lixo não for...

TODOS

Melhor será!!!

CRIANÇA 1

Então, Raimundinho, Raimundinho, tragam aqui, um feixe de lenha pra fazer churrasco de gato. Qualquer um que trazer qualquer coisa de comer ou vender. Tem que ser rapidola! E peguem do gabiru pra revirar o lixo...

TODOS

É pra já, chefe!!!

CRIANÇA 2

Ai, que barato!

CRIANÇA 3

Tudo será divertido como antes!!

CRIANÇA 4

A gente vai tirar de letra essa prova!

CRIANÇA 5

Já na não, cara! Já tá na mão essa! Vejam isto aqui... uma caixa de iogurte ultrapassado, uma bisnaga de mortadela, manteiga, doces... égua cara! Só coisa jóia, xuxu beleza! *(Os outros foram achando coisas, etc).*

(Corte/foco em:).

CENA 2

(Sequenciando a cena anterior, as crianças vêm de cumprir com as tarefas e depois o jogo continua, etc.).

CRIANÇA 6

Pronto, chefinho! Já cumpri a minha tarefa: eu trouxe uma marmitex, lata de goiabada e um abacaxi. Tá certo?

CRIANÇA 1

Certíssimo!

CRIANÇA 5

E o feixe de lenha e o gato pra fazer churrasco.

CRIANÇA 4

Eu trouxe um monte de manga, pêra, maçã e goiaba.

CRIANÇA 3

Oba! Oba! Eu gosto de goiaba. Adoro! E tu Galopina?

CRIANÇA 2

Eu? Detesto! E tu trouxe o que?

CRIANÇA 3

Uma bandeja de isopor com chouriço rançoso, quase estragado, mas que refogado dá pra gente engolir nem que seja a metade!...

CRIANÇA 2

Moleque! Repara só: achei uma lata de feijoada carioca, manja só, mais um saquinho plástico de azeitona, outro de passas e mais uma latinha de ameixa seca. Tudo fora da validade.

CRIANÇA 6

Ah: também trouxe essa mortadela, esse pão dormido, esse queijo azedo e fedorento pra caramba. Tá muito pitiú! Mas dá pra completar o rango.

CRIANÇA 1

Valeu, valeu, pessoal. Todos passaram na prova. Agora vamos comemorar! *(Improvisaram uma mesa de papelão e passaram a comer aquilo que aproveitaram do lixo. Feito isso, as crianças fantasiadas de urubu o imitam num movimento dramático de ciscar e puxar pedaços de carniça fazendo ruídos).*

TODOS *(Dançante, falando).*

Xô xô xô urubu!

Uurubu és tu Zé povinho!...

Vai-te embora daqui do lixo,

pois o lixão é Nosso seu bonitinho!

(Corte/foco em:).

CENA 3

(Desfeita a coreografia do "bailado negro" dos urubus, as crianças voltam à cena inicial, desta feita, reportando ao público a seguinte fala).

TODOS

Nesse Covão das Águas Lindas

Somos carapirás desse lixão!

Vendemos a troco de nada ainda

Coisas de sim, coisas de não!

(Corte/foco em: Outro plano de ação).

CRIANÇA 5

Uffa! Cansei. Pirei com essa. Amei! Mas parei.

CRIANÇA 2

Negativo. A brincadeira vai continuar, cara, e comigo no comando!!

CRIANÇA 6

Tá legal. Pra mim tanto faz como tanto fez. Vamos nessa, cambada! Que tal aquela do "Bom Barqueiro" onde a gente ensacava e vendia o lixo?...

TODOS

(Alegres). Opa! Opa! Essa é legal. Essa eu quero!!!

CRIANÇA 2

Parou, parou, pessoal. Comecem a cantar, comecem a dançar, assim... Primeiro a gente ensaca, depois a gente pesa na balança, mas antes vai formando uma fila na forma de "S"... Entenderam?

CRIANÇA 4

Entendi. Igual àquela do INSS?

CRIANÇA 1

Palhaço! Vamos nessa que eu ainda vou fazer meus deveres da escola!!

TODOS

Bom Parceiro! Bom Parceiro!

Dá licença de eu passar,

Carregando este saco de lixo

Pra vender aqui mesmo no Aurá!!!

(Repetem várias vezes até completar a fila e dá início a outra fala do refrão).

CRIANÇA 2

(Aqui formando o "Arco"). Garfo, faca ou tainha?

CRIANÇA 3

Latinhas de refre e de água mineral para reciclar!

CRIANÇA 2

Quanto custa?

CRIANÇA 3

A saca? Custa 10 reais.

CRIANÇA 2

Não vai dá em nada. Vais morrer de fome, cara. *(E todos repetem a música:).*

TODOS

Passarás passarás / Algum deles há de ficar,

Se não for o da frente, o de trás / Não vai passar!!!

CRIANÇA 2

Garfo ou faca??

CRIANÇA 4

Faca. Faca de dois gumes!

CRIANÇA 2

Como assim? Explica pra nós!

CRIANÇA 4

Negócio seguinte. Tô levando garrafinhas plásticas, tampas e painéis de alumínio, só material reciclável. Vai ser pesado e vendido na Associação.

CRIANÇA 2

Por quanto?

CRIANÇA 4

A preço de banana d'água!

CRIANÇA 2

Vixe! Esse tá mais do que explorado e mal pago!! E tu aí? Só pela cara... tô vendo que coletou pouca coisa. Garfo ou faca?

CRIANÇA 5

Muito facão, cara! Parecem que desarmaram a bandidagem daqui pra livrar a gente do risco de morrer a troco de nada. Mas tô vendendo um monte de material do lixo inorgânico.

TODOS

(Sem entender). Lixo o que “Inorgânico”???

CRIANÇA 5

Não é isso, seus burros! Chama-se “INORGÂNICO” todo e qualquer material que pode ser reaproveitado, como papel, vidro, plástico, metais em geral. Coisa que dá pra gente negociar até com os sucateiros daqui do bairro...

CRIANÇA 2

Quando fatura?

CRIANÇA 5

Tem vez que a gente fatura uns 100 reais por semana. Mas isso dá pra safar as despesas em casa. A mamãe sabe como gastar e economizar. Nós temo tudo em casa até celular. *(Sorriu feliz).*

CRIANÇA 2

É mesmo? Ainda bem! Essa está bem na foto. Não tem merda na cabeça que nem de camarão ou que nem as outras por aí acima.

TODOS

(Desfazendo a roda). Esse lixão não fomos nós que inventamos. Foram os homens da lei que cavaram extraíndo barro e pedras! Foi então que o enorme buraco virou depósito de lixo, depois um lixão, seu doutor. Nós não temo culpa, não!!! *(Corte/foco em: Noutro plano do palco para dança).*

CENA 4

(Aqui as crianças se envolvem com lençol azul claro até a cabeça formando uma "parede" num movimento de vaivém, jogando a seguinte fala).

TODOS

(Uníssonos). Vamos passear em Águas Lindas, lá no Covão, enquanto a mamãe não vem! *(Repete 2 vezes).*

CRIANÇA 1

(Livra-se do lençol, fica no centro do palco). A mamãe tá aí Bengola?? *(Os outros formam uma "cerca" na forma de "L" pela lateral com "abertura").*

BENGOLA

(Crioula maluca). Escuta aqui ó moleque! Desde quando tomo conta da tua mãe heim menino? Ela saiu por aí. Foi dá umas voltinhas na vizinhança, daqui a pouca ela volta. *(E voltou na hora, de supetão, por detrás do cercado).*

MÃE

O que tem eu nessa história? Pode me dizer, meu anjo!

CRIANÇA 1

Mãe! O doutor quer saber da origem que se deu ao Covão das Águas Lindas!

MÃE

Todo mundo sabe, mas não custa nada repetir, não é verdade? Essa área de catação do depósito já existe a cerca de 4 anos!

CRIANÇA 2

(Deixando "escorregar" o lençol no corpo). E quem começou esse trabalho... dona Miranda? (Ficou no local e assim sucessivamente os demais apenas dando um passo à frente, mantendo a postura em perfil).

MÃE

Foi meu sogro. Depois, mais e mais famílias foram chegando e se agrupando aí pra cima, hoje esse povoado todo forma a nossa Associação de Recicladores. Mas são poucos caminhões por dia, e a gente acaba tendo que vender por semana ou por quinzena mesmo, porque a quantidade que se tira do material para a venda é pequena.

CRIANÇA 3

(Idem, idem). É verdade, tia Bengola, que há dano ambiental por causa desse material orgânico ou não?

BENGOLA

(Para a plateia). É mentira. Pura calúnia. Quase não se vê mais lixo orgânico. A maioria trás material para reciclagem. Por isso, achamos que não há risco de degradação ambiental. O igarapé mais próximo fica muito longe de onde trabalhamos. O que é pior, seu doutor, a degradação humana é que tá destruindo com todos nós, e não o lixo reciclável. Arre! Pensa bem.

CRIANÇA 4

E pra quem vender?

BENGOLA

Tanto empresas como sucateiros nos procuram para comprar material reciclável. Aí a gente deita a rola na moleza deles.

CRIANÇA 5

Vocês serão remanejados para outra área. Sabiam disso?

BENGOLA

Olhe! Eu, particularmente, acho isso meio difícil. Se bem que para os puxadores de saco do governo que ficam “mexendo” com esse tipo de coisa pra nos sacaniar, é bem provável que sim. Mas, em todo caso, estamos aguardando que seja definida e informada qual área seria essa. Ainda não temos opinião se será bom ou ruim.

MÃE

Gente! Só sei dizer que não e pode permitir que essas famílias percam o seu meio de vida. Esse lixo é nosso! Dele extraímos o nosso pão de cada dia!

CRIANÇA 6

E a situação da água?

BENGOLA

É outro problema que precisamos resolver. Só tem uma torneira comunitária que é usada por muitas famílias. Já pensou!

MÃE

De início, a água parecia oleosa, suja, gasosa. Para limpar, colocamos um copo de água sanitária, duas vezes por semana dentro do poço.

BENGOLA

Eles falam que o lixo mexeu, como se diz, com o tal lençol frea... frea... ah meu Deus, nem sei pronunciar a palavra correta...

TODOS

(Complementando). Freático. Lençol freático!

BENGOLA

Pois é! É isso aí que tentei dizer. Essa coisa fala da água contaminada... isto muito tempo depois que passamos a construir nossa moradia própria.

CRIANÇA 1

A senhora faz o que na Associação?

BENGOLA

Faço parte do conselho fiscal. *(Gracejou)*. Quer mole ou quer mais? Fiscalizo tudo, tim-tim por tim-tim. Não deixo passar nada. Chega de corruptos neste país!!! A nega Bengola manda ver. *(Corte/foco em: Noutro plano cênico)*.

TODOS *(Feito "estátuas veladas")*.

Sem conselho, sem amparo, sem nada
aqui ficaremos, aqui ficamos nós!
Essa tosse, esse vírus, essa desgraça
há de passar passarinho passarão atrás!
(Corte/foco em).

(Sequenciando a cena, há uma mudança de luz no cenário e uma das crianças percebe o clarão da lua surgindo de trás do bananal e monturo de sucatas).

CRIANÇA 6

(Contemplativo). Olhem lá... o clarão da lua! Parece que vem à galope!

CRIANÇA 5

A minha vó quando me embalava na rede ela costumava contar histórias e falava pra mim que tinha um dragão na lua e São Jorge montado no seu cavalo, aí com uma lança ele matava o dragão! Já pensou!!

CRIANÇA 2

Era mentira dela. Era só pra te fazer dormir, abestado!

CRIANÇA 5

Pior que era mesmo! Até sonhava galopando com São Jorge, pegando uma carona na garupa do cavalo dele. *(Os outros riram)*.

CRIANÇA 3

Tu és doido? Tu não te lembra dos astronautas *(citar nomes)* que foram à Lua e lá chegando "descobriram" que nessa bonitinha não existe nada, apenas a gravidade do ar, aonde tu fica andando, ó. *(Faz simulação de alguém supostamente andando na Lua)*. Feito Zé bundão, Zé buduia...

CRIANÇA 2

(Gracejou). Égua ó meu! Isso daí tá parecendo mais um canguru de proveta!!!!

(Todos caíram ao chão numa risada sacudindo pernas e braços para cima em algazarra, de onde farão "surgir" bandeiras brancas em nome da paz mundial).

TODOS *(Caindo ao chão).*

Axiii porcaria!

Quer de noite, quer de dia,
não entro nessa fria
em nome da **PAZ** quero mais!!!

(Corte/foco em:).

(Desfeita a "cena das bandeiras" as crianças passam a brincar de lundu usando saia rodada numa imitação de afro-brasileiro).

TODOS

(Chamando pra roda, quase falado).

Esse carapirá tá doente!
Tá e cabeça amarrada
já calçamos o sapato nele
falta agora a saia rodada!...

Oi samba! Oi samba bebê!
Pra alegrar essa moçada...
Cuidado pra não remexer
assim feito bicho de goiaba!

(Repete 2 vezes).

(Durante a coreografia da dança as crianças vão "armando" em círculo uma espécie de "arraial junino", usando longos barbantes de bandeirinhas coloridas, formando daí a "imagem" de um carrossel e, em torno deste, os atores-personagens).

CENA 5

(Em seguida, as crianças brincam agora de gente adulta, ou seja, a fazer tipos/estereótipos do cotidiano, esbarrando-se num achado no chão).

CRIANÇA 1

Corre turma! Vejam o que achei bem aqui perto do meu pé: um sapatinho!!

CRIANÇA 2

Branco!

CRIANÇA 3

Um sapatinho branco. Que lindo! Isto faz lembrar o que?

TODOS

(Curiosamente). O quê? O quê?...

CRIANÇA 3

Aquela famosa brincadeira. Quem não se lembra? *(Cantarolando).* Sapatinho branco...

TODOS *(Cantando).*

...em todos cabem bem!

Só num chifrudo é que cabe melhor! *(Bis).*

Se este calçou *(olhou pro lado)* quem não calçou também?

Só o babaca do teu tio que tua tia chifrou!!!... *(Bis).*

(Dançando carimbó).

Ai teve doce, cerveja, também guaraná!

Só não teve porrada, nem nada

porque teu tio não tava lá!

(Repete 2 vezes).

(Sequenciando a cena, na última rodada, todos ficam "estáticos" ou "congelados" ao ouvirem a voz o guarda ao longe na entrada do lixão).

GUARDA

Tem alguém aí?... Tem crianças no lixão?... Respondam, por favor!!

(A este chamado, ninguém responde, diante do lusco-fusco da lanterna alumando aleatoriamente o espaço onde as crianças tentam se esconder. Sabe-se da proibição das crianças na área à noite. Eis porque a presença do vigia é uma ameaça para elas).

CRIANÇA 4

Ih, cara! Pintou sujeira. Vamos se esconder.

CRIANÇA 5

Vamos nessa. *(Murmurando).* Rápido, rápido, rapidola.

CRIANÇA 6

Droga! O guarda ta vindo pra cá. E agora aonde vou me esconder, cara???

CRIANÇA 1

Dentro do camburão! Vai palhaço!!! *(O outro obedeceu).*

GUARDA

(Ainda ao longe). Ei! Tem crianças no lixão? Se tiver, vou baixar o pau e pra valer!! *(Gritou).* Vou buscar mais dois colegas de farda pra renderem comigo. Volto já! *(Vai e volta sozinho e fica só de mutuca, observando).*

CRIANÇA 2

Tenho uma ideia. Vamos amarrar ele naquela árvore ali. Basta fazer corda desse lençol branco e fedorento. Entenderam? *(Confirmaram um sim com a cabeça).* Agora vamos agir. Só na manha.

GUARDA

Voltei! Qualquer coisa abaixo o cacete! Taco a porrada. Não vou livrar a cara de ninguém. Estão ouvindo? Tô nem aí pra cara de pivete! Quero ver quem vem me afrontar, seus carapirás fedorentos!!!

CRIANÇA 1

Nossa. O guardinha de merda tá brabo mesmo!

CRIANÇA 2

A mim me mete medo!

CRIANÇA 3

Muito menos a mim! É melhor a gente se vestir de mortalha e dá um susto nesse cabra valentão.

CRIANÇA 4

É também uma ideia genial!

TODOS

Vamos nessa!!! Atacar!!! *(E saíram voando feito "fantasmas" de lixão).*

GUARDA

(Trêmulo). Ai, Jesus! Maria e José!! Me livrai dessas almas penadas que morreram soterradas no lixão!!! Acho que vou fugir. Vou fugir!

CRIANÇA 5

(Como fantasma). Vai fugir não, seu cachorrão! *(Anasalado).* Tu vai ficar, tu vai ser amarrado aqui, assim, venham os outros. Venham! Venham! *(Todos o imitaram e fizeram a canga em torno dele ao mesmo tempo prendendo o vigilante na árvore).*

TODOS

(Desfazendo-se dos fantasmas). Vamos amarrar ele naquela árvore! Vamos logo antes que ele nos prenda!!

GUARDA

(Indignado). Fui enganado! Não são fantasmas nem nada! Que palhaçada é esta, seus carapirás??

CRIANÇA 3

Calma, tio. Não vai lhe acontecer nada. Basta colaborar com a nossa brincadeira e mais nada.

GUARDA

O que vão fazer comigo? Ah, meu Deus!!!!... Que palhaçada é essa? Se Olga, minha mulher, visse isso, garanto que ela me chamaria de frouxo e medroso!

CRIANÇA 5

Pronto. Vejam como ele ficou bonitinho.

CRIANÇA 6

Uma fofurinha da mamãe!! *(Riram às gargalhadas).* Parou, parou, gente! Agora peguem as fitas e vamos dançar em volta desse vigilante malvado.

TODOS *(Cantando).*

O Guarda lê-lê amarrado

tá com bicheira no pé!

Só falta ficar curado

do odor do sovaco e do chulé! *(Repete duas vezes).* *(Durante o cântico vão saindo deixando-o sozinho e preso na árvore fantasiado de espanto/espantalho).*

GUARDA

Voltem aqui! Não me deixem aqui sozinho! Voltem aqui, meninos bonzinhos!!! Ai que castigo, que prenda! Se minha mulher visse isso diria horrores. *(Corte/foco em:)*

CRIANÇA 1

Pronto. Já prendemos o guarda de mentirinha. Agora vamos vasculhar de verdade o lixo sem pagar propina pro cara. Pessoal, vamos pegar o “gabi-ru”. E também as “porangas” porque tá ficando muito escuro!

CRIANÇA 2

(Bocejando). Aiii... Isso aqui... tá ficando escuro. Tô com sono, gente...

CRIANÇA 3

(Faz o mesmo). Eu também! Égua ó meu. Tá muito tarde. Não dá mais pra voltar. A estrada é perigosa.

CRIANÇA 4

Concordo! *(Bocejou)*. Acho melhor dormir por aqui. *(Os demais se arearam pelo chão)*. Acendam as porangas, mantém elas acesas, porque ajuda espantar os ratos e mosquitos! *(Embrulhou-se em jornais velhos)*. Boa noite.

TODOS

(Intercalados). Boa noite... Boa... Boa. *(Corte/foco em: Manhã seguinte)*.

CENA 6

(Amanhecido outro dia. As crianças ainda dormem e uma delas se acorda ao ouvir algum ruído de coisa se partindo. Eis que de repente viu uma assombração à sua frente, um ser fantasmagórico com uma vassoura na mão).

CRIANÇA 6

Acorda turma! Acorda!! *(Todos obedecem)*.

CRIANÇA 5

O que foi? O que houve? *(Esfregou os olhos para ver melhor)*.

CRIANÇA 6

Tem uma doida no pedaço! Veio pra espantar os urubus no lixo!

CRIANÇA 4

Ah: é a dona Moça! Mesmo pirada ela não faz mal a ninguém. Só quer saber de varrer os pés da gente.

DONA MOÇA

(Arregalando o olhar). Seus patifes. Filhotes de urubu. Dormido nesse lixo vão pegar virose, vão morrer de cirrose, vão se encher de verminose e o escambau a quatro!! *(Deu uma risada esquisita).* Sacudindo ariramba Jajacurandá Jaba-culê lê-lê. *(Deu outra risada sonora).*

CRIANÇA 3

Não vale varrer os pés da gente. Ainda queremos casar.

CRIANÇA 2

O que a dona Moça veio fazer aqui??

DONA MOÇA

Cagar no mato é que não foi! Vim atrás de jambu e camarão pro meu tacacá!

TODOS

(Boquiabertos). Mas aqui???

DONA MOÇA

Sim! Que é que tem? Sacudindo Jacundá Jacuraru. Tenho goma e tucupi, falta tempero: cheiro verde, afavaca, chicória, pimenta de cheiro pra fazer o molho... Quero achar aqui!!

CRIANÇA 1

Mas aqui não tem isso. Só tem coisa estragada. Coisa podre. Não dá pra se aproveitar nada. Entendeu?

CRIANÇA 2

Quando as caçambas chegam abarrotadas só trazem lixo novo.

DONA MOÇA

Sacumpimba Sacumpeba. Lixo novo?

CRIANÇA 2

O lixo granfino, de gente granfina, que vem dos hotéis e motéis da cidade. Aquele lixo que as madames também atiram fora no calçadão pensando que não presta. Pra nós é coisa menos pior do pior, é coisa mais ou menos boa, que dá pra nós comer.

DONA MOÇA

Ô xente! Então tem camarão, tem pastel, tem batata frita, tem calabresa!!!

CRIANÇA 3

Agora pirou de vez. Precisa de reza. Precisa de missa. Essa daí...

CRIANÇA 4

Então vamos orar por ela, coitada.

TODOS *(Puxando-a para fora do lixo).*

Dona Moça! Dona menina!

Moça-velha e curubenta

Não bote cascão de ferida

No seu tacacá com pimenta!!!

DONA MOÇA

Filhos duma égua gêmea! *(Saiu varrendo todos eles).* Venham cá seus filhos de ratos misturados com urubu!! Pimpimpim Xiróxiró Xiriri... Jacundino Jacupomba... *(Saiu de cena, dando risada).*

(Corte/foco em: Plano isolado).

CRIANÇA 1

Pessoal, olha lá outro caminhão chegando!

CRIANÇA 2

Égua! A caçamba vem cheinha, cara! Pega o “gabiru” vamos correr atrás!

CRIANÇA 3

Tem um monte de urubu dando em cima. Vamos enxotar! Vamos atirar pedras!!! *(Aqui as crianças assimilam a coreografia de “jogar pedras” em urubu imaginário em voo rasante em várias direções cujo atores tende a “passar” essa impressão ao público, usando expressão corporal).*

TODOS

Xô xô xô urubu xexelento!
Vai voar noutro lixão
Vai ciscar noutro terreno
Porque neste tu não manda não!!
Cai fora! Urubu safado!
Voa pra bem longe daqui.
O lixão é Nosso e não abro
É nosso ganha-pão sim!!!
(Corte/foco em: Panorâmica da cena).

(Feito isso, as crianças continuam catando lixo, fazendo movimento de trabalho ou pesando objetos na balança e vendendo pro pessoal da cooperativa do bairro, aqui representado pelo personagem Cirino).

CIRINO

Traz o teu bagulho, moleque. Pesa aqui na balança. *(O menino obedece).*

CRIANÇA 1

Quanto pesou?

CIRINO

Doze. Doze quilos!

CRIANÇA 1

Quanto custa? Faz as contas. Não vai me roubar hein Cirino!

CIRINO

Uns 30 paus.

CRIANÇA 1

Porra. Só isso? *(Saiu da fila, conferindo o dinheiro).*

CIRINO

Pelo menos tu vais safar o rango em casa, é ou não é? *(Chamou).* Outro...

CRIANÇA 2

Agora é minha vez. Tô na frente. Xiii!! Só deu 6 quilos? Égua, tenho que coletar mais panelas de alumínio. *(Conferiu o dinheiro).* Poxa. Só 15 real.

CIRINO

O próximo. *(Em meio aos comentários).* Silêncio!! O próximo, por favor!! Deixem a fofquinha pra depois quando estiverem em casa. *(Corte/foco em).*

CRIANÇA 3

Ei Parrudão! Dá uma olhada. O que é que eu faço com isso, com essa quentinha? Jogo fora?

CRIANÇA 4

Que nada, cara! Tu és doido? *(Reparou nas quentinhas).* Essas daqui estão mais ou menos boas. Essas vieram dos motéis, conhece-se pela marca, pode crer. Tu separa as boas e leva pra casa. Fala pra tua mãe dá uma refogada, retempera, mistura com farinha, faz um pirão e tacha no bucho, ó, xuxu beleza! Depois tu me conta. *(Os outros seguiram seu conselho e passaram a selecionar cada "quentinha").* É isso aí, rapaziada! Podem dá de pau!...

CRIANÇA 5

Né sacanagem. Bem que a vovó dizia: que ia chegar o dia em que a população não teria dinheiro pra comprar nada ou que acabaria disputando no lixão com os urubus.

CRIANÇA 6

Novidade. Cara, a fome é igual: tanto na mesa do rico como na do pobre!!!

CRIANÇA 1

Verdade. Podes crer. E tem mais: não escolhe cara, não marca hora, nem lugar.

CRIANÇA 2

É como a morte que apanha a gente de surpresa, de supetão, segundo a tia lá da escola falou isso.

CRIANÇA 3

Ela tá coberta de razão. Por falar nisso, turma, vamos rezar em agradecimento a tudo que coletamos e vendemos. Vocês concordam comigo?

TODOS

Concordamos!!!

CRIANÇA 3

Então... Deixa que eu começo! Ave Maria...

TODOS

Cheia de desgraça na boca do lixão!

CRIANÇA 3

Orai por nós os catadores de sonhos...

TODOS

Que enfrentando tanta desgraça um dia passarão!

CRIANÇA 3

E que na hora da nossa morte não haja tanto sofrimento...

TODOS

Mesmo passando desta pra melhor, já que vivemos entre ratos, moscas, mosquitos e baratas. *(Com som anasalado)*. Amém. *(Corte/foco em: Noutra área)*.

CRIANÇA 1

Borimbora gente. Tá na hora de ir pra casa. A coroa tá me esperando.

CRIANÇA 6

Manja só! A minha “velha” queria um fogão novo ou uma geladeira de segunda mão. Mas cadê grana? A gente custa juntar. A bufunfa do “velho” some da carteira, não dá pra encher os olhos, a não ser de remela e lágrima. Coitada.

CRIANÇA 5

Cuidado. Estamos sendo observado por dois caras safados. Não olhem pra não dá pinta que tá com medo. Vamos em frente.

CRIANÇA 4

Égua da bandidagem ó meu. Esses caras não se tocam, não se mancaram! Qualquer coisa eu enfio a lâmina nos cornos. Tenho que me defender.

CRIANÇA 5

Maneira. Nada de violência. Tá legal?

CRIANÇA 4

Mas não dá pra ser bonzinho ó meu. Ou os caras te riscam a cara ou a gente enfia o canivete neles!

PIVETE 1

(Aproximando-se do grupo). Escuta aqui ó cara, tu aí meu chapa... tão querendo tirar vantagem do lixo e não deixar nada pra nós, é isso?

PIVETE 2

(Debochado). Pior que é! Tá na cara. Nossa cara de cachorro-doido. *(Catucou o rosto dele com uma vareta).* Reage agora! Covardão. Baitola.

PIVETE 1

Olha a cara deles de medo! *(Riu).* As pernas tremendo! Coitadinhos! Tão pobrezinhos, levando comidinhas pra mamãezinha... *(Empurrou um deles).* Te manca, carapirá safado!!! Agora tô sabendo que vocês chegam aqui de madrugada antes de nós e carregam tudo, não fica nada pra ninguém, só a parte que não presta. Coisa ruim. Coisa podre. É a hora que não pinta ninguém na madrugada.

PIVETE 2

Sabe o que vamos fazer com vocês? Enfiar a cara de vocês no formigueiro, a começar por esse baitola aqui. *(Tentou agarrá-lo pelo pescoço etc.).*

CRIANÇA 3

(Pulou fora e se armou de pau). Experimenta! Vem, mete a cara!

PIVETE 2

Tá vendo, Chuim? O “filhinho da mamãe” é metido a valente, é metido a homem... olhaqui, seu urubu do lixão, não tenho medo de ameaça, não, tá sacando? Se eu quiser, te encho a cara de alegria, faço tu amanhecer com a boca cheinha de formiga. Mas não tô afim de briga, tô afim da grana e que tu tens de repartir com a gente.

CRIANÇA 3

Vou nada! Com essa grana vou comprar comida, roupa, sapato...

PIVETE 2

Isso é papo careta. Fora de moda. A “onda” agora é curtir drogas.

PIVETE 1

(Desiste). Tanto borogodó pra nada! Deixe de onda, deixe os caras ó meu. Vamos cair fora.

CRIANÇA 4

“Careta” são vocês com esse papo de drogas. Droga não tá com nada.

CRIANÇA 5

É pilantragem.

CRIANÇA 6

Só é! Eu não entro nessa.

CRIANÇA 4

Nem eu!

CRIANÇA 3

Muito menos eu! Gosto mesmo é de curtir cinema, futebol e hap. Droga é morte certa, é morrer lentamente. *(Neste momento, entra o Guarda, surpreendendo a todos e afugentando os dois pivetes).*

GUARDA

Aaaahhh! Flaguei!! Desta vez não vão escapar. Dêem fora daqui! Comigo, escreveu não leu, o pau comeu. Meto a porrada pra valer. Fora daqui!!!...

TODOS

(O surpreende, vestindo ele com vestido de mulher etc.).

Palma Palma Palminha

Pra quando papai vier!

Roda Roda sua mariquinha

Dona Coisinha de guiné!...

Oi samba! Oi dança crioulo!

Não enche o saco na vida.

Pega então esse maroto

E joga ele na lama fria!!!

GUARDA *(Ao cair na lama).*

Venha cá, seus atrevidos!

Vou lhes meter o relho.

Um dia me darão ouvidos,

Seus morta-fome, seus pentelhos! *(E correu atrás deles).*

CRIANÇA 1

(Sugriu). Vamos marombar esse guardinha de merda!

CRIANÇA 2

Vamos brincar com ele de pira-maromba. Vamos?

CRIANÇA 1

Agora! (Atiram pedras de isopor no Guarda enquanto ouvem-se estampidos de arma na área do lixo).

CRIANÇA 6

(Esparramando-se pelo chão). Uffa! Cansei, pessoal. Cansei.

CRIANÇA 5

Eu também!

TODOS

Pira paz, não quero mais!!! *(Ouvem-se tiros novamente).*

GUARDA

Vem cá, moleque travesso,

vem cá, filho de mandii!

Vou te virar no avesso,

quero ver quem manda aqui!

(Aqui as crianças respondem cantando e empurrando carro-de-mão cheio de bagulho no vaivém).

TODOS *(Pelo palco).*

Fui na Espanha buscar o meu chapéu,

azul e branco da cor daquele céu!

Gira roda, roda gira com o pé,

se essa praga não anda, vai de marcha-ré!!

(Ouvem-se um tiro e um grito de alguém baleado, adentrando o palco cambaleando etc.).

PIVETE 2

(Caindo ao chão). Aiii... Seus miseráveis... Me acertaram...

CRIANÇA 2

Foi bala perdida, foi?

PIVETE 2

Foi não. Cara... manda chamar minha mãe... a dona Helena.

DONA HELENA

(Próximo dali). Meu filho! O que fizeram contigo?

PIVETE 2

Me perdoa, mãe. Ninguém teve culpa. A culpa foi minha. Me perdoa... mãe...

DONA HELENA

(Num grito de dor). Meu Deus! Atiraram no meu filho. Acabaram com ele e com sua lenda! (Abraçada ao filho no chão). Acabaram comigo também, gente!! Meu filho... o meu Toninho... Aiii, eu quero morrer!!... Gente, ele nunca roubava, só puxava fumo que davam pro meu Toninho... quem não puxa? Oh, meu Deus!!! (Corte/foco em: Numa outra área de ação).

CENA 7

(Cena final. Mostra as crianças cantando e remontando o resultado de oficinas artesanais com objetos recicláveis, formando uma feira. O próprio elenco montará o cenário da feira).

TODOS

Dança gente boa. Dança gente fina
Pega tua tralha à toa e joga na Usina!...
A Usina vale ouro. Vale tanto quanta a vida.
Nela aprendemos tudo pra ser feliz um dia!
(Repetem até completar as barracas de venda).

(Sequenciando a cena, as crianças brincam de "Pai Francisco" carregando "araras" com material de venda pelo calçadão da feira da praça da república).

TODOS

Pai Francisco pisou na bola jogando lixo no chão!...

Vejam lá, bichos de cartola, nossas “araras” da salvação!

Como eles vêm, os marreteiros, de tão quebrados!...

A remexer o tempo inteiro, que nem maxixe e quiabo!

(Aqui as crianças desaparecem e só ficam os ambulantes no palco. Corte/foco em).

VENDEDOR 1

Tá na hora, freguês. É pra acabar! Vendo carrinho de garrafa custa 3 real. É pra acabar, é pra acabar!!...

VENDEDOR 2

Gente! Vamos comprar pra ajudar minha família. Pode levar, custa baratinho, um avião pro seu filho... uma casinha pra sua filha... uma boneca pra sua neta!! Pode levar, freguês, ao preço de banana!...

VENDEDOR 3

Olhem aqui... Olhem aqui... brinquedos de miriti. Também tenho do barro... argila pura, cerâmica igual a essa nunca vi! Manja só? Potinho, jacaré, tartaruga, porquinho.

VENDEDOR 1

Pessoal! Cuidado com o Rapa! Ele vem aí atrás!!

VENDEDOR 2

Se ele botar banca, a gente corre, mete o pé na estrada.

VENDEDOR 3

Atenção, freguesa! Pois não, meu senhor, minha senhora... Pode observar. Olhar não custa nada. O custo é comprar. Custa 10 real cada uma... Compra, moço, pra ajudar nós!!

VENDEDOR 1

É baratinho. Todo mundo pode comprar.

VENDEDOR 2

Qual é a cor que prefere? Compre duas e pague uma! É pra acabar, é pra acabar! Esta é a feira da pechincha...

MOLEQUE

(Entra afobado). Olha o Rapa chegando! Corre, pessoal!... (Saiu de cena).

VENDEDOR 3

Não é o Rapa não! É aquela doida, dona Moça que vem varrendo a gente!!!

TODOS

É isso, doutor. Calado não podemos ficar. A gente vende no peito e na marra. Isto aqui é mais cansaço do que lucro.

DONA MOÇA

Secundino Secundá Jacurararu. Vão embora daqui e já!! Vão, vão, seus esqueletos de cobra!!

TODOS *(Sumindo aos poucos).*

Somos catadores de sonhos que se perderam na memória através dos anos e do povo que nos contou tal história!

(Corte/foco em: Dona Moça virando "estátua" em praça pública).

DONA MOÇA

Venham passarinhos danísco sentar no meu ombro ou na cabeça e fazer seu ninho!... *(A luz vai caindo lentamente sobre sua figura).*

VOZ FEMININA *(Em Off).*

Toma esse anelzinho não diga nada a ninguém.

Nem que te amei com carinho e acabei sozinho também!...

VOZ MASCULINA *(Em Off).*

Lembra qual foi o primeiro nome que lhe dei?...

Ou em que braços para sempre não queria chorar, e chorei...?

FIM

HÁ QUALQUER
COISA NO AR
QUE NÃO É
AVIÃO

Há qualquer coisa no ar que não é avião

2005

PERSONAGENS

Pai, Filho, Filha e Figurantes (de 6 a 8 pessoas)

CENÁRIO

Contemporâneo. Experimental. Onde os atores manipulam o palco e exploram o seu limite físico em transmutação corporal. O resto fica a cargo de uma boa direção.



CENA 1

(Mostra pessoas que se deambulando e que vão morrendo aos poucos durante a trama do espetáculo. Há uma degradação total no planeta terra por falta de água potável e suas consequências, etc. Somente três atores têm trabalho de texto representando uma família em extinção).

PAI

Só restou nós três da nossa linda família... É muito triste, meu Deus! Vejam... as pessoas, coitadas, se deambulando, já sem forças, a caminho do que?... em busca de que?...

FILHO

Quanto tempo, pai, a gente vai ficar assim? Sem água potável, sem nada?

PAI

Não sei, filho. Só Deus sabe. Só ele terá compaixão de nós agora, já que o Homem nunca pensou nisso antes, nas consequências dos seus atos impuros e insanos.

FILHA

Assassinos do planeta!!! (*Chorou*). Tudo por culpa do desamor espalhado na terra. Homens cretinos! Homens malditos!

PAI

Calma, filha. Não perca a fé em Deus. Sabe? Até perdi as contas do tempo. Não tenho a menor noção do tempo. Não sei ao certo se estamos no ano de 2060...

FILHO

Mas eu sei, pai!

PAI

Sabe??

FILHO

A mamãe antes de morrer me falou. Estamos no ano de 2070!!

PAI

Jura, filho? Então acabo de completar 50 anos de idade, embora eu tenha aparência de alguém com mais de 80.

FILHO

Eu tenho 30 com aparência de 50!

FILHA

Eu tenho 20 com aparência de 40! Tudo por causa de problemas renais porque bebemos pouca água.

PAI

Creio que me resta pouco tempo!

FILHO

A mim também!

FILHA

Pai... Morremos juntos nessa sede cruel que nos devora a cada momento que respiramos.

PAI

É verdade. Hoje sou uma das pessoas mais idosas nesta comunidade!

FILHO

É lamentável. Nem eu gostaria de te ver assim, caído, caídoço, sem forças para reagir, assim como nós dois, eu e a mana, sem energia para contestar contra as maldades que fizeram contra os rios e o meio ambiente do nosso planeta.

FILHA

O senhor sempre me contava que na sua época haviam muitas árvores nos parques, as casas tinham bonitos jardins, onde o senhor podia desfrutar de um longo banho de chuveiro, quase uma hora e meia...

FILHO

Era um “gordo banho”, assim que o senhor dizia, por causa da grande quantidade de água que se gastava, até para lavar roupa, lavar a calçada, lavar as louças e na hora de escovar os dentes deixando a torneira aberta enquanto escovava os dentes, sem prevê nosso futuro.

PAI

Também é verdade! A quem cabe a culpa?

FILHA

A culpa é da geração anterior a nossa! Que não previu ou não quis se preocupar com tal tragédia no mundo inteiro! Agora, pai, rios secaram, morreram.

FILHO

É fato e notório. Só resta esse riozinho que passa rente a nós... num braço de água potável e poluída, sem condição da gente beber sua água por estar envenenada por agrotóxicos.

PAI

Eu sei, filho! Esse riozinho que você chama, tinha no passado um glorioso nome de São Francisco; para os íntimos, era apelidado de Chico. É ele com sua triste sina, e eu caindo no esquecimento, como esse rio sem destino fazer. *(Passou mal ao lembrar).*

CENA 2

(Mostra os filhos tentando socorrer o pai debilitado, sendo apoiado pelos ombros de ambos).

FILHO

Tente reagir, pai. Venha sentar-se aqui na sombra desta árvore! É a única que resta por essas bandas daqui.

FILHA

Venha, pai! Não nos deixe agora! Precisamos de você! Continue falando, ocupando sua mente!

FILHO

Fale do passado! Mas continue conversando com a gente!

PAI

Calma. Não entrem em pânico. Não vou morrer ainda. Tá bom assim?! *(Ambos sorriam e o abraçaram).* Reparem uma coisa: Agora usamos a toalha em azeite mineral para limpar a pele. Antes, as mulheres, mostravam sua vasta e formosa cabeleira, agora devemos todos ficar carecas, raspar a cabeça para mantê-la limpa sem água. Antes o meu pai lavava o caro com água que saía de uma mangueira! Hoje os meninos não acreditam que a água se utilizava dessa forma, existiam muitos lava-jatos por aí, muito chafariz. Eles na época pregavam anúncios nos paredões das ruas que previam “Cuida da água que o rio se acaba”...

FILHO

É! Só que ninguém se ligava no assunto, pensava naturalmente que a água jamais pudesse terminar. Agora taí, todos os rios, barragens, lagoas e mantos aquíferos estão contaminados, esgotados.

FILHA

Antes a quantidade de água indicada para beber era 8 copos por dia e por pessoa adulta. Hoje só posso beber meio copo.

FILHO

Até a roupa é descartável, o que aumenta a quantidade de lixo. Voltamos a usar roupas sépticas - como no século passado - porque as redes de esgoto não se usam mais por falta de água.

FILHA

E a aparência da população é horrorosa: corpos desfalecidos, como os nossos agora, enrugados pela desidratação, cheios de chagas na pele devido aos raios ultravioletas que não existem mais na camada de ozônio que os filtrava na atmosfera.

PAI

Dá um tempo, filho. Basta.

FILHO

Que tempo, pai? Que tempo temos ainda para raciocinar e manter viva a nossa memória em nome de todos, enquanto respiramos, heim pai? (*Breve pausa*). É claro que todos nós temos, uma parcela de culpa em tudo isso, sim, pai. Vejam aquilo que não desejamos ver: imensos desertos onde haviam florestas!!! E as infecções gastrintestinais, enfermidades da pele das vias urinárias são as principais causas da morte.

FILHA

Da nossa morte, eu diria! Não há nada a fazer. Já foi anunciado: os cientistas investigam, mas não há solução possível. A indústria está paralisada e o desemprego é dramático. As fábricas dessalinizadoras são a principal fonte de emprego e te pagam com água potável em vez de salário.

PAI

É natural, filha. Não se pode fabricar água, o oxigênio também está degradado por falta de árvores no mundo, o que devastou e diminuiu o intelecto das novas gerações. Por exemplo, muitos indivíduos, como reprodutor humano, ficaram sem espermatozoides, sem tesão algum.

CENA 3

Cena final. Mostra o pai tentando levantar-se com dificuldade embora amparado pelos filhos.

FILHO

Pra onde quer ir?

FILHA

Quer tomar um pouco de urina?

PAI

Não. Vocês vão precisar. Quero que me ajudem a procurar uma carta que me enviaram faz tempo. Veja, filho, aqui no meu bolso e leia pra todos ouvirem. Leia! Leia! Antes que eu perca a audiência!!

(Breve pausa. Entra uma música fundo como prelúdio / epílogo).

FILHO

“Em alguns países ficaram manchas de vegetação como o seu respectivo rio que é fortemente vigiado pelo Exército; pois a água tomou-se um tesouro cobiçado, mais do que o ouro, os diamantes e as pedras preciosas da Amazônia. As estações do ano foram severamente transmutadas pelas provas atômicas e pelas indústrias contaminadoras do século XXI. Agora teus filhos, netos e bisnetos pagarão um preço muito alto pelo que fizeram pela falta de educação e cultura a respeito da vida na terra, a qual já não será suportável dentro de pouco tempo, pois a destruição do meio ambiente chegou a um ponto fulminante, irresistível. Aqui deixo um recado apenas: faça chegar esta mensagem a todas as pessoas do mundo que conheço intimamente. Por cada uma que o tome conhecimento, criará um pouco de consciência para cuidar à sua volta! Não o temos por piada. Nem por deboche. Isto é um assunto sério. Seríssimo. Ass. Teu Deus, teu Divino Pai”.

PAI

Meu Senhor! Perdoa-nos por trair teus ensinamentos! Quisera fazer com que toda Humanidade compreendesse tudo isso, quando ainda podíamos tentar algo para salvar o nosso planeta Terra!!! *(E tombou caindo mortalmente no chão sem ser apercebido).*

FILHO

Pai! Pai! *(Sacudindo-o nos braços).* Não faz isso comigo, pai!

FILHA

E agora? Onde enterrar esse corpo de menino-passarinho? Em que chão - sem agrotóxicos - fincaremos a sua bandeira?

(Aqui, durante a fala do último personagem, cai a luz no palco em câmera lenta dando ênfase a sua mensagem lúdica e poética, até ao blackout total).

FIM

PRA GALINHA
SÓ FALTA O
RABO!

Pra galinha só falta o rabo!

2006

PERSONAGENS

Delegado - Adulto

Policial - Jovem

Corina - 40 anos

Raimundão - Adulto

Ambosa - Adulta

Pedrinho - Adolescente

CENÁRIO

Palco italiano. Todo o espetáculo ocorre de uma delegacia na periferia da cidade. Vê-se, ao fundo, o interior da mesma mostrando pequeno corredor de 4 celas.

TEXTO

Trata-se de uma sátira-comédia tendo como cenário o interior de uma delegacia onde está sendo apresentada uma denúncia de sedução, ao mesmo tempo em que ocorre um mal-entendido não só da queixosa, mãe da filha seduzida, como do suposto sedutor com o Delegado e a vítima no final. Um espetáculo que apresenta cenas hilariantes e com muito humor, no qual desfilam tipos popularescos e satíricos da vida urbana, baseados malícia e brejeirice do povo brasileiro. Um teatro de costumes numa linguagem coloquial, divertida e engraçada que arranca o riso a todo instante até de uma plateia mais exigente. É teatro e dramaturgia no duro. Segundo o escritor e acadêmico Almir Feijó Pereira, de Porto Alegre: “É uma deliciosa comédia escrita com maestria e fina maquinaria teatral envolvendo a todos”. Sua análise crítica mais do que transparente é um reconhecimento aos autores da nossa região amazônica.

O Autor.



CENA 1

(Mostra o delegado despachando seu expediente sobre a mesa. O Policial escrivão também exerce atividade na máquina de escrever. Nesse instante, ouvem-se um alarido, barulho, vozeiro de confusão e discussão lá fora tirando o Delegado de sua concentração).

DELEGADO

(Dando murro na mesa). Mas o que é isso?? Que não me deixa ficar concentrado naquilo que estou fazendo!! Parece um barulho de confusão lá fora!!

POLICIAL

(Escrevendo à máquina). Vai ver que é alguma tola discussão entre os feirantes e fregueses que negociam porcos, peixes e frangos na feira porque a maioria roubam no peso e no preço O povozinho filho duma égua!

DELEGADO

Ouça! Está ouvindo direito? Deve ser alguma coisa grave, alguma encrência, vá averiguar e venha me avisar com urgência. Ande, homem! *(Gritou)*. Se avexe, se avexe, antes que seja tarde demais!

POLICIAL

Será? *(Levantou-se com lentidão, espreguiçando-se e saiu)*.

DELEGADO

Que morrinha essa! Estou de “olho aberto” na sua lerdeza Qualquer dia eu vou pedir sua transferência daqui. E não vá se meter na briga de ninguém como da vez passada. Que saco! *(Voltou a sentar-se para assinar documentação etc.)*.

CENA 2

POVO

(Vozes intercaladas).

- Va lá, dona Corina! Vá dar queixa ao Delegado!
- Mande prender o Raimundão! Esse cara é safado! Também é tarado!
- Não deixe por menos, dona Corina! O Raimundão merece morrer na cadeia!!!
- E, sim! Ele merece 100 anos de prisão pelo que ele fez com sua filha!!

POLICIAL

Êpa! Peraí... O que significa isso?? Se querem falar com o Delegado tem que ter ordem neste recinto. Isto aqui ainda é uma Delegacia e não uma feira!!

CORINA

(De vassoura em punho). se atreva! Senão, vai levar uma vassourada nos cornos. Nem tente me impedir por nada neste mundo! É quando o senhor seu Guardinha de merda vai sair daqui pra sua casa manoando numa perna só, aí eu quero ver qual é a desculpa que vai arranjar pra sua mulher quando indagar por onde você andou. Entendeu bem o que eu quis dizer? *(Ao Delegado que está cabisbaixo).* Delegado Praxedes! Eu tenho uma queixa muito grave para lhe fazer contra esse brutamonte aí *(Apontou com os lábios pro Raimundão ora recostado num canto da sala, de cócoras, sendo vigiado pelo povo ali presente).*

POLICIAL

Doutor Delegado... essa mulher parece que está com o diabo no couro! Desde ontem que ela vem aqui pra...

DELEGADO

(Interrompe). Deixe a mulher falar! *(Breve pausa).* Por favor, minha senhora, desembuche! *(O povo não arreda pé do local, aguardando o desfecho da queixa com a prisão do acusado).*

CORINA

A julgar pela sua expressão o senhor tá sabendo que eu sou a mesma mulher que estive aqui ontem para dar uma queixa contra esse safado aí, só que por falta de papel o senhor...

DELEGADO

(Raspando a garganta). Por favor! Vamos ao que interessa. Vamos direto ao assunto que lhe trouxe aqui. Vamos aos fatos, às vias concretas e objetivas desses fatos. Nada de omitir a verdade Falar somente a verdade.

CORINA

Bom! Meses atrás, na verdade, eu estive aqui sim, quando vim dar uma queixa do meu marido Otaviano que fugiu com a minha própria vizinha, a minha comadre, madrinha da minha filha Maroquinhas... *(Chorou um pouco).*

POLICIAL

Também pudera: olha só o estado de vulnerabilidade social desta mulher???

DELEGADO

Sim! E daí! O boêmio voltou novamente, digo, o seu mando?...

CORINA

Não! Nem vou querer ele mais de volta. Só que desta vez é uma queixa muito grave, gravíssima muito diferente das outras ou daquilo que o senhor poderia imaginar.

DELEGADO

Nossa! Agora me aguçou a curiosidade!

CORINA

É que esse cafajeste, esse sem-vergonha duma figa, esse descarado, sabe o que fez com a minha Maroquinha?...

DELEGADO

(Interrompe, esfregando as mãos). Um momento! *(Ao escrivão).* Jotajota, anote tudo aí aquilo que ela vai falar, todo seu depoimento, com riqueza de detalhes, sem omitir uma vírgula ou ponto e vírgula, entendeu?...

POLICIAL

Sim, senhor.

DELEGADO

(A Corina). Prossiga!

CORINA

Eu...Eu tenho até vergonha de falar seu Delegado...Parece que virou moda na Rua do Bom Sossego ficarem “bulindo” com minhas três filhinhas: primeiro foi a Fafinha que acabou morrendo estrangulada, depois foi a vez da Gigi que quase leva o farelo quando fugiu do tarado pelo buraco do muro sem ele ver, agora foi com a coitada da Maroquinhas no quintal de casa, quase na minha ilharga...

POLICIAL

Doutor Praxedes, não seria melhor iniciar pelo assentamento do nome dessa senhora por inteiro, seu estado civil, idade, endereço etc. e etc.?

DELEGADO

Não gaste seus neurônios com isso. Desde quando um subalterno tem o direito de opinar? *(Ficou sem resposta)*. Faça aquilo que lhe ordenei antes.

POVO *(Irritado)*.

- Mas que bate-papo furado é esse! Será que ninguém se enxerga??
- Isto aqui é uma enrolação dos cacetes!
- Essa delegacia não resolve nada! Fica nesse chove-não-molha!
- Tá parecendo uma área de lazer: O prédio todo fede a mijó, janelas e portas mal conservadas! *(Riu)*.
- Eras, mea mana, mas tu és de morte!! *(Todos caíram na risada)*. Fica aí bisbilhotando tudo. Cruz credo.

DELEGADO

Silêncio! Seu Jotajota, mantenha a ordem neste recinto. Chega de baderna aqui dentro! Ponha essa gentinha pra fora daqui agora!!! *(Gritou)*.

POLICIAL

(Empurrando pessoas). Vamos! Vamos! Queiram se retirar! Vocês ouviram o que o Doutor Praxedes falou!...

POVO

(Obedece e protesta).

- Puxador de saco! Lambedor de saco!
- Carajué de mulher preta!
- Corno manso! Chifrudo!
- Negócio seguinte: se não prenderem o Raimundão, a gente volta aqui pra incendiar esta delegacia!!

POLICIAL

Todos para fora! Vamos! Todos para fora! Vão pros quintos dos infernos!! Seus fofoqueiros! *(Ao Delegado)*. Pronto, doutor Delegado, todos já foram embora.

DELEGADO

Muito bem. Agora podemos conversar tranquilos. Pode começar dando o seu nome de batismo, onde mora e se é solteira ou casada.

CORINA

Até então, eu fui casada com o homem que me traia com a minha comadre, a dona Florismunda. Mas continuo morando na Rua do Bom Sossego nº 22 e meu nome é Maria Corina Vicentina Costa da Silva.

POLICIAL

Vixe! Mas que nome mais esquisito é esse!

CORINA

O senhor também acha? *(Ninguém respondeu)*. Todo mundo acha isso. Mas cada pessoa tem o nome que merece. “Vicentina Costa” era da minha falecida mãezinha - que Deus a tenha em bom lugar, porque mamãe já andava cansada de tanto assalto na rua, de ser assaltada - e “Da Silva” do meu pai, que desapareceu na enchente da maré ano passado, na Ilha do Marajó, doutor!! Além de ser viúva de marido vivo com cinco franguinhas pra alimentar diogo, meninas carentes de tudo. A mais velha tem a idade de....

DELEGADO

Tudo bem! Tudo bem! Não há necessidade de identificar as crianças. Também mantenha sigilo sobre elas.

CORINA

Mas como, doutor Praxedes?? Se o que aconteceu foi uma desgraça, uma tragédia, um inferno na vida da menina!! Por preservar e defender a ingenuidade dela é que estou aqui nesta honrada delegacia, cara a cara, frente a frente com esse cretino, com esse descarado, com esse safadão, com esse ladrão de galinhas pra dizer e declarar firmemente que o Raimundão usou e abusou de Maroquinhas!!! *(Chorou escandalosamente)*. Ai, meu Deus do céu! Ai, minha Virgem Santa das Candeias! Ele estuprou a menina!!!!....

DELEGADO

Que idade tem ela?

CORINA

É de menor, Delegado. Se fosse de maior, mais ajuizada, dona do seu nariz, nem me importaria porque não adiantaria “prender” dentro de casa, mas uma menina indefesa, praticamente uma criança ainda, com 10 aninhos, tão virgencinha, tão pura, doutor. Eu exijo justiça! Uma punição contra esse sujeito.

DELEGADO

Então me conte tudo como aconteceu. Detalhe por detalhe. Desde os mais audaciosos aos mais sórdidos. Conte tudo! Tudo.

CORINA

Foi ontem no fim da tarde. Esse cretino além da cachaça que tomou, drogado como tava, só poderia fazer mal a qualquer um, inclusive, atacando a minha filha no quintal da casa dele, ao lado da minha.

DELEGADO

Como assim? Como foi que ela foi parar no quintal dele? Pulando a cerca, o muro ou...

CORINA

Foi através do buraco que existe no muro da casa dele. Acho até que esse infeliz planejou em fazer o buraco com segundas intenções pra seduzir a minha Maroquinhas. E deu certo! A menina acabou caindo na lábia dele, desencabeçando uma alma pura e inocente a troco de nada, quase na minha cara, ainda por cima, doutor Delegado, andou “espalhando” pra todo mundo que menina tem mal hálito, dente podre na boca, cuja língua suja, escamosa, parece uma pevide de galinha. Já pensou! Que vergonha, meu Deus!! Tamanho um safadão desse querendo desmoralizar a menina. Tadinha. E disse mais que menina tava cheia de coceiras na bunda! Esse nojentto. Descarado.

DELEGADO

Anda, te levanta daí!! Fala alguma coisa! Qual é a tua, hein otário?

RAIMUNDÃO

A minha é a de sempre, doutor. Não mexo com ninguém se não mexer comigo e não fico “passando pano” nas casas de vizinho, a não ser longe do meu setor, a rapaziada me conhece e sabe disso, podes crer.

DELEGADO

E como se explica isso tudo contra você seu canalha?? *(Berrou)*.

RAIMUNDÃO

Negócio seguinte, doutor. Juro pro senhor que nunca entrei nessa de estuprar menor, nem mulher adulta, bote fé. Posso ser safado, ladrão, maconeiro como ela diz aí, mas tô safo dessa. Não entro nessa da coroa não, doutor. Essa mulher tá pinéo, não tá boa da cachola diz coisa com coisa, mistura nada com nadinha, pensando que todo mundo é otário. Ela tá na mira da minha grana, aí ela inventa essa história maluca pra cima de mim!! Mas não abro mão de minha grana que juntei vendendo muamba na feira.

CORINA

Mentira dele, doutor. Esse safado tá mentindo.

RAIMUNDÃO

Que mentindo nada! Quem tá engurupindo o doutor é ela “inventando” coisa contra mim. Por causa de que ela quer safar alguma grana “dando parte” de mim e não sabe como. Só que eu não vou pagar nada, não vou mesmo! Sacou?

DELEGADO

Saquei, quero dizer, entendi. Mas como seu ordinário tomou a iniciativa de seduzir ou até mesmo estuprar uma menina de 10 anos no quintal, mesmo sabendo que existe tanta mulher solteira dando sopa por aí, justo foi se engrajar da filha da sua vizinha?? Você seu canalha com sua astúcia acabou estragando com a vida, com o futuro da menina!!! *(Aplicou-lhe um tapa na cara)*.

RAIMUNDÃO

(Com cinismo). O doutor acha mesmo isso?

DELEGADO

Não só acho como tenho certeza!! Como sempre, você agiu de má fé e vai ter que pagar por isso. Nem que seja virando “lavadeira” no presidio da cidade.

RAIMUNDÃO

Saquei. Podes crer. Piranha até que tem na cidade e bastante, mas a gente vai perdendo o tesão por elas e vai em busca da franga nova. É ou não é, doutor? Diga lá! Isto também acontece com o senhor, com todo mundo,

com qualquer homem, a não ser que o cara seja baitola. Acontece doutor Praxedes que eu, no meu juízo normal, não tô como nunca tive a fim de tapar o buraco que outro fez antes de mim. Deu pra sacar agora?

DELEGADO

Entendi. Isto quer dizer que você não foi o primeiro...?

RAIMUNDÃO

...nem o segundo, doutor! Coisa oferecida não tem preço. Eu tô tentando garantir pro doutor que não fui eu o “autor” de Maroquinhas. Tai os colegas que visitam a minha hause, o meu barraco de zinco, porque a tal Maroquinhas nunca deu bola pra mim.

DELEGADO

Agora, é a sua vez de falar, dona Corina. Pode falar! Diga se há um fundo de verdade no depoimento dele e se houve realmente outros pretendentes dando em cima da menina.

CORINA

(Chorando). Oh, doutor! Esse cafajeste arrasou nós duas. Não sei nem como encarar os fuxicos da vizinhança!

DELEGADO

Seu Jotajota, sirva um copo com água pra dona Corina! Por favor!

POLICIAL

Sim, senhor, doutor Delegado.

CENA 3

(O Policial escrivão abandona a máquina de escrever, vai e volta com o copo com água e oferece para Corina que rejeita ao mesmo tempo).

POLICIAL

Pronto. Beba a água. Vai se sentir mais calma.

CORINA

Quero não, seu Jotajota. Não precisa se preocupar comigo. Estou bem assim. Eu só queria que o Doutor Praxedes mandasse prender o Raimundão.

Esse canalha. Esse tarado pobretão. Agora, a menina tá lá andando pela casa, tristezinha, tão jururu, parece tão desconsolada com a vida. Antes do acontecido, a Maroquinhas era alegre, feliz, cantava pela casa, agora como agora já nem canta mais, nem quer ver mais a cara da Xuxa na TV, nem novela de Tarcísio Meira. Acho que ficou traumatizada com certeza.

POLICIAL

Doutor Praxedes, posso anotar isso aí que ela falou? Acho muito porreta!!

DELEGADO

Claro que não! Não vê que tudo isso é um verdadeiro insulto à moral e aos bons costumes desta cidade? Prossiga com seu depoimento, Raimundão!

RAIMUNDÃO

Prosseguir o quê, Doutor? Já disse! Essa mulher anda tapeando todo mundo com essa estranha conversa, fica tirando onda com a minha cara. Ela tá canso de fazer arruaças entre os vizinhos. Ela tá mais falada do que farinha na boca sem paladar. Ela anda fazendo inimizade com os vizinhos.

CORINA

É mentira dele!

RAIMUNDÃO

Né não, Doutor Só que eu não sou otário, não tenho o nariz furado, nem uso brinquinhos nas orelha.

DELEGADO

Tá gozando da minha cara? Me tomando pra pagode, é seu macaqueiro xexelento?

RAIMUNDÃO

Qué que isso, Doutor! Tô gozando não, longe de mim, nem pensar. Eu tô querendo dizer pro senhor que essa história tá mal contada, e por ela aí. Pois a Maroquinhas não é, como nunca foi a “menina dos meus olhos”. Ela não é essa “menina ingênua” que o Doutor tá pensando que seja.

DELEGADO E POLICIAL

Não???

RAIMUNDÃO

Tô fora disso sabia? Faço questão de revelar aqui na Delegacia que a Maroquinhas pra galinha mesmo, só falta o rabo, que é cotó.

DELEGADO

Êpa Raimundão!!! Vai com calma. Nada de desfeita. Sem essa desmoralização contra uma inocente.

RAIMUNDÃO

Vai nessa! Que inocente coisa nenhuma, doutor! Aquilo lá é pegar e largar. E só não tem mais penas porque é uma galinha pedrês.

POLICIAL

Posso anotar o que ele falou, Delegado?

DELEGADO

Claro que não, seu burro! Por que haveria?

CORINA

É tudo mentira desse cretino, Delegado Praxedes! Esse pilantra tem mania de enrolar os outros e quer enrolar o senhor com esse falatório besta. Mas logo o senhor que é um homem letrado, cheio de saber, um homem honrado e justo! Eu no seu lugar como autoridade policial deste bairro, chamava esse cabra no saco, dava porrada nele, pontapés na bunda, soco no estômago e fazia explodir com o fígado dele, dê choque elétrico nesse cabra, num instante a verdade aparece. Faça isso! Tal como ele revirou os bofes da minha Maroquinhas.

DELEGADO

A senhora tem razão! Chega de bancar o bonzinho. *(Passou a maltrata-lo na base de tapa e pontapés)*. Vamos lá, rapaz. Abre o bico! Confessa teu crime! Vai! Fala. Dá logo o “serviço”: quem mais tá na jogada, quem te ajudou a fazer uma desgraça dessa? Fala! Já estou perdendo a paciência contigo! Fala ó infeliz!!

RAIMUNDÃO

(Foge dele). Calma, doutor. Não vale a pena me encher de porrada, quebrar a minha boca, arrancar minhas unhas, que não vou confessar uma coisa que não fiz.

DELEGADO

Não me enrola! Não me enrola! Vamos aos fatos. Vai! Continua! Confessa: onde tudo aconteceu, qual foi o local, se fez debaixo do quaradouro de roupa ou detrás privada em cima formigueiro??

RAIMUNDÃO

Tá bom. Vou entrar nesse “jogo da velha”, mesmo não tendo pinta de sedutor menor, mas vocês estão insistindo, né. Cada fim de tarde fico sentado no batente da porta da cozinha, fico espiando as coisas, passando o “pano” como se diz, foi quando avistei a tal Maroquinhas se chamegando e se esfregando com dois fedelhos, dois frangotes ainda, fazendo a mesma coisa com ela, assim, de bico calado, arrastando as asas pra cima dela e numa moita de capim.

DELEGADO

(Ansiosamente). Continue! Continue! Conte, conte, conte tudo! Havia algum formigueiro, alguma pedrinha que atrapalhasse o romance dos dois??

RAIMUNDÃO

Tava tudo safo. O quintal tava limpo. Só tinha essa moita de capim-santo!!

POLICIAL

(Idem, idem). No seu quintal ou no quintal da queixosa?

RAIMUNDÃO

Pior que era no meu. Eles conseguiram varar pelo buraco do muro. Eu tava só de mutuca, de olho neles. Quem mais partia para cima e apertava ela no chão era um apelidaro de “Fofinho” e o outro, o tal de “Leleco”, ficava na dele, aguardando sua vez de meter o sarrafo.

CORINA

Não é verdade, doutor! O que ele está dizendo é uma calúnia *(Chorou)*.

RAIMUNDÃO

Né não, doutor. É verdade sim, doutor, eu juro! Eu vi com esses olhos que um dia as minhocas da terra vão comer! Eles na verdade queriam comer Maroquinhas no peito na marra.

POLICIAL

Por que na marra?!

RAIMUNDÃO

Porquê... porque ela só tava tirando sarro da cara deles. Não queria transar com nenhum. Era um comportamento safadinho da parte dela. Saquei logo.

CORINA

Tá vendo, doutor? Esse cretino continua levantando calúnia contra a pobrezinha. Isso não vai ficar assim! *(Ameaçou com a vassoura)*. Foi outra coisa que ele inventou, seu Delegado, é invencionice que ele mais gosta de dizer por aí a respeito de Maroquinhas. Esse safadão! Mas aqui mesmo, nesta honrada delegacia de polícia, o senhor pode observar, esse cão ladra mais do que o meu cachorro vira-lata, em desrespeito à sua honrada presença, doutor!

DELEGADO

(Ajeitando o colarinho). Obrigado, senhora! Pelo reconhecimento policial.

CENA 4

(Enquanto o Delegado tenta disfarçar sua vaidade e orgulho como autoridade policial, os outros personagens entram em discussão cerrada com ameaças de pancadaria. o Policial escrivão tenta se proteger atrás da escrivaninha).

RAIMUNDÃO

Cachorro foi teu marido que te largou por outra porque tu és suja, não toma banho, és fedorenta!!

CORINA

(Com a vassoura em punho). Só se for a tua mãe! Aquela desdentada! Linguaruda! Fofoqueira!

RAIMUNDÃO

E a tua? Que é ladrona de galinha! Aquela fedorenta a gamba! A morcego!!!

CORINA

“Fedorenta” é? Fedorenta é a minha xereca que tu querias comer também!!! Mas como não te dei confiança, safado, tu fostes te vingar na Maroquinhas. Seu pomba molhe!

RAIMUNDÃO

Pomba mole... Pomba mole só porque te rejeitei sua porcalhona! Magina! Se for querer me lambuzar com uma mulher sebosa que nem tu, sua doida!

CORINA

Nem eu quero! Prefiro enfiar um cabo de vassoura na minha “Catirina” do que me deitar contigo, safado!

DELEGADO

Silêncio! Vamos parar com essa “lavagem de roupa suja” aqui dentro! Procurem se dar respeito! Nada de insultos. Nada de baixaria.

POLICIAL

Posso anotar também tudo isso aí que eles falaram nessa rasgação de véu?

DELEGADO

Claro que não! Isto também vem de encontro à moral e os bons costumes da cidade. Fui claro? *(Ao Raimundão)*. Quanto ao senhor seu Raimundão ponha na cabeça uma coisa: o que é do homem nem o bicho come.

RAIMUNDÃO

Tô sabendo. Mas só que essa mulher maluca fica aí baixando o meu moral.

CORINA

Moral?? Desde quando um safadão, um cara sujo que nem tu, tem moral alguma? Mas logo pra cima de mim! Só se eu fosse burra, uma tapada, uma cega!

DELEGADO

E a senhora dona Corina, acho por bem calar essa boca imunda, ponha freio nela, antes que a senhora morda a própria língua! Ouviu bem?

CORINA

Ouvi, sim, senhor. Desculpe. Nunca pensei passar tamanha humilhação.

DELEGADO

Prossiga, Raimundão, prossiga...

RAIMUNDÃO

Mas doutor Delegado Praxedes, eu já disse tudo! Maroquinhas pra galinha mesmo, só falta o rabo. Ela é ainda uma franga assanhadinha que só vendo!

CORINA

O que?? Seu filho duma quenga!

DELEGADO

(Gritou). Vamos parar com isso aqui!!! Ou o senhor me fala a verdade ou se continuarem com esse nível mandarei trancafiar os dois na mesma cela. Vão formar um casal ideal. E pergunto: por que tomou tal decisão?

RAIMUNDÃO

Pô! Doutor... O senhor é flórida mesmo! Tá querendo me grampear de qualquer maneira.

DELEGADO

Basta falar a verdade. Somente a verdade. Se estiver inocente, será fácil resolver o assunto e dar por encerrado esse caso, que é mais um nesta cidade.

RAIMUNDÃO

Tá safo. Negócio seguinte: De acordo com o que vi naquele fim de tarde, eu pude observar na hora que eu tava dando miolo de pão para uns pintinhos que ciscavam bosta seca no quintal, que a coitada tava numa tristeza, tava tossindo, o peito chiava de tanto catarro, mal comparando doutor, a bichinha parecia um daqueles pintos goguento, com pívide e tudo, até andava esquisita.

POLICIAL

Como assim?

RAIMUNDÃO

(Faz uma simulação ridícula). Assim. De pernas abertas, escancaradas. Tava parecendo um urubu cagado pelo de cima. *(Deu uma risada).*

CORINA

Cafajeste. Ainda faz coçoadá da menina. O que é pior, doutor, até água e milho cozido eu vi ele dar pra ela.

DELEGADO

E ela? Aceitou feito um chocolate?!

RAIMUNDÃO

Aceitou não. Não tinha nem forças pra mastigar. Tava muito fraca.

DELEGADO

Mesmo assim, fraquinha, desmilinguida, o senhor usou e abusou da fraqueza dela?...

RAIMUNDÃO

Negativo, doutor. Que papo é esse, doutor? Poxa! Tô falando a verdade.

DELEGADO

Ora rapaz! Conheço muito bem a sua laia. Começa sempre assim com roubos, depois sucatas, por fim, assaltos por qualquer mixaria e estupros, etc.

RAIMUNDÃO

O doutor tá falando com a pessoa errada, podes crer. Se o senhor investigar por aí e perguntar pro seu Zé Tenório - o comerciante da esquina, não vai encontrar nada que me acuse a não ser de macuqueiro caridoso porque descarto os vizinhos e ajudo outros mais carentes.

CORINA

Anjinho do pau oco!! Olhe aqui Delegado, esse pilantra tá querendo ver a minha filha de boca em boca feito churrasquinho. Se o senhor não tomar nenhuma providencia contra esse descarado e deixar as coisas como estão, sei não, mas sou capaz de apostar que a menina vai acabar tomando gostinho pela "coisa"! O senhor sabe come é, a carne é fraca, aí poderá acontecer com ela a mesma coisa que aconteceu com as outras.

DELEGADO

(Furioso). Basta, dona Corina! Quer fechar essa matraca por alguns minutos?

CORINA

Oh! Doutor Praxedes! Tô me sentindo arrasada sabia? Por dentro e por fora.

DELEGADO

Bem feito pra senhora! Aqui dentro mando eu! Feche a boca. Quando um burro fala o outro murcha a orelha, já dizia o filósofo Epaminondas Gutier. É vergonhoso, mas muito vergonhoso mesmo, uma mulherzinha como a senhora andar metida em feio arrastão, quando devia estar cuidando melhor das suas filhas. A liberdade não é libertinagem e deve ser também vigiada e não futricada pela maioria. *(Ao Raimundão)*. Continue!

RAIMUNDÃO

Aonde era que eu tava mesmo? *(Refletiu)*. Ah, sim! Ai Maroquinhas veio se chegando, se chegando, se abriu comigo, ficou bem pertinho de mim, assim, *(encenou seus trejeitos)* entre minhas pernas, “aquecendo” meus escrotos, e me olhava dum jeito, viu doutor, que parecia me pedir colo, um denço qualquer. Tadinha. Como adivinhar nessa hora que Maroquinhas tava carente de uma coisa que eu tinha, mas não podia dar pra ela? Então como a gente tinha uma certa intimidade e amizade - mas tudo dentro do maior respeito, doutor! - sem maldade, aconcheguei ela nos braços e ela gostando, gostando, depois fiz uns cafunezinhos, cocei a cabeça dela, espiei se ela tinha lêndea ou piolho, e ela gostando, deixando... Aí, a bichinha não aguentou...

DELEGADO E POLICIAL

(Comicamente). Não “aguentou” o quê???

POLICIAL

Conta! Conta! Conta!

DELEGADO

Ela desmaiou? Teve uma vertigem? Dessas que ocorrem com as moças virgens!!

RAIMUNDÃO

Não houve nada disso. Na medida em que ia dando um tratozinho nela, ela foi se arreando no chão, se esparramando que nem paraquedas no chão, feito uma cadela no cio. Foi quando me subiu um fogo no “Gaspar” aqui *(esfregou o sexo)* e um tremor nas pernas, quando ela deslizou a bunda entre minhas coxas, aí...

DELEGADO

(Fazendo torcida). E aí...?

RAIMUNDÃO

Aí essa doida apareceu na hora H, me deu uma escrotiada que só vendo! Nem a minha coroa nunca fez isso comigo.

DELEGADO

Continue! Continue! Está interessante!

RAIMUNDÃO

Qual é a sua, hein doutor? Eu não fiz nada não. Não houve nada. Eu juro pela minha santa mãezinha! Tudo não foi além de uma cafunezinho aqui, outro ali, só isso. Verdade, doutor! Porque depois que alguém mais adulta fica roçando aqui no “Gaspar”, o danadinho não nega fogo, vai logo encrespando, fica empinado, metido a valente, querendo pular fora da braçadeira...Mas com ela, com a tal Maroquinhas, o diabo do cacete nem levantou, perdeu o tesão, de tão magra que a coitada estava!

CORINA

Doutor Praxedes! Me admiro do senhor ficar ouvindo baixarias desse canalha! Mande prender o Raimundão, ora essa! Senão, ele vai meter os pés na carreira. Tô lhe avisando, bom!

DELEGADO

“Prender” como, dona Corina?! Não vê que não há provas cabíveis?

CORINA

Mas está claro e evidente que foi ele o “autor” de Maroquinhas, doutor!! Ponha ele na cadeia. O senhor é uma autoridade e a população está confiante na sua autonomia. Mas pelo que tô vendo... o doutor aí tá muito devagar, tá quase virando cágado no árido deserto. Quero dizer, até o senhor tá se afrouxando pra ele.

DELEGADO

(Indignado). O quê? O que disse??

RAIMUNDÃO

Tá sacando, doutor? Essa mulher tá pinéo. Ficou doida com a perda do macho dela. Pirou de vez.

DELEGADO

Guarda!!!

POLICIAL

Sim, chefe? Desembuche, digo, dê as suas ordens!

DELEGADO

Abra aquela cela do corredor e de nº 02 e tranque os dois lá dentro!

POLICIAL

É pra já! *(Vai e volta com um molho de chaves).*

CORINA

(Apelativa). Mas doutor Praxedes! Eu não falei por mal! Eu não queria lhe ofender. Eu juro!

DELEGADO

Amanhã retomarei a nossa conversa. Eu disse: amanhã! Caso contrário, vou expor a sua filha aos vexames de corpo delito. Só assim ficaremos sabendo a verdade. *(Apanhou sua "pasta presidente" e tentou sair, quando:)* por hoje, chega de paranoia!

CENA 5

(Ambos se entreolham apreensivos e surpresos com a atitude radical do Delegado Praxedes. Neste momento, para euforia de todos, entra em ação o moleque Pedrinho respirando com dificuldade em razão do cansaço e largando no chão um cesto cheio de bugigangas. A cena é patética e engraçada).

PEDRINHO

(Adentrando afobado). Senhor Delegado!...Doutor Praxedes! ...Seu Guarda!

AMBOSA

(Corina e Raimundão). Pedrinho!!!

POLICIAL

O que veio fazer aqui na delegacia seu moleque?!

PEDRINHO

Ora! Eu vim correndo, correndo, pra contar a verdade verdadeira. Posso?

DELEGADO

(Sentou-se novamente). Agora me deu medo! Mas é claro que pode, meu bom rapaz! Vá falando, vá falando...

CORINA

(Puxando o menino para um canto). Pedrinho, vem cá! Antes quero falar com você seu pestinha.

RAIMUNDÃO

(Tirando algo do bolso da calça). Toma uma bala. Entope tua boca com isso e dá de comer as lombrigas! Qual é a tua, hein moleque? Tá querendo jogar sujo com a gente, é isso?

CORINA

Fala peste! Senão, te arranco as orelhas! Tinha até graça um moleque desse mais do enxerido e presepeiro, metido em conversa dos mais velhos. Não diga nada, não. Coisíssima nenhuma!

PEDRINHO

Ih, tia! Tá ralado, viu. Isso vai dá um bode daqueles! Não foi a senhora mesma que me ensinou que a verdade deve ser dita, doa à quem doer, não foi?

CORINA

Foi! Mas nem sempre funciona.

PEDRINHO

(Coçando a cabeça). Sei não, sei não. A senhora disse e eu vou falar, tirar esse otário dessa confusão toda que a senhora armou pra cima dele por causa de ciúmes.

DELEGADO

(Curiosamente). Posso saber que mexerico é esse aí??...

PEDRINHO

(De costas pra ele). Não é mexerico não, senhor Delegado. É assunto de família, da vara da família.

POLICIAL

Mas que pivete atrevido!

PEDRINHO

Olha aqui seu Guarda, pivete uma merda! Se dê conta de que nem todo adolescente é menino de rua, cheirador de cola, que anda dormindo nas praças ou praticando assalto, tá legal? Eu não sou otário pra cair numa dessa. Eu estudo e pratico esportes na escola e descolo uma grana vendendo pastel por aí.

POLICIAL

Tá certo. Retiro o que eu disse. Peço desculpas.

PEDRINHO

Bota fé! E coloque aí no seu livro negro de ocorrências o seguinte: quero respeito sacou? Pois é!

CORINA

Pedrinho! Não fica implicando com o homem. Deixa tu chegar em casa que eu te meto o relho. Te dou uma surra daquelas!

DELEGADO

Vamos ao que interessa. Tenho pouco tempo pra resolver essa questão (*Reparou no relógio de pulso*). Enfim, qual foi ou qual é o motivo da sua presença nesta delegacia?

PEDRINHO

Eu vim revelar a verdade verdadeira sobre a Maroquinhas. Vou contar aonde e como tudo aconteceu.

DELEGADO

Estamos todos ouvidos. Pode começar.

PEDRINHO

Foi assim. Eu tava...

CORINA

Pedrinho! Feche essa matraca, menino! Vá embora pra casa!

PEDRINHO

Eu tava brincando no fundo do quintal da minha tia quando eu vi a Maró se esticando toda no chão, deitada numa moita de capim-santo bem atrás da bananeira, no colo do Raimundão, que fazia cafuné nela, porque assim quis a minha tia que era pra dar um flagrante nele com escrotiada e tudo.

CORINA

Mas que Satanás! Esse menino é um capeta mesmo! *(Deu beliscão nele)*. Vem cá, diabo! Cala essa boca! Deixa de ser linguarudo!

PEDRINHO

Ai, meu braço! Poxa tia, doeu!

DELEGADO

(Maliciosamente). E qual foi a reação dela?

PEDRINHO

De quem? Da lesa da minha tia ou da Maroquinhas?!

DELEGADO

Quero saber da reação da Maroquinhas, evidentemente, é claro.

PEDRINHO

Ah! Foi péssima. Deu maior bandeira. Cagou até sangue, doutor! Depois que ela se meteu com os frangotes do seu João Porfírio.

DELEGADO

E quem é seu João Porfírio?

PEDRINHO

É um coroa boa pinta. Gente boa. Dono de uma lanchonete na esquina da Rua do Bom Sossego. É um velho bobo, caído pela tia Corina, fica na paquera dela, quer casar com ela, mas ela não quer.

AMBOS

(Delegado e Policial). Não quer???

CORINA

(Encabulada). Oh, meu Deus! Que vergonha! Mas prefiro ficar viúva de marido vivo do que me deitar com aquele homem de sovaco fedorento. Oh, menino linguarudo!

PEDRINHO

É por isso que ela fica assim estressada, com os nervos à flor da pele porque não tem namorado e fica aí curtindo ciúmes do Raimundão que, por sua vez, tá nem aí pra ela. Não dá uma chance pra coitada. Ne não, cara?

RAIMUNDÃO

(Sem jeito). É! De certa forma, sim! Mas eu...não, não tô afim.

DELEGADO

Bom! Cada caso é um caso diferente. Ainda acho que a senhora devia se casar, curtir um maridão qualquer, e largar de mão esse negócio de perseguir com calúnias o coitado do Raimundão. Francamente!

PEDRINHO

E tem mais uma coisa: a tia Corina tá com pecado nas costas depois que mandou matar mais duas filhinhas dela e agora queria enforcar a Maroquinhas, queria estrangular. Se não fosse eu chegar na hora, a Maró já era, tinha virado uma defunta.

CORINA

Pedrinho! O que é que tu tá inventando desta vez, menino? Para de asneira!!

DELEGADO

Quem diria hein dona Corina: Justo a senhora, a mãe da seduzida, querendo pôr um fim na vida da garota!

CORINA

Calúnia desse menino, doutor. Pura calúnia. Esse menino é uma praga!

POLICIAL

Desculpe, doutor Praxedes. Pelo que estou observando e analisando aqui com meus botões, tudo isso é uma armação dessa senhora contra o Raimundão que, na verdade, é seu bom vizinho. Ela está precisando urgentemente de um tratamento clínico ou psiquiátrico.

DELEGADO

Concordo em número e grau. Até que enfim o senhor disse uma coisa que prestasse pra raciocinar. Quanto a senhora, dona Corina, sabia que isso tudo pode mover um processo de calúnia e difamação?

CORINA

Sabia e não sabia! Sabe como é, doutor Praxedes, a gente pensa que tudo vai dar certo engurupindo as pessoas, olhai no que deu, quebrei a cara. *(Chora)*. Eu sou uma otária mesmo! Uma miserável! Nunca fui tão humilhada na vida como estou sendo agora. Ai, meu Deus!!

DELEGADO

Ouçá uma coisa curta e certa: se a senhora está se sentindo “perturbada” por algum espírito maligno, algum “encosto”, vendo coisas que não deve na sua frente e sabendo de antemão que o perdão ficou pra quem se arrepende, então a senhora bateu na porta errada. Vá procurar um sanatório, um hospital de clínicas ou um vigário exorcista e conte tudo pra ele numa boa, pronto. Lá na igreja tem água-benta.

POLICIAL

Exatamente! Olhe, procure frequentar a igreja, os templos de oração, só esse povo poderá tirar o demônio do seu corpo. Menos aqui. Isto aqui é uma delegacia, não é um consultório sentimental.

RAIMUNDÃO

Mas foi isso que tentei passar pra ela... só que ela não quer. Disse que de lá ela já veio expulsa feito um cão sem dono...

CORINA

...com uma mão atrás, outra na frente, doutor! Porque me fizeram vender a minha casa, o meu barraco velho, pra torrarem o dinheiro pra “fogueira de Deus”. Magina!

POLICIAL

Pronto: Agora fica-se a saber quem é o tarado nessa história então???

PEDRINHO

Eu não sou!

RAIMUNDÃO

Nem eu!

DELEGADO

Quer dizer então que ninguém aqui comeu ninguém? Que tudo não passou de uma má impressão minha ou de um malentendido, é isso? E a senhora não devia ter escondido a verdade. Daqui em diante tenha mais respeito e consideração pelos seus vizinhos. E vá rezar, mulher! Já dizia o filósofo Epaminondas Gutieri. “A verdade prevalece enquanto...” Não! Não é bem assim.

CORINA

(Com deboche). Eu sei! “A mentira só prevalece quando a verdade não chega”.

DELEGADO

(Dando mais volta na sala). Desta vez estão dispensados! Mas da próxima eu vou agir com violência. Ouviram bem? *(Ao tropeçar no cesto de bugigangas).* Droga! Que faz esse peneiro aqui com bugigangas? Mas que bagulho é esse??

CORINA

(Adianta-se em defesa própria). Bagulho? “Bagulho” se diz pra coisa que não presta! Até que a Maroquinhas serve, isto sim, pra fazer uma sopa com legumes, uma canja hoje em dia, nessa época de tanta fome, e dá uma panelada, a bichinha...mas tá tão magra, tão raqueticazinha!!! Acho que ela tem pívide!

AMBOS

(Delegado e Policial boquiabertos). O quê??? Essa coisa preta aí é a....??

RAIMUNDÃO

É, doutor!

DELEGADO

(Pasma). A Maroquinhas?!!!

RAIMUNDÃO

É, doutor, é ela mesma! Não vê que é uma franga ainda? Pra galinha só falta o rabo!

DELEGADO

Custo acreditar no que estou vendo e ouvindo!

POLICIAL

Eu também, doutor! Estou pasmo. Pasmíssimo!

RAIMUNDÃO

Era isso que eu vinha tentando lhe dizer, dava “dicas” pro senhor entender a minha situação diante dela, mas saquei que o doutor tava sacando nada do que eu queria sacar pra vocês, então... tive que entrar no “jogo da velha” pra satisfazer a fantasia dela e a sua vontade de investigar um estupro, sei lá o quê.

PEDRINHO

Sabe doutor? A minha tia roubou essa galinha do cara que ia fazer um “despacho de macumba” numa encruzilhada. Eu quis devolver a galinha pro cara, mas o cara não queria mais ela de volta. Aí, a minha tia que não é besta nem nada, né, inventou essa história de disse-me-disse que era pra trocar a galinha doente por outra sadia.

CORINA

Magina doutor! Que apesar da magreza dela teve ladrão lá no meu quintal querendo afanar a bichinha e por pouco não carregou o peru! *(Indicou com a cabeça o Raimundão)*. Esse traste aí.

RAIMUNDÃO

Fui eu não! Juro! Era outro. Mesmo passando um “pano” no quintal dela boca da noite e percebendo a presença desse galináceo, confesso: eu mesmo não tive vontade de afanar essa penosa, não tive peito, coragem de levar uma galinha preta e goguenta. Não tive mesmo! Sabe por que? Porque nunca fui um macuqueiro de roubar nada até às vésperas de festejo como Quadra Junina, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia do Círio e vai por aí. Faço isso, mas longe de casa, longe da minha vizinhança, que eu não sou otário pra ninguém ficar me acusando disso e daquilo outro. Até que fiquei sabendo pelo garoto aí que esta zinha era a tal Maroquinhas que já causou tanta aporrinhção contra outros colegas que nem a mim. Mas, pensando naquilo que minha vó dizia que faz mal comer a carne da galinha preta... por causa do que a bicha tem lombriga... é verdade mesmo, doutor Delegado?

DELEGADO

(Berrou). Chega Raimundão!!! Basta! Cambada de malucos! Fora! Fora daqui os dois! Ou então vou mandar prender os três por desacato à minha autoridade! Isto é um desaforo!

RAIMUNDÃO

Tá certo. Se o senhor quiser, pode mandar me prender, doutor. Lá fora, tem muita gente passando fome, sacou, aqui dentro, é bem melhor!

CORINA

Doutor Praxedes! Ao contrário dele, eu tenho muitas aves lá em casa e de-sejo oferecer esta pro senhor

DELEGADO

(Alegrou-se um pouco, disfarçando). Pra mim?!

CORINA

É! Pra não mandar me prender. *(Suplicando).* Aceita, doutor! Fica com a galinha, doutor Praxedes, ao menos pra aliviar a minha consciência. É dada de coração, de gosto! Macumba não pega não no senhor Fica com a bichinha!! E com o meu peru!

DELEGADO

Não quero! Pode fazer o que quiser da sua galinha e do seu peru. *(Virando-se de costa).* Seu Jotajota, ponha essa gente para fora daqui.

POLICIAL

Vocês ouviram? Se mandem daqui! Todos para fora, vamos! Suas pragas! Vão procurar algum padre pra exorcizar vocês seus demônios!!! *(Só ficou o menino em cena).* E o que eu faço com isto aqui?? *(Exibiu livro de ocorrências).*

DELEGADO

(Irritado). Ra! Que pergunta mais cretina! Cancele. Rasgue. Queime *(Ao Pedrinho que ia saindo de mansinho com o panieiro).* Êpa, rapazinho! Volte daí da porta!

PEDRINHO

(Foi até ele, cara a cara). Qual é o grilo agora?

DELEGADO

Devolva-me aquilo que a mim foi oferecido com gosto! A galinha.

PEDRINHO

Nunca! Essa daqui é minha e não abro mão, de jeito maneira. Qual é, doutor? O senhor tem grana, pode mandar ver uma na feira!

DELEGADO

Nem tente me enrolar, senão, a porrada vai ser feia entre nós dois! *(E começou a correr tentando agarrar o menino dentro da Delegacia).*

PEDRINHO

Pare com isso! Eu já tô ficando cansado *(Subia e descia nas mesas e cadeiras).*

DELEGADO

Rapaz! Me entrega essa galinha. Caso contrário, vou mandar te prender!!

PEDRINHO

Calma, doutor. Peraí um instantinho que eu dou...
(Refugiou-se num canto na tentativa de fugir dele).

DELEGADO

O que vai fazer?

PEDRINHO

Vou tirar água do joelho. Posso?

DELEGADO

E com a minha galinha?!...

PEDRINHO

(Escapuliu e correu). É! Seu cara de lombriga! Ih, fiau-babau cachimbo de pau! Quem quiser que conte outra, que essa não valeu!!

DELEGADO

Mas rapaz! Não é que esse moleque me levou na conversa também

POLICIAL

Esse moleque é um capeta, chefe! Pai d'égua essa! Tanto trabalho pra nada.

(Noutro plano de ação, no escuro, ouvem-se gemidos e ressonâncias da galinha na hora em que Pedrinho se vicia do bicho atrás da bananeira. Enquanto uma lua passeia no céu entre as nuvens).

FIM

O BICHO DE
SUCUBA

O Bicho de Sucuba

2007

PERSONAGENS

Mãe, Pai, Joana, Maria, Rapaz, Velha, Valdomiro e Pajé

CENÁRIO

Palco italiano e uma área de ação onde ocorre todo o espetáculo, mostrando um vilarejo ribeirinho na Amazônia e suas referências ambientais.

TEXTO

Narra uma estória fantástica do Bicho de Sucuba que, como Boto, o Chibui, engravida donzelas no vilarejo verde. Como dezenas de outras, pouco se conhece acerca desta lenda. Então, havia uma garota que desprezava o conselho de precaução de gente mais velha acerca do Bicho de Sucuba. E, quando ela foi ao igarapé para a labuta diária, depois que veio da roça, não enxergou direito e passou por cima de um Bicho de Sucuba, no caminho, na estrada. Alguns dias depois, apareceu doente. Enjoo, vômito, salivação, tonteira e outros sintomas de gravidez começaram aparecer com frequência, inclusive o crescimento desproporcional do ventre. Seus pais, desconfiados, chamaram-na e submeteram-na a um interrogatório rigoroso. A moça chora e continua afirmando que é virgem e que não tivera nenhum contato sexual com nenhum homem. Os pais, não conseguindo arrancar da filha a estória verdadeira, tomaram outra atitude, levaram-na a um pajé que, por sua vez, deu o diagnóstico - Gravidez. Isto gerou uma confusão e percebendo que o pai se sentindo enganado pela filha e disposto a matá-la, o pajé saiu em sua defesa, dizendo-lhe que sua filha estava grávida, mas que não era de nenhum homem e que ela era virgem, pois quando ela tinha ido ao igarapé estava menstruada e havia passado por cima de um Bicho de Sucuba e orientou a todos no que deviam fazer para ajudá-la. O pajé, então, o avisou que: quando desse a dor na pequena, ela procurasse uma sucubeira e se sentasse no tronco que, na hora certa, após esperar os nove meses normais de uma gravidez, os bichinhos iriam nascer e subiriam na árvore. Feito isso, a moça, apavorada, levantou-se e correu horrorizada com a quantidade de bichos que nasciam de dentro dela. Quando foi chegando em casa, com febre alta, fortes dores de cabeça, delirando, morrendo em seguida, ouvindo um cântico de acalanto a seu pedido. *O Autor.*



CENA 1

(A caminho duas moças vão em direção ao igarapé para lavar roupa quando, uma delas, a mais velha, se deparou com o bicho de sucuba quase pisando nele, quando atravessava a estrada. A outra tomou um susto danado).

MARIA

Ai! Mea mana, cuidado!! Olhai o bicho de sucuba nos teus pés. Tu quase ia pisando.

JOANA

Bem aonde? Que não vi, pequena!

MARIA

Aí debaixo dos teus pés. A Joana parece que tá cega.

JOANA

E a Maria parece que tá ficando doida me dando um susto danado desse, ai credo.

MARIA

Mea mana, tu não vendo o bicho quase debaixo de ti? Vôte!

JOANA

Ver eu vi sim, senhora, mas que tem isso? É apenas uma lagarta feia, nojentta e horrorosa.

MARIA

Pois então vou te contar uma coisa. A gente que é moça donzela, moça... virgem, se passar por cima de uma dessas temidas lagartas...

JOANA

Que é que tem? Deixa de ser menos moça?

MARIA

Pior que é! É muito pior do pior.

JOANA

Deixa de bestagem, Maria. Deixa de ser medrosa.

MARIA

Joana! Com essas coisas não se brinca. Minha avó me contou que esse bicho tem parte com “bicho do fundo”, assim que nem o Boto, a Iara, o Chibui, a Cobra Grande...

JOANA

E tu, pan, acreditou nisso? Isso é lenda. É história pra boi dormir.

MARIA

O povo conta, mas não inventa, né.

JOANA

Borimbora daqui, antes que apareça outro aí no caminho. Ai, que nojo!!! Ai, que asco! Vamos depressa! Tenho que lavar essas roupas sujas no igarapé da Raimunda do Biratan.

MARIA

(De longe, gritando). Oi! Tem homem nu tomando banho no igarapé?...

RAIMUNDA

(Responde gritando). Tem não. Pode chegar. Só tem nós mulher. *(E ambas se misturaram às outras na beira do igarapé em plena atividade, enquanto a dona Raimunda cantarolava, batendo roupas com um pedaço de madeira etc.).*

CENA 2

(Alguns meses depois, joana aparece doente. Enjoo, salivação, tonteira, e outros sintomas de gravidez começaram a surgir com frequência, inclusive o crescimento do ventre, cada vez aumentando. Enquanto ela despreocupadamente se preparava para ir à festa na casa da vizinha).

JOANA

(Vaidosa, diante do espelho). Que tal estou? Esse vestido não está feio??

MÃE

Está lindo!

JOANA

Dá pra perceber alguma coisa em mim? A senhora sabe como é a língua desse povo daqui?!

MÃE

Então por que vai a esta festa, menina? Espia...a minha roupa quase não cabia em ti, minha filha. Deixa de presepada pra cima de ti mesma. Lourival, meu velho, há semanas que essa pequena vem sentindo enjoos, salivacão constante, uma tonteira todos os dias, além de outros sintomas que parecem de gravidez. Pra mim, isso tudo é gravidez!

JOANA

Não é, mãe. Que coisa!

MÃE

Tu andou aprontando por aí com algum namorado. Aposto.

JOANA

A senhora está ficando doida? Se quer saber, nem namorado eu tenho!

PAI

Mas que diabo é isso então?? Gravidez do vento? Fala a verdade pro teu pai, minha filha. Fala! Que eu vou tomar as minhas providências.

JOANA

Oh, meu Deus! Que coisa! Que aperreio! Credo.

MÃE

Mas pequena custa tu falar a verdade?

JOANA

Que verdade, mãe? Será possível que ninguém pode mais adoecer nesta casa que vocês dois pensam logo em maldade, em sexo? Paciência, né mãe.

MÃE

Ninguém aqui tá com maldade, filha. A gente só tá querendo ajudar. Ninguém faz filho sozinho, não, Joana.

PAI

Claro! Filho é problema em moça donzela. E filha minha jamais será “mãe solteira”. Tem que casar. Tem que ter marido. Com aliança no dedo, papel passado e tudo. Tudo nos conformes da lei de Deus e dos homens.

JOANA

Eu sei disso, papai. Por favor, entenda uma coisa, acreditem em mim: eu nunca tive algum namorado ou algum chamego com homem nenhum! Nenhum contato sexual com nenhum homem da vila, mãe.

PAI

Eu não acredito!

MÃE

Eu também! Olha a barriga dela como está crescendo. Espia Lourival...

PAI

Estou vendo! Daqui a meses não vai dá mais pra esconder, viu Joana?!

MÃE

E tu vais ficar “falada” que nem farinha na boca sem paladar!

PAI

Como é que pode, minha velha, a nossa filha grávida sem saber de quem! E ainda tem o descaramento de dizer que ninguém boliu com ela. Ora não boliu! Não boliu uma ova! Tá na cara que alguém fez “mal pra ela”...

MÃE

Bom! Só tem uma solução, Lourival...não é praticar aborto, não é disso, Deus me defenda...isso vai de encontro aos meus princípios.

PAI

E qual é a solução, então? A Noêmia pode me dizer?...

MÃE

Vamos levar essa pequena lá na casa do pajé Afonso. Só ele vai nos revelar a verdade verdadeira. Ele é pajé de nascença. Desses que não erra.

JOANA

Pajé, mãe? A senhora ainda acredita nisso?

MÃE

Se tu não quer contar nada pra gente...então, não há outro jeito.

JOANA

O que é que tal pajé vai fazer comigo?

MÃE

Lhe fazer mal é que não, porque isto já lhe fizeram, adiantaram: lhe botaram um filho no bucho. Tenho certeza. Só nos resta agora saber quem foi!!

PAI

Amanhã mesmo a gente vai conversar com o pajé Afonso.

MÃE

Ainda tem a coragem de ir pra festa de bucho. Que vergonha!

JOANA

(Indo e vindo diante do espelho). Bom, se me perguntarem, eu direi: foi macaxeira quente que comi, aí fiquei de bucho inchado, parecendo “barriga d’água”. Qualquer coisa assim e pronto. Dane-se o resto.

MARIA

(Adentrando afobada). Joana! Joana! A festa já começou, pequena! E tu fica aí te admirando nesse espelho. *(Aos pais dela).* Vocês não vão conosco?

MÃE

Vou nada! Prefiro meu bordado.

PAI

E eu uma boa leitura!

MARIA

(Reparando nela). Nossa! Como a Joana tá bonita com essa flor nos cabelos! Está lindona. Está parecendo uma santa.

JOANA

Santa eu? Ora não exagere! Só se for “santinha do pau oco”. Borimbora...

MARIA

(Saindo juntas). Boa noite, dona Noêmia... boa noite, seu Lourival...

JOANA

Até mais tarde.

OS PAIS

Tomem cuidado... Muito cuidado é pouco... *(Sumiram no breu da noite).*

CENA 3

(Na festa, alguém surgiu no terreiro furtivamente chamando atenção de todos inclusive de ambas amigas).

MARIA

Mea mana, quase todos te convidaram pra dançar e tu não aceitou nenhum cavalheiro pra dança.

JOANA

Ah! Pouco tô ligando. A maioria deles são desengonçados, tão sem graça!! Eu prefiro dançar com aquele lá... que tá mais elegante, mais atraente...

MARIA

Mas pequena, tu és doida? Tu vai acabar provocando confusão aqui na festa por causa disso. Deixa esse zinho pra lá. Tu não conhece ele. Parece um estranho na festa. Espia...parece tão sozinho. E sinal que não é uma pessoa simpática aos olhos dos outros.

JOANA

Credo, Maria! Deixa de falar asneira. Você tá parecendo uma velha falando desse jeito.

MARIA

Que jeito?!

JOANA

Esqueça o que eu disse. Quero me divertir. E vê se tu cala essa boca que aí vem ele me tirar pra dançar...

MARIA

Mas quando já? Deixa que eu danço com ele. *(Alegrou-se).*

JOANA

(Empurrando-a para um lado). Não senhora, danço eu! Vai dançar com outro! Cai fora, que esse zinho é meu, aí vem ele... Olha como é lindo!

MARIA

(Revirando os olhos, fazendo caras e bocas). Estou vendo. Vamos ver o resto pra vê se presta. *(E foi dançar com alguém).*

RAPAZ

Boa noite!

JOANA

(Feliz). Boa. A festa está linda, não é mesmo?

RAPAZ

Está sim! Mais linda está você, assim, de barriguinha!

JOANA

Tem razão. Engordei um pouco. Tenho tomado açaí ultimamente, tenho que fazer regime... tenho que comer menos.

RAPAZ

Compreendo sua preocupação com essa barriga. Mas cuide de nossos filhos!

JOANA

O que? Que brincadeira de mau gosto é essa? Nem sequer tenho intimidade com você! Estou lhe vendo agora, seu palhaço! *(Afastou-se dele um pouco).*

RAPAZ

Me perdoa. Esqueça o que eu falei. Eu estava só brincando.

JOANA

Mesmo assim, não lhe dei confiança pra isso.

RAPAZ

Fica fria. Prometo não repetir tal coisa. Vamos dançar? Aceita dançar comigo esta noite?

JOANA

Tá bom. Aceito sim. Mas só uns minutinhos de dança. Estou muito cansada.

RAPAZ

E por que veio pra festa de dança?!...

JOANA

E tem outro tipo de divertimento por aqui? Depois a gente trabalha muito na roça, quase não tem tempo pra sair, nem de ir a festa alguma pra relaxar, até mesmo pra namorar um pouquinho. *(Insinuou)*.

RAPAZ

Um pouquinho? Assim, sem compromisso, sem namoro na porta, sem ter que ouvir o blábláblá da família, é isso?

JOANA

É! Sem problema nenhum. E você? Mora aqui na Vila do Conde?

RAPAZ

Estou de passagem. Tenho viajado muito por aí. Na verdade, eu moro em todos os lugares. *(Sorriu)*. Lá estou eu brincando de novo com você.

JOANA

Vamos dançar! Acho melhor. Não gosto de palhaçada comigo.

CENA 4

(Neste momento, ao abraçá-lo para a dança, o jovem rapaz sentiu uma dor no braço esquerdo, perto das axilas).

RAPAZ

Ai, meu braço amor! Ai, que está doendo muito!

JOANA

Que foi?!

RAPAZ

Não aperte muito onde está machucado, melhor dizendo, onde você machucou há alguns dias.

JOANA

Eu?? Mas eu não fiz nada! Acabei de lhe conhecer, moço. Nem sei como poderia ter lhe machucado.

RAPAZ

Ai, que dor!

JOANA

Está muito machucado?

RAPAZ

Muito, muito. Desisto. Acho vou... *(Quase desmaiou nos braços dela).*

JOANA

Por Deus, moço! Aguenta firme que vou levá-lo pra fazer curativo.
(Maria percebe a cena de longe e corre para acudir a amiga em apuros com seu novo namorado).

JOANA

Maria! Me ajuda aqui!

MARIA

Que foi isso nele? O braço dele está sangrando!!

JOANA

(Nervosa). Fala baixo, Maria. Ele disse que eu é quem machucou o braço dele. Mal peguei no braço dele e senti algo estranho, um troço molhe e muito grosso, sei lá! Aí o moço disse que era o lugar que eu tinha machucado alguns dias atrás.

MARIA

(Caindo em si). Jura?? Custa acreditar no que estou ouvindo de você!!

JOANA

Eu não! Ele que disse. Maria, tu sabes a verdade, eu não conheço esse moço! Eu nunca vi ele antes andando ou dançando por aqui. Só estou conhecendo agora, e aqui. Acredite.

MARIA

Acredito sim, amiga. É sempre assim, esse tipo que se aproveita de moça!

RAPAZ

Quem é esse malvado? Deixe de bestagem. Como é mesmo seu nome?

JOANA

Joana. Mas pode me chamar de Joanita que não me importo.

RAPAZ

Está bom. Então... *(tentou beijá-la e esta se esquivou)* já vou indo, Joana! Vou cuidar da minha parte ferida pelos teus pés no caminho.

MARIA

(Assustada). Ai, meu Santo Antônio de Lisboa!!! Será o proscrito??

RAPAZ

Mas cuida de nossos filhos, quando você sentir dores cada vez mais fortes.
(Sumiu entre as sombras que o luar fazia).

JOANA

Esse rapaz tá ficando leso. Parece que perdeu a memória. Fica falando coisa com coisa, nada com nadinha. O que há nele de boniteza mais linda tem de mentiroso e safado.

MARIA

Tu acha, é?

JOANA

Acho sim! Vê se tem cabimento isso: ele tá querendo enfiar coisas na minha cabeça, dizendo que eu tinha machucado ele e que eu agora tomasse conta de “nossos filhos”! Mas que marmota é essa? Me diga! Como eu ia machucar ele sem usar alguma arma, uma faca, um canivete, gilete, grampo de cabelo, sei lá... *(Reparando na amiga estupefata)*. O que foi, Maria? Perdeu a língua? Ficou também fascinada por aquele moço bonito e tão mentiroso, tão...

MARIA

(Fazendo o sinal-da-cruz). Deus me livre! Deus me defenda dessa desgraça!!!

JOANA

E por quê? Posso saber? Ele é tão charmoso! Tão galanteador!

MARIA

Menina! Tu não te lembra de nada, mesmo? Parece que tu é que tá ficando bilé. Pelo que ele falou e confirmou na tua cara, o dito cujo “moço bonito e galanteador” como tu dizestes, era o tal Bicho de Sucuba materializado na tua frente, em carne e osso, todo vestido de branco e com pinta de gala do “cinema mudo”! Sacou agora?

JOANA

Saquei e não saquei. Você é que está com inveja de mim, isto sim! Só porque não arranjou nenhum namorado na festa.

MARIA

(Toda faceira). Tu é que pensa! *(Chamando pelo namorado).* Vem cá, Valdomiro... *(O rapaz obedece).* Quero lhe apresentar minha amiga de infância... a Joana.

VALDOMIRO

Muito prazer. Valdomiro, seu criado. *(E abraçou-se à Maria).* Vamos indo, amor? Amanhã tenho que me acordar cedo para ir até Belém despachar carga de abacaxi.

MARIA

Eu também prefiro! Vem Joana! *(Ao vê-la cuspiendo com frequência e fazendo cara feia).* Acho que a Joana está com enjôo. Está cuspiendo muito. Ai credo!

JOANA

(Disfarçando). A Maria às vezes parece essas velhas parteiras da Vila do Conde, quando fica aí falando dessas coisas. Eu hein!

VALDOMIRO

(À Maria). Ela está grávida??

JOANA

(Interrompe). Não! Nada disso. É que eu comi um pastel muito oleoso, agora está me fazendo mal, sei lá.

VALDOMIRO

Entendi. Então, temos que andar depressa! Antes que algum mal aconteça!!

MARIA

Vem Joana! Te escora no meu ombro, quieta tua cabeça, deixa que eu mais o Valdomiro cuidamos das lanternas... *(E foram embora no lusco-fusco das lanternas indicando o caminho).*

JOANA

Você acredita, Maria, que desde aquele momento que aquele rapaz me tirou pra dançar que eu fiquei com uma dor de cabeça danada. Só passou quando ele foi embora.

MARIA

Acredito. Tu não sabe o que “aquela coisa” é capaz de fazer! Acontece que tu está doente, é isso. Está precisando de cuidados.

VALDOMIRO

Também acho! Em casa, você descansa, toma um chá de boldo, aí melhora. É só não comer mais esse tipo de pastel que vende em arraial na base de gordura. Causa mal ao intestino, à saúde.

CENA 5

(Na manhã seguinte, a família de Joana foi à casa do velho pajé Afonso e Joana, ainda sentindo fortes dores de cabeça, ficou cabisbaixa e envergonhada ao lado de sua amiga que chorava baixinho ao seu lado. O pajé incorporado deu o diagnóstico).

PAJÉ

Hê, hê, mi zan fi... fia tá de bucho desse negocêro di bicho... ocê perciça dí erva...

PAI

(Indignado). Mas que aporrinhação! Só me faltava essa agora! Só tem meio de acabar com essa pouca vergonha: é matar essa infeliz com porrada! *(E partiu para cima dela, que foi protegida por Maria).*

MARIA

Não faça isso! Deixe de bestagem. Ela é sua filha. Um ser humano!

PAI

(Recuando). Vá pro diabo que a carregue também! Isso não vai ficar assim. Vou enxotá-la de casa. Que vergonha, meu Deus!

JOANA

(Ajoelhando-se). Eu juro, meu pai! Eu ainda sou virgem!

MÃE

“Virgem” como, Joana?! Tu não ouviste o pajé falar? Tás ficando doida?

JOANA

Pois estou falando a verdade. Sou virgem como Nossa Senhora!

PAI

Que blasfêmia! Não use o santo nome em vão! Você será castigada, sim!

JOANA

Pai, acredite. Tente entender, mãe. Eu não estou grávida de homem nenhum. Eu sou virgem. Eu juro por Deus!

MARIA

Oh, seu Lourival, em nome de Deus, tenha calma! Eu sei que a Joana está lhe dizendo a verdade, somente a verdade porque eu vi ela pisando no bicho...

MÃE

(Apreensiva). Que bicho??? Fala!

PAJÉ

(Intercede). Teje intonse perparada... Mi zan fia tá dí bucho sim, mas num dí ôme... mas dí bicho sucubento. Intonse a menina mi zan fia é virge sim. Ela tinha ido na roça... adispois no igarapé... aí no caminho passou por cima dí um, e cumo tava menstruada, o bicho dí sucuba fez mar pra menina Joana.

PAI

Arre égua. Pai d'égua essa! Isso aí é história pra boi dormir! Não acredito nenhum pouco!

MÃE

Mas eu como mãe dela e conhecendo a filha que tenho, acredito! *(Abraçou-se à filha).*

MARIA

Eu estava lá! Eu vi o bicho e ainda avisei pra ela, mas ela não acreditou!

PAI

Bom! Já que o velho pajé Afonso não tinha como mentir pra mim, nem pra minha velha, então o que é que o senhor me aconselha? Levo ela pra Belém pra mode fazer uma cirurgia ou...?

PAJÉ

Num percisa. Adispois dê 9 mês, condo ela sentí dor, leva a pequena pra debaixo duma sucubeira mais enramada que tiver, bem mais bonita, aí... senta ela no tronco, quí mi zan fia na hora certa, vai vê os bichinho nascê, vão nascendo e vão subindo na planta.

JOANA

(Reage gritando e sai correndo). Aiii, que nojo!!! Aiii, que ásko!!!! Santo Deus me acudam!

CENA 6

(Cena final. Joana enlouquece de dor e vergonha e vai pro meio da rua rasgar sua roupa, aos gritos).

JOANA

Maria! Maria! Me acuda, amiga! Faça morrer essa lenda em mim. Traga querosene e atire em meu corpo, jogue nas minhas vestes, e faça atear fogo em mim!

MÃE

Minha filha, pare com isso! Em nome de Deus, te controla!

JOANA

Aiii, eu quero morrer! Minha mãe, meu pai, me deixem morrer! Eu quero...

VELHA

Deixa de bestagem. Comade Zaíra, compade Lorivá...a modo que mande chama o padre Joaquim pra mode afugentá o demo que tá no corpo dessa pequena!!

JOANA

Minha madrinha! Até a senhora está contra mim?

VELHA

Num tô contra ninguém. Quá! Tô sim, por conta dessa tua sina de carregá bichos de sucuba no bucho. Comade, mande jogá água benta nessa pequena... num instante ela aborta esses fio do proscrito!

MÃE

Vem Joana, comigo!

VELHA

Num perde tempo. Leve essa criatura embora daqui. Leve essa zinha lá pro lugá onde o pajé indicou. Ele tá certo. Faça, comade, ela ficá de cócora de baixo da árvore conforme falou o pajé. Ela tá quase na hora de parí...

JOANA

Te desconjuro!

MÃE

Pequena! Respeita tua madrinha, que é velha parteira e benzedeira da Vila.

PAI

Veja como ela está sofrendo, minha velha! Espia...parece que está louca... fica aí falando coisa, dizendo que viu o tal rapaz de branco no punho de sua rede!

(Neste momento, Joana completamente transtornada, transfigurada, horrizada com o que está vendo: uma quantidade de lagartas que iam nascendo de dentro dela e logo subindo na árvore. Após o parto, Joana levantou-se e correu até a porta de sua casa, com febre alta, dores de cabeça, morrendo em seguida ao ser atendida no seu último desejo).

JOANA

Ai, mãe! Ai, meu pai! Essa dor que não passa. Essa febre alta que em mim abrasa. Essa agonia que agoniza minha alma. Ai, meu Deus!...

MÃE

(Abraçando-a e tendo ela no colo). Minha filha...Isso vai passar. Tenha paciência. Tenha fé.

JOANA

Que pranto derramo e por quem, meu pai?...Cadê minha madrinha?...

VELHA

Tô aqui, minha fia, perto de ti. Fica carma. Fica quieta.

JOANA

Madrinha! Cata minha cabeça. Acho que está cheia de piolho e lêndia!...

VELHA

Ela tá variando por causo da febre arta e nessa artura num é bom mexê cum quem tá quieto!

JOANA

Mãe...

MÃE

Sim, filha? Fale comigo!

JOANA

Mãe, cante pra mim...aquele cântico de acalanto que me fazia dormir... Canta mãe! Eu estou com tanto sono...estou tão sonolenta... Canta mãe, canta madrinha!...

AMBAS

(Cantando).

Menina bonitinha

de Delindandan!...

Que mora na beira da praia

de Delindandan!...

Sua casa era bem feinha

de Delindandan!...

(Aqui, Joana, emborca o corpo no colo da mãe).

MÃE

Minha pobre filha...

(E chorou muito e todos choraram a sua perda).

PAI

Filha! Me perdoa por colocar em dúvida teus sentimentos e pureza!

(Corte na cena / blackout total).

FIM

QUEM DISSE
QUE A VIDA É
UMA DROGA?

Quem disse que a vida é uma droga?

2007

PERSONAGENS

Garotos de rua

CENÁRIO

Praça abandonada e lixo.



CENA 1

(Mostra um pequeno grupo de pivetos reunidos numa praça pública abandonada, com monturos de lixo, camburão velho, lataria, quinquilharia de lixo social. Há uma breve discussão entre eles em razão do "chefe" do bando que abandona sua tribo etc.).

MOLEQUE 1

Cadê o Curió?

MOLEQUE 2

Deu bobeira pro samango.

MOLEQUE 3

Cara otário, é meu. Pô! Todo mundo correu, tinha que se safar só ele que bobeou.

MOLEQUE 4

Pegaram ele com a garrafa de cola e tudo. Égua do cara.

MOLEQUE 5

E o nego Bimba? Que não chega!

MOLEQUE 6

Escuta aqui pessoal: tô sabendo de uma “parada” aí que nego Bimba vai cair fera, vai abandonar os caras aí, todos nós. É verdade?

MOLEQUE 1

Só!

MOLEQUE 7

Tô nessa. Vou na dale. Pra mim, acabou aqui...com esse último cigarro.

MOLEQUE 8

Eu também vou nessa. Lá em casa, o coroa quase me deu uma surra e jurou mandar me prender. Pô! Não tô “afim” de perder meu pai, minha mãe, meus irmãos, cara. Vou sair dessa. Te juro!

MOLEQUE 9

Podes crer. Pra tudo tem limite, né não, cara? Tu nem pode variar teu vício, pra ver se tu te torna um jovem herói. Só se for um herói de merda! Sacou? Eu não aguento mais essa vida!! Tô perdendo a memória, a minha visão aos poucos. E por causa de que? Me diz!!

MOLEQUE 10

Um bando de frouxos!! *(Entrou em cena, sorridente e feliz).*

TODOS

(Ao vê-lo, saúdam com alegria). Guimba!!!

MOLEQUE 1

Égua cara. Tu tá todo beça.

MOLEQUE 2

Tá todo bacana mesmo! Tá parecendo gente boa.

MOLEQUE 10

E sou mesmo! Voltei a desenhar, cara. Passei a ganhar muita grana, e com honestidade. Tu te lembra de Jamil? Pois é. O cara, meu, virou cantor de brega numa boa.

MOLEQUE 3

Que legal! Me amarro em música, dança, coisa maneira. Eu tocava violão, era metido a pichar fachada de prédio, sujando a paisagem da cidade, agora tô noutra...Minha mãe arranhou um emprego no comércio e vou trabalhar.

MOLEQUE 4

Tá certo, cara. Eu, por minha vez, largo a droga e vou montar.

MOLEQUE 10

Cara, aonde tá o nego Bimba?... o Curió?... Morreram de overdose, foi?

MOLEQUE 5

Que nada! O Curió foi preso como cheirador de cola e vendedor de drogas. Coitado de moleque. Vai morrer no xilindró. Foi um otário na vida.

MOLEQUE 10

E o “chefe” Bimba, tá aonde?...

MOLEQUE 11

Tô aqui, meu chapa. *(Entrou em cena, carregando algo)*. Como é que tu vai? Tá todo diferente agora!

MOLEQUE 10

Tou neutro. Tô desenhando, ganhando dinheiro honesto, longe das drogas, tais entendendo?

MOLEQUE 11

E quem disse que a vida é uma droga?? Taí um exemplo na tua pessoa, na tua figura, cara. *(Atirou neles alguma roupa tipo fantasia)*. Troquem de roupa! Vis-tam sua alma, cambada.

MOLEQUE 6

Que está acontecendo com tua volta, cara?

MOLEQUE 7

Também não estou entendendo patavina! Joga limpo com a gente.

MOLEQUE 11

Tá legal. Tô parando aqui minha vida de drogado. Tô com nojo de mim mesmo. Droga não tá com nada. A gente perde a vida e o respeito por nós mesmo. Sacou? Tô fera!!

MOLEQUE 8

E essas fantasias? O que é que a gente faz com elas?!

MOLEQUE 11

Eu disse: vistam sua alma. Ou seja, todo mundo tem desejo, tem sonho, cara, então entra nessa pra valer. Fantasiados nas asas da poesia, a gente voa na fantasia de cada um de nós.

MOLEQUE 9

Vê se entendi: tu tá querendo dizer que nós temos que inventar um mundo diferente através de nossos sonhos e desejos, talvez um mundo melhor do que este em que...?

MOLEQUE 11

É isso aí garoto! Vamos colocar tudo em ação. Tu e tu lidera uma dança, uma cantoria, uma palhaçada qualquer, tudo aliado ao desejo ou ao sonho de cada um. Certo?

TODOS

Certo. Certíssimo.

MOLEQUE 10

Se espalhem por toda parte. Inventem. Tenham ritmo. Câmara!! Ação!! Puxa e cante, Alabar!

CENA 2

(Aqui, começa a peça, que estará voltada pra dança, coreografia e cantoria em coro, com excesso de informações poéticas sobre um mundo que gostariam de ver. E ninguém vê por que não quer. Basta querer a empunhar a varinha mágica do pensamento positivo).

TODOS

(Convictos). Chega! Chega de nóia! Já tivemos todo o tempo para excluir da vida a droga que se droga pelo mundo a troco de nada!!!

MOLEQUE 1

(Fingindo morrer). Eu quero viver! Até o final da vida, eu quero ser feliz...

MOLEQUE 2

(Grita pedindo socorro). Corre turma! O Catuaba tá morrendo de overdose! Vão chamar o padre!!!

MOLEQUE 3

Padre? E pra quê?

MOLEQUE 2

Pra que excomungar o coitado que vai pro inferno!

TODOS

(Correm pelo palco chamando). Seu padre... Seu sacristão...Corre aqui depressa que o filho da Zefa Piolho tá vomitando sangue! Tá morrendo de overdose! Seu padre... *(Dois deles representam o padre e o sacristão trazendo água benta).*

MOLEQUE 4

(Como padre). Cadê o safado? Onde está? Que não estou vendo!

MOLEQUE 5

(Como sacristão, auxiliando). Está aqui estendido no chão, seu padre. Esse corpo tá pedindo reza, tá pedindo missa. Aqui tem a água benta.

MOLEQUE 4

Todos de joelhos. Todos de joelhos! Vamos orar pela alma desse cretino que deixou de viver uma vida boa pra levar uma vida à toa. Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

TODOS

(Satirizando a cena). “Amém” uma ova! Quem mandou ele morrer estimulado pela droga? Era preferível viver ao lado de amizades novas longe da utopia que lhe permitiu ver.

MOLEQUE 4

Pronto. Agora estejam em paz e que o Senhor vos acompanhe e tenham tato ao relacionar-se com as pessoas mais próximas e queridas e não se deixem levar pelo vício e pelo cúmulo do azar. *(Desfaz a figura do padre e se junta ao bando).*

MOLEQUE 5

Voltem aos estudos, aos papos diários, às leituras e a tudo que ajude de fato incrementar seus conhecimentos. *(Desfaz a figura de sacristão)*. Oremos!

TODOS

(Com ironia). Ave Maria dessa praga que anda por cima de tanta desgraça! Pois o “azar” será o nosso na certa se nessa capacidade não tiver em alta! Concentrem a mente em coisa boa que deseje.

CENA 3

(Anoitece. Um deles percebe a Lua que passeia no Céu ampliando o seu formoso luar entre os barracos da Vila).

MOLEQUE 6

Olhem lá... Lua que passeia no Céu!!

MOLEQUE 7

Porreta. Parece que a gente vê tudo nela!

MOLEQUE 8

Até São Jorge no seu cavalo branco matando o dragão!!

MOLEQUE 9

Égua da mentira!

MOLEQUE 8

Era a vovó que dizia...

MOLEQUE 9

Seu abestado. Lá não tem vento nem nada. Tu não visse na TV quando os astronautas foram à Lua?

MOLEQUE 8

Vi sim. Claro que vi! Mas será que é verdade também? Reparem em uma estrelinha atravessando o Céu de noitinha, olhem, de novo!

MOLEQUE 10

Dizem né, que quando uma estrela atravessa o Céu, costuma-se um pedido, um sonho, um desejo, aí ela realiza...

MOLEQUE 11

Será? Se nosso satélite, a Lua, foi desmentida na visão dos cientistas e perante o mundo, como a gente vai acreditar nisso?

MOLEQUE 10

Ué! Acreditando. A fantasia, cara, permite a gente ver muito mais longe do que se imagina, e que será enriquecedor, tu não acha?

MOLEQUE 9

Tu não te garante sonhar?

MOLEQUE 11

Tá legal. Vocês venceram. Na próxima...a gente faz um pedido!

MOLEQUE 10

Agora! Olha lá, outra atravessando!... Venham ver!!

TODOS

(Fazendo o pedido). Estrela estrelinha que atravessa o Céu de noitinha faz surgir meu boi-bumbá na rua que era minha pra acordar a madrugada e encher de aluá minha barriga!... (Aqui, surge o boi no curral e todos se transformam em brincantes de boi, cantando e dançando toadas, Pai Francisco e Mãe Catirina).

MOLEQUE 1

(Como "tripa" de boi).

MOLEQUE 2

(Como "Ame", convidando o boi a sair do curral). Vamos meu boi tão sozinho olhar de frente nosso céu comum vem dançar nesse terreiro que inventamos e acordar a menina dos olhos que tão cedo madruga!

MOLEQUE 3

(Como Pai Francisco). Vem pra cá, minha Catirina de bucho. Pra comer das partes desse boi, pra modo matar teu desejo de que é o foi de todo mundo!

MOLEQUE 4

(Como Catirina). Entense, chama o moleque “Rebola” pra modo amolá essa faca-facão que amola na pedra e afia a fome da multidão!

MOLEQUE 5

(Como “Rebola”). Bença padim...

MOLEQUE 3

Deus-te abençoe, cara de boi.

MOLEQUE 5

Bença madrinha...

MOLEQUE 4

Deus-te abençoe, seu cara de mucura! Rebola moleque rebola esse quadril pra atender meu desejo de grávida, senão essa criança vai nascer com cara de cabra!

MOLEQUE 5

Mais do que rebola nessa pinóia dá pra amolar essa faca, facão, foice, até espada, coisa mais chata! Mais do que rebola nessa pinóia dá pra amolar essa faca, facão, foice, até espada, quanta mais essa droga!

MOLEQUE 2

(Chamando a indiada). Êh boi! Êh boi de charquedada! Vou chamar a moleca, a indiada para proteger teu destino nessa madrugada!

TODOS

(Seis Índios, semi-nus, em pé de guerra). Nesse arco e flexa auto-gira pra fazer valer a vida deste boi ameaçado de morte e ser vendido, tão pendurado no açougue sob alto preço da fome e dessa morrência!

MOLEQUE 2

(Ame). Dança meu boi, volteia nesse terreiro de festa se amanhã for mais animado que hoje vai haver comida de graça.

TODOS

(Cantando e dançando). Senhora dona da casa dê licença da dança no seu quintal esse boi de sarapilha, já foi em cana por causa de birra hoje sonha estrelas no quintal!

MOLEQUE 2

Dança boi da lua, pai da malhada, sacode a poeira e dá tua volta por cima para alegrar essa rapaziada que anda curtindo tanta droga a troco de nada!

TODOS

(Inverso, cantando). A troco de nada curti tanta droga, nossa rapaziada está em outra tá por cima, sacudiu a poeira para brincar neste boi de qualhada de tão ruminada beleza!!!

MOLEQUE 2

(Despede-se do público). Aqui nos despedidos. Aqui nos alforriamos se acaso não fizermos nosso destino com certeza amanhã aqui estaremos!

TODOS

(Repetem, dançando com euforia). Adeus, adeus, pessoal! Queremos que esse boi leve a todos, pobres ou ricos, negros ou brancos, um pouco de Amor de Cristo que tanto merecemos!

(Aqui, durante a evolução coreográfica da dança de bumbá, os atores formam uma espécie de "funil" em direção ao fundo de palco, para dar a impressão de que estão andando e saindo sumindo no cenário. Enquanto o foco de luz à pina vai diluindo a imagem da cena em câmera lenta, dando ênfase a poética da linguagem cênica/dramaturgia. Já basta a especulação da realidade que nos afronta no dia a dia e que podemos, juntos, todos nós, mudar o quadro. Não adianta apontarmos o erro se somos acobertados de falhas tão graves. Só a Educação e a Cultura salvarão o homem do caos em que se encontra. Eis o teor do texto, em breves pinceladas, a induzir o espectador a uma reflexão mais profunda e pessoal, usando uma linguagem simples e coloquial).

FIM

A FESTA DOS URUBUS

A festa dos urubus

(Sem registro de data)

PERSONAGENS

Vários urubus

CENÁRIO

Lixões da cidade de Belém tendo, ao fundo, o panorama da feira do Ver-o-Peso e a Torre do Mercado local.

TEXTO

É uma crítica social e cultural sobre o comportamento de certas pessoas que não colaboram com a limpeza das ruas de sua terra natal, Belém do Pará, em meio a tanto progresso e tecnologia buscando a melhoria do meio ambiente onde a figura política de qualquer prefeito é sempre rotulado de qualquer coisa pelo povo. Um povo que suja e enfeia sua própria cidade jogando lixo na rua ou nas calçadas. Daí a “campanha dos urubus” no sentido de preservar a saúde, a educação, o meio ambiente etc., num misto de sátira-comédia, usando uma linguagem coloquial.

O Autor



CENA 1

(Como abertura do espetáculo, o coro inicia o texto, enquanto a plateia colabora com o elenco jogando sacos de lixo na rua (no palco) assimilando o povo, daí formando o cenário da peça).

CORO

Onde está o lixo, está a sujeira da cidade. Que maldade! Onde o lixo não é reciclado, nem computado, o Povo então será multado?!... Que vergonha! Que falta de cuidado!

CENA 2

(Aqui os urubus passam a "sobrevolar" os lixões da cidade, um a um, considerando um verdadeiro descaso do povo ou de alguns moradores locais. Depois fazem uma "descida" num voo rasante).

URUBU 1

Vocês viram? Não tem jeito mesmo!

URUBU 2

Pior que a cidade está suja.

URUBU 3

Nem te conto. Pelo que percebi, há sujeira por toda a parte.

URUBU 4

A culpa é de quem? Da prefeitura ou do povo? Eu acho é pouco! Pra nós é uma boa, Agamastor. Para eles, é uma questão cultural, mesmo.

URUBU 5

Falta de educação, isto sim, de colaboração com a limpeza pública, esse povo acha que a "obrigação" é só da prefeitura e metem o pau no coitado do prefeito!

URUBU 6

Concordo contigo, xará. Não é que morramos de "amores" pelo prefeito e nem se deixemos ofuscar pelos seus "belos olhos" de miopia, mas nem tudo compete ao prefeito, mas sim, ao Zé povinho. Essa gente tinha e tem obrigação de manter limpa a cidade onde nasceu!

URUBU 1

Eu também acho! Não custa nada. Ou custa? Bom, onde há urubu, há lixo!

URUBU 2

(Gracejou). E onde há lixão, grandão, pai d'égua, há urubu arubuando, Sô!

URUBU 1

Gracinha. Palhaço.

URUBU 2

Palerma, Palermão.

URUBU 3

(Correu atrás dele). Tá querendo briga, é? Cai fora daqui! Dá o fora daqui!

URUBU 1

Porrada nele! Vou te meter o bico no rabo, urubu ranheta!

URUBU 3

Xexelento! Urubu de macumba!

URUBU 2

E tu, seu cara de tucano preto! Fiao babau, cachimbo do cão! Tição preto!

URUBU 4

Protesto! Parem com essa palhaçada! *(E todos pararam).* Acho bom parar com essa discriminação entre nós. Entre nós, urubuacas, não vale esse tipo de coisa. Já basta o Zé povinho nos entupindo de imundices insuportáveis por aí cheinhas de bicho. Ora! Ora! Chego a sentir nojo dessa raça tola, porcalhona e cruel!

URUBU 5

Meu caro Baltazar...meu caro e nobre amigo, apesar das diferenças, queira ou não queira, nós fazemos parte de um dos principais cartões postais da cidade de Belém: o Ver-o-Peso, que hoje está lindo, arrumadinho, limpinho, porém vez em quando, damos um chega por lá, uma abordagenzinha!

CORO

Ver-o-Peso? A que preço? De mandinga ou de tabuleiro? Pra enfeitar Belém! Pra enxotar os urubus e os feirantes imundos, também!

CENA 3

(Aqui, os urubus mudam de posição e de cenário passando a divagar por uma rua do subúrbio, onde vão se deparando com monturos de lixo nas esquinas).

URUBU 6

Escuta Belchior... os moradores dessa rua aqui ainda se queixam da nossa inconveniente presença como aves de rapina que somos, cheias de rapapés por essas bandas daqui.

URUBU 4

Frescura. Pura frescura deles. Desses papa-chibé.

URUBU 3

Também falta de vergonha na cara. Sinônimo da falta de cuidado com a limpeza da rua ou do bairro onde mora. Claro que nós urubuacas, não temos culpa da falta de higiene e decência deles.

URUBU 2

Tá certo. Certíssimo. Não vê o que eles estão fazendo com o verde na paisagem? Basta observar. Quem vem a Belém logo percebe a falta de verde na paisagem da metrópole da Amazônia, numa destruição criminosa, enfim, um retrato da cultura falida do povo paraense.

URUBU 2

Você acha isso? *(Não obteve resposta).*

URUBU 1

Só digo uma coisa: quem mora próximo às feiras livres e terrenos baldios da periferia, precisa aprender a conviver também com a nossa presença, tão útil por sinal, mas estranha.

URUBU 3

Estranha por quê?!

URUBU 1

Vocês hão de convir: nós somos muito feios, desengonçados, com esse andar, então, aí, que a coisa é mais feia ainda!

URUBU 5

Sentimento de culpa agora pra cima de “moi”?! Tá certo que não somos lá uma grande beldade internacional, tão lindos ou charmosos quanto aos galãs de cinema, mas droga, quem manda eles sujarem a cidade?

URUBU 2

Pois, é aí, que fazemos a nossa festa. A festa dos urubus! Com a falta de consciência desse povo que anarquiza e enfeia sua própria cidade, juntando lixinhos no tronco das mangueiras, pichando muros ou prédios da cidade. Que desgraça! Miséria porca. Porca miséria.

CORO

Uma porcaria só. Abutres papa-lixo. Comem restos de comida. Algum animal em decomposição.

URUBU 1

Como gatos...

URUBU 2

Cachorros...

URUBU 3

Ratos...

URUBU 4

Até cavalos!

CORO

O fedor é insuportável. Égua! Chega a nos dar um nó nas tripas!!!

URUBU 1

Em mim, dá uma coceira no rabo! Chega me dá uma vontade danada de dar uma, umazinha que fosse...

URUBU 5

O que?! Tá falando sério?

URUBU 1

Tô me referindo umazinha, mas é uma cagada federal na cabeça dos caras!...

URUBU 5

Ah, sim! Ainda bem.

URUBU 1

Não temos culpa se Noé nos deu uma carona na sua Arca e fez de nós seus “olheiros” na terra após o dilúvio. Eu sempre gostei de sobrevoar na área dos lixões.

URUBU 3

Eu, por minha vez, curto um telhado de casa! Fico lá em cima, lá no alto do céu, ensaiando voos, só urubuserando. Fico de olho, só de mutuca, na feira. Quando termina o movimento e quando passo o pano, outro negão, já levou no bico a melhor carniça. Égua, meu! Fico puto de raiva. Pego corda. Aí, me dano a afastar as telhas, fico ciscando no telhado, aí a dona da casa, a coroa lá vem e fica esbravejando pau e pedra em cima de mim!

URUBU 4

Gente mal agradecida.

URUBU 3

Masoquistas, eu diria.

URUBU 5

Por culpa de quem? Deles mesmos! Ora! Ficam jogando lixo aqui, lixo ali, nos conjuntos habitacionais, então, vou te contar, é outra decepção. Não tem prefeitura que dê jeito nisso! O jeito mesmo seria pagar multa!

URUBU 6

Concordo contigo, meu chapa! Eu se fosse o prefeito aplicava uma multa em cada família que sujasse a rua transformando a porta de sua casa numa lixeira. Ou então mandava eles fazerem magistrado de limpeza pública, ô povozinho sacana!

URUBU 5

Bota sacanagem nisso! Repara só uma coisa. Nós é que temos que fazer a limpeza, a faxina, retirar do lixo alguma coisa podre, alguma carniça, A pior parte ficou pra nós, égua cara! Pode parecer burrice minha, mas alguém podia cobrar multa dessa gente que não gosta de higiene, sim, senhor.

URUBU 1

É uma situação vexatória por sinal.

URUBU 2

Vexatória por que, hein Belchior?

URUBU 1

Então, tu não viste? Tu não viste indagorinha os turistas quase pisando, se esbarrando em nós, coitados, nas feiras de Batista Campos e da 25 de Setembro, completamente desinformados dos focos de lixo da cidade?...

URUBU 3

E aquele vigilante do galpão das Docas que, ao sair da sua cabine, disse que viu uma mulher jogar o feto no esgoto da cidade e depois espalhou o boato por aí que nós estraçalhamos o pobre bebezinho.

URUBU 4

Manja só? Um comerciante certa vez declarou nos jornais e na televisão: que a nossa companhia faz bem a ele. Vê se pode! Disse também que não sente nojo das aves pobrezinhas... “as aves pobrezinhas”, pessoal, somos nós urubus. Ora pobrezinhas! Pobrezinhas uma vírgula! Pobrezinhas são as três filhas dele que são mães solteiras!

CENA 4

(Nesse instante, os urubus levantam voo e vão parar na torre do Mercado de Ferro na feira do Ver-o-Peso).

CORO

Na boca do cais de arrimo, onde barcos descarregam peixes, frutas, todo dia, tantas vigilengas noturnas, não incomodam a freguesia, nem os urubus.

URUBU 5

Mas nós é que fazemos a limpeza daqui. Dessa parte daqui da Feira do Açaí. Comendo coisas podres que vêm nas espumas da maré alta, da maré baixa, espalhando detritos na beira do cais só lama de abortos e girassóis! Coisas do lixo que se joga no mar e que as águas carregam pra banda de cá.

URUBU 6

(Arrotando). Brechoooooó...Cruzes! Comi ontem uns pedaços de bucho podre e agora só tô arrotando choco!

URUBU 5

Eu também! Aquele gato fedido me deu uma azia que vou te contar! O bicho tava cheio de lombrigas até os olhos! O que fazer? Comer o que? Nosso destino de urubus papa-lixo é esse. E há quem se queixe disso!

URUBU 4

E a quem culpamos? Aos garis porque ganham pouco e pouco estão ligando pra sujeira das ruas, travessas e fazem a limpeza a contragosto? Ou aos políticos que foram eleitos pelo povo para manter a beleza natural destas ruas e praças?

URUBU 3

Meu caro Getúlio, não importa se acabamos comendo o lixo que os feirantes e os ribeirinhos jogam fora, nas águas da maré, pra fora da lata do lixo, porque sempre no final da feira ao meio-dia sempre sobra uma carga maior de imundices. Entulhos. Ai, deles, desses pobres mortais, se não fôssemos nós os urubus de Noé!

URUBU 2

Ah! Esses pobres mortais tão cheios de sabedoria, porém, tão falhos nos seus princípios!

URUBU 1

Também concordo! Ninguém é tão perfeito quanto os seus defeitos! E vocês sabem da novidade de hoje?...

TODOS

(Voaram para cima dele). Ghruuurrr... Conta, conta, conta!...

URUBU 1

Calma. Relaxem. Não é nada grave contra a nossa raça. Simplesmente o Departamento de Saúde Ambiental declarou na imprensa, na mídia em geral, que a nossa presença é um problema, um inferno para eles, porque significa que no local existe acúmulos de lixo, muito lixo.

URUBU 5

Mas o que eles querem dizer com isso? Que não estamos dando conta do trabalho, arrastando imundices das ruas?

URUBU 6

Eiii! Pera lá, isso é uma longa conversa! Isso é uma questão cultural sobre as condições de higiene desse povo, que parece não gostar, não adotar as coisas organizadas, limpas, modernas, bem feitas.

URUBU 4

Pra nós, não é problema limpar as imundices da cidade. Mas a comunidade local, que exige tanto da prefeitura local, devia colaborar com a limpeza.

URUBU 3

É Flórida, ó meu. O povo tem que se educar, porque ninguém chega a “príncipe encantado” se continuarem sujando as ruas da cidade. Tá na hora de dá um basta nisso!

URUBU 1

E disseram mais: que o urubu pode até não transmitir doenças, mas se ele, o urubu, chega num local, certamente, já existem ratos e moscas, os vetores de infecções e parasitoses.

URUBU 2

O que?!

URUBU 6

Que chique. Até que enfim alguém se lembrou de nós como sendo defensores da natureza.

URUBU 3

Não acho! Quem pensou dessa maneira pensou mal e sabe por que? Porque nenhum urubu que se preza se mistura com essa raça de roedores! Nem estamos coniventes com a presença deles ao redor. Ratos, moscas, mosquitos, lagartos, são intrusos em nossa festa. Não são nossos convidados de honra para disputarem qualquer fragmento de carniça.

URUBU 4

Concordo! Não há garantia de saúde estando eles por perto.

URUBU 5

Mas eles têm passagem de ida e volta na saída do lixão!

URUBU 6

Eu tenho é nojo deles! Ghurmmrrrr... Chega me dá vontade de vomitar!

URUBU 3

Eu também, viu Jean! Mas os caras fazem questão de reforçar que nós somos uma raça de rapina privilegiada, muito chique, cheia de qualidades com um desempenho muito importante na operação da coleta do lixo. E se formos cobrar pagamentos adicionais diurnos... *(Sacudiu o rabo)*.

URUBU 5

Coisas de Belém! Os caras só dão valor aos puxadores de saco. Ainda acho que, entre os empreiteiros do lixão, nós merecíamos uma estátua velada em praça pública, com discurso de palanques e tudo.

CENA 5

(Em seguida, dando sequência a mudança de cenário no palco, os urubus nesse momento passam a rasgar coisas numa coreografia que chamaremos de "balé negro" entre si).

URUBU 6

Tô tranquilo. Hiarrur! Esse cachorro aqui tá muito podre! Não dá pra engolir com jeito. Ghruuurrr... É ruim pra cachorro!...

URUBU 5

Esse camundongo tá ótimo! Tá verde, verde, de bicho... Uii!

URUBU 4

Essa cabeça de peixe com varejeiras, tá com muito pus, com muito vermes no couro, não dá pra engolir com o bico.

URUBU 3

Huuuummmm! Essa aqui tá supimpa! Puxa...Puxa com a garra e com força!... Isso, cara! *(Descansou o bico no ar)*. Ufa! Cansei! Por um lado, os caras têm razão, nós agimos até como um grande agente despoluidor, porque retiramos as impurezas do meio ambiente.

URUBU 2

Mas foi o que eles anunciaram! Foi ou não foi? Só nos faltaria agora um palácio, tipo aquele que eles chamam de Bolonha.

URUBU 1

E pra quê?...

URUBU 2

Ora pra que! Pra gente viver uma vida faustosa de rei e rainha, príncipe e princesa, longe da sujeira e da poluição sonora. E bem lá do alto desse suposto “Palácio” no portal de entrada, uma coisa quase que irreal: um ninho de urubus-bebês, branquelos, fedorentos, catingosos! Ai, que gracinha. Ai, que espanto.

URUBU 4

Meninos! Não se empolguem! Nesses locais a proliferação de moscas, mosquitos da dengue e ratos é maior causando certas doenças como a leptospirose e a cólera. Isto é um alerta, rapazes! Tomem cuidado com a saúde.

URUBU 6

(Esfregou o rabo num camburão). Cruzes! Que horror!

URUBU 2

Tenho pavor de leptospirose!

URUBU 3

E eu de cólera! Tu já pensaste, Getúlio, uma cólera na tua cabecinha!... Nessa tua cabeça feia, por demais horrorosa, aí é que tu ficavas bicando a tua própria genitora, a Urubulina do Xingu.

URUBU 2

Ora! Que piada mais sem graça! *(Ao perceber o bebê-urubu chorando).* E esse frangote chorão, com tolice? Tá chorando por quê?

URUBU BEBÊ

(Tossindo, cambaleando). Paaapai...acho que me engasguei com farelo de minhocas!

URUBU 1

Isso é gripe. Uma virose.

URUBU BEBÊ

Né não! *(Tossiu).* É falta de leite ou de iogurte, paaapai...

URUBU 5

Bebê-urubu, come um pouco de cachorro podre que “passa” a gripe. Será o mesmo que tomar doril ou uma cachaça com limão e gengibre.

CORO

Queremos espaço pra voar. Voar, mas sem preguiça, sem podridão. Sem comer coisas podres. Belém te cuida, não se descuida! Se estás bonita na fachada, tem que estar limpa por dentro nas baixadas!

URUBU BEBÊ

(Ensaiaando voo). Quero voar! Oba, oba! Vou voar! *(Levou um tombo).* Não consigo voar. Paapai... me ensina voar, paapai.

URUBU 6

Égua! Mas isso é o cúmulo do urubu! Magina! Esse moleque é digno de pena! Empresta as asas pra ele.

URUBU 5

Quem garante que esse garoto-urubu não venha a envergonhar a sua própria família, agindo desse jeitinho? Hum-hum! Tenho cá minhas dúvidas.

URUBU 4

Não diga isso do garoto! O bichinho ainda é pixixito. Olha aqui ó moleque! Por que tu não vais bicar comida podre por aí? Te vira, garoto, vai! Voa..., mas voa pra bem longe daqui, pra onde tu quiseres...pra onde tu enxergar algum parente nosso, uma águia, por exemplo, pra te devorar!

URUBU BEBÊ

(Distante do grupo). Opa! Achei um gatinho podre. Oba! Com o rabo cheio de formigas e vermes, paapai.

URUBU 1

Não tem jeito. Onde há lixo, tem urubu, tem muito lixo!

URUBU 2

Mas esta é a nossa festa, xará! A nossa alegria, o nosso contentamento!

URUBU 3

Eu sei! Todos nós sabemos. Um dia desses eu me vi na telinha da Liberal... aliás, todos nós viramos notícia nas manchetes dos jornais. Cidade que não tem urubu não tem o que contar, não tem o que varrer de sua sujeira! Esse povo dá maior mancada.

URUBU BEBÊ

(Se lambuzando). Ghrrriiil... E bom gatinho podre, paapai.

CORO

Onde o cachorro te lambe as feridas, onde os garis varrem as feiras da tua vida, só tem praga, desgraça, cachaça. Porrice todo dia.

URUBU 4

Já pensou! Se eles tivessem que pagar nossos serviços! Afinal de contas, nós é que damos a pista certa da sujeira pelos centros e bairros da cidade. Ainda fazem cara feia quando veem a gente na rua retirando a imundice que eles esconderam debaixo do lixão!

URUBU 6

Tá na cara e no papo que também fazemos parte dessa sociedade caótica e tão negligente! Minha preocupação, cara, é ver esta cidade morrer sufocada, asfixiada pelo lixo que a prefeitura não tá podendo dá conta por causa do desmazelo da população!

URUBU 1

Eles mesmos morrerão sufocados pelo gás venenoso expelido pelo lixo espalhado pelas estradas e ruas suburbanas. É uma lástima!

URUBU 2

Uma desgraça!

URUBU 3

Uma baita sacanagem!

CORO

Aí, eles vão chorar. Queremos viver. Não podemos morrer. Queremos o verde da cidade, não o cinza do concreto.

CENA 6

(Aqui os urubus voam em várias direções com alegria e zombaria pela cidade "observando" tudo que encontram à sua frente).

TODOS

Hiarrur! A cidade está se acabando por causa do povo!

URUBU 1

Festejaremos!

URUBU 2

Comeremos corpos humanos e carniça dessa raça!

URUBU 3

Teremos muito serviço nessa carnificina!

URUBU 4

E haja forças no bico pra perfurar os corpos apodrecidos! Coitados deles!

URUBU 5

Coitados uma ova! Quem mandou transformar sua porta numa lixeira ou num depósito de lixo? Só pode dá nisso!

URUBU 6

Olhem o vento! Olhem a ventania! Varrendo toda a cidade, Belém! Voem, voem. Com esse vento, só resta subir no pau.

URUBU 5

Cuidado, Zé! Corremos o risco de quebrar a perna ou uma das asas!

URUBU 4

Acho melhor se refugiar numa dessas torres de mercado, a mais alta que tiver!

URUBU 3

Boa ideia, xará! Mas como você chegou aqui?

URUBU 4

Vim no rumo da maré vazante. Assim que vi uma porrada de peixes podres jogados na lama, entre os barcos e as vigilengas, tratei de me ancorar por aqui, quero dizer, me abastecer nessa jogada de arrimo das águas. E tu?

URUBU 3

Eu? Eu morava na torre do mercado de carne da feira do Ver-o-Peso, mas depois que houve essa reforma, essa mudança radical naquele setor, achei que não ficava bem a minha presença ali, nem combinava com aquele modernismo todo. Mas era lá que eu me escondia durante algum tempo. Agora tô por aí numa torre qualquer, menos famosa que aquela. E tu, xexelento?

URUBU 2

Xexelento é a vovozinha! Mas se quer saber, mesmo, não tenho paradeiro, moradia nenhuma. Voo pra onde o vento me leva.

URUBU 1

Pra que voar alto tanto assim?

URUBU 2

Pra cagar na cabeça dos caras, meu! Sigilo nosso, né cara?

URUBU 6

Vamos nessa. Que aí vem chuva à beça! Vamos mudar de lugar. Esse vento forte é sinal de muita chuva. Vai cair um toró daqueles. Não vai dá pra ficar parado. O jeito mesmo é voar da marquise de um estabelecimento comercial para outro até parar esse vento.

URUBU 5

Ô cambada de urubus! Vamos nos prevenir dessa ventania na cidade. Hoje ouvi no rádio do alto-falante do mercado que a Meteorologia previu chuvas até 24 horas.

URUBU 4

Novidade. Pra nós, será uma festa! Pra eles, será uma derrota! Por causa dos alagados e detritos que entulham as valas.

URUBU 3

Realmente. Culpa de quem? Do povo que joga lixo até nas valas, que por sua vez, entope os esgotos e causa danos para si próprio. Tornando um verdadeiro caos pra esta cidade.

URUBU 2

Nem tanto quanto! Hoje em dia Belém foi felizarda pela macrodrenagem e canais a céu aberto para desobstruir os alagamentos que haviam em certos bairros centrais da cidade. Claro que a periferia precisa e necessita ainda ser “olhada” com carinho, com mais respeito pelas autoridades que trabalham com essa questão.

URUBU 1

Muito bem! Falou e disse! Mas Belém, no fundo, apesar de chover sempre e sempre chover, parece não está preparada para conviver com tanta água! Qualquer dia a ex cidade das mangueiras vai ao fundo!

CORO

Com tanta lama. Com tanto buraco. Com tanta sujeira suburbana. Com tanta bosta e lombrigas boiando n'água. Que horror! Que frescor!

URUBU 2

Qualquer dia, gente...

URUBU 1

“Gente” não, urubu! Não me ofenda. Não me compare a essa raça tola.

URUBU 2

Foi um modo de expressão. Pois bem, qualquer dia, por causa da explosão demográfica e urbana tão desordenada, depois da chuva, depois da estiada, vai haver engarrafamento não de carros, mas de lixo e detritos. Aí, nós os urubus, ou outras aves de rapina, não teremos do que se queixar. Nas feiras e nas vias públicas, como em outros logradouros periféricos, haverá bastante coisa ruim pra nós comermos.

URUBU 3

É lamentável. Mas é fato e notório. Se o povo continuar assim, agindo de má vontade, varrendo a calçada e jogando depois o lixo na vala, ou amontoando na frente de suas casas, sem adicionar os serviços da Sesam, toda a

cidade estará em situação de risco. Percebe? A capital, o povo, parece que perdeu a sua característica.

URUBU 4

Na verdade, a cidade inteira, está mal arborizada hoje!

URUBU 5

Mais calorenta!...

URUBU 6

Com menos verde na paisagem!

URUBU 1

Então, urubuacas, chuvas finas não atrapalham nossas paradinhas rasantas nos lixões, mas as grossas, sim, interferem e muito!

URUBU 2

Por isso, seu doutor, quem de urubu não escapa, só serve pra escandalizar a raça humana!

CORO

(Alegres). Hiarrur! Aqui vamos nós outra vez limpar a cidade!

TODOS

(Cantando e dançando, comemorando o carnaval da vida).

Vamos nessa, minha gente / Hoje Belém é nossa!

O que é barato, é de graça, / Tem folia na praça pra você curtir!

Ontem a vida me levou o sorriso / Quando foi preciso a gente se divertir!

(Refrão)

Viva Belém! Belém das mangueiras! Belém das buraqueiras!

E do patchouli! *(Repete 2 vezes).*

(Aqui termina o espetáculo tendo participação de batuqueiros de escola de samba criando proporção de imagem no palco. Com efeito, os urubus desaparecem em meio à multidão "simbolizada" pelos integrantes da escola. Onde o povo é movido e induzido por essa utopia popular do carnaval).

FIM

O ARCANO
DO SENHOR

O Arcano do Senhor

(Sem registro de data)

Texto: Sandra A. Melo / Adaptação: Ramon Stergmann

PERSONAGENS

Anjo mau, Ankan, Uriel

Anjos querubins: Querubin 1,2, 3

Todos



CENA 1

(Anjos querubins a caírem por terra entregando-se às coisas profanas deste nosso planeta. Na medida em que o Anjo Mau vai jogando a fala e evoluindo uma coreografia demoníaca, os anjos (caídos) vão se "despertando" do chão, como quem sai do seu íntimo torpor, erguendo-se aos poucos, espreguiçando os braços, ficando de joelhos fincados no chão por alguns segundos, depois mantendo o corpo hirto para, em seguida, criar um movimento dançante e sensual, até ao término da coreografia).

ANJO MAU

Não sou Serafim, nem Arcano, nem Querubim... Sou o Anjo das Trevas, o Anjo Mau.... O anjo que causa prazer profano e calamidade no mundo. Duvindo que alguém nunca tenha gostado de mim e não tenha me chamado para resolver seus problemas.

ANJOS QUERUBINS

(Vozes superpostas).

- Deixem-nos em paz! Por favor, em nome do Senhor dos Céus!
- Vá embora daqui! Vimos em missão de Paz na Terra!
- É esta nossa missão celestial entre os homens e o caos na terra!
- A nossa atitude de fé e de solidariedade aos homens não nos permite a profanação de que falas.

ANJO MAU

Obedeçam a mim tão-somente!!! Sigam-me! Façam o que eu faço! Seus anjos querubins molongós. Dancem, dancem!!! Dançarão para mim até caí-

rem os Salmos. Quero alegria e não sacrilégio. Diabruras e não o tédio. Mexam-se!!! Agora!!! Aquele que me desobedecer cairá entre os escombros desse povo fariseu. *(Aqui, entra a música e todos obedecem a ordem de comando do anjo negro que sai de cena, em surdina, sem ser percebido, entre a neblina encobrindo o lago de azul/violeta. Enquanto a lua passeia no céu do negrume).*

ANKAN

Ele já esteve aqui com outros, há milhões de anos. Todos lembram quando Ele bradou com voz celestial: “Que não te canse a **INJUSTIÇA**, a **MISÉRIA**, a **FOME**, o **AMOR**, a **ALEGRIA**, a **LUTA**; que não te canse o meu lado, nessa jornada”; que não te canse saber ensinar que o **PODER** de cada um está em suas mãos!!! *(Noutro plano do palco).* Dentre milhões de assistentes invisíveis, porque um Serafim deve visitar-me!!!?

URIEL

(Saindo das sombras). Para dar-te diretrizes, jovem.... Venho trazer-te calor e alimento para que te reúnas a tua legião e cantem e vibrem as vozes numa vitalidade magnética, para assim acordar o mundo.

ANKAN

Não vejo mais o horto da Ilha... da ilha dos Anjos, plena de flores. Não sei de minhas próprias revelações. Perdoa-me.

URIEL

Perdoar-te? Tua mente deve autorizar a que fiques ou partas. Sei que é dolorosa preparação, até a graça e plena inteligência. Lembra-te que ninguém está só, entregue a si mesmo...

ANKAN

Não acho forma de experimentos para com os mortais... Não mais ouço.

URIEL

A Alma é pura, Ankan, ela guarda as suas origens, está em ti sobreviveres. A Fé é a própria autenticidade dos acontecimentos nessa peregrinação terrena!

ANKAN

Ajuda-me! Sei que podes na tua elevada condição de Serafim.

URIEL

Tu é quem podes ajudar-te com as bênçãos do Poder Cósmico existente em ti mesmo. Tens na Divindade Criadora. *(Voltando-se para ele)*. Coloca as tuas mãos com as minhas... ilumina-te, **ANKAN!!!** O que falta, podes dizê-lo?

ANKAN

(Radiante, feliz). Nada falta nas tuas mãos! Nem no teu rosto!!! Está tudo na perfeição! Tão bela é a tua essência, ó Arcano do Senhor!

URIEL

Acertaste! Nada falta na matéria porque a energia psíquica é real e completa! Também muito bela é tua essência, jovem! A tua justiça te cria limitações, Ankan, e não a Natureza. Tens resplendor, a clarividência, poderes de cura, que vem do poder interior ao alcance das tuas mãos.

ANKAN

Isso é tão desconhecido na Terra e por mim esquecido; tão seco estou quanto o grande lago Tritônico que formou o Saara.

URIEL

Isto é altamente objetivo. Lembra-te de órbitas sensíveis, sem te abismar com estrondo. Volta-te para o Leste!!! Vaiiii! *(Ankan obedece, ensaia um voo etc.)*. Foste mandado à Terra porque esqueceste do mundo material, lembra-te apenas do Corpo Etéreo.

ANKAN

De qual sabedoria, Serafim?...

TODOS

(Vozes intercaladas). Sim!... Que sabedoria é essa?.... Que sabedoria, afinal?

URIEL

A de que o “poder de cada um” beneficia o esforço, os sofrimentos, os quais tu civilizas com o tempo. Tu farás o Estatuto da tua passagem por este orbe, depois velarás somente os grandes valores.

ANKAN

Desprezei a Luz! *(Olhando para o alto dos céus)*.

URIEL

Não. Foi experimento para que descobrisses como ajudar a ti e aos outros. Olhe para eles.... estão completamente em degradação, são anjos caídos e profanos que aqui chegaram e se desvincularam de suas missões.

ANKAN

Ajuda-me!

URIEL

Teu “Eu” interior é senhor de grande poder, possui lucidez incomparável, pois acumulou conhecimento e não os usastes.

ANKAN

(Compadecido). Agora compreendo! Quero ficar

TODOS

(Querubins). Nós ficaremos contigo, Ankan!!! Não nos abandone!

URIEL

Calem-se para sempre! *(Pausa menor)*. Ankan, tu andarás entre os homens., mas poucos te conhecerão.

QUERUBIN 1

Ah, isso não importa! Os homens pouco ligam para isso.

QUERUBIN 2

A humanidade é muito ingrata e divertida.

QUERUBIN 3

Digna de Pena!

CENA 2

QUERUBIN 1

Se és anjo do orbe superior, dá-me uma arca com ouro puro!

URIEL

(Brandamente). Tu podes dar-te a arca com ouro puro. Mentaliza e a terás, anjo de pouca fé, que não acredita em si!

QUERUBIN 2

(Idem). Leva-me contigo para viajar pelos Cosmo!

URIEL

Não lutes contigo e muito menos om a tua memória, és dono da tua mente e das próprias viagens. Consulta teu subconsciente e te tornarás melhor futuramente. Ordena e não pede. *(Silêncio)*.

ANKAN

(Pausa). Do que falamos?.... Pôr Favor!

URIEL

Por alguns segundos tivemos um grande elo de pensamentos. Devemo-nos integrar no conjunto psicofísico.

ANKAN

Mas eu senti na Terra forças vulcânicas, subindo e descendo pelo sangue...

QUERUBIN 3

(Complementando). É verdade, Uriel! Nós também sentimos!

QUERUBIN 4

(Idem). Eu também senti terra!

QUERUBIN 2

Eu senti água, e ar!

ANKAN

Oh, Serafim! Já fazem 700 mil anos! Ajuda-me! Isso é como um cataclisma.

QUERUBIN 1

Parece o final dos Tempos. O fim do Mundo.

URIEL

É o último ato. Busca ainda eliminar astralidade inferior, Ankan, recuperes a Paz, através da renúncia e te estabelece na sabedoria!

ANKAN

Terei a divindade.

URIEL

Sim, sei! Tu deste esperanças a este mundo querendo permanecer pôr vontade do teu Divino Mestre Interior, na concordância com a Natureza Cósmica.

ANKAN

Vais partir?

QUERUBIN 1

Ainda bem! Chega de castigo.

ANKAN

Eu me alongarei de ti Uriel, entre os dias mais escuros, pois estes dias são os de renovação. Abrirei meu interior a cada aurora, como a flor do lótus. Podes partir!

CENA FINAL

(Serafim entrega os papiros da humanidade ao Ankan).

URIEL

(Voltando-se para ele). Não partirei ainda.

ANKAN

Como assim, Uriel?

URIEL

Devo esperar os futuros seres da Intuição, estes não possuirão asas porque, como mortais, habitarão o mundo no 3º Milênio!

QUERUBIN 2

Pôr favor! Ajude-nos a Sair dessa, Ankan!!!

ANKAN

Qual será o ideal, humano dessa legião, Uriel?

URIEL

(Sumindo no horto das flores). Pergunta ao teu deus interior e este te responderás. Te peço isto para que a tua responsabilidade seja completa.

QUERUBIN 1

Uriel tem razão. Caso contrário, seremos tragados pela nossa própria inconsciência.

ANKAN

Paz profunda!

TODOS

(Querubins). Paz profunda!

QUERUBIN 3

A Luz, a vida, o Amor redime para a eternidade!

ANKAN

O Sol não mais se esconderá da Vista, para que ninguém se desvie acontecimentos. Paz profunda!

TODOS

(Uníssonos). Paz pro-fun-da.

FIM

POVO DE
ARRIBAÇÃO

Povo de arribação

(Sem registro de data)

PERSONAGENS

Atores, atrizes e coringa.

CENÁRIO

Uma área de ação onde ocorrem várias situações.



CENA 1

(Foco em: os atores, em movimento dramático, carregando seus apetrechos e, ao som de uma música, vão localizando no palco seus adereços cênicos. Ao término da música, formam uma coreografia simbolizando a inauguração da Transamazônica, em forma de aborto, como abertura do espetáculo, onde vão jogando as falas pela ordem cênica de cada um).

VOZ MASCULINA

Paralelamente ao drama de muitas famílias e ao contexto de um vazio de vida... *(Aqui o Povo que está "parido" interrompe a fala dramaticamente).*

VOZES

- Não diga nada Sr. presidente...
- Essa estrada já foi caminho de tantas mortes por elas inaugurada.
- Aborta! Aborta lá que eu dou cá a minha vida...
- O mundo é nosso...
- ... e de trás pra frente!

VOZ MASCULINA

Ai, filhos desnaturados! Ou um aborto premeditado ou um cortejo de vida de outras regiões do país? ... *(Aqui os atores jogando as falas retornam à "bolsa uterina" numa postura de feto em lamento).*

VOZES

- Sou teu filho pungente que vai comer o pão que o diabo amassou com o rabo.
- Severino, João, José, Raimundo, somos teus herdeiros dramáticos, e até horríveis, porém verdadeiros...
- Sou teu quisto doloroso que vai aguardar o bisturi da justiça e das reformas sociais.
- Sou tua decadência transamazônica e teu drama real, em prejuízo dos mortos que por ela tombaram...
- Sou, afinal, teu sonho de um sistema político equitativo e cristão, que sensibilizará até os insensíveis homens numa só direção.

TODOS

Amém/ Amém/ Amém!

(Corte. Blackout. À luz de velas. Noutro plano, a reverência póstuma aos mortos da Transamazônica, onde alguns atores usam máscaras com expressão anímicas à cena, simbolizando a "pedido" do falecido etc., enquanto entoam um canto em forma de ladainha).

TODOS

(Cantando).

São burros que bebem água
esta lavra deste homem
são garrafadas de derrota
este maldizer que o consome
são pancadas de promessas
as mágoas dessa mulher
são carneiros comendo a grama
a fome de um José qualquer
são facas cortando as vísceras
deste filho seu pra morrer...
são tapas na cara que derrama
esta lágrima dentro do poço

(Aqui depositam os círios no chão em torno dos atores fingindo-se de "mortos" e rezam em tom de Ave Maria).

VOZ FEMININA

São a cachaça que sangram este homem de porre curtido!

CORO

São alquimia de roçado este enforcado com batucada!

VOZ FEMININA

São risadas de arquibancadas este palhaço fora do circo!

CORO

São morte de quilombos este filho de sacrifícios!

VOZ FEMININA

São família crucificada este Judas de salário mínimo!

CORO

São calvário de cão a fuga a fome deste povo

(Todos apagam os círios num sopro só) Corte/ blackout/ foco em: Movimento de "cavar").

VOZ MASCULINA

Assim minha gente, gente minha, a gente vai escavando nossa cova, a riqueza dessa terra!

TODOS

(Paralisando o movimento). É um sobe, sobe, um desce, desce, um escorrega e mexe!

VOZ FEMININA

Nessa doida agonia dentro ou fora do buraco, vai esse povo plantando a dor da vida.

VOZ MASCULINA

E quem tá em baixo quer tá em cima, pesando o ouro dessa cova minha.

TODOS

(Idem). E quem tá em baixo quer tá em cima, como quem briga pelas penas dessa vidita.

VOZ FEMININA

É um cava, cava... tapa essa terra dessa terra minha santa terrinha.

TODOS

(Em fila indiana demonstrando cansaço).

Nesse mormaço maço, maço

Pega, pega

Pesa, pesa

meu espinhaço!

(Aqui formam uma "cova grande" no centro do palco, enquanto um ator se destaca do grupo a fazer menção de "cavar" e outro passa a indagar como forasteiro).

VOZ MASCULINA

Um toma lá da cá. Oi garimpeiro, garimpeiro, quanto vale esse ouro de tanto cavar?

VOZ MASCULINA

Vale as penas dessa vida

cavando nessa cova

a cova minha!

(Ao desfazer a "cova grande", os atores noutro plano, passam a fazer o movimento de garimpo).

VOZ FEMININA

Nesse mundo quem não arrisca, não petisca e quem petisca já foi ao fundo.

VOZ MASCULINA

Na corrida do ouro é preciso se afobar e nesse desdouro, se não tem pressa o bicho te pega, vai ser custoso ele te soltar.

TODOS

(De frente da plateia, paralisando o movimento).

É uma, duas balas

balando o besta

que não sabe se safar.

(Aqui passam a se acusar entre si com o dedo em riste indiretamente).

Traição traiçoeiro traíra, Ira

no ver da cantiga do peão!

(Se separam em pequenos grupos formando um "cochicho" entre si e uma das atrizes passa a representar uma lavadeira à beira do rio cantarolando, enquanto um ator brejeiramente a corteja).

VOZ FEMININA

Antes eu era prego. E você me bateu. Agora, quem bate no prego, sou eu...

VOZ MASCULINA

Morena faceira, cheirando a patchuli! Casa comigo, no bolso nunca falta dinheiro nem pro teu pirão, minha negra pixaim! *(Os outros se juntam ao casal respondendo em coro a vida de peão).*

TODOS

Pois saí de casa zitinho
abandonando meus pais
vim atrás desse ouro, seu menino
e não voltei nunca mais!

(Corte/ blackout/ foco em: os atores formando uma estrada e um casal de retirantes que vem chegando e indaga. Ao fundo, um homem que cava).

VOZ FEMININA

Ei seu menino, me diga ... a modo pra onde esse caminho vai dá?

VOZ MASCULINA

Vigie ... bem no rumo da venta, pra lá de Marabá!

VOZ FEMININA

(Ao passar, insiste curiosamente). O que tanto cava nesta cova funda?!

VOZ MASCULINA

O que dantes morria em suor, o ouro dessa cova minha se em cova funda me dou! *(Depois grita a palavra "ouro" anunciando tal achado aos outros e todos euforicamente dão pulos de alegria).*

TODOS

Ouro! Serra Pelada! Trombetas! Serra dos Carajás! ...

(Em seguida, convidam a plateia para dançar com eles).

Vamos tocar maracas
no tempo das vacas magras!

(Invertem a estrofe enquanto se preparam para a coreografia do carimbó, cantam e dançam. Depois, a cena é interrompida por um ator ou atriz que passa a representar uma pessoa indignada com sua situação de pobreza na região etc.).

(Cantando).

Olha a Cobra Grande
Na enchente da maré
Barqueiro toma cuidado
Cobra Grande vai te comer
Seu tamanho é um desafio
Seu olhar me amofina
Se eu morrer ninguém se importe
Oi, se eu matar a sorte é minha

VOZ MASCULINA

Parem com essa utopia! Enquanto todos dançam, cantam, gargalham, eu pergunto: cadê o minério que tava aqui? Todos nós estamos carecas de saber que foi pra cucuia, ou seja, para os Estados Unidos. Muito simples não? ... Acontece que não se leva uma melancia de um caboclo, sem lhe deixar algo de que ele se valha para prover o sustento dos seus. O que ficou para os lugares de onde, extraíram a borracha, em termos de melhoria local? Nada. Continuamos na estaca zero! *(Aqui gera uma polêmica).*

VOZES

- Tem razão. Por duas vezes, a Amazônia inundou o Mundo Livre com a borracha saída de suas selvas. Rios de dinheiro, marcaram os passos da hevea que circulou, dos seringais nativos aos grandes empórios industriais e comerciais da borracha. E o manganês que tava no Amapá? Tá quase todo no deserto de Nevada à disposição da indústria americana. E o Amapá o que ganhou com isso? Porra nenhuma. Se o arrancá-lo da miséria e do subdesenvolvimento. Aconteceu isso? Não.
- Gente ... E o Pará? Sim! Por que razão o povo do Pará não se mexe, não fala nada nem tira desse minério que sai daqui uma fatia maior para acabar com sua pobreza. Chegou a hora da convocação geral!

TODOS

(Repetindo). Chegou a hora da convocação geral!!!

VOZ MASCULINA

Peraí... Mas o paraense é um bicho besta, muito cordeiro. E Deus queira que o minério que há em Carajás não tenha o mesmo destino da borracha, e do manganês do Amapá. Que o ferro e os outros minerais de Carajás e o

ouro da Serra Pelada, e a bauxita de Trombetas, deverão deixar o Pará, algo de mais concreto do que a fome...

VOZES INTERCALADAS

Miséria, desemprego, baixadas, alagados, doenças, crime, marginalidade!!!

VOZ MASCULINA

É preciso que, em meio a essa campanha contra as multinacionais, o paraense “tão acomodado” meta a sua colher também. Que não dê nada de mão beijada. Porque senão, já viu, né, nem vai sobrar nada pra gente. O que se tem a fazer é acabar com essa palhaçada! Carajás é nosso. Ele tá ali e não em São Paulo, é pra fazer o bem do povo daqui!

TODOS

*(Em louvação agitam seus chapéus e maracás). Carajás é nosso! Amazônia é nossa!!!
(Corte/ blackout/ foco verde em: os caboclos dentro da mata, abrindo caminhos a passar).*

VOZES INDIVIDUAIS

- Por aqui, gente. Não acredito nesse negócio de crenças.
- Pois eu acredito como Deus existe no céu. Conheço fatos como o de que matar um mutum em agosto, resultará em loucura do caçador; comer caimitu em março faz voltar doença antiga, tracajá com mais de 14 pintas é amuleto pra trazer riquezas, uirapuru seco, durante o ano dá sorte e felicidade e sexta-feira santa, atrai mulheres.

(Aqui surge o pássaro iangá-feiticeiro, no 2º plano, cantando em pio etc.).

- Vamos voltar, gente. Quando iangá-feiticeiro canta em pio é sinal de agouro e a caçada não deverá terminar bem.
- É! Vamos voltar, gente. Quando iangá-feiticeiro canta em pio é sinal de agouro e a caçada não deverá terminar bem.
- É! Vamos voltar. *(Retornam).*

(Corte/ blackout/ à luz de velas: rufam os tambores, dentro da noite, numa encruzilhada).

VOZ MASCULINA

Oi Pai Raimundo, cadê Pai João? *(Repete duas vezes).*

CORO

Cadê Pai José? ... *(Repete três vezes).*

VOZ MASCULINA

Oi, ele tá no fundo do mar cantando com camucitê ... *(Repete duas vezes)*.

CORO

Camucitê camucitê camucitê

Oi diga a ele quando vier *(Repete duas vezes)*.

Firmar o ponto e bater o ganzá *(Repete duas vezes)*.

VOZ MASCULINA

Eu vou dar uma consulta...

CORO

Ô ô ô!!!

VOZ MASCULINA

... com meu Pai, meu Pai José.

CORO

Quero saber se é mandinga

Qual foi o feitiço

Dentro do candomblé... *(Repete várias vezes até "baixar" o santo)*.

VOZ MASCULINA

(Com o corpo hirto). Na fé de zambi mi zam fio, ehh.

TODOS

(Saudando-o). Saravá, meu pai.

VOZ MASCULINA

(Com voz de preto velho). Eh, eh, saravá...

VOZ FEMININA

(Consultando-o). Meu Pai, que devemos fazer, nos ajuda. A gente quer saber quem fez o feitiço e quem tá contra nós.

VOZ MASCULINA

Eh, eh. Mi zam fio, a mandinga foi feita dentro do candomblé, cum sangri de Cristo, cum sete bango na panéra. Mi zam fio, esse puvo, deve de tomar um descarrego, cum salsa do mato, sal, pimenta, mastruse, pega esse nego-

cêro todo e toma banho, fio ... dispois o puvo acende 3 vela na encruzilha-da. Que a sorte vorta presse povo.

VOZ MASCULINA

Quando? No dia de “São nunca? ”

VOZ MASCULINA

Eh, eh. Já cumpri missão gente, já vou “subir”. O puvo vai ficá bom dessa bichêra toda, tem fé mi zam fio, acima de Deus, ninguém.

VOZ FEMININA

Mas como, se tem alguém mandingando. Diga, quem é?

VOZ MASCULINA

Eh, eh ... mi zam fio... *(Arregalou os olhos de espanto).*

VOZES INTERCALADAS

Quem foi? ...

VOZ MASCULINA

Eh, foi o ôme danação.

TODOS

(Desmaiando). Oh!

VOZ MASCULINA

(Ri levemente). Hê, hê, hê. Ô povinho filho da puta de fraco. Vote.

(Corte/ blackout/ foco verde em: Peões no meio da mata transamazônica, colhendo a caça em abundância).

VOZ MASCULINA

Cuidado, compadre. Olhe a mãe da mata, o espírito da selva. Quem tem isso? Tive sorte hoje. Tá levando mais do que precisa para o sustento. Poderá levar uma surra, sem saber de quem. Mas é a mãe da mata. Ui! ... ai! ... *(O outro procura fugir).* Não lhe avisei? Vou fugir ... vou correr...

(Corte/ blackout/ à luz de vela noutro plano: dentro da mata, um grupo de caboclos conversam enquanto jantam).

Nós caminhamos 150 dias sob as chuvas do inverno amazônico.
Gateiros, castanheiros e garimpeiros, nessa hora, se afastam da selva.
Rasgamos a estrada finalmente.
Foram cinco meses de marcha e perigos na primeira trilha que se abria entre Altamira e Itaituba para o levantamento topográfico da estrada.

(Noutro plano: de fundo, as máscaras de fogo numa brincadeira popular entre os caboclos da região, assustando-os dentro da mata, afugentando-os por medo etc.).

VOZES FANHOSAS

Os desbravadores da Amazônia... cumprida missão...
vitória sobre a solidão...

(Corte/ blackout/ foco amarelo em: dois atores representando fazendeiros avarentos).

Dias melhores estão vindo pela fascinante transamazônica.
A caminho nossa esperança, nosso caboclo na Segunda Etapa dessa obra gigantesca *(Aqui os outros se juntam a eles e formam um círculo fechado, enquanto jogam a fala esticando os braços pra cima, em louvação à terra em que nasceram).*

TODOS

- Transamazônica. Epopeia brasileira. Teus rios caudalosos navegam nosso episódio *(Em seguida, os atores representando árvores vão tombando a cada fala).*
- Cada braço uma força. Cada árvore tombada uma conquista.
- Cada peão uma família. Cada mecânico uma máquina. Cada operário uma trilha.
- Em cada engenheiro, agricultor, enfermeira, velho ou menino da região, a história deste chão *(Aqui os atores agachados formam dois círculos em torno de si mesmos e se abrem em outro plano).*

TODOS

Transamazônica Brasil de homens e mulheres de costumes os mais diversos. Mil!

VOZES INDIVIDUAIS

(Intercaladas).

- Gaúchos ou nordestinos, cariocas ou mineiros.
- Gente que se supera. Supera, vibra e sente saudades.
- Personagens vivendo no anonimato!

- Personagens das muitas histórias que abrem o caminho para a conquista do Homem!
- Amazônia: viveu mais de cem anos de solidão na sua imensidão!
- Muita coisa está mudando, novos projetos chegando, os heróis no encontro Caruá-Uma.

(Aqui os atores vão depositando seus pertencentes e jogam o corpo para fora da fila).

- Malária e verminoses. Há muito trabalho aqui. A coisa é séria.

- Farinha de mandioca, meu pirão primeiro, na maloca.

(Os atores passam a formar uma brincadeira glosando os costumes indígenas, enquanto noutro plano de ação, as mulheres lavam roupa no igarapé e falam sobre esses costumes).

- Parakanãs, Uaças, Camarumam, Suraiman, Galego, Urucum, Paricuras.

VOZES FEMININAS

(Intercaladas).

- Essas tribos são arredias, pequena. Gostam de presentes. Facas, facões, redes e miçangas.
- A princípio recusam, depois procuram aceitar a amizade dos brancos.
- Formam círculo em torno dos sertanistas iniciando cânticos e danças no estilo de candomblé.

(Aqui as mulheres são agredidas e massacradas pelos forasteiros, carregando armas em punho).

TODOS

Transamazônica: vitória na selva em busca da Verdade, *(os atores paralisam a cena, em seguida, passam a se movimentar em direção à plateia formando expressões "fantasmobelas")* em ritmo de dança, crenças, mitos e lendas!

(Corte/ blackout/ foco branco geral em: uma atriz que passa uma mulher desesperada ao gritar pedindo socorro e todos que estão na frente do palco se voltam abruptamente para ela, e há uma correria no palco onde todos procuram discutir causa e efeito do que ocorrerá).

VOZ FEMININA

Socorro... dona Lourdes... comadre Juliana... seu Pedro! Gente, me acudam...

VOZES INDIVIDUAIS *(Intercaladas).*

- O que foi isso? Que aconteceu, gente?
- O meu filho, vizinho... morreu envenenado pelas águas do igarapé. O menino tava tomando banho e, de repente, começou a ficar zozinho, zozinho, espumar pela boca. Oh, meu Deus!
- Pobrezinho. Morreu tão inocente.

- É no que dá. Esses venenos químicos na área do reservatório, em meio à selva, vão acabar destruindo a floresta na região.
- Diversos casos de morte e lesões sérias têm acontecido ultimamente.
- Meu Sebastião, que era coletor de castanheira, morreu depois de banhar-se no igarapé Joari.
- E meu irmão Domingos, também. Que coletava castanhas com o filho da dona Euzébia, do Serafim.
- Teve gente comadre, que viu jogarem latão ou saco de pentaclorofenol em córregos e mananciais.
- Tá vendo? É por isso que o igarapé do Cagancho, que fica na área do reservatório, tá contaminado e foi lá que morreram tantos outros meninos de 16 anos, lembra Severina?
- Se me lembro! Como haveria de esquecer? Para eles, é a melhor maneira de acabar com a floresta amazônica, a princípio em Tucuruí e depois inevitavelmente no restante da Amazônia.
- Uma verdadeira bomba atômica inventada. E ninguém mais a desinventará nem controlará sua proliferação.
- Meu Deus. Um fim de mundo.
- Isso é uma loucura coletiva. Absurda.
- O que é pior, dona Júlia Bragança, tão colocando em risco a saúde da população da área e até de Belém, que consumirá a água envenenada. Já pensou! E tem mais, milhares de castanhas foram comercializadas e exportadas, logo depois da inoculação do veneno nas castanheiras.
- Meu Deus! Quantos milhares de pessoas não estão comendo castanhas envenenadas pelo mundo afora? Isso não é crime internacional? ...
- E a gente pode lutar contra o poderio deles? Me diga. Tá visto que, com o fechamento do Tocantins, a maré vai atingir os municípios de Tucuruí, Baião, Mocajuba, Cametá e Limoeiro do Ajuru.
- Acho bom parar por aqui compadre Juvêncio, o senhor tá falando muito, a gente tem mais é que resolver o enterro desse jitinho aí, depois vão dizer que nós tamos fazendo movimento contra o fechamento da barragem e que a gente é “agitador”.
- Tá com medo, cabra? Não seja frouxo, homem. Se defender a vida das pessoas e o meio ambiente é ser agitador, prefiro ser agitador, a ser conformista, ou conivente com este crime.
- Apoiado. Se a gente perguntar quem foram os fornecedores desses produtos, qual a composição química desses produtos, tenho certeza, que vão engurupir a gente. Nesse ponto a gente deve alertar a população, ora essa. Os agrotóxicos vão acabar com tudo.

- Pra onde a gente leva esse menino, dona?

- Lá pras bandas do cemitério, gente.

(Corte/ blackout/ foco verde e vermelho em: o grito, a pororoca, a inundação, a fauna, a suposta extinção das lentas e dos mitos).

TODOS

(Gritando). Olha a pororoca!

VOZES

- Rema Raimundo, senão a canoa vai pro fundo.

- Pro fundo vai essa selva dessas lendas, desses mitos.

TODOS

- Amazônia, vais morrer em nome do Progresso!

- Ai de mim, Cobra Grande, tola que sou nas ilhas de Tocantins. Serei finalmente varrida dessas águas. Não tenho pra onde ir. Ai de mim, nesse desastre ecológico de Tucuruí, não vou escapar ao meu triste destino: de morrer poluída de elementos químicos. Oh, homens malvados! Homens cruéis!

- Hidrelétricas de Tucuruí, ou uma baita sacanagem que estão fazendo com a gente? Histórias que ninguém se atreve a contar ao poder público. Covardia! Só, eu, Matinta velha de guerra Perera dessas matas *(Grito)*. Ai! Não me conformo com o que estão fazendo com o nosso solo fértil e verde. Que horror! Que falta de sensibilidade! Estou desolada com essa tal barragem de Tucuruí. Vão acabar com o meu encantamento, com o meu silvo e com o meu fado de todas as sextas-feiras. Que maldade! Matinta Perera fui e não serei nunca mais de nenhum talvez. Que morra o Progresso!!!

- Eu sou o Boto Branco que aparecia nas noites de lua cheia, a meia noite ou noite e meia, nas festas de dança, fazendo presepadas, curtindo com uma e engravidando outra. Mas minha encantaria vai acabar. Que triste sentença armaram pra mim, foi uma cilada desses garanhões do dinheiro, nem mesmo vou poder me voltar pras espumas da maré, pois os rios ou os igarapés vão estar cheios de agrotóxicos. Que puta merda!

- Assim não dá pra entender. A começar pelos homens. A gente nunca sabe o que eles querem, ou o que eles querem da gente. Verdade. Olha, a gente faz tudo, tudo tudo tudo, pra manter o verde vivo, a beleza e a magia desta região, aí o homem vem e dizima tudo, assim, num sopro. O que era doce passa a ser amargo, vira folclore, como eu Curupira dessas capoeiras. Ai como tô poluidinho, poluidíssimo!

TODOS

Amazônia Ameríndia Nação Tupi! ...

(Aqui os atores repetem o coro até o fundo do palco onde, em seguida, despindo-se e projetando pinturas no corpo, se preparam para o ritual indígena enquanto a cena intercalada pelo mediador que tem uma ação dramática dentro do poema que originou outro poema físico no palco com relação a dança, os hábitos, os costumes, as atividades indígenas etc.).

VOZ MASCULINA

Foi numa era descrente em que eles nasceram pra vida e enfraquecidos pelos traumas das lutas que travaram contra os brancos, em defesa de suas terras, eles se reuniram numa 6ª Assembleia à margem do córrego Tira-Catinga *(em Diamantino)* para discutir o problema de demarcação de terras, onde soergueram entre as serras e os rios, seu monumento de vitória ou derrota; e como todos os Povos Indígenas, o povo de arribação, eles percorreram quilômetros e mais quilômetros de sol, onde construíram novas aldeias divididas em subgrupos sendo depois invadidas criminosamente pelo Jeep que os fulminou, restando apenas no silêncio vazio o choro de uma criança índia questionando seu destino no destino da Lua. Tão responsáveis que somos por essa tragédia, por essa falta de respeito e extinção ao elemento índio, já esquecendo assim, nossas origens, e dizimando a própria memória brasileira. Branco nojento que sou! *(Sai de cena)*.

(Corte/ blackout/ foco em: A assembleia indígena no centro do palco em semicírculo, onde os atores caracterizados de índio jogam a fala).

VOZES INDIVIDUAIS *(Intercaladas)*.

- Antigamente branco não matava, escravizava índio.
- Agora mata. Tira terra do índio.
- Funai demora, terra alagado. Alagado nós não quer. Como índio vai plantar?
- Vem fazendeiro nós mata. Pai Rondon nos deu arma. Índio é dono dessa Brasil.
- Não é *(meu)* pai Funai nem *(meu)* mãe Presidente. Pego rifle, meto bala.
- A gente pensa. Daqui uns anos como vai ser. Branco pensa só ele morar na terra.
- Antes índio toma conta Brasil. Não havia morte. Agora branco acabar tudo. Mandioca, milho, arroz, algodão, tudo. Não é gente, é bicho.
- Aldeia junto não quer brigar. Branco é que estraga povo índio.

(Corte/ blackout/ foco verde em: canto falado em ritual com nome de frutas tropicais).

TODOS

Biribá graviola taperebá
pupunha uxi piquiá
bacaba tucumã açaí
pataná marajá cupuaçu
inajá umari! ...

VOZ MASCULINA

(Dançando). Xamã dança em nome da Paz! Branco rasga a selva em nome Tupã! Conquista riqueza em nome de todos! Vitória batalha integração no verde da imensidão!

(Enquanto o feiticeiro dança freneticamente, agitando seus maracás, ouve-se ruído de Jeep invadindo a aldeia e os índios sendo massacrados em seguida, cujos holofotes vem do fundo do palco em direção a plateia assemelhando-se a um acidente fatal, causando pânico. Aqui os atores vão caindo em câmera lenta. Apenas uma criança índia sobrevive e chora).

VOZ INFANTIL

Curumim fica só. Oh! Coaraci, Jaci, cria curumim.

(E a Lua aparece no céu entre nuvens flamejantes como a atender o pedido do índio orfãozinho. Ele sorri e dorme um sono do tamanho do verão à margem de um igarapé).

FIM

O SONHO DE
DALVINO

O sonho de Dalvino

(Sem registro de data)

PERSONAGENS

Vianna, Libanha,
Dalvino, Irmã,
Hoteleiro, Vendedora
Palhaço

CENÁRIO

Uma casa



CENA 1

(Dentro de casa).

VIANNA

Ah, minha velha, já tá me dando cansaço e agonia dessa longa espera!!! Nem sei se vou aguentar por muito tempo. Tô por assim dizer caindo de sono e tu fica aí remexendo essas malas novamente.

LIBANHA

É só pra ver se a gente não tá esquecendo de nada, meu velho. Tenha paciência. Tu tá parecendo criança teimosa quando quer as coisas. Quer um pouco de café pra se espertar? Também tem biscoitinhos na lata. Quer??

VIANNA

Quero não. Basta o cafezinho.

LIBANHA

Pois eu quero! A viagem é longa. Eu não viajo sem forrar a barriga com qualquer coisa. Olha Vianna! Tem farofa de torresmo e linguiça frita, é bom com café, é uma delícia. Já provou?

VIANNA

Já! E não gostei não! Me deu foi uma diarreia braba, quase morri, quase botei as tripas pra fora de tanto cagar. Nossa! Chega o cu assobiava!! Era bala de feijão saindo pra tudo que era lado. Nunca me exprimi tanto em minha vida, como naquele dia, nem quando eu trabalhava na roça e comia jabá assada com farinha grossa.

LIBANHA

(Conteve-se em dá risada durante sua fala). Oh, Vianna! Para com essa palhaçada. Eu hein! Que coisa! O que pensarão os vizinhos quando ouvir isso? Vão pensar que não sei fazer frituras, nem nada.

VIANNA

E tô mentindo?

LIBANHA

Mas não precisa exagerar nos detalhes! *(E corre até à janela).* E Dalvino que não chega trazendo-nos uma boa notícia!

VIANNA

Dalvino é bom menino. Sempre prestativo.

LIBANHA

(Afirmando). Sempre foi uma boa companhia pra nós, né meu velho? Até gostaria que ele fosse morar com nós dois lá em Belém.

VIANNA

(Dramático). É sim, Libanha! A modo de que o menino vai ficar por aí sentindo saudade de nós e pra que? Tu viu os olhos dele como ficaram depois da notícia da nossa viagem pra Belém?

LIBANHA

Ficaram tristes, meu velho. Quase lacrimejaram na nossa frente. Aí, Dalvino correu foi se esconder no mato, foi chorar, talvez.

VIANNA

(Dramático). E de lá pra cá, sempre vejo ele triste, pensativo, perto de nós. Agora o próprio, Dalvino foi buscar o carro que vai nos levar até Marituba e de lá nós apanha outra carona até São Brás, onde mora nossa família.

LIBANHIA

Vixe! Vontade eu tenho e muita do menino ir morar lá com nós, até quando ele trabalhar e quiser casar, constituir família, mas nós não somos dono do pequeno. Dalvino, meu velho, tem pai e mãe vivos. Precisáramos que ele consentisse em levá-lo conosco.

VIANNA

(Afirmando). É! A Libanha tá certa. Eles é que devem decidir o destino do menino, por mais vontade que o Dalvino tenha em morar com a gente.

LIBANHIA

Claro Vianna! Ninguém neste mundo de Deus é dono de ninguém. Até os filhos da gente têm o direito, a liberdade de escolha, mesmo quebrando a cara, tropeçando nos obstáculos que a vida nos impõe, ora essa!

VIANNA

Vixe! Depois desse sermão todo não tenho nada a declarar, mas bem podíamos, sim senhora, cuidar de Dalvino porque nesses cafundós ele não terá futuro, não. *(Ficou preocupado).*

LIBANHIA

Oh, meu velho! Não seja tão rancoroso. *(Beijou-lhe a testa).* Nós dois estamos apenas conversando, trocando ideias, driblando o tempo, enquanto o caminhão do compadre Antunes não chega.

VIANNA

E se não for no caminhão do Antunes? Não existe outro, não?

LIBANHIA

Será naquele ônibus feio do Luiz da Santana!

VIANNA

Agora os tempos mudaram, né minha velha? Na verdade, sempre acreditei no campo, o progresso trazendo água encanada, luz elétrica, televisão, geladeira, onde havia poço e querosene, o que faltava era incentivo e isso agora nós temos por aqui. Disso não podemos se queixar.

LIBANHIA

Mas não temos mais idade pra isso! Não se esqueça disso, também. A gente tem que viver de acordo com as nossas possibilidades físicas e mentais!!! Nada que ultrapasse os nossos limites, as nossas energias, por mais pouquinhas que estas sejam.

VIANNA

Tá certa. Certíssima. E eu sou besta de duvidar? Pra mim, faz de contas que ouvi discretamente uma esculhambação contra a minha teimosia. Bom! Eu dou a minha mãe á palmatória. *(Sorriu e beijou-lhe carinhosamente a face enrugada).*

CENA 2

(Mudança de luz e cenário).

LIBANHIA

E tem mais, viu Vianna: se a gente quiser arredar os pés daqui temos que ir andando a pé até a boca da estrada pra pegar o ônibus do Luiz ou o caminho do Antunes. Não se esqueça que o caminho é demasiado longo.

VIANNA

Vambora, minha velha. *(Olhou no relógio).* Antes que anoiteça! Faltam 15 minutos pra 18 horas.

LIBANHIA

E Dalvino que não chega! Meu Deus! Até parece uma aporrinhção na vida da gente, quando não é uma coisa, é outra. Vote!

VIANNA

Enquanto tu fica aí resmungando, o dia vai escurecendo. Aí vai ser pior!! No breu da noite algum ladrão pode nos assaltar na beira da estrada. Vambora, Libanha!!! *(Gritou).*

LIBANHIA

Não grita! Que não sou surda!

VIANNA

Não parece. Parece que tem algodão nos ouvidos.

LIBANHHA

Surda era tua mãe que ia a Missa e não ouvia os sermões do padre, isso sim!

VIANNA

Deixe de prosa. Vambora é que é! Há horas que a minha velha vira e mexe com essas tralhas e nunca termina. Santo Deus!

LIBANHHA

Pronto. Está tudo arrumadinho, conforme Deus quer. Vamos levando somente o necessário.

VIANNA

Então vamos indo a caminho, minha filha, senão a escuridão da estrada será nossa derrota!

LIBANHHA

Vira essa boca pra lá, credo!!! Eu hein!

VIANNA

Vambora, Libanha! Pelo amor de Deus! Já não aguento mais essa expectativa!

LIBANHHA

Sem ao menos me despedir do Dalvino?

VIANNA

Ele entenderá a nossa pressa. Vem, Libanha, vem comigo!

LIBANHHA

Vou nada. Vou mais custa! Vou esperar ele aqui, nem que seja até tarde da noite, varando pela madrugada adentro, mas não sairei daqui sem conversar com o menino.

VIANNA

(Voltando). Vixe! Tu tá escritinho um burro quando empaca no caminho!

LIBANHHA

E tu um velho rabugento, asqueroso!

VIANNA

Asqueroso eu, Libanhinha??? Sempre fui teu companheiro atencioso e amoroso contigo.

LIBANHA

Então tenha paciência comigo agora. (*Ouvem-se a buzina do caminhão*). Está ouvindo?

VIANNA

A buzina do caminhão do compadre Antunes!!! Nem parece mais espera. Parece uma reza, uma prece agora.

LIBANHA

Vamos, vamos, meu velho! Se avexe um pouco! Pegue aquela mochila e ponha a mala em cima da cabeça. Vambora! Eu carrego essas trouxas aqui. (*Olhou a casa tapera pela última vez e chorou*). Adeus... Minha princesinha tapera.

VIANNA

Bons tempos passamos aqui, não foi, Libanha?

LIBANHA

Foi sim, meu velho! Vamos indo!

VIANNA

Espia quem vem lá, minha velha...

LIBANHA

Dalvino!! Meu filho, por onde andou todo esse tempo? Meu Deus! Fiquei tão agoniada com essa sua demora que cheguei a pensar que não queria se despedir da gente.

DALVINO

Mas quando, madrinha? É que custei achar seu Antunes! Ele tava lá com o caminhão na oficina. Vamos indo? Cadê as malas, madrinha?

LIBANHA

Espia aí... (*Apontou as sacolas e mochilas no chão*).

DALVINO

Deixa que eu carrego tudo pra senhora, madrinha. A senhora não pode carregar peso. É doente do ovário.

LIBANHA

Menino! E é preciso dizer? Isto é um segredo meu, muito pessoal. Não é de sua conta, nem dos outros!

VIANNA

É no que dá a tal confiando que você deu a ele! Agora fica ouvindo charadinha de moleque.

DALVINO

Me perdoa, madrinha. Desculpe, eu não queria lhe ofender. Saiu da minha boca sem querer, falei por falar. Juro! *(Ouvem-se a buzina 3 vezes)*.

VIANNA

Vambora, pessoal. Já tá escuro. O compadre Antunes tá com pressa.

DALVINO

Vão! Vão! Vão logo na frente! Deixa que o burro de carga vai atrás carregando as tralhas. Não sei pra que a madrinha quer tanto bagulho!

LIBANHA

Por quê? Ora por quê! Porque tem serventia. Tudo aí tem lá sua serventia.

DALVINO

Bastava uma sacola e uma mochila. *(O caminhão buzinou)*. Esse seu Antunes é fogo! Parece que nasceu de 7 meses. Eu hein! *(E foram saindo de cena)*.

CENA 3

(O trânsito em Belém e outros e no meio de todos, Vianna e Libanha).

VIANNA

Puxa vida. Até que enfim! Chegamos na “Cidade das Mangueiras”.

DALVINO

Olhem só o trânsito! É uma loucura! Ninguém sabe pra onde ir, madrinha!

LIBANHIA

Tou achando muito barulhenta. Antigamente ela não era assim, não. Havia calmaria na cidade e pelas calçadas.

VIANNA

(Faz uma crítica ao progresso). Isto, há 40 anos passado, diga-se da passagem, ná minha velha? Porque hoje em dia os tempos são outros. Tudo vira e mexe em torno do tal progresso. O qual está soterrando os prédios antigos, os prédios históricos, enfim, a memória de Belém! Eu conheço isto aqui tudo, nos tempos das vacas magras e gordas...

DALVINO

Olhem! Tô achando tudo ótimo por aqui. Estou adorando! Tô achando chic a rodoviária daqui de São Brás! Deve ocorrer algum michê arretado por aqui.

LIBANHIA

Mas que modos são esses de falar, Dalvino? Que tipo de linguagem é essa??

DALVINO

É que eu ouvi ainda a pouco, ali atrás, no banheiro, um jovem loiro falar isso e outras gírias. Ah, madrinha! Deve ser uma linguagem da moda na cidade grande. E eu, a partir de agora, vou passar a usar somente essa linguagem da cidade grande, de gente jovem, avançada, moderna...

VIANNA

(Aconselhou). Toma cuidado pra não tropeçar e cair no pecado, na vida liberada dessa raça avançadinha no tempo. Também o desenvolvimento social, político e cultural da cidade, trás consequências amargas.

DALVINO

Eu tenho um sonho: ser um artista da noite. E vim para realizar este sonho, certo madrinha? Eu tenho um amigo aqui em Belém que vai me ajudar. Assim que deixar vocês na travessa Nina Ribeiro, aqui próximo da rodoviária. No dia seguinte, vou procurar o meu rumo, vou em busca do meu sonho...

LIBANHIA

Tá certo. O que há de fazer? Só temos que lhe desejar boa sorte, meu filho, embora tenha nos pegado de surpresa. O Dalvino nunca confessou isso pra nós.

VIANNA

Pois é! Quem vê cara, não vê coração. Mas eu já tinha percebido que Dalvino, desde pequeno, aos 12 anos, levava jeito pra isso. Dançava de um jeito, de uma maneira muito, muito digamos assim afrescalhada.

LIBANHA

(Com censura). Vianna!!! Isto é coisa que se diga para um artista! Dalvino é um iluminado, abençoado por Deus e tem mais é que seguir sua carreira, sua opção de vida!

VIANNA

Desculpa, Dalvino! Me perdoe pela falta de sensibilidade. Fui um grosso. Um preconceituoso.

DALVINO

Esqueça! Pra mim, daqui em diante, é bola pra frente! Vamos indo. Vou... *(Olhou insinuosamente para um bofe na rodoviária, fazendo-lhe gesto obsceno e, e sorriu).* Vamos indo, madrinha. Vou chamar um taxi. Taxiii!!

LIBANHA

Não precisa gastar dinheiro com isso. A rua fica aqui perto. A gente vai descendo pela Avenida Cipriano Santos... Vem, meu velho, vem!

DALVINO

Não senhora. Eu faço questão de pagar o taxi. Eu guardei algumas economiazinhas que dá pro gasto durante uns três meses.

VIANNA

Nossa! Tem tanto dinheiro assim, é?

LIBANHA

De qualquer maneira você vai precisar, meu filho. Não gaste com bobagem. A gente ainda tem forças nas pernas.

DALVINO

Magina! Não esquenta a cabeça. Fique fria. Nem morta, digo, nem morto vou deixá-los perambular por esse trânsito maluco. Nunca! Entrem no carro... Por favor, senhor, leve esse casal de jovens aqui próximo na Nina Ribeiro.

LIBANHHA

E você não vai conosco, Dalvino?

DALVINO

Ainda não. Está muito cedo. Mas daqui uns 20 minutinhos estarei por lá. *(O bofe aproxima-se dele e fica perto do orelhão etc.)*. Primeiro vou telefonar no orelhão.

LIBANHHA

“Orelhão”, Dalvino? O que isso significa?

DALVINO

(Aponta). É “aquilo” lá, aquele aparelho tipo uma concha, é um telefone público... Pertinho daquela “mala” se coçando!

VIANNA

O quê?

LIBANHHA

Dalvino! Onde já se viu mala se coçar? Eu hein!

DALVINO

Mas aquela ali é especial... Seu taxista leve eles, daqui a pouco, venha me apanhar neste mesmo lugar.

TAXISTA

Sim, senhor! E a grana?

DALVINO

Ah! Desculpe! *(Elegantemente, abre uma bolsa)*. Pronto. Achei! Tome... *(E saíram)*.

RAPAZ

São seus pais, ou seus avós? Com tanto carinho, com tanto cuidado assim!

DALVINO

Nem meus pais, nem meus avós. São meus amores dois anjos protetores desde a minha adolescência. E você? O que faz? Ou melhor, o que tá querendo?

RAPAZ

Uma amizade colorida.

DALVINO

Só isso?

RAPAZ

Eu faço tudo. Topo tudo. Vai nessa?

DALVINO

Mais tarde. *(O taxi volta e buzina)*. Mais tarde eu voltarei aqui. Deixe-me ir ver meus velhinhos... Tenho que cuidar deles. Aguarde-me, mais tarde, por aqui.

RAPAZ

Meia-noite?

DALVINO

Não! 22 horas! Tá bom? Tchau, amoreco. *(la entrar no taxi, quando)*.

CENA 4

(Surge a trupe de palhaço na rua).

RAPAZ

São os palhaços do Circo que está acampado aqui em São Brás, ali do outro lado da avenida, em frente a rodoviária. *(Sorriu alegre, inquieto)*.

DALVINO

Que coisa mais linda, gente! Eu quando criança gostava de acompanhar esse tipo de festa.

RAPAZ

Verdade? Eu também!

DALVINO

Eu adoro o circo, o teatro, a dança!!!

RAPAZ

Eu também, cara! Vamos nessa!

(E se misturaram a trupe de palhaços dançando e cantando).

PALHAÇO

Cadê a alegria
Desta terra doidinha
Que espanta dona Libanha?

TODOS

(Respondem, falando). Tirintintim...

PALHAÇO

Mais que barulho
Que confusão, que gritaria.
Neste mundo doidão azucrinando seu Vianna!!!

TODOS

(Idem). Toronronrom...

PALHAÇO

Cadê a festa, cadê o circo Garcia?
Que alegrava, que encantava a nossa infância?
Cadê o brinquedo, cadê o amor sem medo.
Desse povo doidim, doidim, tirintintim, deste mundo doidão torontontom!

TODOS

Passando passou a alegria - tirintintim
Levando Libanha, levando Vianna - torontontom,
Abram a porta de Belém nova - tirintintim
Deixem os velhos e o Dalvino viverem - tontontontom
(Saem de cena e só fica o palhaço narrador).

CENA 5

(Sequenciando a cena, após o canto e o número de malabares, o palhaço traz a fachada de uma casa onde está escrita a palavra "abrigo de idosos").

PALHAÇO

Como os parentes e familiares não aceitaram seus velhos de volta, já muito tarde da noite, coitados, os dois decidiram a morar neste abrigo para idosos aposentados e deprimidos, onde Dalvino comprou a "briga" e resolveu a parada, assumindo o casal de velhos.

DALVINO

(Finalizando a discussão com a família deles). Tá vendo, madrinha? Eis aí o resultado do preconceito social, de família encharcada de mentiras e maldades, viti-
mando os seus idosos.

MARIETA

Aqui na minha casa não é asilo de velhos! Vão se queixar pro Bispo!! Vão arrear suas trouchas noutra lugar! Vão pro inferno! *(E bateu a porta).*

DALVINO

Sua mocréia! Um dia ficarás mais velha que eles, e esta cidade juntos, hei de vê-la amassando merda na esquina, na sarjeta, sua maluca!!! *(Virou-se para o casal de velhos).* Nunca pensei, viu madrinha, que seus filhos fossem cobras e lagartos. Minha nossa! Ainda estou revoltado com isso. Chega de me dá vontade de esganar uma gatinha dessas.

VIANNA

Não esquite a moringa, a cachola. Deus sabe o que faz e há de mostrar a todos eles que estão errados.

LIBANHA

Eu não tive a sorte de tê-los comigo por muito tempo. Assim que passaram a criar asas e a conhecer o mundo lá fora embora, deixando a mim e meu velho sozinhos naquela tapera de Santa Izabel. Foi terrível. Depois foi o jeito se acostumar com a solidão e os maus tratos da vida, aí veio você Dalvino que entrou na nossa vida... *(Chorou).*

DALVINO

E não vou abandoná-los nunca. Nunquinha!

VIANNA

Olhem lá, espia... Um abrigo para idosos! Que bom, mé minha velha, que tu agora vai poder descansar a cabeça depois de tanta confusão com aquela cambada de cretinos.

LIBANHA

Diga isso não, meu velho. Lembre-se que são nossos filhos, bons ou péssimos, mas são. Você acredita Dalvino, que se eu não peço, eles não tinham a coragem de nos oferecer um prato de sopa, nem café com pão, nem leite, nem nada?!

DALVINO

Acredito sim, madrinha a senhora gerou uma raça miserenta, egoísta. Mas vocês ficarão por aqui por pouco tempo. Quando eu arranjar emprego venho tirar vocês daí. Por favor, não desanimem de nada, não percam a esperança, a fé que é muito importante na vida de todos nós, ouviu madrinha?

LIBANHHA

Eu sabia, meu velho! Eu sabia que o Dalvino por perto de nós ia achar um lugarzinho qualquer pra nós ficar sossegado.

VIANNA

O nosso cantinho de repouso! Quem diria, né Libanha: nós dois aqui nesse cativoiro.

LIBANHHA

Nessa clausura.

VIANNA

Fechados. Sem ver a luz do sol, os velhos amigos que deixamos por lá...

LIBANHHA

A comadre Telma, a dona Lorena, a comadre Valéria, o prestação Justino.

VIANNA

Oh comadre Antunes, oh comadre Zé da Costa, o padeiro Ely, o açougueiro João da Cocota, adeus comadre Loló!

LIBANHHA

Adeus Dalvino!

DALVINO

Será por pouco tempo. Depois alugarei um apartamento e pagarei empregada para tomar conta de vocês.

LIBANHHA

De qualquer maneira isto aqui é uma clausura!

VIANNA

Eu também tenho que concordar com a minha velha viu Dalvino!

DALVINO

Eu sei! Mas não fiquem em cima desse muro de lamentações, aí será pior!!
Atrairá coisas negativas. *(Dalvino bate na porta. A porta se abre e aparece uma religiosa que vai conduzindo o casal de velhos para o interior do abrigo).*

DALVINO

Agradecido, irmã. Cuide deles com carinho todo especial. Daqui a um mês virei buscá-los. prometo.

IRMÃ

Assim foram os outros que foram ficando, ficando, adiando e ficando...

DALVINO

Comigo, será diferente, irmã. Eu juro! *(Chorou)*. Tenho fé em Deus que conseguirei alguma coisa na vida de artista e virei buscar eles para morar juntos comigo. Até breve, irmã. Valeu o telefonema.

IRMÃ

Que Deus o favoreça, seu Dalvino! Aqui dentro, eles estarão bem protegidos com a graça de Deus!

DALVINO

Sem dúvida! Melhor do que estarem no meio daquelas cobras venenosas. Isto aqui é pra ajudar um pouco nas despesas deles.

IRMÃ

Obrigada! Deus lhe proteja!

VIANNA E LIBANHA

(Adiantam-se ao encontro de Dalvino). Dalvino, meu filho...

DALVINO

O que houve? Não querem mais ficar?

LIBANHA

Não é nada disso. Fala, meu velho, pra ele!

VIANNA

Dalvino, meu filho, me permita chamá-lo assim. Mas gostaria também que não se esquecesse de vim buscar nós dois para acompanhar o Círio de Nazaré, que já tá na porta, nas vésperas dele.

DALVINO

Pra mim, será um prazer. Não esqueço, não. Prometo. Palavra de honra.

CENA 5

(Ao sair dali puxando a cachorrinha, sem eira nem beira, Dalvino fez sua estreia trabalhando como garçom num hotel e fazendo show de dublagem em uma boate proletária no subúrbio. O palhaço coloca uma placa escrita "hotel três estrelas" na própria fachada do abrigo de idosos. Entra o barulho da cidade grande e um tocador de viola que canta na porta do hotel).

DALVINO

(Com jornal debaixo do braço). Por favor senhor...

HOTELEIRO

Diga! O que deseja? Quer pernoites? Temos bons quartos. Quarto pra gente granfina e pra gente mais ou menos, quarto com...

DALVINO

Meu senhor... Não é aqui que estão precisando de um garçom e uma camareira, que sejam solteiros e sem filhos?

HOTELEIRO

Ah! Tá a procura da vaga, pois não?

DALVINO

Não me diga que já foi preenchida!!!

HOTELEIRO

Não. Se for solteiro, a vaga é sua. Aqui só trabalhamos durante o dia. Servimos café da manhã, o banheiro é lavado diariamente, para cada cliente novato tem a troca de toalha e sabonete.

DALVINO

E onde entra o garçom nisso? Sim, porque aqui no jornal dis que vocês estão precisando de garçom pra trabalhar no decorrer do dia!

HOTELEIRO

E daí? Faz mal alguém assumir os serviços gerais e nas horas vagas tirar uma onda de garçom?

DALVINO

Ah, já entendi. Isto significa que o anúncio é só “fachada”, a fim de remanejar a vítima para cá...? E os clientes?

HOTELEIRO

São uns otários. Outros são péssimos pagadores. E há ainda aqueles que gostam de aventuras. Basta jogar seu charme pra cima deles que, em seguida, chove dinheiro do bolso. Topa o emprego?

DALVINO

Já topei! Quando começo?

HOTELEIRO

Hoje, se quiser.

DALVINO

Ah! E o salário?

HOTELEIRO

Inicialmente, 800 paus.

DALVINO

Ótimo! Começo agora mesmo! Tudo por uma causa justa. Por onde começo?

HOTELEIRO

Por aqui (*indicou*), entre no quarto e troque de roupa. Este quarto é onde os funcionários trocam de roupa.

DALVINO

Chic! Parece um camarim de teatro!

HOTELEIRO

Mas era um camarim quando havia, no lugar do barzinho, um local para apresentação de espetáculos, eventos noturnos.

DALVINO

E por que acabou?

HOTELEIRO

Falta de quem dirija o espaço.

DALVINO

Só por isso?

HOTELEIRO

Falta de apoio, patrocinadores e atrações artísticas e etc. Não tenho cacique pra isso.

DALVINO

Ah, mas eu tenho! Conheço todo mundo. Posso lhe garantir. Se o senhor quiser me dá essa oportunidade, essa chance de realizar meu sonho em investir em mim, transformando tudo isto aqui num espaço de shows e de artes, o senhor não vai se arrepender nunca!

HOTELEIRO

Algo me diz que devo acreditar em você e que seremos bons parceiros nessa viagem artística. Puxa vida! Será um grande negócio. Atrairá mais clientes e mais dinheiro pros nossos bolsos!

DALVINO

(Entra para trocar de roupa). Sem dúvida, meu patrão! Agora, com licença... Tenho que trocar de roupa.

HOTELEIRO

Fique à vontade. Escute: como é o seu nome???

DALVINO

(Do lado de dentro). Dalvino de Jesus Espírito Santo! E o seu, patrão?

HOTELEIRO

Rivanildo Felício Pereira! Mas me chame de Pereira ou Pereirinha. *(E ficou brechando Dalvino trocando de roupa efeminadamente)*. Ai, que frio na minha espinha! Já sei, de antemão, que nos dois se daremos bem nesse negócio!!!

ARRUMADEIRA

(Trazendo roupas de cama para trocar). Que faz aí Pereira? Tem alguém aí dentro, trocando de roupa?

HOTELEIRO

Tem não. É que eu tava consertando essa fechadura desgraçada.

ARRUMADEIRA

Pois sim! Tá pensando que sou cega? Tu ainda vai acabar doente por causa disso. Alguém ainda vai vazar teu olho com um pedaço de arame ou alfinete. *(E vai passando)*. Vai trabalhar, Pereira! Tem muitos serviços. Eu hein!

HOTELEIRO

(Saindo de cena). Vai te catar, mulherzinha torpe.

TOCADOR DE VIOLA

(Tocando e cantando).

Lá vai a procissão

Que é nossa

Dos tempos que não voltam mais,

E “Maria já é dia” me anuncia:

o Círio passando,

enchendo o chão de poesia!

CENA 7

(Belém. Desta vez, o palhaço narrador traz a sua trupe que carrega a berlinda da imagem de nossa senhora de Nazaré e votos de promessas alcançadas. As pessoas a puxar a corda, cantando e rezando. Bem lá atrás, vêm os velhos, Libanha e Vianna, acompanhados por Dalvino todos de branco).

TODOS *(Cantando)*.

Eis o nosso lírio mimoso

Do mais suave queixume

A bem lutar com esforço
A impunidade resume:

Oh, Virgem Mão amorosa!
Cheia de piedade e amor
Salvai nossos filhos, oh Senhora,
da loucura e do desamor! *(Ficam mudos por alguns minutos).*

LIBANHIA

Oh, glória meu pai eterno! Oh, minha Virgem de Nazaré, perdoa nossos filhos e proteja eles da maldade e do egoísmo. Dê a eles o perdão que não consigo dá ainda. Me perdoa isso, somente por isso.

VIANNA

Paciência, minha velha, paciência.

LIBANHIA

Estou com fome, Vianna...

VIANNA

Quer tomar um lanche com leite e pão feito sanduiche?

LIBANHIA

Quero sim! Mas aonde encontrar por aqui nesse trajeto da procissão?

DALVINO

Nas barraquinhas que existem por aí espalhadas ao longo da avenida e no arraial de Nazaré. Venha comigo! Eu também estou sedento de fome e de sede. Nós precisamos se alimentar com urgência, até chegar em casa.

(Nesse instante, a romaria vai passando e só ficam para trás, o casal de velhos e Dalvino comendo algo numa barraca de vendas típicas).

VENDEDORA

O que vão querer, fregueses?

VIANNA

O que tem aí pra vender?

VENDEDORA

Tem tacacá, vatapá, maniçoba, caruru, sucos de frutas típicas e de quebra, tem caldo de cana com pastelão! *(Sentiu alegre e satisfeita)*. E aí, vão querer o que?

LIBANHA

Não tem leite ou café com pão e manteiga, não?

VENDEDORA

Axiii. Vender isso em pleno dia do Círio? Tenha santa paciência! Pois já tenho por castigo a bendita concorrência nessa avenida, até mesmo jogando um novo refrão, quer ouvir?

LIBANHA

Eu pensei que tivesse. Já não posso mais comer essas gororobas remosas. Vambora, Dalvino! *(E vão saindo dali até achar um carro de cachorro quente onde vende leite e café também)*.

VENDEDORA

Hoje é o dia da nossa Santa gloriosa. Quem vai querer, vai acabar, vai acabar. Basta provar, freguês, açaí, pato no tucupi e tacacá, vatapá!!!

LIBANHA

Huumm! Leite bom, senhor, o pão também é gostoso. Muito obrigada, viu.

DALVINO

Satisfeita, madrinha?

LIBANHA

Agora sim! Estou com a barriga forrada, protegida. Agora preciso esticar as pernas, descansar um pouco, na cama ou numa redinha deliciosa.

DALVINO

Venha! Vamos apanhar um taxi logo ali na esquina e vamos embora pro meu apartamento na Diogo Moia. A senhora vai adorar! Lá existe uma suíte só pra vocês dois.

VIANNA

“Suíte”, Dalvino? O que significa?

DALVINO

É um quarto com banheiro dentro! É um prédio de três andares.

LIBANHIA

Dalvino permita-me dizer uma coisa: nós não vamos mais morar com você!

DALVINO

Não??? E posso ao menos saber por quê?

VIANNA

Pode sim! É por uma razão muito simples, como esta, em que você nos trouxe até aqui pra ver a passagem da romaria! Será toda vez assim quando a gente precisar de você. Por enquanto, lá no abrigo, vamos vivendo bem e sentimos a pouco saudades de lá, entendeu?

LIBANHIA

Eu explico. Não queremos ser um “trambolho” na sua vida, meu filho. Você precisa viver apenas a sua vida e não em função de terceiros. Você é muito jovem para estar preocupado conosco.

VIANNA

Por isso, nesse momento solene do Círio de Nazaré, temos a súbita honra de lhe dar sua inteira e total liberdade de voar, de se lançar no mundo como artista. Vamos ficar torcendo por isso, acredite. É isso que almejamos pra você: uma carreira gloriosa, que poderá enfrentar tropeços e outros desafios.

LIBANHIA

Mas esteja tranquilo quanto a nós. E não vá se esquecer de nos visitar e de atender nossos telefonemas diários para saber se vocês tá se alimentando direito.

DALVINO

(Aos prantos). Oh, madrinha! *(E abraçou os dois, juntos).* Nem sei o que dizer. Por mim, vocês ficariam comigo para sempre, mas já que não querem mais, escolheram o abrigo para moradia, vou ter que alugar a suíte para um colega de trabalho.

VIANNA

Vamos embora, minha velha!

DALVINO

Esperam um pouco. Eu gostaria de lhes fazer um pedido.

VIANNA

Então faça. Fale?

DALVINO

Eu posso chamar você de pai e de mãe? *(Ambos choraram diante dele)*. Posso?

VIANNA

Meu filho? Meu único filho!

LIBANHA

Nosso filho mais querido! Nunca vou esquecê-lo!

DALVINO

Obrigado meu Deus, por vocês existirem na minha vida! Na verdade, sempre fui órfão de pais, fui apenas criado pelos meus avós que lá ficaram no interior sabiam?

LIBANHA

Mais ou menos. Mas não queríamos tocar no assunto pra não magoar você. Foi por isso que respeitamos o seu silêncio.

DALVINO

Eu também, nos fins de semana, vinha a Belém em busca de informações sobre os meus parentes, irmãos e vizinhos daquela época quando me abandonaram em Santa Izabel por ser um filho bastardo.

VIANNA

E aí...? Os encontrou?

DALVINO

Só a metade deles. A maioria já morreu. Bom! Deixa pra lá. O que importa agora é que ganhei novos pais e que sempre tiveram dentro do meu coração!!

LIBANHA

Chega de choradeira. Estamos aqui parados feitos vaquinhas de presépio e múmias paralíticas que só sabem comer abricó. Vambora, velho!

DALVINO

Taxi!!... Taxi... *(O automóvel freiou perto deles e ambos seguiram viagem).*

CENA FINAL

(Tempo posterior. Volta a cena da cidade em movimento e barulho à noite. O palhaço narrador anuncia com sua trupe a nova atração na cidade numa boate proletária).

PALHAÇO

E eles saíram da cidade agitada e foram morar para os lados da periferia onde o sossego é maior e as coisas andam mais lentamente. Cada qual pro seu lado e cada lado, um palhaço!

TODOS

Nessa terra doidona - tirintintim, torontontom...

PALHAÇO

Hoje tem maior atração na “Boate Proletária”, cada cabeça uma sentença e cada ingresso, uma jornada!

TODOS

O mundo inteiro vai explodir de alegria - totontontom.

PALHAÇO

Cadê a música, cadê os aplausos, cadê o dublador? Muito bem! Muito bem!! Ele agora está entrando no grande palco! Procurem aplaudir!! Helô!

TODOS

(Com euforia). Helô! Helô! Helô! A estrela do Pará!

(Sai o palhaço e a trupe. Entra Dalvino fazendo um número de dublagem sob os aplausos da plateia. A luz vai morrendo no final da música).

FIM

Posfácio

A importância do projeto Memórias da Dramaturgia Amazônida: Construção de Acervo Dramatúrgico, para a perpetuação da obra de Ramon Stergmann.

Por Dinelson Serrão

Ramon Stergmann, caso ainda estivesse entre nós, inegavelmente estaria em profundo êxtase com a publicação final desta coletânea. Quem conviveu com Ramon por muitos anos, foi conhecedor do quanto ele desejava ver suas obras publicadas em livro impresso. Foram várias investidas para que esse sonho se concretizasse, porém, a somatória de obstáculos frustrou esse propósito de Stergmann.

A frustração vivenciada outrora por Ramon deixa de existir aos olhos dos admiradores desse importante dramaturgo paraense e amazônida, justamente a partir da publicação de seus textos nesse magnífico projeto de publicação coordenado por Bene Martins e colaboração de Mailson Soares, os quais se mostraram altamente competentes na seleção desse acervo mediante a posse de inúmeros textos de Ramon que foram disponibilizados a eles para essa louvável tarefa. Refiro-me aqui especificamente sobre a obra de Ramon Stergmann, todavia sem deixar de mensurar a valorosa contribuição que esse projeto trouxe para a memória de nossa dramaturgia ao publicar as obras de outros notáveis escritores amazônidas.

Numa entrevista concedida por Ramon Stergmann (dias antes de seu desenlace) a uma revista de um jornal local, foi perguntado a ele o que o teatro havia lhe ensinado de mais valioso durante os cinquenta anos de vida artística. Em resposta, Ramon disse que havia muito o que detalhar, mas, sobretudo, que o teatro o ensinara a ver melhor a vida, visto que essa arte não proporcionava apenas entretenimento, mas que despertava, significativamente, uma reflexão social e cultural nas pessoas. E o que mais se viu em toda a obra de Ramon foi exatamente vida. A vida dos ribeirinhos; a vida do trabalhadores rurais; a vida dos indígenas; a vida dos moradores de invasões urbanas de Belém, dentre tantas outras vidas representadas em sua vasta obra teatral, a qual foi reflexo de sua paixão pela temática amazônida, seja falando sobre o meio ambiente, seja sobre as lendas e mitos, seja sobre as condições socioeconômicas do homem amazônida.

Toda essa abordagem presente nos textos de Ramon me habilita a dizer que ele não foi tão somente um escritor regional, mas também um escritor universal, por falar do sofrimento, das angústias, da solidão, das mazelas do ser humano. Quem se apropriar da leitura dos três volumes – v.1, 2020; v.2, 2021; v.3, 2022 – das coletâneas de textos de Stergmann, organizados pela professora Bene Martins e por Mailson Soares, há de comprovar a existência do universalismo temático na obra de Ramon Stergmann.

Afirmo, repleto de convicção, que a obra de Ramon Stergmann está perpetuada pelo projeto de Memórias da Dramaturgia Amazônida, brilhantemente desenvolvido sob a coordenação geral da professora Bene Martins. Portanto, cabe aos amantes da dramaturgia, bem como aos grupos de teatro de nosso Estado e do Brasil, a apropriação dessa importantíssima obra deixada por Ramon Stergmann.

Numa entrevista concedida por Ramon Stergmann (dias antes de seu desenlace) a uma revista de um jornal local, foi perguntado a ele o que o teatro havia lhe ensinado de mais valioso durante os cinquenta anos de vida artística. Em resposta, Ramon disse que havia muito o que detalhar, mas, sobretudo, que o teatro o ensinara a ver melhor a vida, visto que essa arte não proporcionava apenas entretenimento, mas que despertava, significativamente, uma reflexão social e cultural nas pessoas. E o que mais se viu em toda a obra de Ramon foi exatamente vida. A vida dos ribeirinhos; a vida dos trabalhadores rurais; a vida dos indígenas; a vida dos moradores de invasões urbanas de Belém, dentre tantas outras vidas representadas em sua vasta obra teatral, a qual foi reflexo de sua paixão pela temática amazônica, seja falando sobre o meio ambiente, seja sobre as lendas e mitos, seja sobre as condições socioeconômicas do homem amazônico.

Dinelson Serrão



**Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônica:
construção de acervo dramatúrgico.**

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Coleção Teatro do Norte Brasileiro

Programa de Pós-Graduação em Artes

PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA



Direcione seu celular
para o QR Code ao lado,
e conheça os livros da
Editora PPGArtes.

